JAVIER MORO



Baseado na história
da enfermeira que protagonizou
a maior proeza humanitária,
que mudou o rumo da História.

Isabel Zendal

A paixão de salvar o mundo

Planeta

JAVIER MORO



Baseado na história
da enfermeira que protagonizou
a maior proeza humanitária,
que mudou o rumo da História.

Isabel Zendal

A paixão de salvar o mundo

Planeta

Javier Moro

Isabel Zendal
A paixão de salvar o mundo

Tradução
António Carlos Carvalho

Planeta

Para Carlos, Carolina, Candela e Violeta.
Para Rina Anoussi, Francisco Gómez Bellard, *in memoriam*.

As epidemias tiveram mais influência que os governos na sequência da nossa História.

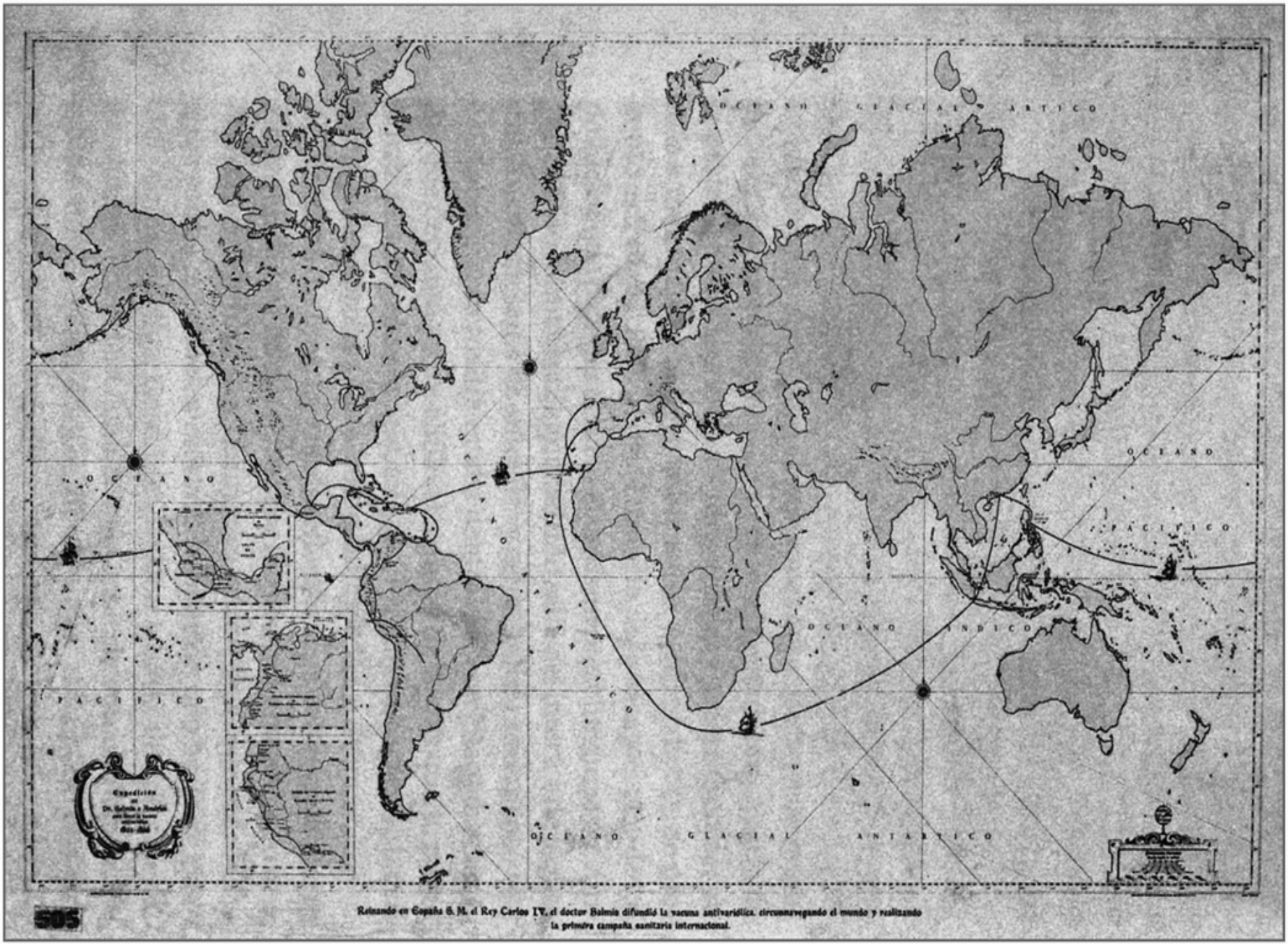
George Bernard Shaw

Não existe herói solitário: os actos sublimes são sempre determinados pelo entusiasmo de muitos.

Eliphas Lévi

A misericórdia brilha mais do que a justiça.

Miguel de Cervantes, *Don Quixote*



Itinerário da Real Expedição Filantrópica da Vacina

Capítulo 1

A jovem abriu passagem aos empurrões entre os animais comprimidos na entrada da sua casa sempre imersa na penumbra. Além do fedor habitual a urina, a suor animal e a palha molhada, uma exalação de mandrágora deixou-a de sobreaviso. *O médico?*, perguntou-se espantada. Só se ouvia a respiração da vaca e o piar dos pintos que bicavam furiosamente o solo. Nenhuma voz, nenhum som humano, nenhum latido saía do interior da casa em geral atestada de animais e de gente. *Que estranho*, pensou Isabel. Sabia que a mãe estava lá dentro, porque se encontrava acamada. Por isso pousou num desvão o punhado de couves que o pai a encarregara de apanhar, tirou os tamancos sujos de lama e empurrou o portão. Cheirava a fumo, a humidade e a bafio.

Semicerrou os olhos, que demoraram uns segundos a adaptar-se à escuridão. O raio de luz que se infiltrava através de uma greta numa das paredes fê-la descobrir, para sua surpresa, que toda a família se encontrava presente nessa única divisão que fazia as vezes de estábulo, cozinha, pocilga, dormitório, sala e até de enfermaria. No catre de madeira cheio de palha coberta com um lençol de estopa, onde costumavam dormir todos juntos, jazia deitada de costas uma mulher de meia-idade que parecia uma anciã. A sua mãe. Ignacia. A que não parava de trabalhar, a que animava os outros, a que não se amedrontava com o frio nem com a fome, a que parecia imortal. No entanto, há três dias que estava com febre, arrepios, vómitos e convulsões. Isabel assustou-se ao ver que lhe tinham aparecido manchas vermelhas na cara.

Ajoelhado no chão, com um rosário na mão, o padre Don Cayetano Maza, um homem gordo com bochechas encarniçadas, murmurava uma oração. Isabel sentiu um nó no estômago. O pároco não costumava entrar nas casas, não gostava de conviver com a pobreza nem com a doença. A última vez que o fez foi quando veio baptizar o irmão recém-nascido, mas quando chegou o bebé já tinha morrido.

– Mãe? – perguntou Isabel com voz trémula.

Viu que as irmãs mais novas, María e Francisca, choravam em silêncio. Juan, o mais velho, contemplava absorto o corpo deitado na cama; a seu lado estava o pai, Jacobo Zendal, um camponês musculoso de pele curtida e enrugada, que levantou o olhar para a filha. Tinha os olhos inchados, febris.

– O que aconteceu? – perguntou Isabel.

Em vez de responder, o pai devolveu-lhe um olhar de impotência. Ao seu lado, a tia María, irmã da mãe, encolheu os ombros. O miúdo que trazia no regaço estendeu os bracinhos para Isabel, que lhe fez um gesto de ternura.

– Varíola – disse o médico –, varíola maligna.

Isabel passou os olhos pela sua casa, que nem dispunha de chaminé. O tecto, as paredes e as vigas estavam negras de fuligem. Em cima do fogão de lenha empilhavam-se duas frigideiras, um monte de pratos, colherões de madeira e um cesto com ameixas; dois cântaros, uma cadeira e uma grande quantidade de alfaias e ferramentas estavam espalhadas pelo chão, onde um leitão e vários pintos passeavam à vontade. Isabel reparou na roca encostada ao fogão, essa roca para fiar linho que não faltava nas casas da Galiza e que fora a companheira inseparável da mãe, e então, de repente, tomou consciência da realidade. A mãe acabara de falecer. Era quinta-feira, 31 de Julho de 1788.

O contraste entre a miséria escura do interior da casa e o esplendor da natureza lá fora não podia ser mais pungente. Os campos de trigo, centeio e milho que se estendiam pelas suaves colinas dos arredores da pequena aldeia de Santa Mariña de Parada, no município de Ordes, tinham-se tingido de ouro. Em breve haveria que ceifar. As florinhas amarelas do tojo, um matagal que, misturado com bosta de vaca, servia como adubo, pontuavam o monte. Sobrepondo-se ao canto dos pássaros, os sinos tocavam a finados. A partir das suas casas dispersas e miseráveis, os vizinhos acorriam ao enterro de Ignacia, muitos deles descalços, porque o campo estava seco. As suas roupas remendadas de cores escuras ou pardas, impregnadas de cheiro a fumo, prendiam-se nas silvas. Não muito longe da igreja para onde se dirigiam erguia-se o paço do dono e senhor da maioria das terras do município, junto de um celeiro gigantesco onde armazenava castanhas e mel.

Os Zendal chegavam por um dos atalhos, caminhando atrás do cadáver deitado numa carroça que chiava, puxada por uma vaca. Rodeado por macieiras, pereiras e castanheiros, e por grandes carvalhos onde faziam ninhos rolas e gaios, era o mesmo caminho que Isabel percorria todos os sábados para assistir às aulas de alfabetização que o padre dava na paróquia. Apesar de constituir uma anormalidade ser a única mulher numa aula «só para varões», o padre tinha-a aceitado porque era esperta e também porque se cansou de discutir com Ignacia. Farta de se sentir enganada com os pesos e as contas, a mulher utilizara toda a sua energia para vencer a persistente oposição de muitos vizinhos, e até a do marido, a fim de que a menina aprendesse a contar. Estava longe de suspeitar que essas aulas iriam transformar para sempre o destino da filha. Para Isabel, esses momentos que pareciam fora do tempo, os únicos em que aprendeu algo que não estivesse relacionado com o mundo em que nascera, tinham chegado ao fim com a varíola da mãe.

Na sacristia, Don Cayetano mostrou-lhe um papel em cima da mesa: a certidão de óbito.

– Assina aqui – disse-lhe o pároco –, tu que conheces as letras.

Muito devagar, hesitando e com a melhor caligrafia possível, escreveu o seu nome. Depois leu, na parte inferior do documento, três palavras:

– Padre, o que significa pobre de… sole…?

– Nada, filha. Isso é para que o enterro não vos custe nada.

Para o pároco, «pobre de solenidade» não era apenas uma definição, era um termo de direito que permitia que Ignacia Gómez, esposa de Jacobo Zendal, jornaleiro toda a vida, um homem calmo, de bom génio, sem bens nem terras, fosse «credora dos benefícios processuais da pobreza». Um desses benefícios era ser enterrada gratuitamente em sepultura individual dentro do recinto da igreja, porque o custo era assumido pela paróquia.

De modo que, a poucos metros da igreja, cujos muros estavam cobertos por rosas silvestres, em redor das cruzes do cemitério, foram-se juntando os vizinhos, sem se aproximarem demasiado dos familiares da defunta para evitar o contágio. A varíola causava um medo de morte, sobretudo nas mulheres. Embora a peste ou o tifo pudessem matar mais depressa, a varíola causava um terror intenso por causa das suas sequelas, ao provocar umas erupções na pele capazes de deformarem para sempre os rostos mais belos. Para as moças em idade casadoira, isso era pior do que a morte.

Isabel não se lembrava de ter visto tantos vizinhos juntos desde que o bispo de Santiago viera sete anos antes com a missão de confirmar na fé católica os paroquianos. Agora todos partilhavam uma mesma expressão de perplexidade atravessada por um vislumbre de pânico. A morte levara consigo uma boa mulher que menos de uma semana antes se encontrava de boa saúde. Na manhã em que caiu doente tinham-na visto ordenhar as vacas do amo e, à tarde, acarretar grandes novelos de linho. De repente deram-lhe uns sufocos, depois ficou com febre e à noite retorcia-se de dor na cama. Tendo sido avisado o padre, este mandou chamar o médico, que vivia em Ordes, mas só chegou ao terceiro dia. Demasiado tarde, ainda que, se tivesse vindo antes, também não teria podido fazer nada. A flor negra, como chamavam à varíola, era cruel e caprichosa, sobretudo com os pobres.

No momento de se enterrar o cadáver, envolto numa mortalha suja de terra húmida, Isabel abriu passagem entre os irmãos. Também queria participar no último adeus à mãe; e assim, juntos, depositaram o corpo no fundo de uma cova funda, e com uma pá deitaram cal viva e terra sobre ele. Cá em cima, à beira da cova, o jovial Don Cayetano, abraçado a Jacobo, rezava um responso pelo eterno descanso da defunta. As suas palavras, as mesmas que os homens usam desde o começo da História para se protegerem da morte, não ofereceram grande consolo. Ignacia partira demasiado rápido, semeando o desconcerto e o terror, e uma pergunta que inevitavelmente pairava no ar: quem será a próxima vítima? Ao levantar a cabeça, Isabel viu um bando de pássaros sulcando o azul do céu. Pensou na alma da mãe, que por não ter um real viajava com eles para o Além. Mesmo assim, tinham de estar gratos ao pároco, porque à maneira de consolo disse que ia conseguir do dono e senhor das terras uma missa rezada de dois reais à Nossa Senhora dos Desamparados, e talvez outra na capela das almas de Santiago.

Capítulo 2

Aos treze anos, Isabel assumiu que lhe cabia substituir a mãe. Teve de esvaziar a casa de objectos, caiar as paredes, depois salpicá-las com cal viva e arejar a casa um dia inteiro. Eram as instruções de Don Cayetano, que repetia no púlpito os conselhos do médico para evitar epidemias. Em nenhum momento permitiu que as irmãs a ajudassem; estar ocupada era para ela a única maneira de esconjurar a dor tão grande que lhe corroía o coração.

O mais duro foi reunir toda a roupa da mãe e atirá-la para a fogueira com a ajuda de uma forquilha. Gostaria de ter ficado com alguma recordação, mas a varíola levava tudo consigo: um gibão, duas saias, um corpete, três lenços e a roupa interior, feita toda ela de um tecido áspero de linho urdido com trama de lã. Depois reuniu todas as vestes da família e mergulhou-as num alguidar para as tingir de preto: saias, calças, casacos, coletes e meias. À sujidade habitual que se incrustava na pele, de agora em diante acrescentar-se-iam manchas escuras difíceis de tirar, produzidas pelo corrimento da tinta. Mas esse luto rigoroso era bem devido a Ignacia.

Mergulhados na melancolia, os Zendal não podiam interromper a sua rotina diária. Se tinham trabalhado sempre por empreitadas no cultivo de terras que não lhes pertenciam e a cuidar de animais que também não eram deles, agora tinham de repartir entre eles as tarefas que costumava desempenhar a mãe da família, que era a primeira a levantar-se e a última a deitar-se, sempre seguida por Isabel, a sua preferida, a mais velha e a que mais a ajudava, a mais viva e a mais alegre também, e a mais carinhosa. A sua sombra. Cada criança que nasce não é uma boca que come, são dois braços que trabalham, dizia-se na Galiza. Aos cinco anos, Isabel gostava de ir à frente das vacas, marcando-lhes o caminho para que fizessem um sulco a direito ao ararem a terra. Nos dias de festa tinha a missão de vigiar a cozedura do *pote*, que durava horas durante as quais tinha de manter o lume aceso. Aos sete anos, depois de ter tido sarampo, mandavam-na sozinha ir buscar lenha ao monte, água à fonte ou farinha ao moinho. «Já ganha o pão que come», dizia a mãe, e essas palavras enchiam-na de orgulho.

Os seus melhores momentos, além dos que viveu com a única companhia da mãe, eram quando a mandavam pastorear. Acompanhada por outros miúdos, passavam as tardes a perseguir as galinhas e a alvoroçar as ovelhas, brincando com tudo o que a natureza oferecia às crianças. Desde muito pequena, não só se afadigava nas coisas da casa, fazendo tarefas ou recados de pouca importância, como também cuidava dos seus sobrinhos pequenos, que viviam a uns cem metros de distância, em Grela de Arriba. Dava-lhes de comer duas ou três vezes por dia, e mais tarde ensinou-os a comerem sozinhos. Quando os pais precisaram dela no campo, recusou-se a deixar os sobrinhos que tinham como única companhia o cão e as galinhas. Tanto lhe fazia que todas as crianças se criassem sozinhas e entregues à sorte: Isabel não estava disposta a fazer o mesmo até que

começassem a andar. E mesmo assim custou-lhe. Era dócil a acatar ordens, mas, quando se tratava de crianças, deixava-se dominar pelo temperamento, esse que herdara da mãe, e agia segundo o que lhe ditava a consciência.

Isabel disse adeus aos cadernos, aos lápis e à aula semanal, esse parêntesis de sossego nas árduas tarefas do lar e do campo. Acordava de madrugada, acendia uma vela, dava de comer aos animais, acendia o lume no fogão e punha a caçarola de leite a aquecer, quando havia. À medida que os outros se iam levantando, serviam o leite numa tigela, a que acrescentavam farinha de painço. Sentados no chão e encostados à parede, tomavam o pequeno-almoço em silêncio. Mal comentaram a varíola que levara Ignacia com ela, com medo de atraírem o mal mencionando-o. Também não referiram as vicissitudes do enterro: estavam acostumados à fatalidade. Gente de poucas palavras, agora a saudade tornava-os mais taciturnos. Só falavam de alguma incidência na tarefa que tinham pela frente. Quando acabavam o leite, cada um metia no bolso um pedaço de toucinho e outro de pão de milho que Isabel lhes tinha preparado para quando tivessem de «tomar as onze», como chamavam ao almoço, e despediam-se. A rapariga ficava a esfregar as tigelas e os talheres, e depois fazia o que teria feito a mãe: recolhia a cinza do fogão e espalhava-a na horta à maneira de fertilizante.

E o dia só tinha começado. Tinha de tratar dos sobrinhos, da casa, dos animais e do campo. De acordo com as estações, também tinha de segar com a foice e debulhar o trigo, apanhar alhos e cebolas, pegar no arado, semear couves, favas, repolhos e couves, podar os carvalhos e cortar lenha, colher o painço, arrancar as ervas daninhas, ir com uma foice apanhar tojo ao monte para fazer a cama das vacas do amo, preparar a terra para a sementeira do linho, fazer estopa, fiar… uma lista tão interminável como variada.

A tudo isso acrescentavam-se as dificuldades de cada temporada. A despensa estava quase vazia desde o início da Primavera, porque já tinham consumido o produto da matança do porco e da colheita de cereais do ano transacto. Que na época de mais trabalho houvesse menos alimento para repor forças era um paradoxo difícil de encaixar. Mas era assim em todas as casas. No fim do Verão, Isabel ficou sem farinha porque teve de devolver às vizinhas a que a mãe pedira emprestada dois meses antes. Também racionou o leite e os ovos, que eram bons produtos para vender ou trocar. Pensava desenvencilhar-se com couves, feijões, castanhas, pão de milho e toucinho. Não provava carne fresca desde o Inverno, quando ela e a mãe fizeram um *pote* no Natal. Aos treze anos, Isabel não sabia o que era peixe e no entanto vivia a poucos quilómetros do mar.

Essa vida precária era muito sensível a qualquer desequilíbrio, por pequeno que fosse. Que chovesse mais do que a conta ou que houvesse uma seca, era o bastante para que voltassem as carências, o espectro da fome e as epidemias.

Capítulo 3

Foi o que aconteceu durante o Inverno que se seguiu à morte de Ignacia. Confirmando o ditado de que uma desgraça nunca vem só, em Outubro começaram as chuvas, tão intensas como os mais velhos não se lembravam nunca de ter visto. Dia após dia, as nuvens percorriam os campos descarregando água. Os ribeiros já não se podiam atravessar, chegavam notícias de rios que transbordavam. As infiltrações transformavam o chão das casas numa lama constante. Limpar era impossível. Com o frio, a sujidade e a fome, chegaram também os percevejos e as pulgas. O som das barrigas vazias, das pessoas a coçarem-se e das tosses formava a banda sonora dessa existência. Apesar de tudo, os camponeses enchiam o padre de presentes – umas castanhas, uns grelos… – porque pensavam que assim comprometiam-no a organizar novas preces. Quanto mais esfomeados e magros estavam os habitantes desse lugar, mais engordava o padre.

Também não se tinham visto geadas tão constantes como as desse ano, que deram cabo das colheitas. A água da chuva e o vento gelado infiltravam-se pelas gretas das casas. Era tanta a humidade que muitas noites a família Zendal dormia com as roupas molhadas porque o calor do lume não pudera secá-las. Já por si a roupa agasalhava pouco porque era de linho e fora lavada e remendada tantas vezes que se desfazia. Acordavam a meio da noite com os ossos gelados.

As crianças eram as primeiras vítimas das atribulações da fome. Pululavam por toda a parte, sujas de lama, com o ranho pendurado do nariz, cobertas de farrapos ou nuas, fosse qual fosse o tempo que fizesse. Um dia, ao regressar do paço do amo com uma tigela de mel como se fosse um tesouro (duramente conseguido depois de o trocar por um punhado de estopa), Isabel viu perto da igreja o filho de uns vizinhos, um menino de sete anos que conhecia bem, e que chorava desconsolado enquanto resistia a que Don Cayetano o puxasse pelo braço. A mãe dele afastava-se pelo caminho, tapando os ouvidos com as mãos, como se não quisesse ouvir os gritos do seu rebento. Desapareceu dali meio envergonhada meio desesperada.

Isabel ficou tão perturbada que mal dormiu. No dia seguinte, depois da missa, foi à procura do menino. O pároco explicou-lhe que a mãe se vira obrigada a abandonar o pequeno por não poder alimentá-lo, e que ele o enviara para o orfanato de Santiago, e que provavelmente acabaria por ser adoptado por uma família em que não passaria fome nem privações. Era fácil tranquilizar uma miúda com mentiras piedosas. O que Don Cayetano se absteve de contar foi a alta taxa de mortalidade que fazia estragos nos hospícios. Também não lhe contou o que sabia pela via privilegiada do confessionário, o facto de que algumas famílias, em épocas de fome, recorriam ao infanticídio. Encostavam o filho pequeno à cama enquanto todos dormiam e assim, sem ruído e sem que mais ninguém desse por isso, como se fosse sem querer, sufocavam-no até à morte. «Acidente involuntário», diziam depois os pais às autoridades. Por isso, nos seus sermões, o pároco

insistia em que os pais não metessem os filhos na cama com eles, se fossem muito pequenos, por causa do risco de os sufocarem. Seguia assim a recomendação do Manual de Confessores que, perante o cariz que tomara o problema, incluía-a entre as questões primordiais que os clérigos deviam lembrar aos fiéis.

Da fome no campo só se livravam os donos das terras, os nobres e o clero. Todos os restantes sofriam-na em maior ou menor grau porque metade do que a terra dava estava destinada a pagar as rendas e as sementes. Na cadeia da miséria, depois das crianças, que ficavam com a pior parte, a seguir vinham as mulheres. Como a tradição mandava que deviam deixar o melhor da comida para os homens, acabavam por se alimentar pouco e mal. Isabel e as irmãs conformavam-se com umas couves flutuando num caldo claro, sem gordura, porque o toucinho acabara no fim do Verão. O resultado foi que a jovem começou a sentir os joelhos fracos. Tinha de se sentar ou de se apoiar ao menor esforço, como uma velha. Às vezes davam-lhe contracções nas entranhas e depois de muito trabalhar sentia-se enjoada. Ou desatava a chorar sem razão aparente, por pura fraqueza. Se estivesse sozinha continuava a chorar sem parar e cada vez mais sentia compaixão por si mesma. Quando as lágrimas estavam prestes a secar, lembrava-se da mãe. *Meu Deus, que desgraça!*, dizia para si e, repetindo-o, voltava a provocar o pranto. Apercebia-se do muito que a mãe a protegera dos desgastes da vida.

Na sua trágica ausência, Ignacia estava mais presente do que nunca. *O que teria feito?*, perguntavam-se os Zendal perante cada nova dificuldade, porque lhes custava imaginar que já não voltaria a entrar pela porta. O seu espírito continuava a pairar por cima das colinas e no interior da casa, entre o chão lamacento e as vigas enegrecidas do tecto, e os seus conselhos sobreviviam, como o de engolir saliva para tentar saciar-se, um truque que ao princípio funcionava porque proporcionava algum alívio. Ou mastigar cavacos para enganar a barriga. O efeito durava até as mandíbulas se cansarem de tanto esforço inútil. A verdade é que sentiam terrivelmente a sua falta porque Ignacia punha sempre boa cara perante o mau tempo. Com ela a barriga doía menos, a fome era uma brincadeira cruel do destino, o frio era um inconveniente passageiro. Sem ela, aquela vida era um inferno.

Além das contracções nas tripas e das náuseas, a fome provocava uma avalanche de sentimentos perversos. Primeiro surpresa e injustiça: *por que me acontece isto a mim?*, perguntavam-se. Será que não cumpro como bom cristão, não trabalho como uma mula? Depois a fome provocava desonra. Isabel e o pai tinham vergonha de reconhecer que não possuíam o suficiente para se alimentarem, por isso disfarçavam perante os vizinhos. Mas isso não durava muito, porque precisavam uns dos outros: um dia trocavam um ovo por um pedaço de carne, se um vizinho se decidira a sacrificar um animal. Ou uma caçarola de leite por um pedaço de toucinho. Ninguém estava a salvo da humilhação da fome.

Passado esse estado, eram invadidos pela ira.

– Isso acontece-nos por não pagarmos o dízimo! – clamava Francisca, aludindo à renda que cobrava a Igreja.

Jacobo, tal como a maioria dos campónios que se revoltavam contra os abusos do clero, oferecia resistência a pagar o dízimo, o que indignava a sua filha Francisca, tão supersticiosa. Também

deitavam a culpa sobre as rendas que pagavam ao amo, a que deviam ao rei, as alcavalas e todas as forças que se conjuravam no mundo contra os pobres camponeses da Galiza, mas essa tentativa de revolta era também sufocada pelo esgotamento físico. De modo que, por fim, só restava um desespero em surdina. Não era raro que, de noite, algum membro da família acordasse dizendo que lhe cheirava a um delicioso pão de centeio. Do desespero ao delírio era apenas um passo.

Apesar de tudo, Jacobo fazia o impossível para conseguir que a vida continuasse com um vislumbre de normalidade. Coube-lhe tomar as decisões mais difíceis, como a de sacrificar a esquelética novilha antes que morresse de inanição. Com o que lhes deram por ela, compraram toucinho, sementes para o próximo ano, farinha e uns chouriços para fazer uma oferenda de Páscoa ao padre. Uma coisa era não pagar o dízimo e outra esquecer-se da relação pessoal. Uma pessoa podia odiar a Igreja, mas dar-se bem com Don Cayetano era uma questão de senso comum.

Assim enganaram os meses mais duros. Jacobo sentia-se farto de viver à mercê de factos que não podia controlar. Um ano sem colheitas… E o seguinte? E se voltassem as geadas? Por muito que não quisesse confrontar-se com isso, a eventualidade de um cataclismo ainda maior despontava no horizonte. Todos sabiam que a seguir à fome vinham sempre as pestes e as varíolas.

Capítulo 4

Os aguaceiros também não davam tréguas. Ao Inverno mais chuvoso de que havia memória seguiram-se a Primavera e o Verão mais húmidos. As colheitas de trigo e milho perderam-se. O míldio atacou o linho e as maçãs encheram-se de lagartas. Famílias inteiras de camponeses encolhidos pela fome e pelo frio arrastavam pelos caminhos os seus filhos e velhos buscando uma oportunidade para trabalhar. Em breve acabavam a pedir esmola, pelo que os campos se foram enchendo de mendigos. Jacobo, que via neles um reflexo da sua precária existência, temeu acabar como eles. Em casa só restavam um leitão pequeno, uma galinha e uma magra reserva de toucinho. Depois disso, não haveria mais nada. Não havia futuro que não fosse mais fome. E com certeza a doença, como aconteceu com Ignacia.

De modo que uma manhã se levantou mais cedo do que de costume, saiu de casa tendo o cuidado de não acordar ninguém e aproximou-se sigilosamente do armário pequeno que fazia de geladeira. Meteu lá a mão e tirou dois ovos, que guardou no bolso.

– Pai, deixe isso aí!

As palavras de Isabel, que passava as noites a dormir um sono ligeiro e agitado, sobressaltaram-no.

– Vou dá-los a Don Cayetano – disse Jacobo.

– Vamos comê-los hoje!

– Comeremos outra coisa.

– Outra coisa? Não nos resta nada!

Isabel continuou a protestar veementemente até que Jacobo a mandou calar. E fê-lo num tom tão firme que a filha baixou os olhos. Resignada, com lágrimas nos olhos, entrou em casa e deixou-se cair na cadeira porque lhe fraquejavam as pernas.

O padre vivia junto da igreja, cujas pedras brilhavam com os chuviscos constantes. Uma governanta vestida de preto abriu a porta e deixou entrar Jacobo, que antes de o fazer limpou a lama dos socos. A lareira estava acesa; fazia calor e os eflúvios a pimento e a cebola que chegavam da cozinha surpreenderam-no. Ao ver as prateleiras tão cheias, os olhos perderam-se nos pães, nas linguiças, nos cestos de fruta, nos queijos, nas garrafas de aguardente e restantes delícias que outros pobretanas como ele tinham oferecido em troca de missas, casamentos, baptizados ou funerais. O padre recebeu-o à sua maneira informal e afectuosa. Jacobo entregou-lhe os ovos.

– Não, meu filho. Não posso aceitá-los. Sei muito bem pelo que vocês estão a passar e acredita em mim… rezo por vocês.

– Padre, fazei-me o favor…

Jacobo insistiu tanto que o pároco pensou que lhe vinha pedir um favor tão grande que seria impossível fazê-lo. Já fazia conjecturas para preparar uma recusa enquanto colocava os ovos num cesto que havia na prateleira.

– Padre, vós sois a única pessoa que pode ajudar-nos.

– Sou apenas um instrumento de Deus, meu filho.

Fez-se silêncio, que Jacobo interrompeu limpando a garganta. Estava envergonhado. Por fim disse:

– Tenho de pôr a minha filha a servir.

Don Cayetano levantou os olhos para o céu. Já imaginava.

– A mais velha?

– A minha Isabel…

– Mas não há casas para tanto criado! – disse-lhe, dando-lhe uma palmadinha no ombro. – Vêm todos pedir-me o mesmo.

– É que… se a Ignacia fosse viva…

– Já sei disso, eu sei, filho – disse o padre torcendo o nariz perante a expressão de desamparo de Jacobo. – Ela protege-vos, ajuda-vos do céu.

– Com certeza, padre… Vá lá, colocai-me a rapariga, ela sabe lidar bem com as crianças e não tem medo de trabalhar. Deus vos pagará por isso.

– Se souber de alguma coisa, não duvides que tentarei fazê-lo, mas prefiro dizer-te já que a coisa está muito difícil. Não te quero dar falsas esperanças.

Jacobo baixou a cabeça. O padre levantou-se.

– Espera um pouco… – disse-lhe.

Aproximou-se da governanta e sussurrou-lhe algo que Jacobo não conseguiu ouvir. A mulher desapareceu e voltou depois com um embrulho que entregou ao pároco.

– Toma, filho… Vai fazer-vos bem.

– Não, padre, não… ainda vos devo…

– Vai, vai, não me deves nada.

– Mas, padre, eu queria… se pudésseis colocar a…

– Leva isto contigo e tem fé – interrompeu-o Don Cayetano. – A Ignacia vela por vós. Anda, vai com Deus…

Não havia mais nada para dizer e o pároco acompanhou-o à porta. Jacobo saiu apertando o embrulho contra o corpo, como se temesse que alguém o fosse roubar. Quando se encontrava fora do alcance visual do padre, abriu-o: era um bom pedaço de carne salgada. Não era a solução que lhe tinha pedido, mas era uma boa esmola, um presente magnífico pelo qual estava muito agradecido. *A Isa vai ficar contente*, pensou.

Capítulo 5

Depois de ter perdido a mulher, a última coisa que Jacobo Zendal desejava era separar-se da filha, mas também sabia que essa era a única possibilidade de a pôr a salvo da miséria e das suas sequelas. Não só deixaria de ser um encargo familiar como também poderia ajudá-los enviando-lhes vitualhas e talvez dinheiro. Além disso, aprenderia boas maneiras e poderia subir na vida. Tudo menos ficar encalhada nesse mundo sem futuro.

O padre, que apreciava genuinamente os Zendal e sentia afecto por essa menina que fora sua aluna, começou logo a fazer diligências dizendo a todos os que o quisessem ouvir que tinha uma boa candidata para uma casa de categoria. Alertou as paróquias das aldeias dos arredores para que por sua vez os padres passassem palavra. Dadas as circunstâncias, não tinha grandes esperanças de a colocar, mas fez de bom grado tudo o que estava na sua mão.

Entretanto, e tal como vaticinara Jacobo, alguns vizinhos foram caindo à cama abatidos por uma febre que ao princípio o médico definiu como pútrida, ardente, maligna e pestífera. Acometia os mais fracos sem outros sinais senão um frio, seguido por dores nas costas, a sensação de ter pernas moles, umas enxaquecas como se lhes fosse rebentar a cabeça e um gosto a fel na boca. Alguns sentiam, muito no início, tremores nas mãos e pulsos, e tinham o rosto e os olhos vermelhos, insónias fortes e delírio nocturno. Quando, poucos dias depois, brotava por todo o corpo uma grande quantidade de furúnculos, o médico pôde dar nome ao mal: varíola. Isabel esvaziou a casa de todos os utensílios para lhe fazer uma limpeza de fundo. Depois regou-a com vinagre abundante e acabou espalhando pelo chão flores e ervas de cheiro. Pouco mais se podia fazer, excepto cobrir as paredes com uma massa de cal. Estava a fazer isso mesmo quando apareceu o pai, perturbado.

– Deixa isso e vem comigo, vamos à casa do padre.

– Não posso, pai – disse Isabel.

– Sim, vem… e lava-te um pouco, filha.

Pôs de lado o balde de cal e lavou os braços. Como não entendia a razão pela qual devia acompanhá-lo, Jacobo explicou-lhe que tinha ido pedir uma colocação para ela, e acrescentou que não lho tinha dito antes devido às poucas esperanças postas nisso. Mas talvez Deus e Ignacia tivessem ouvido as suas súplicas porque acabava de chegar à aldeia um pároco que vinha em busca de uma criada para uma família muito boa. Queria encontrar-se com Isabel. Estavam à espera deles.

A jovem sentia-se confusa. A sua reacção inicial foi de júbilo, porque ir servir era o desejo mais fervoroso de quase todas as moças da sua idade; sair da aldeia – isto é, da miséria – era uma sorte formidável e ela sabia disso. Mas a ideia súbita de abandonar os seus entes queridos, Jacobo,

Francisca, Juan… de se afastar do bem-estar afectivo que compensava a dureza dessa vida, causava-lhe um desgosto silencioso.

Assim que entrou na casa de Don Cayetano, o cheiro a guisado fez com que Isabel tivesse uma vertigem. A jovem era só pele e osso. Os dois sacerdotes olharam-na com interesse. Era mais alta do que o normal, o que realçava a sua magreza. Ia vestida de preto com um casaco coçado e uma saia que lhe roçava os tornozelos, o cabelo preto-azeviche coberto por um lenço cheio de rasgões. Tinha as bochechas coradas e a pele das mãos gasta, com manchas brancas de cal nas unhas. Mas as suas feições eram regulares, mostrava um sorriso claro e, através dos seus grandes olhos negros, um olhar profundo e sereno. As privações do último ano tinham apagado nela todos os vestígios de meninice. Agora era uma mulher que, mais bem vestida e alimentada, ninguém hesitaria em qualificar como bonita. Mas estava tão escanzelada que o pároco visitante perguntou se se encontrava doente.

– Não, estou bem… – respondeu, juntando as mãos nervosa.

Jacobo atalhou:

– Tem muito boa saúde. Nunca adoece, nunca!

– O que a rapariga tem é fome! – largou a governanta.

Isabel, intimidada, baixou os olhos para o chão. A governanta abeirou-se dela e em voz baixa perguntou-lhe:

– Tens fome, querida?

A jovem olhou para o pai, como que para lhe perguntar o que devia responder, mas Jacobo não lhe deu nenhuma pista. Hesitou um instante e depois disse de repente:

– Tenho muita fome, se me desse um bocado de pão, comia-o de boa vontade.

A sua franqueza fez sorrir os dois sacerdotes.

– Dê-lhe uma tigela e que se farte de guisado! – exclamou Don Cayetano. – E outra para o Jacobo!

– Vou prò lume! Venham comigo!

Depois de terem devorado na cozinha uma tigela a transbordar de guisado fumegante, pai e filha regressaram. Já tinham outra cara. O pároco explicou-lhes que podia colocar Isabel como criada em casa de uma personagem de grande relevância na Corunha. Ao ouvir o nome dessa cidade, tão próxima e ao mesmo tempo tão distante, Isabel engasgou-se. Se lhe tivessem dito que a iam enviar para outro planeta, o resultado não teria sido diferente. Aos treze anos, nunca tinha saído da aldeia, nem fora a Santiago, que ficava apenas a três léguas de distância. Como parecia tão desconcertada, o pároco perguntou:

– Tu queres ir como criada, não queres?

Isabel hesitou. Primeiro deu uma olhadela ao pai, depois à tigela de comida, e acabou por dizer:

– Quero.

– Olha que vais ter de trabalhar muito…

– Venha ele.

Nesse momento, Jacobo interrompeu a conversa:

– O senhor conhece-a, padre.

– Como se fosse minha filha – disse Don Cayetano. – Escrevi nas referências que é uma moça de conduta moral irrepreensível e cumpridora dos deveres religiosos.

Jacobo assentia com um aceno de cabeça. O outro pároco continuou com as suas perguntas:

– Gostas de crianças?

– Sim… muito.

Jacobo voltou a interromper:

– Ela criou sozinha os sobrinhos – disse, olhando para o padre a fim de obter a sua concordância.

– Sou testemunha, sou testemunha.

– E quanto queres ganhar? – perguntou o pároco.

Ela voltou a olhar para o pai antes de responder:

– O que me derem.

– Preferes o soldo pago ao mês ou ao ano?

– Como queirais.

– Começarão por te pagar dez pesos por ano e terás duas fardas, uma como muda. Não terás nenhum outro gasto. Tenho a certeza de que, com o tempo, te darão mais, sempre que o mereceres.

– Vai merecê-lo – disse-lhe Don Cayetano.

– Bom, bom… – concluiu o pároco, já convencido –, pois então ficamos assim, partimos amanhã na diligência que sai de Ordes à tarde.

– Estejam aqui à uma, rapariga, que eu vos levarei a Ordes na minha carroça – disse-lhe Don Cayetano.

Isabel olhou-os com os seus grandes olhos negros muito abertos. Não sentia nada, tinha a mente envolvida numa névoa espessa. Não sabia se o que acabava de lhe acontecer era uma catástrofe ou uma oportunidade fabulosa. *Amanhã?*, pensou. *Mas se já é quase noite!* Conseguiu esconder a sua perturbação e despediu-se.

Lá fora chovia. De caminho para casa, nem o pai nem a filha abriram a boca. Nos pobres existia a aceitação tácita de que não se escolhia o destino. Este impunha-se, a maioria das vezes para o mal, algumas para o bem. Mas sempre de maneira inelutável.

Nessa noite, quando se meteu na cama onde dormiam todos, Isabel afundou a cara na palha do leito para sufocar os soluços. Jacobo ouviu-a. Estendeu o braço e pegou-lhe na mão. Era um gesto que não fazia desde que ela era pequena. Depois abraçou-a e assim dormiram a última noite que passaram juntos, entre os roncos, as tosses e as respirações dos outros.

Capítulo 6

O dia despontava no horizonte quando chegou à Corunha, afundada no assento da diligência que circulara toda a noite por um caminho fustigado pelas chuvas. Acordou com dores nos ossos, triste, e ao olhar pela janela viu o mar à direita e à esquerda, negro, imenso e tão tenebroso que sentiu medo. A carruagem entrou rapidamente na cidade, uma autêntica fortaleza amuralhada, e atravessou o istmo cujos maiores edifícios davam para a baía, a parte mais protegida, enquanto os que confinavam com a tempestuosa enseada do Orzán eram mais modestos e pequenos. As pracetas do bairro de Pescadería, o mais popular, estavam ladeadas por edifícios com pórticos que Isabel nunca vira. Pelas portas do mar abertas nas muralhas vislumbrou os pescadores, que regressavam da sua faina e varavam os barcos nos areais da baía, onde estendiam as redes para as repararem. Tudo era novo nesse enxame de casas rodeadas pelo mar e pelo salitre. No entanto, as hortas disseminadas pela cidade, a profusão de animais domésticos deambulando pelas ruas e a acumulação de imundícies lembravam a proximidade da aldeia que acabara de deixar.

Não acontecia o mesmo na cidade alta, o antigo casco urbano amuralhado, a parte nobre. Os edifícios sumptuosos da Administração, a Colegiada, a Capitania-Geral, as esplêndidas igrejas de Santiago e Santa Maria, e as luxuosas mansões dos aristocratas ilustres, eram edifícios deslumbrantes. Mas o que mais lhe chamou a atenção foi, afinal de contas, uma torre que lançava centelhas de luz e que não se parecia com outro edifício.

– Chama-se Torre de Hércules – disse-lhe o padre –, é um antigo farol romano.

– Farol? O que é um farol?

– A sua luz serve para guiar os barcos na escuridão.

A Corunha era sobretudo um porto resguardado do oceano. Ouviam-se as manobras dos barcos ao entrarem na baía, porque não havia cais nem embarcadouros. Um trasfego de botes assegurava as operações de carga e descarga dos navios fundeados. Por essa parte da cidade não circulavam animais à solta e o ruído dos cascos dos cavalos ressoava nas pedras brilhantes da calçada. A diligência parou diante do número 36 da Calle Real, um edifício de quatro andares, propriedade de Jerónimo Hijosa, comerciante próspero e um dos filhos mais ilustres da cidade. O padre deixou Isabel a cargo da criada que lhes abriu a porta de serviço, uma antiga escrava mulata oriunda de Cuba que trabalhava com o marido no cuidado da casa. Ao observar a recém-chegada, com esse aspecto tão pobre, as feições marcadas e as olheiras fundas, a ex-escrava fez um esgar de tristeza.

– Vem comigo, minha filha…

Subiram dois andares e entraram pela cozinha. Indicou-lhe a sua alcova e, dobrada sobre a cama, a farda que devia vestir para atender os senhores. Era um quarto pequeno mas asseado, branco, com uma janela que dava para o mar. Isabel pousou a miserável trouxa que trazia consigo e teve

vontade de se deitar e deixar-se vencer pelo sono, mas a mulata não lhe permitiu que o fizesse. Tinha de lhe apresentar a cozinheira e restante pessoal de serviço, mostrar-lhe onde se guardava a louça e os talheres, onde ficava o lavadouro, o quarto de engomar, onde se guardava a lenha, o lugar do lixo e o funcionamento das lareiras.

A voz distante da senhora da casa interrompeu-as. Isabel sentiu o sangue a gelar-se. Fez-se-lhe um nó na garganta com o pânico de se encontrar com aquela que, para todos os efeitos, era a dona da sua vida. Tinha uma vontade irreprimível de sair dali a correr. A mulata deve ter percebido alguma coisa porque lhe perguntou se estava bem, ao que Isabel respondeu que sim, ao mesmo tempo que limpava com a manga as incipientes lágrimas que brotavam dos seus olhos. Afligia-a uma forte nostalgia da aldeia. Timidamente, perguntou, aludindo aos costumes que imperavam entre os criados das casas da Galiza:

– Tenho de me ajoelhar?

– Não, aqui isso não é preciso…

Entraram no salão, e aí, fosse pelo cansaço ou pelo desconsolo que lhe nublavam a mente, a verdade é que julgou estar a viver um sonho. Essa casa não se parecia em nada com a do amo e senhor da aldeia, que era a mais rica e luxuosa que conhecera até então. Encontrou-se num universo de estátuas, vitrinas com relógios incrustados de pedras, cadeirões de veludo e dourados, tapetes, candeeiros pendentes do tecto cujos cristais reflectiam a luz do Sol e dançavam, um piano, e um papagaio de plumagem vermelha dentro de uma gaiola imensa que repetia palavras desconhecidas.

– Don Cayetano falou-me muito bem de ti…

Doña María Josefa del Castillo, esposa de Don Jerónimo Hijosa, era uma mulher bonita, distinta, amável e comedida, vestida de maneira simples, sem jóias nem luxos, e com o cabelo de madeixas louras apanhado num totó. Isabel ouvira tantas histórias de criadas tratadas pior do que cães, vítimas de reprimendas, de insultos e até de pancada diante de pessoas estranhas que, assim que conheceu a sua senhora, entendeu a sorte que tivera. Essa mulher era o contrário da rica da aldeia que olhava para todos por cima do ombro.

– Estás pele e osso, minha filha… – disse com a sua voz calorosa. – Bom, aqui comerás bem.

Isabel, intimidada, assentiu com um aceno de cabeça.

A mulata adiantou:

– Já lhe expliquei que tem de servir à mesa, levar os pequenos-almoços aos quartos, manter acesas as lareiras e ajudar a vestir-vos e a calçar-vos.

– Essa última coisa não é necessária; para isso tenho-a a si – rematou a senhora. Virando-se para Isabel, disse-lhe olhando-a nos olhos: – Isabel, o padre disse-te por que te trouxemos para trabalhares aqui?

– Não, senhora…

– É sobretudo para tratares dos meus filhos, dois meninos que conhecerás quando voltarem do colégio. Disseram-me que sabes ler e escrever…

– Sei alguma coisa de letras.

– Disso saberá, mas de servir à mesa não sabe nada de nada – interrompeu a mulata.

– É verdade… – disse Isabel baixando os olhos, envergonhada.

– Bom, logo aprendes. O essencial é que trates dos meninos, que os vistas, os leves à escola, brinques com eles, os faças ler e rever os trabalhos de casa… Foi para isso que te trouxemos.

– Sim, senhora.

– Terás as tardes de domingo livres, das três às sete.

– Muito bem, senhora.

Agora entendia. As aulas de alfabetização que seguira com o padre da aldeia constituíam essa pequena diferença que lhe permitira destacar-se e conseguir esse lugar. Afastou da mente a ideia de não estar à altura, porque receava ler e escrever pior do que as crianças. Lembrou-se da mãe, Ignacia, e sentiu que, do além, ela continuava a puxar os fios do seu destino.

Estava exausta com tantas emoções, por tudo ser tão diferente, pelo contacto com gente estranha. O mais difícil de suportar foi a relação com os outros criados, que oscilava entre a censura e o desdém. As pobres raparigas como ela, recém-chegadas da aldeia, eram consideradas como o escalão mais baixo. O facto de saber de letras não fez mais do que acrescentar lenha ao escárnio. Ignorando as palavra de Doña María Josefa, a mulata fê-la limpar e raspar o fogão de ferro com pedra-pomes até ficar sem pele nas mãos, fê-la esfregar o soalho de madeira com escova e sabão, ensinou-a a dar lustro ao calçado, a tratar a roupa branca com amido e obrigou-a a mostrar os seus dotes de engomadeira. Quando, exausta, vestiu a farda preta com avental branco, que tinha a gola e os punhos de renda, para se apresentar assim ao senhor da casa, sentiu de novo o impulso de voltar a correr para a aldeia. Mas Don Jerónimo Hijosa mostrou-se tão amável como a sua mulher:

– Aqui não te faltará nada, minha filha – disse-lhe com tom paternal.

E Isabel sentiu vontade de chorar por puro reconhecimento.

Mais tarde conheceu os filhos. A mais velha, Mariana, tinha dez anos, e o irmão, Gonzalo, sete. Estavam muito bem vestidos, eram alegres e educados, e logo soube conquistá-los. Bastou-lhe imitar os sons dos animais do campo para os fazer rir. Tinha um repertório interminável, e acabou por imitar o ganso, a galinha, a vaca, o pássaro, o cão e o grilo. Como eram diferentes dos seus sobrinhos. Estes tinham a pele muito branca e lisa, uma dicção perfeita, e eram capazes de tocar melodias no piano. Eram altos como os adultos da aldeia. Liam melhor do que ela, tal como receara, mas os pais não pareceram surpreendidos e não a criticaram por isso. Pelo contrário, deram-lhe um monte de folhetos de cordel e de panfletos que utilizou para melhorar a sua leitura. À noite, na cama, de onde via por um canto da janela a Lua e as nuvens velozes, lia-os do princípio ao fim, sem omitir os anúncios. Essas crianças não só eram um dique de contenção contra os abusos dos outros criados, como a seguir constituíram a sua âncora emocional. Apertava-os nos braços, mimava-os, beijava-os, jogava com eles às escondidas, à macaca e outros jogos populares galegos. De manhã tirava-os da modorra com o pequeno-almoço, estendia-lhes as meias, vestia-lhes a farda, calçava-lhes as luvas e punha-lhes o cachecol, e entre a bruma da cidade levava-os ao colégio. À noite, brincava com eles, vestia-lhes o pijama, lia-lhes um conto e levava-os ao urinol antes de os deitar. Em breve formaram uma família dentro da família.

Capítulo 7

Isabel aprendeu a trabalhar tão rapidamente que os outros criados deixaram de tratá-la como uma novata. A sua grande defensora era a cozinheira, uma mulherona gorda e alegre, marcada pela varíola, com queixo triplo e olhinhos risonhos, oriunda de uma aldeia não muito longe da dela. Apercebeu-se de que a rapariga não se poupava a esforços no momento de trabalhar, nem impingia a tarefa aos outros se a ocasião se apresentava. Pelo contrário, atacava-a com toda a seriedade e sentido de responsabilidade, do qual desde pequena fizera gala. O seu carácter discreto e afável, o carinho que era capaz de dispensar aos filhos da família, a sua boa disposição e lealdade eram qualidades muito apreciadas por todos, incluindo Don Jerónimo, habituado a distinguir o valor das pessoas.

Isabel acostumou-se a não passar fome. Tal como as outras criadas, comia os restos que ficavam na travessa com que servia os senhores. A cozinheira já se encarregava de que sobrasse muita comida. E embora estivesse fria quando lhe tocava, devorava tudo com voracidade, ressarcindo-se assim das privações passadas. Com a boa alimentação e sem a angústia de ter de enfrentar a escassez, o seu corpo começou a descontrair-se. Deixou de ter as bochechas avermelhadas, a tez tornou-se mais clara e foram-se suavizando as arestas do rosto. Ao princípio, quando saía à rua, escandalizava-se vendo as damas vestidas com saias um pouco acima dos tornozelos, demasiado curtas para seu gosto.

– Vestem-se à moderna – disse-lhe a costureira que ia lá a casa todos os dias.

Explicou-lhe que isso era normal. Como o era usar anáguas, uma roupa fina que Isabel não conhecia.

– O som das anáguas a roçar nas saias é muito apreciado pelos cavalheiros – continuava a dizer-lhe a astuta modista, e Isabel olhava-a corada.

Pouco a pouco foi mudando de fisionomia, o peito desenvolveu-se e as ancas arredondaram-se. A costureira teve de lhe alargar a farda várias vezes e confeccionou-lhe um vestido para sair feito de um tecido leve como Isabel nunca vira. Ao ganhar peso e ao crescer como uma planta adubada, ganhou também em aprumo e sobretudo em beleza.

A Corunha, pela sua posição estratégica, estava cheia de soldados:

– Uma trincheira assim e eu sem botas…

Os piropos eram constantes e ela baixava os olhos enquanto as bochechas se ruborizavam.

Essa cidade era demasiado grande para Isabel; não se sentia segura nas ruas, que só pisava para fazer recados imprescindíveis. Aos domingos preferia brincar com os meninos do que dar um passeio, porque a assustavam as multidões e as lisonjas atrevidas dos homens. Além disso, nunca se

passava frio em casa dos Hijosa. Era algo excepcional, porque nessa altura passava-se frio em todos os lugares: nas casas ricas por avareza, e nas pobres por miséria.

Pouco a pouco foi ficando a par da história do seu protector. Contaram-lhe que Don Jerónimo, assim que chegou de Medina de Rioseco, a aldeia castelhana de onde era oriundo, dedicou-se a trazer centeio, milho e trigo por barco de Santander e do Sudoeste de França para aliviar a fome que assolava a Corunha.

– O trigo vindo por mar – contava-lhe a cozinheira – vendia-o baratíssimo. Diziam que perdia dinheiro, e é possível que fosse assim. Mas o que deixava de ganhar por um lado – fazia um sinal com os dedos que lembrava dinheiro – ganhava-o por outro. Meteu as pessoas no bolso. E não falemos das autoridades. Agora exporta vinho de Ribeiro, peixe salgado e tecidos para toda a América, desde Filadélfia ao Chile, e importa cacau e açúcar da América. E tudo com a sua frota de barcos!

– Um cavalheiro esperto – dizia o limpa-chaminés, que passava tardes inteiras em companhia da cozinheira, que o mimava com algum doce ou com restos de uma refeição rica.

Isabel dava graças a Deus pela sorte que tivera de cair em casa de um membro da pequena elite da cidade, composta por comerciantes galegos, bascos, catalães e franceses.

– Os ricos chegaram todos ao mesmo tempo – dizia o limpa-chaminés –, chegaram quando mudou a lei e se abriu o porto ao comércio com as Américas, em 1778. Vieram aproveitar-se.

– Não digas parvoíces! – espetava-lhe a cozinheira. – Quem pagou o restauro da Torre de Hércules? Quem pagou as obras do caminho de Madrid? O Cornide, o Barrié e o amo desta casa. Por isso deixa de dizer disparates, invejoso.

– Invejoso, eu? Inveja têm eles dos ministros do rei, dos nobres, dos regedores do Conselho…

Todos sabiam na cidade que Don Jerónimo tivera de viajar até Valladolid para tratar do seu processo de fidalguia e demonstrar que os seus antepassados estavam «limpos de todo o mau sangue de mouros, judeus ou de outra seita reprovada pelo Santo Ofício da Inquisição». A elite dos ricos ansiava por pertencer à fidalguia corunhesa, e isso era difícil, porque era uma questão de sangue, não de riqueza nem de talento para os negócios.

Até um ano depois de ali ter chegado, Isabel não começou a desfrutar da sua tarde livre por semana, e só o fazia quando alguma outra criada, ou a cozinheira, lhe propunham acompanhá-la. Enfeitada e vestida para sair com a roupa confeccionada pela costureira, parecia outra: a cintura apertada, o cabelo coberto por um lenço vistoso e uma mantilha por cima dos ombros, o andar determinado e até distinto; era uma moça sem idade, uma flor espigada que destilava uma sensualidade inocente. Um domingo aceitou a proposta de outra criada de ir assistir à grande celebração anual, a procissão da Promessa da Pólvora. Era uma festa que os corunheses, traumatizados pela explosão de um paiol de pólvora que dois séculos antes causara duzentos mortos, celebravam em acção de graças por não ter havido mais vítimas. A Corunha vivia ao ritmo pacato das suas tradições, alheia aos ecos revolucionários que ressoavam no resto da Europa. Sob os chuviscos constantes, entre o odor a incenso e o fumo das velas, ambas as moças se juntaram ao rio de habitantes que clamavam rezas, uns alegres como se estivessem bêbedos, outros caminhando

meio adormecidos. O grosso da população participava na celebração: militares, escrivães, médicos, taberneiros, artesãos, empregados das fábricas de atoalhados e chapéus, hortelões, pedreiros, todos com as respectivas famílias. De repente, Isabel distinguiu, entre a multidão de penitentes e devotos, um militar que vestia um uniforme rutilante. Se lhe chamara mais a atenção o uniforme ou o homem que o vestia, era uma pergunta que se faria inúmeras vezes no futuro. A verdade é que, nesse momento, tornou-se-lhe impossível não se fixar nesse soldado, cuja cabeça assomava acima da multidão. Era moreno, tinha cabelo escuro, com uma madeixa que lhe caía sobre a testa, suíças de lince, nariz aquilino, sorriso deslumbrante e olhos vivos que lhe retribuíram o olhar com curiosidade.

– Quem será? – perguntou à sua acompanhante.

– Não olhes – respondeu-lhe a criada, puxando a manga de Isabel para baixo, o que a fez baixar também os olhos.

Mas isso era pedir o impossível… Como podia afastar o olhar dessa casaca com gola carmesim, essa jaqueta e calção brancos, essa roseta de flanela encarnada, esses correames cruzados de couro, essa cartucheira de vaqueta preta e esses sapatos com fivela de metal? De modo que a rapariga fez o que lhe deu na gana, levantou a cabeça, deitou a mantilha para trás e sorriu ao desconhecido lançando-lhe um olhar doce, como lhe censurou depois a companheira. Nem ela soube como tivera a ousadia de semelhante gesto. Nesse preciso instante, deve ter acreditado que enfrentava o seu destino, inexorável, que via refulgir nos botões dourados e brilhantes desse uniforme.

– Esses passam os dias a namoriscar – disse-lhe a companheira. – Não são de fiar…

Isabel calou-se. Mas o seu «doce olhar» fora um convite a que lhe fizesse a corte.

Capítulo 8

Isabel depressa o esqueceu, e regressou à rotina da sua vida. Através da rede de informações que os padres mantinham em toda a região, chegavam-lhe notícias pontuais da aldeia. Umas boas, como a de que a irmã, Francisca, se tinha casado com um vizinho que conhecia desde a infância; outras más, como a de que o pai sofrera uma recaída de uma pneumonia e continuava de cama. Quando as crianças estavam a dormir, Isabel escrevia cartas à família, e imaginava o padre a lê-las ao pai ou aos irmãos. E então parecia-lhe que estava a cheirar os odores do campo, julgava sentir o frio colado à pele na noite escura da sua aldeia. Sentia saudades da família, mas não sentia falta dessa vida, antes pelo contrário. E ainda menos a partir do momento em que o soldado do uniforme deslumbrante reapareceu de surpresa. «Posso ajudá-la?», perguntou-lhe enquanto ela se esforçava para encher um cântaro com água da fonte. Reconheceu-o logo, tê-lo-ia reconhecido entre mil. Sem lhe dar tempo para responder, o soldado agachou-se e tanto se abeirou dela que Isabel se sentiu sobressaltada. Captou o odor dele a couro e a terra, que se lhe gravou no cérebro para sempre. Não conseguiu responder, também não era necessário, o soldado já carregava com o cântaro.

– Chamo-me Benito Vélez, vi-a no outro dia na procissão da Pólvora, e desde então não parei de pensar em si… Como se chama?

Isabel balbuciou o seu nome.

– Não há nome mais bonito – disse ele com certeza total e com sotaque andaluz. – Sou de Granada… – acrescentou.

O homem tinha jeito para o namorico. Falava com uma voz aveludada, como se a conhecesse de toda a vida, como se o encontro com ela tivesse sido predestinado. Comia-a com os olhos enquanto se atreveu a colocar-lhe bem o lenço que lhe cobria a cabeça e que se tinha desajustado.

– Deixe que lho coloque, minha filha… – Aproveitou para lhe passar o dedo indicador pelo rosto, muito lentamente e com certo descaramento. – Mas que carinha mais bonita…

Isabel, paralisada por uma mistura de medo e prazer, engoliu em seco. Um arrepio percorreu-lhe espinha. Não era que não soubesse o que lhe dizer, era que não conseguia falar. Nunca conhecera um rapaz tão atrevido, conversador e desenvolto, diferente dos poucos com quem se tinha dado até então, que faziam uma corte discreta, aparentando suavidade. Este era todo ele fogo, todo paixão. Era cabo na companhia de fuzileiros do Regimento de Infantaria Castilla número 16, uma unidade do Exército Real recém-criada pelo duque do Infantado para defender Espanha do fervor revolucionário de França.

– Mas não sou soldado por gosto – sublinhava. – Chamaram-me às fileiras e a minha família obrigou-me a alistar-me. Eu queria esconder-me, porque o meu objectivo é a América…

A verdade era um pouco diferente: a sua família era demasiado pobre para poder pagar e assim livrá-lo do serviço militar. Pelo contrário, viam no exército um alívio, porque teriam menos uma boca para alimentar. Eram dez filhos.

– Na América – dizia a Isabel olhando para o horizonte – não temos de nos inclinar diante de ninguém, uma pessoa pode cair e começar de novo; lá o mais humilde triunfa.

Parecia saber tudo sobre os barcos correio que tinham feito o trajecto desde a Corunha até Buenos Aires, carregados com camponeses galegos que iam colonizar o Rio da Prata. Falava da Nova Espanha, de Cuba ou do Peru com profusão de pormenores, como se tivesse provado a frescura pungente do maracujá, como se tivesse comerciado com esmeraldas em Cartagena das Índias ou como se se tivesse dado com o mais ilustre da sociedade crioula. Falava da existência de cidades de ouro, de um reino na selva dominado por mulheres amazonas, de carroças cheias de lingotes, de águas que curavam as doenças… Da riqueza dessas terras e de como seria fácil para um homem do seu valor fazer fortuna, não lhe cabia a menor dúvida.

– Mas o que são esses sonhos se não tenho ninguém com quem os partilhar? – perguntava-lhe olhando-a nos olhos. – É preciso partir, afastar-se do ruído das guerras. Vê o que se passa em França… Aqui tudo nos vai passar ao lado.

Isabel escutava-o, fascinada, fazendo um esforço para o entender bem. Nunca ouvira palavras como *oceano* ou *indígena* ou *continente*. Parecia-lhe que alguém que se exprimia com tanta segurança e com tanto conhecimento não podia estar enganado. Menos ainda quando lhe confessou, adoptando um tom grave, que não queria partir sozinho; que queria constituir uma família com a moça que lhe tirava o sono desde que os seus olhares se cruzaram na procissão da Promessa. Assim lho disse na terceira vez que se viram. Também lhe confessou que conhecera outras mulheres, mas nenhuma como ela.

Isabel derretia-se porque não estava acostumada a ser o centro da vida de ninguém. Também não se atrevia a fazer perguntas ou a pôr objecções, não fosse embaciar o vidro através do qual o seu soldado via a vida. Era muito mais belo deixar-se levar pela fantasia do que questionar a rapidez e a intensidade dos sentimentos que o embargavam. *Está arrebatado*, pensou, *e isso é o amor.* A verdade é que, passeando ao lado dele, tinha a sensação de caminhar sobre uma nuvem. Quando estava com ele, esquecia tudo, o seu lugar no mundo e até as horas. Ao lado dele sentia-se plena, invadida por uma ventura que era incapaz de definir. Pensava nele a todo o momento, enquanto limpava a casa, lavava a roupa ou servia à mesa. Só quando estava com as crianças conseguia afastá-lo da sua cabeça, mas por pouco tempo.

De não querer sair aos domingos à tarde, passou a contar as horas que faltavam até chegar o ansiado momento de se encontrar com o seu moço. Compunha a roupa que agora lavava com sabão de rosas, enfeitava o cabelo com laços nas tranças e punha um colar que lhe emprestava a cozinheira, que, no entanto, lhe cantava enquanto remexia o guisado: *Não te enamores, minha menina; minha menina, não te enamores, das palavrinhas dos homens.*

Até então, a única experiência amorosa que tivera Isabel limitara-se a deixar-se apalpar pelo filho de outros labregos da aldeia enquanto se rebolavam nos campos de trigo, e mais tarde a fazer de conta que se casavam, simulando o acto sexual, deitados um sobre o outro, mas sem se despirem.

O jogo parava quando ela, sentindo-se culpada pela urgência do desejo, se levantava, ajustava os seus botões e sacudia da roupa os pedacinhos de palha.

Com Benito era diferente. Nem a culpa nem a vergonha nem o que iriam dizer eram suficientes para conter o fogo de amor que a consumia por dentro. Mesmo assim, conseguiu safar-se de um beijo na boca que o cabo tentou dar-lhe quando passeavam perto da Torre de Hércules, numa tarde ventosa. Era seu dever demonstrar que não era uma rapariga fácil, apesar de estar tão necessitada de um gesto de ternura… mas quanto lhe custou! À segunda tentativa, fechou os olhos e deixou-se levar, e morreu de prazer com esse beijo, o mais grandioso que alguma vez vivera. Mas não estava disposta a ceder mais terreno porque sabia pelas amigas da aldeia que a melhor maneira de conseguir um homem era negando-lhe favores, por muito que ele a divertisse com os seus versos e gracejos e a amolecesse com piropos e palavras de amor, enquanto a acompanhava da feira até casa, de noite, entre risos e piadas.

Capítulo 9

Toda a Espanha vivia há décadas o drama do chamado «tributo de sangue», sombra funesta que pairava sobre gerações de jovens. Na cidade de Alicante, assim que fez dezassete anos, o nome de Francisco Xavier Balmis y Berenguer saiu no sorteio dos recrutados para o exército como «primeira classe de habitante plebeu». *Plebeu* era a condição social que não vinha determinada pela riqueza mas sim pela obrigação de contribuir para o pagamento de algum tipo de imposto pessoal, ou de servir no exército, o famoso «tributo de sangue». Um plebeu era o contrário de um isento, fundamentalmente um privilegiado, ou por pertencer à nobreza ou ao clero, ou por mercê real. Isentos eram os quinhentos mil fidalgos e todos os que recebiam tratamento de vossa senhoria ou de vossa excelência. Na repartição do Conselho mediram-no – cinco pés, três polegadas e quatro linhas, ou seja, um metro e sessenta centímetros – e inscreveram-no no registo de recrutamento. Desesperado perante a perspectiva de ser recrutado, Balmis apercebeu-se de que, apesar de ter estudado muito e de fazer parte de uma família muito querida na sua cidade, encontrava-se no ponto mais baixo da escala social. Foi a primeira grande decepção da sua vida.

Baixo de estatura e de compleição forte, com um tique que o fazia pestanejar a intervalos regulares, mas ainda mais quando ficava nervoso, o jovem Balmis, baptizado com o nome de Francisco Xavier em honra do santo do dia em que nasceu, 3 de Dezembro de 1753, gostava sobretudo de estudar, ler e investigar. A vida ao ar livre e o exercício físico não eram o seu forte: corria de maneira desajeitada, faltava-lhe agilidade, e sempre fora alvo de risota por parte dos miúdos que brincavam com ele na praça. Imaginava com terror o tormento a que seria submetido no exército, com a agravante de não poder refugiar-se em casa.

Nascera numa família cujos membros – o pai, o avô, o tio e o cunhado – pertenciam ao grémio de sangradores-barbeiros-cirurgiões. Teve uma infância feliz, coberto por uma mãe muito protectora e rodeado por uma vasta família bem relacionada. A sua casa estava sempre cheia de pacientes que vinham fazer tratamentos, aliviar o sangue com sanguessugas ou para que o pai ou o avô lhes cosessem a pele de uma ferida. A sua brincadeira favorita era fazer de ajudante, pôr por ordem os instrumentos e as gazes para os poder entregar ao pai quando lhos pedisse. Muitos pacientes voltavam com um presente – um frasco de mel, umas nêsperas, um queijo – como demonstração de agradecimento por se encontrarem melhor. Assim foi sendo contagiado pela vocação familiar, de maneira cada vez mais intensa, amparado por uma memória excepcional para recordar dados e datas.

«O nosso ofício é ajudar as pessoas», dizia o avô. Uma frase que fez efeito no miúdo, que sonhava com a ideia de salvar pessoas como faziam o pai, o avô ou os Mataix, outra família de cirurgiões, amigos íntimos dos Balmis, que viviam ali perto e cujos filhos foram os seus companheiros de

brincadeiras antes de que se acendesse nele a chama da vocação. Muito rapidamente deixaram de lhe interessar os outros miúdos e preferia o contacto com os adultos. Salvar gente era próprio dos heróis, e ele sonhava ser um herói da cirurgia. Tendo sido testemunha de tantas operações, na sua casa e na dos Mataix, desde pequeno acostumou-se a ver sangue, os músculos dilacerados, as veias cortadas como simples tubos, os abcessos extirpados a golpes de bisturi. Nada disso o impressionava, pelo contrário, aguçava o seu interesse pela complexidade do corpo humano.

– Pai, por que tem este homem aqui um caroço? Por que coses primeiro, não podes limpar isso tudo?

– Miúdo, cala-te, que me deixas confuso.

– Para que serve o baço?

Fazia tantas perguntas e com um vocabulário tão pretensioso que exasperava o pai, o avô e a mãe:

– Querido, não sejas tão teimoso. Vai brincar para a praça.

A mãe preocupava-se que o filho preferisse o convívio com os adultos ao dos rapazes da sua idade. Tinham-lhe dito que o pequeno Francisco Xavier gostava de ganhar sempre ou de impor as suas regras. Por isso, acabava sempre mal com os companheiros, que além disso zombavam da sua maneira desajeitada de apertar os atacadores. Sempre que voltava da praça, vinha a chorar depois de uma birra. Fechava-se no quarto a ler livros de medicina e era capaz de ficar absorto nos seus pensamentos durante horas, agitando-se como um cavalo maltratado. Quando ouvia os pacientes a chegar, corria a juntar-se ao pai. Perante os numerosos casos que não tinham solução, quando o miúdo perguntava, o pai dizia-lhe:

– Se não se consegue curar, deve-se ajudar; se não, consolar; e se não, acompanhar.

Os Balmis, assim como os Mataix e os que viviam do seu engenho e trabalho, estavam embebidos da influência humanista do século do Iluminismo. O jovem Balmis começou a estudar latim e humanidades, matérias indispensáveis para um aspirante a cirurgião, aos quais de facto se chamava «cirurgiões latinos». Aos dezasseis anos, tinha feito latim e dois anos de filosofia, e conquistou um lugar de estagiário no Real Hospital Militar de Alicante. Continuava a sonhar com o ideal de se tornar famoso pelos serviços prestados à humanidade.

Sendo bom estudante, tinha um futuro promissor. O seu presente era confortável e prazenteiro desde que Josefa Mataix, a filha mais velha da família amiga do pai, lhe declarara o seu amor. Era sete anos mais velha do que ele, tinha um físico pouco agradável com um rosto comprido e ossudo e fracassara em diversas tentativas de encontrar marido, mas era conversadora e mais culta do que era normal.

– É que… vi-te sempre com as ideias tão claras, o ânimo tão decidido que… que… – Ele não se impressionava. Josefa prosseguiu: – Olha-me nos olhos, anda lá. Mesmo que seja só uma vez…

Tinha dificuldade em entender as emoções dos outros. Josefa lembrava-se de ter ouvido a mãe de Balmis dizer: «Este miúdo não sente nem sofre!» Mas era ingénuo e faltava-lhe malícia. Balmis teve de fazer um esforço sobre-humano para olhar Josefa nos olhos e esta deu-lhe um beijo na boca como um toureiro teria dado uma estocada. Quando se separaram, parecia que Balmis, em vez de desfrutar da emoção de semelhante surpresa, tinha terminado a exploração bucal rotineira de um paciente. *É esse o seu encanto*, disse Josefa para si, que o arrastou para um baile público onde, tesa

como uma vassoura, se deixou conduzir por ele, que tropeçava porque era deselegante e tinha mau ouvido para a música.

No entanto, fora do baile deslumbrava-a porque tinha uma curiosidade insaciável, sobretudo fazia tudo o que de perto ou de longe tinha a ver com a saúde. Se passeavam pelo campo, interessava-se só pelas plantas que podiam ter algum efeito curativo, as suas lojas preferidas eram as farmácias, e ficava tão absorto diante das filas de frascos e boiões que Josefa tinha de o tirar dali puxando-o pelo braço, porque já não aguentava mais o aborrecimento. Se a relação funcionou foi porque ambos pertenciam ao mesmo mundo, eram quase da mesma família. E, sobretudo, porque de noite Josefa esquecia-se das convenções e dava rédea solta ao seu irreprimível impulso sexual. Fosse na praia ou nalgum telheiro, iniciou Balmis nos prazeres do amor. Não havia posição ou prática que não conhecesse e desfrutasse com ardor, como se temesse ficar um dia sem esse elixir da vida. Ao sexo, como a tudo na vida, Balmis dedicava um olhar clínico. Conseguia gozar, e muito, mas sempre depois de ter tacteado, apalpado, escrutado com os dedos os recantos mais recônditos do corpo da sua companheira. Era como se necessitasse de se assegurar do terreno antes de se deixar conduzir. Também era uma maneira de aproveitar a experiência para acumular conhecimentos sobre o corpo humano. Balmis não dava ponto sem nó.

A verdade é que de manhã chegava exausto ao seu trabalho gratuito ao lado do cirurgião-chefe do hospital, para no fundo continuar a fazer o mesmo, a decifrar os segredos do corpo. Aí aprendia a arte de sangrar, pôr ventosas, aplicar sanguessugas e arrancar dentes e molares.

– A cirurgia e a barbearia não deviam estar misturadas… – disse um dia ao cirurgião-chefe.

– Porquê?

– Porque um cirurgião é mais do que um barbeiro. Os cirurgiões são considerados trabalhadores manuais.

– Tal como os sangradores.

– Mas eu quero trabalhar com a mente, como os doutores de medicina.

– Pois então terás de estudar muito.

– É isso que eu quero.

Por isso, para Balmis, o resultado do sorteio e a sua consequente chamada às fileiras ameaçavam interromper a sua carreira e destroçar-lhe a vida.

– Não estou contra o exército – dizia ao seu chefe, que o entendia muito bem –, como poderia estar contra se trabalho no Hospital Militar?

– O que não queres é seres carne para canhão, compreendo-te.

A família dele, como tantas outras, vivia esse recrutamento com grande ansiedade porque receava não voltar a ver o seu filho se fosse enviado para algum campo de batalha. Para evitarem que os seus membros fossem recrutados, as famílias recorriam a todo o tipo de artimanhas, incluindo os subornos e as falsificações. As autoridades colaboravam na fraude, sobretudo se o recrutamento afectava algum familiar. Subornar o encarregado de avaliar os futuros mancebos era tão frequente que se deu o caso de uma aldeia inteira com moços de menos de um metro e quarenta de altura; oficialmente, eram todos anões[1].

Com a cumplicidade do pai, Balmis conseguiu livrar-se dessa primeira chamada ao recrutamento alegando ser estagiário do Real Hospital Militar e «por ser filho único de pai incapacitado privado do indispensável sustento do seu trabalho». Mas nos anos seguintes seria de novo chamado.

[1] Citado em *Canelobre*: «Francisco Xavier Balmis, una crónica anterior a los avatares del agave», por José Tuells (n.º 57, 2010-2011). (*N. do A.*)

Capítulo 10

Sair da sua condição social e tornar-se médico entrava em choque com o interesse do exército pela sua pessoa, que em 1773 o considerou apto a ingressar nos Exércitos Reais. Novamente a sorte esteve do seu lado. Foi convocado para o Conselho de Alicante para ser visto por um médico e um cirurgião, que aconteceu ser o pai de Josefa. O boletim de revisão assinado por Tomás Mataix dizia: «Examinado pelos médicos, disseram que tem habitualmente reumatismo e visão insuficiente, o que o incapacita para poder trabalhar no seu ofício de sangrador, pelo que foi dado como livre.»

Foi excluído da lista, mas por pouco tempo. Uns meses mais tarde, chegou-lhe do comando militar de Valência um aviso: era incluído na lista por se considerar incerto o relatório anterior. A partir desse momento, Balmis podia ser considerado desertor e encarcerado. Um irmão de Josefa, amigo de infância, encontrava-se na mesma situação. O ambiente em Alicante estava ao rubro, e não havia dia em que os moços não provocassem distúrbios perante a injustiça que supunha «o tributo de sangue». Os motins e as revoltas estavam na ordem do dia. E a astúcia, porque cada um inventava maneiras de se livrar. Balmis evitava estar em casa com receio que o viessem prender e viveu um tempo com os tios na aldeia próxima de Muchamiel. Josefa visitava-o todos os dias – tinham rotinas de noivos eternos – e foi ela quem lhe ofereceu a oportunidade de se salvar quando lhe propôs:

– E se nos casássemos?

Balmis tinha vinte anos e ela vinte e oito. Para ela, Balmis era a sua última oportunidade. Todas as suas tentativas anteriores de contrair matrimónio tinham fracassado. Não podia deixar que esta acabasse da mesma maneira. Para ele, casar-se significava livrar-se do exército, continuar a estudar, perseguir a sua ambição e sonhos. Demorou pouco a convencer-se de que o físico ou a paixão não eram requisitos indispensáveis para constituir uma família. Os pais dele não interferiram no assunto: embora a diferença de idades fosse surpreendente, tinham noção de que ligar as duas famílias mais importantes de cirurgiões podia salvar a vida do filho, e afinal de contas Josefa era como se fosse mais uma filha. De modo que contraíram matrimónio a 30 de Março de 1773 na paróquia de Santa María de Alicante.

Um mês depois, Balmis enviou uma carta ao gabinete de recrutamento solicitando a retirada do aviso e a sua exclusão da lista. «O requerente declarou-se livre de entrar no sorteio por se encontrar casado. Embora o seu casamento tenha sido celebrado depois da Real Ordem de Recrutamento, não foi feito em fraude desta, nem por vontade do requerente, mas antes em consequência de instância judicial feita por Josefa Mataix…» Finalmente, a 8 de Julho foi declarado que Francisco Xavier Balmis gozava de isenção.

Dois anos depois, Josefa ficou grávida. Quando estava no quinto mês, Balmis disse-lhe que partia para a guerra:

– O quê? – protestou ela.

– Necessito de praticar para poder fazer o exame de cirurgião. Os meus professores propuseram-me alistar-me no hospital de campanha que faz parte de uma expedição naval sob as ordens do general O'Reilly.

– Toda a vida lutaste para te livrares de ir para a tropa e agora, neste preciso momento, vais-te alistar?

– Não é o mesmo ir como médico ou como soldado raso. É uma missão sem riscos, dizem que vai ser um passeio militar.

– Um passeio militar! E tu acreditas nisso…

Balmis tinha vinte e dois anos, sonhava com a glória, acreditava na invencibilidade do exército e sentia-se protegido porque estava na retaguarda.

– Dentro de um mês estarei de volta – disse-lhe.

Iam invadir Argel para acabar de uma vez por todas com a base das incursões dos piratas berberes contra as costas espanholas. Toda a sua vida recordaria a meticulosidade com que limpou os instrumentos de cirurgia no compartimento do barco que servia de hospital: o trocar, a árvore chave da trepanação, a serra com a sua lâmina respeitável, as incisivas tenazes, o escalpelo, as agulhas, as curetas, os saca-balas, os bisturis…Balmis era metódico e queria receber os feridos nas melhores condições. Tudo estava limpo e reluzente, até as madeiras do chão.

Mas começou a batalha e instalou-se o caos. O exército espanhol passara vários meses a preparar e a apetrechar navios, mas nada fizera para conhecer as forças do inimigo, mais numerosas e bem organizadas do que tinham imaginado. Em breve chegaram barcas carregadas de feridos. Balmis apercebeu-se de que ninguém tinha pensado em como subir para o navio os feridos mais graves, por isso tomou a iniciativa:

– Fazei-o com macas e cabos, envolvei os feridos e içai-os para bordo!

Era tal a avalanche que não havia macas nem cabos suficientes. O compartimento do pequeno hospital foi-se enchendo com as vítimas desse «passeio militar». O sangue corria em abundância entre as madeiras do chão, os feridos soltavam gritos atrozes, e os que morriam eram imediatamente atirados ao mar, sem mortalha nem bala de canhão. Não dizia o pai dele que a dor e a infecção, sobretudo a gangrena, eram os grandes inimigos dos médicos? Dele também tinha aprendido que levar a higiene ao extremo era fundamental, mas como conseguir fazer isso entre tanto sangue, pus, sujidade, excrementos e dor? Ao fim de várias horas, esse compartimento era um amontoado espantoso de vivos e de mortos. Apesar de se encontrar ultrapassado pelos acontecimentos, Balmis conseguiu manter um admirável sangue-frio.

– Como não podemos atender todos – disse aos seus ajudantes –, temos de descartar os feridos no ventre porque esses, de qualquer modo, vão morrer de infecção.

– Então o que fazemos?

– Amputai, cabrões, amputai!

Era o método mais seguro para salvar as vidas ameaçadas pelos estragos das hemorragias.

– Aplicai torniquetes, tapai as feridas, suturai as veias! Rápido, temos falta de tempo!

Balmis cauterizou cotos com ferros que tirava do fogão de sala que havia num canto do compartimento. Os gritos desses soldados ficaram gravados para sempre no mais fundo da sua mente. Quando começaram a chegar oficiais feridos, tornou-se patente a magnitude da derrota. O primeiro foi o comandante Bernardo de Gálvez, um militar muito conhecido, um malaguenho que alcançara a graduação de tenente aos dezasseis anos pela sua participação na guerra contra Portugal e que acabara como capitão do Exército Real pelo seu êxito na campanha contra os apaches na Nova Espanha. Por ter sobrevivido a numerosas e graves feridas era considerado um herói do exército. E agora Balmis tinha-o diante de si, contorcendo-se de dor com uma nova ferida na perna, uma ferida aberta por onde se esvaía em sangue.

– Don Bernardo, não temais, estou aqui para vos salvar.

Não podia tratá-lo sem antes lhe mitigar o sofrimento. As formas de o fazer eram escassas: a mandrágora nem sempre funcionava, o ópio era difícil de dosear, fumar haxixe e beber uns bons goles de aguardente ajudava, mas essas opções não estavam disponíveis nesse momento. Balmis recorreu ao mais eficaz, embora também fosse o mais arriscado: agarrou na parte partida do remo de uma balsa e assestou uma pancada na cabeça de Gálvez que lhe fez perder os sentidos.

– Rápido, temos de cauterizar antes que a dor o acorde!

Queimaram-lhe o coto com um ferro incandescente. Quando Gálvez recuperou os sentidos, dirigiu-se a Balmis com um fio de voz.

– Estou-vos eternamente agradecido, jovem.

– Estais a referir-vos à pancada na cabeça?

Gálvez quis rir-se, mas a sua cara transformou-se numa careta de dor. O que nunca teria podido imaginar era que Balmis lhe tinha feito a pergunta a sério, porque não entendia a ironia. Nem concebia que lhe agradecessem o seu trabalho. Balmis não podia suspeitar que essa pancada na cabeça de Gálvez tinha sido um golpe do destino.

Quando o general ordenou a retirada e se tornou conhecido o número de baixas, Balmis deixou de acreditar na glória militar: quinhentos mortos e dois mil e quinhentos feridos supunham demasiado sangue derramado em vão. Ali não havia fama nem honra, mas sim vergonha. A impotência perante as feridas causadas pelas armas de fogo, a frustração de não poder aliviar o sofrimento e a incapacidade de salvar mais vidas provocaram-lhe um sentimento de profundo mal-estar. *Como são estreitos os limites da cirurgia militar*, pensou, abanando a cabeça como sempre fazia quando a angústia tomava conta dele.

Após a derrota, a frota regressou a Alicante, que se transformou num enorme hospital de campanha. Ninguém entendia como uma expedição tão poderosa, que tanto tempo custara a preparar, teria sido derrotada numa questão de horas. As pessoas olhavam para os feridos com desprezo, e não se poupavam a comentários jocosos:

– Foram em busca da glória e encheram-nos de merda!

Quando Balmis reintegrou o seu lugar no Hospital Militar, os superiores cobriram-no de elogios.

– Destacastes-vos pela vossa capacidade de decisão, pelos vossos bons reflexos e pela vossa atitude incansável durante a batalha – disseram-lhe.

Também seria recordado como aquele que salvara Gálvez, que por sua vez acabara de ascender ao posto de tenente-coronel.

O nascimento do filho, que foi baptizado na Igreja de San Nicolás com o nome de Miguel Joseph, contribuiu para dissipar o sentimento de humilhação causado pela derrota. Com as referências dadas pelos médicos, Balmis, que iniciara os trâmites para obter o título oficial de cirurgião, foi a Valência para fazer exame perante o Real Tribunal do Protomedicato, a instituição responsável pela saúde.

Ao regressar a Alicante, começou a questionar a sua vida: queria realmente permanecer nessa cidade?

– Mãe, aprovaram-me, já sou cirurgião militar.

A mãe estreitou-o nos braços.

– Já ultrapassaste o teu pai, filho – disse-lhe com ternura, passando-lhe os dedos pelo cabelo despenteado. – Agora é a tua vez de o substituir, tal como ele substituiu o teu avô, não é verdade?

Balmis afastou-a de si com suavidade:

– Mãe, o mundo é muito grande.

– Já não queres trabalhar como sangrador-cirurgião?

– Não sei o que fazer, mãe. Podia ficar em Alicante e exercer aqui, para mim seria o mais fácil, mas quero seguir em frente com a minha carreira de cirurgião militar, ascender a cirurgião-mor, depois talvez a cirurgião do rei. Quero ser médico, viver da minha cabeça, não das minhas mãos.

– É uma carreira muito difícil, filho. Aqui tens uma vida segura, uma esposa, um filho.

– Sim, mãe, mas gosto de experimentar novos remédios, descobrir métodos de cura, estudar as doenças, fazer experiências.

– Nisso não mudaste desde criança, mas como vais fazer para pagares os estudos de medicina? O teu pai não tos pode pagar, já sabes.

– Eu sei…

O jovem sentia-se desconfortável, dilacerado entre a possibilidade de ficar em Alicante e a de ingressar no regimento que lhe correspondia para continuar os estudos que o pai não lhe podia pagar. Tinha vinte e três anos, uma sólida vocação para a medicina, uma forte ambição pessoal. E o objectivo de subir na escala social, de nunca mais ser um plebeu. Poucos dias depois voltou a casa da mãe:

– Ainda não disse à Josefa, mãe, mas os médicos do Hospital Militar facilitaram tudo para que entre no corpo de Saúde Militar. Dizem que tenho méritos de sobra. Estou à espera de saber para onde vou.

Tocou-lhe o Regimento de Zamora, que se dispunha a efectuar o bloqueio terrestre de Gibraltar.

– Não chores mais, Josefa. Prometo-te que regressarei em breve de Algeciras.

– Jura-me que nunca nos abandonarás.

– Juro-te pela minha mãe.

Mas Josefa não acreditou nele. Conhecia Balmis, o seu desapego pelas pessoas e a sua paixão pela medicina. Além disso, lembrava-se bem desse sentimento de abandono que lhe tinha ficado gravado no coração quando outros a tinham deixado. Chorava todas as lágrimas do seu corpo porque no fundo sabia que Balmis era mais um homem que lhe escapava das mãos.

Capítulo 11

Nas tardes de passeio pela Corunha, sob os alpendres do bairro de Pescadería, Benito Vélez tentava convencer Isabel:

– Vamos lá ver, onde o teu senhor fez a sua fortuna?

Ela encolhia os ombros. Então Benito respondia a si mesmo:

– Na América, aqui não foi. A América é para aqueles de nós que estamos dispostos a correr riscos…

– És um descarado! Comparas-te com o meu amo?

O granadino não tinha pudor algum em colocar-se à mesma altura das grandes personagens da cidade.

– Só digo que tudo é possível nesta vida.

Para ele, não havia nenhum obstáculo que não pudesse vencer nem objectivo que não pudesse cumprir. Era esse entusiasmo e essa segurança que infundia em Isabel, tão necessitada de um afecto sólido. Daí a propor-lhe casamento era só um passo, que o soldado deu no seu habitual tom de gracejo:

– Tu e eu casamo-nos e embarcamos…

– Ora… Amor de soldado não é de fiar… – respondia-lhe ela, rindo-se.

– Em poucos anos voltamos e compramos uma casa na cidade alta… Ou vais ser criada toda a vida?

Fez-se silêncio e após uns instantes acrescentou:

– Não dizem que servir é o pão do demónio?

Essa era uma frase que se costumava repetir muitas vezes e Isabel já a ouvira. Ficou pensativa. Não, não queria isso. Trabalhar como criada era um passo obrigatório para abandonar a miséria do campo, mas não um fim em si. O objectivo de todas as raparigas era casar-se, que era quando a maioria deixava o serviço doméstico. Casar-se, ter filhos, uma vida própria e não emprestada. Esse homem tinha a capacidade de lhe dar um sentido para a vida.

Por isso, Benito tornou-se a sua obsessão. Para uma rapariga da aldeia perdida na cidade, sem família nem amigos, era um salva-vidas, uma luz cujo resplendor, ainda mais potente do que a do farol de Hércules, iluminava o seu caminho. Pensava nele a todo o momento, vislumbrava-o no meio da multidão do mercado mesmo quando não estava ali, acordava de noite com a convicção de que estava à espera dela lá em baixo na rua. Para diminuir a eternidade entre domingo e domingo, o soldado fazia-lhe uma surpresa um dia de semana atrás de uma esquina quando ela ia buscar os meninos, ou à água da fonte, como da primeira vez. Eram encontros fugazes, tão irreais que Isabel duvidava que não fossem produto da sua imaginação. Às vezes, Benito mostrava-lhe um sobrescrito

que pousara em cima de um murinho e que continha um caracol do seu cabelo, ou uma flor, ou, como aconteceu um dia, um pedido formal de casamento. Emocionada e nervosa, voltou para casa sem saber o que pensar, pôs-se a contar os talheres, a trocar a água dos jarrões, a pôr a mesa e a limpar os vidros das janelas.

Respondeu-lhe poucos dias depois, enquanto estavam sentados no quebra-mar, contemplando os movimentos dos barcos na baía. Pensou que não havia um homem mais necessitado de companhia do que ele para levar a cabo os seus grandes projectos, deu como facto consumado que precisava dele como de ar para respirar, e disse-lhe que sim. Se tinha de passar o resto da vida a servir, preferia fazer isso para um marido que lhe desse filhos e uma vida digna em vez de o fazer para uma família alheia, por muito afecto que tivesse por ela. Assim se tornaram num de tantos casais de noivos que aos domingos à tarde percorriam a alameda ou o parque, falando do amanhã e escolhendo o nome dos futuros rebentos, alheios a algum arruaceiro que ao passar por eles sussurrava: «Fica muito mal numa criada andar a passear com soldados.» Precisavam de um plano concreto de casamento, porque não tinham dinheiro nem para o esboçar. Não lhes restava alternativa que não fosse conformarem-se com a ilusão de um futuro juntos, em algum lugar do vasto império espanhol onde a vida teria um sabor mais doce do que na chuvosa e pobre Galiza. Nessa altura, Isabel não prestava atenção à sua sorte. Tinha-se tornado algo tão normal como comer todos os dias e não ter frio.

Grande parte das conversas tinha a ver com os delírios de grandeza de Benito Vélez, que para festejar o dia do santo do seu nome insistiu em convidá-la para um espectáculo de ópera no Teatro de Setaro.

– Mas é muito caro – disse ela.

– Já tenho os bilhetes! – respondeu Benito agitando dois pedaços de papel como se fossem um troféu.

Isabel esteve toda a semana entusiasmada com a ópera, que lhe soava a algo luxuoso e exótico. Pediu à costureira que lhe arranjasse o vestido de domingo, pôs umas anáguas para a ocasião, sobre os ombros uma bonita mantilha emprestada, e pó-de-arroz nas bochechas para afugentar a palidez. Se não fosse pela ausência de jóias, teria parecido uma filha de boas famílias em vez de uma criada. De braço dado com o seu militar fardado, formavam um casal magnífico. Mas foi grande a decepção que Isabel teve ao descobrir que o teatro era um edifício decrépito, sem adornos, com a pintura descascada e com infiltrações. Para sua maior surpresa, o bilhete que o noivo lhe tinha oferecido não dava direito a lugar sentado, algo que a ele não parecia incomodar. Coube-lhes ficar de pé, ao fundo, junto da plebe barulhenta, enquanto os senhores desfrutavam do espectáculo instalados nas poltronas da plateia e as famílias distintas nos camarotes. O espectáculo começou com um homem a trepar até ao tecto, agarrando-se a uma corda e saltando para o vazio. Isabel viu então como se erguia o pano de boca, que por sua vez amortizava a queda do homem. Assim começou um espectáculo sem brilho e tão longo que Isabel acabou por ficar com dores nos pés.

De repente, já perto do fim do espectáculo, os músicos pararam de tocar. Os cantores calaram-se enquanto um murmúrio rouco se elevava do público. Entrou em cena o director do teatro rodeado por oficiais do exército e autoridades civis, e a seguir os cantores apinharam-se em torno dos intrusos. Isabel pressentiu que algo grave se devia estar a passar. O público mostrava-se nervoso. Após uma troca de palavras, a soprano dirigiu-se ao auditório anunciando:

– Hoje, 7 de Março de 1793, a França declarou guerra à Espanha!

Isabel e Benito trocaram olhares de pânico. No meio de uma ensurdecedora mistura de assobios, pateada e vaias salpicadas por vivas à Espanha e gritos de júbilo, a cantora anunciou que os revolucionários franceses, irritados com os esforços que o rei de Espanha, Carlos IV, realizara para salvar o primo, Luís XVI, da guilhotina, tinham declarado guerra à Espanha para derrubar outro Bourbon e fazer chegar a Revolução ao povo espanhol. Na sua ofensiva, tinham tomado o vale de Arán.

Parecia que as paredes do edifício tremiam. A cantora que há poucos momentos se derretia de amor enquanto cantava, transformou-se numa furibunda panfletária: os franceses queriam acabar com a religião, defender Espanha era defender Deus, havia que reunir esforços para repelir a agressão revolucionária, os militares estavam a aquartelar-se em todo o país, a nação necessitava de voluntários e de donativos patrióticos. Isabel e Benito não ouviram o resto da diatribe. Essa notícia ameaçava despedaçar o futuro deles e saíram do teatro apressados. Isabel mal podia andar:

– O que tens?

Doíam-lhe os pés, mas, como o amor é complacente, optou por não dizer nada e no seu foro íntimo perdoou-lhe o sofrido serão de ópera. A ideia de que pudessem enviá-lo para a guerra e de perdê-lo angustiava-a. Debaixo dos pórticos, abraçou-o e beijou-o como nunca tinha feito, pressentindo que essa bolha de felicidade estava prestes a rebentar. Nessa noite chegou tarde a casa. Sem fazer barulho, entrou no quarto dos meninos, tapou-os e deu-lhes um beijo. Depois vestiu a camisa de noite e enfiou-se na cama, com vontade de chorar.

Capítulo 12

Essa declaração de guerra dos franceses serviu para galvanizar os espanhóis. Inscreveram-se tantos voluntários que não havia meios para os armar. Tal como os actores a partir dos seus teatros, os padres e frades pregaram dos púlpitos a favor de se apoiar essa *guerra de religião*, como lhe chamavam.

– Nós, espanhóis, não desejamos a Revolução! – proclamavam.

Os espanhóis pouco sabiam acerca da Revolução: a importação de jornais e até a entrada de livros em cujas capas figurasse a palavra *liberdade* estavam proibidas.

Benito Vélez escapou de ir para a guerra porque o seu destacamento ficou na retaguarda, à espera de ser chamado como reforço, enquanto mil e quinhentos homens do seu regimento foram enviados para a Catalunha sob o comando do general Ricardos, com a missão de ocuparem a região francesa do Rossilhão.

Isabel respirou de alívio. Tinham escapado ao primeiro golpe. Retomaram a sua vida quotidiana, mas sem a alegria anterior. Viver com a espada de Dâmocles de que um dia desses o exército poderia enviar Benito para a frente fez com que se sentissem mais unidos, se isso fosse possível. Os passeios, as trocas de mensagens, os beijos furtivos debaixo dos alpendres, os abraços nas ruas escuras… tudo isso adquiria um cariz dramático agora que tinham tomado consciência da fragilidade da sua sorte. O ânimo de Isabel variava segundo a informação que lhes chegava. Receavam que o conflito se enquistasse, porque então as probabilidades de se enviarem reforços seriam maiores. Mas durante ano e meio – dezoito meses de relacionamento constante e sem zangas, de um amor tranquilo e já bem assente – só chegaram boas notícias da frente. Benito acreditava que o jogo estava ganho:

– Ricardos contra-atacou e derrotou o exército francês! Ocupámos o Rossilhão! – disse um dia em que apareceu a Isabel com um jornal na mão.

– Isso é a Ignacia, que nos ouviu! Vou à Igreja de San Nicolás acender-lhe uma vela…

Mas foi uma alegria de curtíssima duração. Pouco tempo depois, um recrutamento maciço em França mudou o curso dos acontecimentos. Os *sans-culottes* recuperaram o território perdido e entraram na Catalunha.

– Os espanhóis estão em debandada – disse Benito, que falava na primeira pessoa quando os espanhóis venciam mas na terceira pessoa quando eram derrotados. – Atravessaram Navarra e estão em Miranda de Ebro. É uma catástrofe, Isabel!

Sentia-se o medo na voz dele. Isabel voltou à igreja, para pôr velas à mãe e a grande parte dos santos. Que outra coisa podia fazer se não estava nas suas mãos alterar o curso dos acontecimentos? Nessa noite chegou a notícia da morte do general Ricardos, de pneumonia, enquanto se encontrava

em Madrid para pedir reforços. «Mobilizaram-nos, Isabel. Em menos de vinte e quatro horas temos de sair da Corunha», escreveu-lhe Benito numa mensagem que colocou em cima do parapeito da janela da cozinha.

O momento tão temido chegara. Isabel tinha sempre confiado na sorte, ou, se não fosse nela, na divina providência e nas suas súplicas a Ignacia. Mas agora as forças sobrenaturais tinham-na abandonado. Nessa tarde pediu autorização para sair e encontrar-se com Benito. Ele estava sereno. *Ou disfarçava a sua preocupação, ou não estava consciente do que se avizinhava*, pensou.

– Pela Primavera estarei de volta… – disse Benito, convicto, porque era um optimista inveterado e era isso o que lhe tinham apregoado os superiores.

Isabel queria acreditar nele. Lutava para conter a sua emoção porque a dor da separação avivava ainda mais o amor que sentia. Foram andando até longe, até às imediações da Torre de Hércules, de onde se avistavam os telhados da cidade salpicada de luzes.

– Vais mandar-me notícias, não vais?

Parecia um pequeno animal encurralado. Benito entrelaçou as mãos com as dela.

– Se puder, todos os dias.

– Juras?

– Pela minha mãe e por todos os santos – disse, cruzando os dedos e levando-os aos lábios.

Isabel sorriu-lhe, abraçou-o e fechou os olhos quando ele começou a sussurrar-lhe frases ao ouvido. Daí a pouco levou-a até darem a volta à torre.

Era quase de noite quando chegaram diante dos restos de um naufrágio, um dos muitos barcos que tinham encalhado ao entrarem na baía e se tinha despedaçado conta os recifes. A intervalos regulares, os relampejos do farol iluminavam a silhueta do casco, as balizas arrancadas, o castelo da proa rebentado, os mastros partidos e os cabos desfeitos. Mas era um refúgio, um lugar mais seguro do que as rochas onde se desfazia a espuma do mar. Aninharam-se um contra o outro, enquanto num sussurro Benito lhe pedia paciência e lhe falava do momento do regresso, da viagem prodigiosa que os faria atravessar o mar, de como viveriam na América, onde não teriam patrão, amo ou capitão, do sonho de um futuro juntos que, se bem que adiado, continuava intacto porque era sagrado. Enquanto murmurava nas sombras, desapertou-lhe a camisa e depois o corpete.

– Não – disse ela –, pára…

Mas não insistiu mais por receio de deitar a perder o encanto, enquanto Benito continuava a apoderar-se do seu corpo. Com a ponta dos dedos acariciou-lhe os braços, o pescoço, a orelha, procurou o caminho até ao ventre, e ela, com a sensibilidade à flor da pele e a alma dorida, esqueceu os conselhos das amigas da aldeia, voltou a dizer um não que se perdeu no meio do estrondo das vagas, e aventurou-se a acariciar-lhe os braços e a mergulhar o rosto no tronco peludo. Agradecendo a escuridão que escondia o rubor que a invadia, entregou-se, morta de desesperança e de amor.

A ressaca surgiu assim que voltou a casa. Olhou-se ao espelho: faltavam vários botões no corpete, perdera o lenço e tinha o cabelo solto, e entre outros vestígios do amor descobriu marcas na pele à altura do pescoço e nos seios, e um ou outro arranhão. Ao encontrar-se sozinha, apercebia-se da enormidade do que acabara de acontecer e censurou-se por ter baixado a guarda: de que tinham

servido tantos meses de resistência firme se num momento de fragilidade fraquejara tanto? Então lembrou-se do remédio que usavam as mulheres da aldeia. Procurou uma esponja, foi em pontas dos pés à cozinha, ensopou-a em vinagre e meteu-a dentro de si para não ficar grávida. O resto era rezar à Virgem e a San Nicolás, na igreja que tinha mais perto de si e da qual era visitante assídua.

Capítulo 13

As semanas passavam e não chegava carta de Benito. Ao início, pensou que ele não teria tempo para escrever, ou que o correio se deparava com dificuldades para se deslocar. Depois inquietou-se: e se Benito estava ferido e não podia escrever? Inconscientemente, rejeitava outra pergunta que a assediava à medida que passavam os dias sem ter notícias: «E se tombou em combate?»

– Não, isso não. Já terias sabido – dizia-lhe a cozinheira, que era a sua única confidente.

Dizia-lhe isso para a consolar, porque não explicava como poderia ter sabido disso. Isabel, confusa, preferiu acreditar nela para afugentar a dor. Até que não aguentou mais e uma tarde foi ao quartel e perguntou pelo cabo Vélez. Confirmaram-lhe que não estava ferido nem morto, porque as tropas não tinham entrado em combate por problemas de abastecimentos. Os franceses continuavam a ocupar as províncias bascas e o Norte da Catalunha. *Então por que não me escreve?*, perguntava-se, desesperada. *Jurou-me que o fazia!*

A cozinheira ficava desolada por vê-la sofrer tanto e sobretudo ao vê-la cada dia com pior aspecto. Agora umas grandes olheiras sobressaíam sobre a palidez de mármore da pele. Sentia-se cansada e estonteada quando tinha de estender a roupa ou acender a lareira. Ao servir à mesa, o cheiro da comida causava-lhe náuseas. Quando a cozinheira reparou nas pernas de Isabel e viu que tinha veias que pareciam lombrigas, exclamou:

– Filha, tu estás grávida!

Isabel ficou gelada. Notara que desde há algum tempo tinha os peitos inchados, mas não lhe prestou grande atenção.

– Quantas vezes te faltou o período?

– Uma… bom, quase duas…

Não queria dar atenção às transformações do seu corpo porque inconscientemente rejeitava o que pressentia que seria a conclusão. Suspeitava sem querer admitir. Por isso, quando a cozinheira lhe disse isso de maneira tão franca, doeu-lhe como se lhe tivessem espetado a faca de cortar o pão. Mas aquela mulherona tinha razão. Estava grávida e era uma catástrofe porque esperava um filho de um homem desaparecido. De um homem a quem antecipara favores em troca da palavra dada. Apostara forte e perdera. Vivia num mundo em que a honra das mulheres derivava da sua castidade, e a dos homens de manterem a castidade das mulheres que se encontravam a seu cargo. Perder a honra conduzia à vergonha e ao ostracismo.

Sentou-se para lutar contra o enjoo. O seu futuro, os planos, os sonhos, o desejo de melhorar, tudo isso fracassara. E provavelmente o seu trabalho também.

– Por favor, suplico-te, não digas nada a Don Jerónimo.

– Não lhe direi nada –respondeu-lhe a cozinheira –, terás de ser tu a dizer-lhe.

– Agora não, não posso.

– Mas mais adiante terás de o fazer.

Mesmo nesse momento ainda tinha esperança de que Benito Vélez reaparecesse.

Quando acabou a guerra, os soldados, desmoralizados, regressaram aos quartéis. Mas nem rasto de Benito. Isabel recusava-se a admitir que o seu amor não fora mais do que uma ilusão, que caíra na armadilha mais antiga, mais banal, mais grosseira, que um homem podia preparar para uma mulher, a de prometer casamento em troca da sua entrega. E a vida na América, os filhos que iam ter….? Não dissera que tudo isso era sagrado?

– *Não te enamores, minha menina, minha menina, não te enamores, das palavrinhas dos homens* – cantarolava a cozinheira.

A ideia de ter sido enganada tornava-se odiosa e o inconsciente revelava-lhe isso mesmo de noite, quando a assaltava um pesadelo recorrente: estava encurralada na casa em chamas e Benito vinha salvá-la no seu uniforme rutilante. Acordava a suar e num mar de lágrimas pelo contraste com a realidade. Quando podia escapar da casa, percorria os lugares onde tinham passeado, como se assim se pudesse dar o milagre de que Benito ressurgisse do nada. Perguntava por ele aos soldados do regimento, chamava por ele aos gritos no parque, alheia aos olhares espantados dos que por ali passeavam. Escreveu-lhe diversas cartas, mas nenhuma obteve resposta. Se estava vivo, deixara de existir. Pouco a pouco, foi-se apercebendo de que se encontrava sozinha no mundo, com um filho nas entranhas que em breve lhe mudaria a vida. Ao fim do dia, afundava a cara na almofada. Imaginava-se a voltar à aldeia, à sujidade e ao frio, sozinha e com o filho no colo, e desatava a soluçar. O afecto que lhe tinham os Hijosa não lhe servia de consolo porque não se sentia digna de o merecer. Transformara-se numa mulher perdida.

No terceiro mês de gravidez, ainda não dissera nada aos patrões, apesar da insistência da amiga cozinheira para que o confessasse. Estava tão convencida de que a iam despedir que não se atrevia a fazer tal coisa. No fundo, continuava a acreditar que o seu homem voltaria. Ia duas vezes por semana às instalações do regimento na Corunha, e ao fim de um mês disseram-lhe que por fim tinham encontrado o rasto dele e estava vivo. O ressalto de esperança durou pouco, apenas o que demorou o oficial a acrescentar que a pista de Benito se perdia em Sevilha. Então Isabel pensou que ele partira sozinho para a América e que não a avisara porque não podia levá-la consigo… Era difícil convencer-se de que fora abandonada, esquecida, enganada, apagada da cabeça do homem que amava. Não admitia tal coisa. Acabava sempre por desculpá-lo, alimentando a ideia de que um dia voltaria por ela e pelo filho, com dinheiro no bolso. Precisava desse sonho para enfrentar a sua situação. Porque as suas opções eram péssimas. Abortar, nem considerou essa hipótese. Abandonar o filho numa roda de convento, também não. A falta de uma referência masculina fazia dela uma prostituta em potência. Não diziam as ordenações municipais que «nenhuma moça solteira se ponha a viver sozinha, a vender fruta, castanhas, e as que desobedeçam serão postas no hospício»? Só tinha uma opção para evitar o opróbrio: declarar-se «espontânea», procedimento pelo qual devia apresentar-se perante o corregedor e declarar a sua gravidez por promessa de casamento

incumprida, e solicitar protecção da justiça para que não fosse molestada nem perseguida. Em troca, devia comprometer-se a cuidar do filho ou a dá-lo para adopção e levar uma vida recatada. Era isso, ou voltar à aldeia, cabisbaixa e marcada para sempre. Sabia que só seria aceite pelos seus se não voltasse a reincidir no pecado, e na condição de levar uma vida honrada e laboriosa, dedicada de corpo e alma a cuidar da criança.

Estava preparada mentalmente para contar isso aos Hijosa quando, de repente, algo muito mais grave e premente fez com que todo o seu problema passasse para segundo plano. A doce e bela Doña María Josefa adoeceu, com sintomas de gripe.

Capítulo 14

Em Alicante, Josefa Mataix recebia cartas com certa regularidade enviadas do hospital de Algeciras, onde as tropas espanholas iniciaram o bloqueio a Gibraltar por mar e por terra. «Tive de limpar o meu quarto de percevejos, e sabes como fiz isso? Colocando pedaços de arenque embrulhados em papel debaixo do colchão da minha cama. Tudo cheirava mal, mas lá se foram os percevejos.» Noutra carta contava-lhe como tinha operado um ferido vítima do canhoneio constante dos ingleses, no lugar onde tombara. «Essa acção valeu-me a ascensão a segundo-ajudante de cirurgia», concluía orgulhoso. Mas raras vezes perguntava pelo filho, ou por ela, cujo sustento era assegurado pelo pai de Balmis, que entendia que a carreira que o filho seguira era a maneira de chegar ao lugar mais alto, embora também ele tivesse preferido que ficasse em Alicante.

Depois as suas cartas foram-se espaçando: contava que estava envolvido numa acção bélica mas sem guerra, quase não havia feridos nem acontecia nada, mas esperava obter honras militares quando se desse a batalha final do cerco. Entretanto, estudava francês, língua de que já tinha noções porque era indispensável para estar a par das inovações médicas. Queria ampliar os seus conhecimentos para não chumbar no exame de cirurgião-chefe. O que Balmis não dizia nas suas cartas era que, para se recompor e matar o tédio, além de estudar frequentava tabernas e prostíbulos. Nesses bordéis, tal como no hospital de Algeciras, apercebeu-se dos estragos causados pelas doenças venéreas, e interessou-se pelo *mal gálico,* a sífilis, que causava mais baixas entre as tropas do que as que eram provocadas pelos britânicos. As maneiras de a tratar constituíam um inesgotável tema de conversa entre os médicos militares do hospital, que o aconselharam a frequentar o bordel destinado aos oficiais, mais limpo e higiénico porque ali havia controlo médico. Um dos clientes assíduos era um alferes chamado José de Iturrigaray, filho de um senhor andaluz, nascido em Cádis ainda que de ascendência navarra, que acabara de fazer a campanha de Portugal. Alto, com nariz aquilino, uma queixada imponente e lábios finos, era um homem simpático que estava feliz por se encontrar na sua terra, e tão vaidoso que via o seu reflexo em qualquer superfície reflectora, o vidro de uma janela ou as lentes de uns óculos. Procurava sempre ser o centro das atenções e, embora não fosse o tipo de pessoa que inspirasse confiança a Balmis, fazia-o rir quando se punha a contar piadas:

– Já te disse quatro milhões e trezentas e cinquenta e cinco mil vezes que não sejas exagerado!

Balmis ria-se sempre, por convicção ou por cortesia, porque as piadas irónicas, não as entendia. O que nunca teria podido imaginar era que acabaria por se cruzar com José de Iturrigaray, o andaluz fino, no momento mais delicado da sua vida.

O contacto com esses médicos militares, profissionais que tinham estudado no estrangeiro com bolsas dadas pelo rei e que aspiravam a introduzir a modernização científica em Espanha, era um

caldo de cultura enriquecedor. Balmis aperfeiçoou a sua experiência e ampliou os conhecimentos em áreas alheias à cirurgia. Por exemplo, o doutor Timoteo O'Scanlan, um dos maiores divulgadores da variolização, introduziu-o na prática da inoculação para lutar contra a varíola. Outro médico iniciou-o em diversos tratamentos para combater a sífilis. O tempo passado em Algeciras alargou os seus horizontes. «Cada vez sinto mais que a minha pátria é a ciência», escreveu ao pai.

Após dois anos de cerco que castigaram duramente a população do Rochedo e quando este estava prestes a render-se, a esquadra do almirante inglês Rodney derrotou a frota espanhola que protegia a baía de Cádis. Apesar das enormes baterias flutuantes que desencadeavam com estrondo o ataque da artilharia contra Gibraltar, os ingleses conseguiram abrir passagem e fizeram uma entrada triunfal no Rochedo. As pessoas esfomeadas lançaram-se sobre os abastecimentos e víveres que Rodney trouxera de Inglaterra, assim como sobre os dos navios apresados.

Entre os espanhóis aumentou o desânimo e a raiva. Balmis ficou sem combate final e, portanto, sem honras militares. Era a segunda derrota militar que lhe cabia viver.

Mas a sua verdadeira batalha era a carreira, e nesse terreno triunfava. A sua atitude durante o cerco valeu-lhe ser felicitado de novo pelo esmero, aplicação e cuidado postos no cumprimento dos deveres e ascendeu a cirurgião do exército. Voltou a Alicante com licença ilimitada, à espera de um novo destino. O filho acabara de fazer dois anos.

– Desta vez iremos contigo, o menino e eu – disse-lhe Josefa.

Depois de tanta vida militar, era reconfortante viver uma existência estável na grande casa familiar dos Balmis, que também acolhia a mulher e o filho dele. Mas nesse mundo tão pequeno faltava-lhe o ar. Já sabia tudo sobre os limites da profissão do pai e do avô. Que mais poderia aprender ali? Sentia a falta do contacto com grandes médicos que espicaçavam a sua curiosidade e a ânsia de aprender. Aos vinte e oito anos, mais do que casado com Josefa estava casado com a medicina castrense.

Um dia chegou uma carta com o brasão de armas do seu regimento. O coronel solicitava a sua incorporação como primeiro-ajudante do cirurgião-mor numa expedição que ia combater uns bandos de rebeldes que actuavam contra o rei em Nova Granada e depois faria uma paragem no México. Na carta pediam-lhe que realizasse os trâmites necessários e que se apresentasse em Cádis o mais depressa possível. À frente do Regimento de Zamora estava agora o general Bernardo de Gálvez, o oficial a quem cauterizara a perna na batalha de Argel. Continuara a sua carreira fulgurante na América, onde fundou a cidade de Galvestown e foi nomeado governador da Luisiana.

Josefa, que se iludira acreditando que iriam nomear o marido como cirurgião de um hospital da região, estava desmoralizada.

– Vamos contigo para a América – disse a Balmis.

– Não é conveniente – respondeu-lhe com uma cautela distante. – A América fica longe, a viagem é perigosa, há doenças raras e incuráveis… E o miúdo é muito pequeno.

Estava cheio de argumentos irrefutáveis, pelo que Josefa teve de se resignar de novo a outra separação, que se anunciava mais longa, mais difícil e mais dura do que a anterior. O que mais lhe

doía era que Balmis não escondia o seu desejo de partir nem o entusiasmo que sentia perante este novo desafio. Que Gálvez, o militar mais famoso de Espanha, tivesse solicitado a sua incorporação era uma honra que o enchia de orgulho. Nada como ter um padrinho para prosperar na vida. Até agora, as duas aventuras militares em que participara, apesar de terem terminado em verdadeiras catástrofes, tinham-se saldado pela sua promoção profissional. Tinha razões de sobra para pensar que esta nova empresa o faria deparar-se com novos êxitos, novas oportunidades de brilhar no seu trabalho. O pai dele entendeu tudo isso e, como sempre, apoiou-o. Josefa ficava a seu cargo, na casa da família, impotente e triste, dando-se conta de que o abismo que a separava do marido era cada vez mais intransponível.

O Novo Mundo fascinou e aterrorizou o jovem Balmis. A suavidade das costas, os rios navegáveis, as formidáveis gargantas das montanhas, as selvas exuberantes: aquilo era outra escala.

> Querida Josefa:
>
> Duvido muito que o menino e tu tivessem sobrevivido a esta viagem, por isso não te enfureças pensando que me podias ter acompanhado. Aqui tudo é maior e mais intenso. Não chove, é um dilúvio. O Sol não aquece, queima. A vegetação é de uma densidade inimaginável. É uma natureza desregrada. A humidade e o calor são extremos. Assim que desembarcaram no porto de El Guajiro, as nossas tropas dedicaram-se a combater indígenas sublevados pelos crioulos, que são descendentes de espanhóis nascidos aqui. Como a nossa superioridade é evidente, agora o comando dedica-se a negociar a paz. Indultaram diversos cabecilhas e estão a prometer dar aos crioulos lugares na administração. Entretanto, eu dedico-me a observar os habitantes das aldeias. É desolador: homens, mulheres e crianças devorados pelas picaduras da varíola jazem por todo o lado, rodeados por imundícies e sujidade. A maioria dos índios, que andam nus e com o corpo pintalgado, está abatida e desnutrida. Há muitos cegos, com a cara coberta por furúnculos. Nunca pensei que pudesse existir semelhante grau de miséria humana. O padre Espinosa, um missionário local, disse-me que, segundo os seus cálculos, um em cada três índios morre de varíola… Mas eles não acreditam que seja uma doença, mas sim que são vítimas da cólera dos seus deuses.[2]

Balmis deslocava-se por caminhos estreitos e tortuosos, interrompidos por rios de grande caudal. Exausto, sentava-se numa cadeira estreita com uma grande tábua que lhe servia de espaldar, a mesma que ia às costas do estribeiro, o índio carregador. Viajava com os olhos postos no caminho que deixava para trás, sem conseguir evitar as pancadas e os arranhões dos ramos. Mais do que um pestanejar, o seu tique tinha-se transformado numa contracção da cara à altura dos olhos, como se o rosto se encolhesse de repente e o pescoço se esticasse. Era o terror das crianças indígenas, mas também o divertimento dos mais velhos, que apesar das abjectas condições da sua existência não perdiam a candura.

– Um selvagem como estes, acabado de sair da selva e atacado pela varíola, é um homem morto – dizia-lhe o padre Espinosa. – Porquê? Porque só utilizará fórmulas mágicas e duches frios. Não entendem que as epidemias são um castigo divino resultante das suas vidas depravadas.

– Não deveis meter Deus nisto, padre. Não tem nada a ver.

– Então como explicais que um em cada três índios morra de varíola? Caem como percevejos, e às vezes tive a sensação de que não ia ficar nenhum vivo. É evidente que Deus não os protege… Por alguma razão será assim.

– É apenas por causa da varíola, que é uma doença da qual não se conhece a causa. E se morrem mais e mais rapidamente do que nós é porque os seus corpo são mais débeis.

– Então não acreditais que é um castigo de Deus?

– Padre Espinosa, eu acredito sobretudo na ciência, Deus me perdoe – disse, benzendo-se e esticando o pescoço.

O padre lançou-lhe um olhar céptico. Esse homem com um tique tão estranho de contrair a cara numa expressão que não significava riso nem zanga, que não acreditava em Deus nem deixava de se benzer, pareceu-lhe mais um depravado. Do seu ponto de vista particular, havia depravados de todos os géneros: depravados indígenas e depravados brancos, como este que tinha diante de si. Optou por mudar de assunto de conversa:

– O mal de tudo isto é que os nobres e os proprietários de terras espanhóis americanos ficam sem mão-de-obra.

A sinceridade brutal do padre provocou em Balmis outro tique.

– Tendes razão, devia fazer-se alguma coisa para conter a varíola. Muitos na corte não se apercebem de que é também um assunto político, não apenas de saúde. Por agora, a única coisa que mostrou ser eficaz é um procedimento chamado variolização, mas é perigoso. Só nos resta levar ao extremo as medidas higiénicas.

– E rezar a todos os santos.

Ambos permaneciam fixados num olhar de incompreensão mútua. O mundo não só estava dividido entre indígenas e europeus, como também a fissura começava a notar-se cada vez mais entre os brancos.

Josefa:

Escrevo-te deitado a bordo do navio do meu regimento, que nos transporta para Veracruz, na Nova Espanha. Uma vez assinada a paz entre os espanhóis europeus, as nossas tropas foram vítimas de uma epidemia de febres de origem desconhecida. Diversos colegas cirurgiões faleceram e tive de assumir o trabalho todo. Mas por fim também não me safei. Senti um grande cansaço que me impediu de continuar a trabalhar, sofri alucinações e continuo a tiritar de frio, apesar do calor. Pergunto-me se não me contagiei também com a varíola…

[2] «La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna», por José Tuells e Susana Ramírez (p. 85, ref.: López Cantos, A., 1990). *Fiestas y juegos en Puerto Rico. CEA de Puerto Rico y el Caribe*, San Juan, p. 222, nota 28. (*N. do A.*)

Capítulo 15

– Anginas – sentenciou o doutor Posse Roybanes, retorcendo com os dedos a ponta dos bigodes besuntados com brilhantina.

Era o médico da família, um profissional de excelente reputação que fora docente na Universidade de Santiago de Compostela antes de se dedicar por inteiro a trabalhar nas instituições de assistência, onde se tornara amigo de Don Jerónimo. Ao princípio, o doutor veio pontualmente duas vezes por dia para aplicar a Doña María Josefa umas gotas de tintura de mertiolato nas amígdalas inflamadas. Mas passados os dias, em vez de melhorar, o estado da doente agravou-se. O que começou com febre e dor ao engolir, acabou por se transformar em convulsões, taquicardia e fortes cãibras nos braços e nas pernas que lhe causavam violentas dores.

– Isabel…! – gritava a senhora, com o rosto alterado. – Vem cá, preciso de ti!

Só a criada dela era capaz de lhe diminuir as dores dos músculos entorpecidos aplicando-lhe massagens de linimento. Na antecâmara, todos com semblante grave, encontravam-se o doutor Posse, Don Jerónimo e as criadas.

– Temos de redobrar as cautelas, é preciso isolar Doña María Josefa – disse o médico num sussurro, que assim confessava a sua perplexidade. – Convém enviar as crianças para outra casa, de preferência nos arredores da cidade.

– Vou enviá-las para o solar que temos em Betanzos… – disse Don Jerónimo.

Agarrou o médico pelo braço e levou-o para um canto do quarto, onde podiam falar sem serem ouvidos. Depois o doutor falou com Isabel.

– É melhor que fique a cuidar de Doña María Josefa. Tanto Don Jerónimo como eu achamos que é a mais preparada para enfrentar uma situação tão delicada – disse-lhe antes de lhe dar instruções para isolar a doente, e enquanto Don Jerónimo mandava a mulata acompanhar as crianças ao solar.

Se soubessem a verdade sobre mim!, dizia-se Isabel. Sentia-se desonrada, mas como queria estar à altura da consideração que lhe tinham, dedicou-se de corpo e alma a cuidar da doente. Todas as manhãs a lavava, depois distraía-a contando-lhe histórias das crianças, dava-lhe de comer, à tarde trazia-lhe sumo de limão fervido com mel e alecrim, e estava sempre pronta a massajar-lhe as pernas entumecidas pelas cãibras. Só ela e o médico estavam autorizados a entrar no quarto. A mulher tinha saudade dos filhos e chorava tanto com dores que Isabel deixou de pensar na sua desdita.

– É preciso esperar que a doença fale – dizia o médico.

Após quatro dias de agonia, o mal «falou»: no belo rosto de Doña María Josefa apareceram manchas coloridas do tamanho de uma ervilha. Lembraram a Isabel as que viu no rosto da mãe nessa manhã em que regressava dos campos, essa manhã em que deixou para trás a infância.

Enquanto lhe passava um pano embebido em água fria pela testa suada, o médico falou com Don Jerónimo para lhe confirmar o diagnóstico:

– Trata-se de um ataque muito funesto de varíola.

– Como é possível? – disse Don Jerónimo levando as mãos à cabeça. – Que fez ela para merecer semelhante castigo?

– Nada – disse o médico. – A doença não é um mal enviado por Deus aos homens pelos seus pecados, deixemos isso para os padres.

Também era um homem do Iluminismo, um apaixonado pela ciência, inimigo da superstição. Enquanto examinava as manchas com uma lupa, continuou a falar:

– Da varíola vêem-se os efeitos, mas ignoram-se as causas. A única coisa que sabemos é que se propaga pelo contacto.

– Mas ela…?

– A varíola não faz distinções. Tanto lhe faz o sexo, o clima, a classe ou a idade.

O doutor Posse vira centenas de caras tão belas ou ainda mais do que a de María Josefa levadas para a cova no estado mais espantoso de fealdade. Vira com demasiada frequência apodrecerem criaturas inocentes. Para ele, a varíola era a mais tirânica das devastações, mas também sabia que nem todos os casos evoluíam da mesma maneira. Por isso trouxe uma luz de esperança:

– É possível que o fermento varioloso se manifeste de maneira benigna.

Isabel, que escutava a conversa, sentiu um arrepio. Entendia essa linguagem. Se a varíola se manifestava de maneira maligna, isso significava a morte após sofrimentos atrozes, como acontecera com a mãe dela, Ignacia. Se o fazia de maneira benigna, a mulher sobreviveria. Com toda a certeza passaria a fazer parte da grande maioria das pessoas com cara picada pela varíola.

– Agora é urgente adoptar medidas de boa higiene – concluiu o doutor Posse.

Isabel sabia de que falava o médico. Tal como fez com a roupa da mãe, enfiou na lareira a de Doña María Josefa. Que pena sentia por queimar as anáguas de cetim, as combinações de percal, os espartilhos de seda natural e as saias de brocado. Não pelas roupas em si, cujos tecidos deslizavam entre as suas mãos como se fossem carícias, mas porque lhe parecia que estava a colaborar na destruição da beleza dessa senhora que ainda há pouco era deslumbrante. O marido mandou fumigar a mansão com vapores de óleo de vitríolo e depois entregou-lhe dois grandes guarda-jóias cheios de jóias que a sua esposa nunca usara. Isabel pegou nelas uma a uma: broches em forma de pavão real e incrustações de brilhantes e esmeraldas, colares de pérolas cinzentas e brincos de rubis. Desinfectou-as com água-forte e lixívia, como se fossem talheres usados.

A deformação do corpo da doente era espantosa. Uma erupção cutânea invadiu os arredores dos orifícios da cara e as pústulas estenderam-se ao peito, aos braços e às pernas. O médico anotava a cor das manchas: esbranquiçada, enegrecida, acinzentada ou vermelha; e a forma, mais ou menos elevada, dilatada ou profunda. O pior foi a inflamação das mucosas, mal podia abrir os olhos devido à conjuntivite, a respiração tornou-se áspera e a voz rouca.

– Há risco de edema glótico – dizia o médico. Em voz baixa, e porque percebia que tinha de se fazer entender, acrescentou: – Pode sufocar a qualquer momento. Outro risco é uma septicemia, ou seja, uma infecção generalizada. É preciso manter-lhe a pele o mais limpa que for possível.

Quatro dias depois, as pápulas transformaram-se em vesículas, cujo conteúdo era turvo e purulento. Exalavam um fedor insuportável, mas Isabel não mostrou relutância em limpá-las e secá-las. Fazia-o com gestos precisos, como se se tivesse dedicado a isso toda a vida. Encontravam-se no limiar crítico da doença porque a temperatura da paciente subiu, e tanto que começou a delirar. Então apareceu um padre como por encanto, porque supostamente ninguém o mandara chamar, e viu-a tão mal que lhe ministrou os últimos sacramentos.

– Que faz o senhor aqui, Don Camilo? – exclamou o médico, desconfiado.

– Todos queremos que Doña María Josefa possa morrer na paz do Senhor – disse o padre com voz suave.

– Não se adiante aos acontecimentos, parece uma ave de mau agouro.

A visita do padre causou pânico entre a criadagem. Alegando desculpas toscas, alguns fugiram para as respectivas aldeias. Os que ficaram escapuliam-se quando lhes pediam que subissem as escadas. Quando falavam com Isabel, faziam-no a certa distância, excepto a cozinheira, que já tinha passado pela varíola e estava imunizada. A mansão ficou envolta em silêncio e em penumbra. Don Jerónimo, tão forte e tão valente nos assuntos mundanos, desmoronava-se perante o medo da morte. A imprevisibilidade da doença e a violência dos seus efeitos tinham-no paralisado. *Sobreviverá? Serei eu o próximo?*, parecia perguntar-se. *Ou serão as crianças?* De modo que Isabel se tornou o pilar daquela casa, tratando dos cuidados, da intendência e da organização. Entregando-se a isso tudo, tendo a cabeça e as mãos ocupadas, conseguia esquecer-se de si e diminuir a dor do seu coração. Graças à morte da mãe sabia já que essa era a melhor maneira de suportar o vazio da ausência.

A *flor negra*, como chamavam à varíola, não levou consigo a vida de Doña María Josefa. Ao décimo segundo dia, quando o médico observou que as pústulas estavam a secar, transformando-se em crostas escuras, respirou de alívio.

– Já passou o pior – disse –, chegou à última fase, a da dessecação. Sobreviverá.

Efectivamente, as dores foram abrandando, substituídas por um intenso prurido quando as crostas se soltavam. Por fim, a doença durara quinze dias.

– A única vantagem, se se pode empregar essa palavra, é que Doña María Josefa está agora imunizada para o resto da sua vida.

Quando pela primeira vez, após duas semanas de inferno, Doña María Josefa se levantou e se viu ao espelho do salão, não abriu a boca. Começou a chorar desconsolada, em silêncio, durante muito tempo. Tantas lágrimas derramou que a blusa acabou encharcada e Isabel teve de a trocar por outra. Não chorava pela emoção de continuar viva, chorava pela beleza perdida.

Capítulo 16

Don Jerónimo foi categórico:

– Não quero que os meus filhos passem por isto.

– No vosso caso eu faria como o nosso rei – respondeu-lhe o médico.

Carlos IV passara por uma experiência semelhante. A sua filha, a infanta Maria Luísa, sobrevivera por milagre a um ataque de varíola que a deixara desfigurada. Assustado, o monarca quis evitar que os outros filhos fossem contagiados. Farto do escasso efeito dos métodos tradicionais de cura como eram as sangrias, os purgantes, as dietas, o mercúrio, a salsaparrilha ou o bálsamo de copaiba, decidiu experimentar o único remédio preventivo que a incipiente ciência propunha: a variolização.

– Trata-se de injectar pus de varíola em pessoas saudáveis – explicou o doutor Posse.

Don Jerónimo fez uma careta.

– Meter-lhes o mal dentro do corpo? Às crianças?

– Sim, contágio voluntário. Para provocar uma infecção atenuada, mais ou menos benigna, e proteger contra a doença natural.

Don Jerónimo ficou pensativo. Repugnava-lhe a ideia de infectar os filhos.

– Isso é lícito para Deus? – perguntou timidamente.

– Teria de perguntar isso a um padre, mas não creio. A novidade é sempre perigosa em matéria de crença, mas não na medicina, em que cada dia se fazem novos progressos muito úteis para a humanidade.

– E se a infecção se descontrolar? Assegurais-me que se pode manter atenuada?

– Não posso assegurá-lo, porque pode acontecer que se exceda. Houve um caso em que seis criados contraíram a doença depois de uma das crianças da casa ter sido inoculada. Por isso alguns colegas meus crêem que a variolização ajuda a que a varíola se expanda. Não vos vou enganar: muitos estão contra, porque é verdade que há riscos. Mas esses riscos diminuem se o sujeito estiver saudável. Acreditai em mim, Don Jerónimo, provou-se a eficácia do método e nunca é mortal. Nenhum dos infantes desenvolveu a doença. Por isso o rei incentiva-o em todos os hospitais e orfanatos que dependem do seu patronato.

– O facto de os padres desconfiarem das descobertas científicas não significa que devamos abraçar qualquer avanço com entusiasmo cego… Não acabou o príncipe Carlos María Isidro gravemente doente? Ouvi dizer que a infanta Maria Amália perdeu a vista….

– Sofreu uma grave oftalmia, é verdade. Mas recuperou. E Don Carlos também. Os dados dizem que três por cento dos variolizados desenvolvem a varíola e morrem. Outros podem adoecer e demorar semanas a recuperar; alguns, poucos, desenvolvem infecções adicionais como a sífilis ou a tuberculose… É o preço que se tem de pagar por se livrar da varíola.

O rosto de Don Jerónimo reflectia a angústia que lhe causavam as palavras do médico, que continuou a apresentar os seus argumentos:

– Mesmo assim, é preferível assumir esses riscos do que apanhar a varíola por contágio. Porque nesse caso a mortalidade aumenta de vinte para quarenta por cento, ou podem chegar a perder a vista. Com sorte, como no caso da vossa esposa, só ficam cicatrizes.

A ideia do contágio voluntário para provocar a reacção imune do organismo era tão antiga como o desejo do homem de acabar com essa doença. O médico contou-lhe como na antiga China se soprava nas narinas de pessoas sãs pó de crostas provenientes de um doente que se encontrava em processo de cura; como, na Índia, uma casta de brâmanes era encarregada de injectar uma gota de varíola extraída de um doente por meio de agulhas finas. Na Europa seguiam-se vários métodos, desde «comprar varíolas», isto é, as crostas quase secas de crianças que estavam na última fase da doença, até deitar jovens sãos com doentes para assim lhes passarem as varíolas naturais.

– A variolização não é algo novo, Don Jerónimo – continuou a explicar-lhe o doutor Posse –, sabeis desde quando é praticada na Europa? Desde há cinquenta anos, desde que uma inglesa, mulher do embaixador britânico em Constantinopla, importou a técnica da Turquia. Chamava-se Mary Montagu. Era uma mulher esperta e estava desesperada porque o irmão morrera de varíola e ela acabara desfigurada. Depois de ver como inoculavam pessoas sãs, por meio de punções na pele, com o pus proveniente das lesões cutâneas de doentes já em convalescença, experimentou isso no filho… E sabeis o que aconteceu?

Don Jerónimo negou abanando a cabeça.

– O menino nunca desenvolveu a doença. Depois inoculou a filha, que também se livrou dela. A mulher conseguiu que esse procedimento se tornasse popular entre a aristocracia britânica, ao ponto de as filhas do príncipe de Gales terem sido variolizadas. E sabeis por que esse método era popular na Turquia?

– Como poderia saber?

– Por causa dos haréns, Don Jerónimo. Porque aí onde faziam a sua vida, a beleza era o principal valor das mulheres. Por isso eram inoculadas desde muito pequenas em lugares do corpo onde não se visse a cicatriz da ferida.

As palavras do médico acabaram por convencer Don Jerónimo, que não quis tomar a decisão sem antes consultar a mulher. Já imaginava o pároco de San Nicolás a alegar que nunca é lícito fazer o mal, por pequeno que seja, para se procurar algum bem, e um vasto sector da sociedade corunhesa a indignar-se perante o risco que fazia correr a uns inocentes. Mas ela não hesitou um instante. A doença era tão horrível e trágica e tão evidente o temor de a padecer que decidiu salvar os filhos, como fizera Lady Mary Montagu com os seus.

– É conveniente que eu também me submeta a isso? – perguntou Don Jerónimo.

– O rei não o fez e vós estais provavelmente imunizado. Isto funciona sobretudo com gente jovem e sã… Deveria fazer-se isso com Isabel, por exemplo; não tenho de modo nenhum a certeza de que esteja imunizada.

Ao ouvir o seu nome, Isabel ficou tensa. O médico mandou chamá-la e contou-lhe qual era a sua intenção:

– Terás de passar longas horas à cabeceira das crianças, vão passar muito mal. Terão febre, dores musculares, o processo é o mesmo pelo qual passou a mãe delas, mas com menos virulência e será muito mais curto. Para que a variolização tenha êxito, é preciso seguir regras higiénicas estritas, já as conheces.

Isabel assentiu. O médico prosseguiu:

– Convém que te submetas tu também a esta prática, e que sejas a primeira a fazê-lo, para que estejas bem recuperada e com forças quando for a vez deles.

Isabel ficou petrificada. Ainda que tivesse querido fazê-lo, não podia. Trazia um bebé nas entranhas e pressentia que algo assim só o podia prejudicar.

– Não, eu não… O senhor padre diz que isso não é bom, que se Deus…

– És jovem e saudável, devias fazer isso. É para teu bem, para o teu futuro, pelos filhos que um dia terás. Pensa nisso.

Ao ouvir estas últimas palavras, saltaram-lhe as lágrimas dos olhos. Isabel olhou para o médico com ar de animal perdido. Durante um breve lapso de tempo teve a tentação de confessar a sua gravidez para que ele entendesse que o seu corpo já não lhe pertencia. Mais tarde ou mais cedo teria de o fazer, por que não agora? Mas era como saltar para o vazio, como descer todos os degraus na estima que lhe tinham, como encher-se de lodo. Tinha a impressão de que perderia tudo o que de bom conseguira, que entre confessar o pecado e encontrar-se no buraco negro da sua aldeia era apenas um passo.

Capítulo 17

Da viagem para a Nova Espanha que fez a bordo do navio do Regimento de Zamora, Balmis não se lembraria de nada, tal era o seu estado de debilidade atravessado por momentos de inconsciência. Por fim, o navio atracou em Veracruz, o porto por onde transitava o maior tráfico marítimo do mundo, um lugar onde a febre-amarela era tão endémica como o vício e o contrabando. Centenas de negros, escravos e livres, misturados com índios do interior, trabalhavam na carga e descarga dos navios. Abundavam por ali índios da meseta, reconhecíveis pelo chapéu tão particular que usavam e pelos seus enormes carregamentos de cacau. Tiraram logo Balmis dessa cidade insalubre, cheia de mosquitos e abatida pelo calor, e transportaram-no para o hospital de Jalapa, no sopé da montanha, onde o ar era cristalino e os frades eram atentos e afectuosos.

– Descartámos a hipótese de ser varíola, doutor Balmis – disseram-lhe assim que recuperou. – É muito possível que estejais imunizado, andastes por muitos hospitais, ouvimos dizer.

Balmis assentiu e respirou fundo, aliviado.

– Então… o que foi?

O frade encolheu os ombros.

– Há tantas doenças que desconhecemos, doutor… O importante é que estejais bem.

A convalescença de Balmis durou várias semanas, durante as quais aproveitava para dar longos passeios pelos bosques dos arredores e visitar as aldeias dos índios, muito diferentes dos que vira nas selvas de El Guajiro. Os índios da Nova Espanha eram provenientes de uma cultura antiga que sobrevivia nos seus trajos, artesanato e profundo conhecimento das plantas medicinais.

– Temos tanto a aprender deles… – dizia Balmis ao frade que o acompanhava.

Essa sinceridade, habitual em Balmis, podia ser surpreendente. O habitual entre as elites de europeus americanos era desprezarem os indígenas e toda a sua bagagem de tradições e conhecimentos. Mas Balmis era aberto, receptivo e curioso como uma criança. Quando recuperou a saúde, os frades pediram-lhe que trabalhasse no hospital de Jalapa até receber novas ordens do seu regimento. Balmis aceitou, sem hesitar.

Nessa altura faleceu de repente o vice-rei da Nova Espanha, Matías de Gálvez y Gallardo, um homem honrado e querido pelo povo, que – acasos da vida – era pai de Bernardo de Gálvez, comandante do Regimento de Zamora, entre outros atributos. O seu filho Bernardo, que acabava de se instalar em Havana, foi nomeado para o substituir. Partiu para o México, onde em 17 de Junho de 1785 tomou posse do cargo. O novo vice-rei tencionava continuar o trabalho do pai, que entre outras instituições criou a Real Academia de San Carlos segundo o modelo da de San Fernando em Madrid, para formar arquitectos, pintores e escultores. Também tencionava fomentar

a actividade agrícola, a construção de caminhos, o levantamento cartográfico e, como bom filho do Iluminismo, tudo o que tivesse a ver com o desenvolvimento da ciência e da medicina.

Balmis estava apenas há três meses a trabalhar no hospital de Jalapa quando recebeu uma carta de Alonso Núñez de Haro, arcebispo da Cidade do México, pedindo a sua presença na capital. Balmis percebeu que por trás dessa convocatória estava a sombra alongada do novo vice-rei. A muito nobre e muito leal Cidade do México surpreendeu-o pelo contraste entre a miséria dos seus gigantescos arrabaldes e a magnificência dos palácios, conventos e mosteiros. Balmis atravessou os salões do palácio arquiepiscopal, vistosamente decorados com damascos e veludos, com aparadores cheios de requintada porcelana do Japão, vasos de prata cinzelada e peças de ouro. Do tecto pendiam belos candelabros e abajures de prata. Foi recebido num gabinete sumptuoso pelo prelado, o homem mais poderoso da Nova Espanha depois do vice-rei. Vestia uma batina de veludo preto e tinha um colar de rubis do qual pendia uma enorme cruz, também de rubis. Balmis começou a balançar da frente para trás, como quando era miúdo e se sentia intimidado.

– Mandei-vos vir cá tendo em conta a excelente descrição que o novo vice-rei me fez das vossas capacidades.

Balmis limpou a voz e pestanejou, franzindo o sobrolho.

– Declarou-se outra epidemia de varíola em Oaxaca. Na última morreu metade dos índios. Por isso necessito da vossa colaboração; ouvi dizer que estais familiarizado com o método da variolização.

– Fui introduzido nessa prática pelo doutor Timoteo O'Scanlan, um grande especialista. Conhecemo-nos durante o cerco de Gibraltar. Até agora, é o melhor método preventivo que existe. Mas tem muitos riscos.

– Entendo, mas pelo menos pode tornar em duvidosa uma morte demasiado certa.

– Efectivamente – disse Balmis.

– Enviei uma circular a todos os padres do arquiepiscopado para que convençam os fiéis a executá-la nas suas paróquias. Mas muitos não o fazem porque estão contra. Fecham as igrejas por temerem o contágio e fogem, o que me obriga a tomar medidas para manter o culto. Fugir da pestilência é boa ciência, dizem. Os índios também fogem, e o problema agrava-se porque contagiam os parentes nas aldeias do interior. Peço-vos que viajeis até às zonas afectadas, com outros médicos do Hospital de San Andrés, para variolizar tantos quantos for possível.

– Sim, mas… Eminência, como haveis referido, costuma haver muito receio de se inocular o mal…

O arcebispo entregou-lhe um monte de papéis.

– Este é o recenseamento que, como medida de urgência, impus a todos os conselhos municipais da zona. Inclui uma lista dos que querem variolizar-se e dos que são demasiado pobres para lhes proporcionarmos o auxílio de que necessitam.

Balmis olhou-o, admirado. Que um religioso como Núñez de Haro apostasse nos avanços da medicina era sem dúvida uma boa notícia.

– Será uma honra para mim atender o vosso pedido – disse-lhe.

– Ajudai-nos a travar a mortalidade, doutor Balmis.

– Tentá-lo-ei com todo o meu fervor – disse assentindo.

Balmis e a sua equipa partiram em campanha para a cidade de Oaxaca, a Verde Antequera, como lhe chamavam os espanhóis por ser parecida com a cidade andaluza e pelas pedras das suas igrejas, de uma característica cor verde. Era uma cidade belíssima, cujos edifícios e igrejas estavam concebidos para que janelas e portas recebessem o Sol durante todas as épocas do ano. Uma cidade conhecida pela vitalidade e alegria das suas gentes e pela riqueza das suas festas religiosas zapotecas e católicas. Mas a Verde Antequera tinha-se tornado uma Oaxaca negra. Na entrada da cidade ardiam enormes fogueiras para purificar o ar. No cemitério da catedral, homens com a cara tapada enchiam de cadáveres as valas recém-abertas. A praça principal estava deserta, excepto por grupos de indígenas que pareciam sombras famélicas, com manchas e marcas na pele, cicatrizes nos olhos e as pálpebras inchadas. Padeciam dos sintomas associados à varíola: a tez esverdeada, um extremo cansaço e tossiam constantemente. Era raro ver uma mulher bonita que não estivesse marcada por pústulas. Ao verem chegar os médicos, muitos reuniam forças para se levantarem e esconderem. A maioria opunha-se à inoculação. Balmis ficou a saber que tratavam a doença com banhos de vapor que na realidade só serviam para acelerar o contágio. Os ervanários prescreviam também que o doente bebesse e lavasse a cara com urina quente e que aplicasse *chili* amarelo na área afectada. «Vivem cativos do terror – escreveu ao pai –, receosos do que os rodeia, imersos num mundo de espíritos e demónios que controlam as vidas deles. Acreditam que as oferendas aos deuses, ou as orações ao nosso Deus, conseguem melhores resultados do que os tratamentos dos médicos. O problema, pai, é que muitos dos padres, que exercem uma grande influência, são também ignorantes.» Quando Balmis sugeriu a um padre que o enterro dos variolosos devia ser feito fora dos locais das igrejas, o sacerdote respondeu-lhe:

– Longe das igrejas? Longe de Deus?

– Olhai, padre, para evitar o contágio, é preciso estabelecer normas de higiene estritas.

E apontou para dois índios que se lavavam juntos num açude, tentando limpar as manchas e as erupções na pele.

– Não devíeis permitir isso.

Depois apontou para um miúdo que bebia de um charco, nuvens de moscas em redor de uma doente deitada numa maca, animais que circulavam no meio do lixo do chão.

– Nem isso, nem isto…

– Para que Deus tenha piedade e lhes levante o castigo, fazemos preces aos santos curandeiros, orações e penitência.

– Padre, isso não serve para nada.

Balmis e a sua equipa conseguiram variolizar todos os que estavam na lista do recenseamento. No relatório da sua viagem, que causou uma impressão muito favorável no arquiepiscopado, realçou a necessidade de se combater a subalimentação, a fome, a violência física e a sujidade nas povoações indígenas. Também sugeriu que se formassem as autoridades locais – funcionários e padres – na prática da variolização para prolongar o tratamento localmente. Como recompensa,

Núñez de Haro propôs-lhe trabalhar como cirurgião no Hospital de San Andrés, destinado a tratar todo o tipo de doenças, um estabelecimento com uma capacidade de mil camas repartidas por trinta e nove pavilhões.

– O mais interessante para alguém como vós, que gostais da investigação, é que San Andrés contém a maior farmácia da Nova Espanha, um laboratório e um departamento de dissecações e autópsias.

Balmis mexia-se da frente para trás. Tinha as mãos suadas. A proposta seduzia-o muito. Do ponto de vista científico, a Cidade do México era a mais avançada de toda a América. Podia prosseguir os seus cursos de anatomia, fisiologia e botânica. Nunca trabalhara num hospital tão grande e com tantos meios.

Mas havia um obstáculo.

– Se ficar no México terei de largar o regimento…

– Podeis abandonar a milícia na qualidade de dispensado. Posso-vos ajudar nisso.

Chamava-se dispensado a um militar desligado do corpo a que pertencia e que ficava a viver onde queria. Ao ouvir essas palavras, Balmis viu o céu a abrir-se e foi invadido por um sentimento de euforia. Ajoelhou-se diante do prelado e beijou-lhe a mão.

Nessa noite escreveu a Josefa: «Vi-me obrigado a prolongar a minha estada na Nova Espanha a pedido do arcebispo e do vice-rei…» Era um argumento de peso, inquestionável. Mas Josefa já não respondia às suas cartas.

Capítulo 18

Foi a insistência do doutor Posse em variolizar Isabel, com os dois filhos do casal Hijosa, que acabou por fazê-la confessar.

– Não quero pôr em perigo a vida do meu menino – disse entre lágrimas. – Suplico-vos, não digais nada aos senhores.

O médico estava estupefacto porque o que acabava de ouvir não se enquadrava com a personalidade irrepreensível de Isabel. Além disso, metia-o num pequeno conflito de lealdades. Conhecedor do carácter nobre e tolerante de Don Jerónimo e da sua esposa, decidiu que tinha de os pôr a par da situação.

O casal chamou Isabel ao salão. A jovem entrou com o rosto alterado, os olhos avermelhados, olhando para o chão envergonhada. Começou por anunciar que voltaria para a aldeia porque cometera um pecado imperdoável. Esperava uma reacção fulgurante, uma repreensão e a expulsão da casa. Mas enganou-se. Não houve reprimendas nem sermões. Nos olhares dos patrões via censura, mas na realidade estavam espantados, porque teriam podido imaginar semelhante deslize de qualquer das suas empregadas menos da parte dela. Compreenderam que a jovem se deixara enganar, por ser crédula e confiante. Don Jerónimo disse que ninguém estava a salvo da fraqueza humana, e acrescentou num tom de fria distanciação:

– Na Galiza julga-se com menos severidade este tipo de deslizes do que por exemplo em Castela, a minha terra, onde o código moral é mais estrito. Por isso, não tens de te ir embora. Consideramos-te como sendo da família e desejamos que fiques.

Ao ouvir isso, Isabel emocionou-se.

– Terás o teu filho aqui – continuou Doña María Josefa – e poderás viver em casa com ele, portanto deixa de chorar, e é melhor que te vás confessar.

– Ai, senhora, isso já fiz…

– E não carregues lenha nem andes com coisas pesadas.

A senhora da casa, que estava a perder a visão por causa das sequelas da varíola, pensou que não podia ficar sem a preciosa ajuda de Isabel. Além disso, os Hijosa praticavam a caridade a todos os níveis, desde financiar parte da construção do novo Hospital da Caridade até repartir donativos pelas famílias mais necessitadas segundo as recomendações do pároco. Terminado este encontro, a senhora foi para o quarto e pediu a Isabel que a acompanhasse. No quarto de vestir, abriu os armários e da roupa nova que tinha comprado deu-lhe um vestido.

– Toma isto, vais precisar de roupa mais larga…

Servir não era o pão do diabo, como um dia lhe dissera Benito Vélez, o seu grande amor. Pelo menos não o foi para Isabel. No momento mais difícil da sua vida, encontrou na família que a

empregava um apoio que não tinha preço. Outras com menos sorte acabavam num prostíbulo e o bebé na roda do convento.

Mas estava marcada.

«Tens de tomar a decisão honrada de apagar o teu estigma com uma conduta irrepreensível», dissera-lhe o sacerdote no fim da confissão.

Felizmente não entendeu a palavra *estigma*, mas saiu da igreja convencida de que a apontavam na rua. Sabia que estava manchada, sem direito a desfrutar da vida, condenada a redimir-se, como disse o padre. Por muito que escondesse a barriga com os vestidos que lhe oferecera a senhora, sabia que nunca seria considerada mais uma entre as mulheres decentes. Cabia-lhe renunciar ao velho sonho de todas as jovens, o de encontrar um marido, porque qual o homem sério que a quereria sabendo que já não seria o primeiro?

– *Casar, casar, soa bem e sabe mal…* – disse-lhe a cozinheira para a tentar animar.

Mas o futuro de Isabel era monótono e previsível. O seu destino era tratar dos filhos dos outros, comer as sobras, viver as alegrias e as amarguras alheias, vestir roupa usada no melhor dos casos; em conclusão, viver a vida emprestada da qual Benito Vélez a prometera livrar. Agora que Doña María Josefa estava debilitada e meio cega, com menos capacidade para tratar dos filhos, Isabel passava ainda mais tempo com eles. Sempre que lhe faziam perguntas sobre a gravidez, mencionava o pai do filho, lá na América, e dizia que esperava receber dinheiro um dia para se ir juntar a ele. Era uma mentira piedosa que lhe permitia salvar a honra.

Nessa altura teve notícia de que a doença do pai se agravara. A sua primeira reacção foi a de ir vê-lo, talvez despedir-se dele para sempre. Mas depois pensou que apresentar-se na aldeia com essa barriga seria uma tortura. Já imaginava os falatórios dos vizinhos, os comentários cruéis, as perguntas das irmãs, as inquirições de Don Cayetano, que tanta confiança lhe mostrara sempre. O sentimento de ter decepcionado todos os que tinham acreditado nela era o mais duro de suportar.

Por fim, a vontade de ver Jacobo foi mais forte, ainda que fosse só para lhe agradecer por tê-la tirado da negrura dessa vida, do que o incómodo da gravidez visível. Engoliu o pudor, pediu uns dias de folga e chegou a Santa Mariña de Parada num dia de Primavera em que chovia e brilhava o sol ao mesmo tempo. O pai estava deitado no catre da choça escura, inconsciente, rodeado pelos filhos. Parecia que estava à espera dela, porque morreu nessa noite. No dia seguinte enterraram-no onde Ignacia estava sepultada, o lugar reservado para os muito pobres. «Ficai com Deus, pai…», disse Isabel ao lançar uma pazada de terra.

Ao despedir-se, o padre não conseguiu conter a vontade de lhe mencionar o seu estado de pecado e acrescentou:

– Foi melhor que Jacobo não te tivesse visto assim.

Depois disse-lhe que estava contente por voltar a vê-la, e que lhe constava que os Hijosa continuavam muito satisfeitos por tê-la a trabalhar em casa deles, mas Isabel deixou de o ouvir, agradeceu-lhe de novo e seguiu o seu caminho com um nó na garganta. A tosca frase de consolo de Don Cayetano tinha-a ferido no mais fundo do seu ser. Foi o único comentário desagradável, porque, quanto aos outros, nenhum vizinho nem parente disse nada; pelo contrário, olhavam-na

com curiosidade e carinho, sempre cordiais na maneira como a tratavam. Em Santa Mariña de Parada as pessoas não eram intransigentes. Ser mãe solteira não era uma condição desesperada, nem se considerava uma desgraça, era mais um contratempo, como disse a irmã dela. Isabel ficou mais uma noite na choça da sua infância. O que há uns anos lhe parecia normal, agora chocava-a: dormir no colchão de palha, os animais por todo o lado, o rude burel que a irmã vestia… Apercebeu-se de quanto sofrida e sóbria era a sua gente, insensível à dor física. Nada mudara, mas ela sim, mudara, já não pertencia a esse mundo. Na diligência, de regresso à Corunha, percebeu que nunca mais voltaria à aldeia.

Precisamente quatro meses depois, a 31 de Julho de 1793, deu à luz no seu quarto da casa dos Hijosa. Era um dia quente. Pariu com a ajuda de todos os criados e de uma parteira empregada na sala de partos secretos do Hospital da Caridade, inaugurado três meses antes, e cuja presença fora solicitada por Don Jerónimo. O bebé nasceu num instante, e, enquanto a parteira cortava o cordão umbilical, a cozinheira agarrou-o no ar de cabeça para baixo e deu-lhe duas palmadas de boas-vindas que desencadearam o reflexo de respirar e o primeiro de muitos choros. Quando lhe colocaram o bebé no regaço e Isabel lhe viu a carinha, pareceu-lhe que era o vivo retrato do único homem que amara e, exausta como estava, rompeu em soluços.

– Como se vai chamar? – perguntaram-lhe.

– O meu menino não é filho de pai incógnito – disse –, tem um pai. Pois então que tenha o mesmo nome: Benito Vélez.

Os outros criados dos Hijosa, que tinham acompanhado o calvário de Isabel durante a gravidez, não compreendiam essa teimosia em perpetuar a memória de um homem que a abandonara. A leve esperança de que voltasse um dia ajudava-a a suportar a vergonha de ser mãe solteira. Além disso, ao baptizar o filho com o nome do pai, dava-lhe uma identidade respeitável; usar o apelido da mãe teria sido marcá-lo como filho do pecado. Transmitia assim a mensagem de que o seu caso não tinha sido um *deslize* – o que a situaria entre as mulheres *fáceis* – mas sim o do abandono de alguém que se comprometera, o que de alguma maneira também era verdade. E um abandono sempre podia ser provisório. Era melhor passar por vítima do que por libertina.

Quando começou a criar o filho, o sofrimento que suportara pela vergonha e o sentimento de culpa que a tinham martirizado nos últimos meses não desapareceram. Por mais que essa criança despertasse nela uma profunda emoção, sentia-se triste, e entrou numa espiral de melancolia.

– Isso é porque o bebé não te deixa dormir – disse-lhe a cozinheira.

Mas também perdeu o apetite e a vontade de viver; invadiam-na sentimentos de tristeza e padecia de ansiedade. Custava-lhe levantar-se da cama.

– Tenho a sensação de que vai acontecer alguma coisa má – disse ao doutor Posse.

– Não vai acontecer nada – disse-lhe o médico. – O que se passa contigo é algo frequente, melancolia depois do parto… Tens dores de cabeça, cansaço?

– Sim, doutor, e um nó no estômago que nem me deixa respirar.

– Isso acabará por passar por si. Mas não podes ficar na cama, faz-te bem passear e tomar chá de tília. Esses humores são uma reacção a tudo o que passaste, minha filha.

Cada um animava-a à sua maneira:

– Com um filho, já podes chegar a velha que não estarás sozinha nem desamparada – disse-lhe a cozinheira.

A crise de Isabel durou um mês, após o qual virou-se para o filho, que passou a ser a sua maior fonte de alegria, embora sempre lhe restasse a pena de não lhe ter podido dar um pai. Passava o tempo, mudavam as circunstâncias, todos à sua volta se mostravam compreensivos, mas Isabel, no fundo, não se adaptava à sua nova situação de mãe solteira. Essa revolta interior causava-lhe alterações no estado de espírito que conseguia controlar entregando-se ao trabalho, que nunca faltava em casa dos Hijosa.

Vais ser criada toda a vida? A pergunta que um dia proferiu Benito Vélez e que a fez aperceber-se da sua situação assaltava-a de maneira recorrente.

Capítulo 19

Para Balmis, os anos que viveu no México foram os melhores da sua vida. Desfrutava de uma liberdade da qual nunca antes gozara. Gostava de ser apreciado como médico, estritamente pelo seu valor profissional, e não porque pertencesse a esta ou a outra família. No Novo Mundo dedicou-se a estudar, a trabalhar e a viver a vida com toda a força da sua juventude. Graças à sua proximidade do vice-rei, integrou-se bem na sociedade local, participando nas festas e na vida cultural. Tomou gosto pelo teatro, que era uma das fontes de financiamento do Hospital Real de Naturales, instituição que tratava os indígenas. Como a contribuição destes não era suficiente para manter o hospital, os bilhetes do teatro, entre outros apoios, serviam para o seu financiamento.

Era sempre convidado por algum notável para um camarote protegido por gelosias para que pudessem ver sem serem vistos os espectáculos do Teatro del Coliseo, onde alternavam obras dramáticas espanholas com sainetes, entremeses, tonadilhas e zarzuelas. Nesse camarote conheceu, depois do espectáculo, a primeira actriz Antoñita San Martín, uma gaditana engraçada e tagarela.

– Estive casada com um rufião que me maltratou tanto que acabei por apresentar um pedido de separação – contava a todo aquele que a quisesse ouvir. – E sabeis o melhor? O tribunal do vice-rei decidiu a meu favor e correram com o meu marido da cidade «por ter vivido à minha custa», como dizia o papel.

As pessoas riam-se de boa vontade. Balmis estava espantado: nunca tinha visto uma mulher com esse temperamento.

– E tu…? – perguntou-lhe ela. – Disseram-me que curas tudo, também curas as dores do coração?

Balmis corou, começou a pestanejar e respondeu, muito sério:

– O coração é um órgão…

Antoñita interrompeu-o rebentando a rir.

– Um órgão!… Ah, ah, ah! As dores do órgão, que mal que isso soa!

Balmis estava pasmado perante essa mulher explosiva que o seduziu rapidamente, beijando-o e apalpando-o sem lhe pedir autorização, como depois gostava de contar.

O alicantino nunca conhecera esse tipo de mulher, sozinha e independente, nem esse ambiente boémio. Pelo braço da bela Antonia San Martín ia a festas e saraus e, enquanto durou o romance, sentia-se o homem mais feliz do mundo. Ser o centro das atenções satisfazia a necessidade que tinha de reconhecimento, profissional ou social. Durante algum tempo constituíram um casal muito conhecido pela sociedade mexicana. Mas ela nunca cedeu aos seus avanços sexuais, o que Balmis atribuía a uma estratégia feminina de sedução. Até que um dia não aguentou mais e tentou forçá-la, sempre à sua maneira desajeitada:

– Acalma-te, querido, que isto é para teu bem.

– O que queres dizer com isso?

– O que achas? Que não tenho desejo de… disso?

Balmis olhou-a desconcertado, e saiu-lhe um tique tão forte que Antoñita lançou uma gargalhada.

– Ai, que vida tão madrasta a minha! Com o que te quero!

Abraçou-o e abanou-o como se fosse um boneco. Então, em voz baixa, contou-lhe:

– Sei que depois do que te vou dizer agora já não me amarás mais. Quero que saibas que eu sim, sempre te amarei, apesar das tuas excentricidades… que são muitas.

– Por que dizes isso, estou apaixonado por ti, não te disse isso uma infinidade de vezes?

– Meu Deus!… Como um homem tão sábio como tu pode ser tão tonto!? Aposto contigo o que quiseres que depois não me amarás…

– Apostemos então…

– O par de argolas que vimos na joalharia La Princesa.

– Combinado. Vais perder.

– Vou ganhar. Queres apostar mais?

– Com o desejo que tenho por ti, continuaria a apostar.

– As argolas chegam, não te pedirei mais nenhum presente de despedida. Veremos se depois me vais odiar.

– Bom, diz lá, o que se passa?

– Tenho o mal francês.

Balmis ficou lívido. Como se lhe tivessem cortado a respiração.

– Foi o meu marido que mo passou.

O médico esticou o pescoço duas ou três vezes, como se tivesse uma mola no queixo, e passou a mão pelo cabelo encrespado. Atravessou várias fases: surpresa, decepção, contrariedade, desprezo por esse marido, e, como era inteligente e célere, aceitação. As peças encaixavam: Antoñita rejeitava os seus avanços, não por táctica feminina de sedução, como pensara, mas por uma razão muito mais prosaica.

– Por que não me disseste isso antes?

– Vês? Já está! Acabou tudo. Agora vais-me odiar. Eu disse-te que ia acontecer… Mas não penso perdoar-te as argolas.

– Não, nunca te odiarei. Era ao teu marido que devia odiar. – E depois disse uma frase que só podia vir dele: – Se não podes ser minha amante, serás minha paciente.

Antoñita tinha razão. Ao ter de recuar no seu esforço de a levar para a cama, a paixão de Balmis perdeu o alento. Mas ficaram amigos. O médico prescreveu-lhe um enérgico tratamento à base de mercúrio. Uma tarde, saiu mais cedo do hospital para lhe comprar os brincos que tinham visto juntos na joalharia La Princesa.

Balmis não desanimou e prosseguiu com as suas conquistas, sempre no ambiente do teatro, que era onde o seu lado mundano se exprimia com mais desinibição. Não gostava das damas das classes altas, que não andavam sozinhas pelas ruas excepto para irem à igreja. Obcecadas com o ideal de

apresentarem um pé pequeno, costume que chegara da China através do Galeão de Manila, circulavam no interior das suas carruagens, recostadas em almofadões, saudando de longe as suas amizades.

Balmis gostava de passear a pé, de braço dado com María *a Carpinteira* ou com Anita *a Queretana*, dois amores tão intensos como fugazes que lhe valeram uma fama de galã que não correspondia realmente à sua personalidade. Com quem enlouqueceu de amor foi com a actriz Bárbara Ordóñez, bela e sedutora, alegre e carinhosa. O seu riso cristalino, o olhar de veludo, o voo das mãos… O encanto dessa mulher deu asas à imaginação do médico. Mas não entendia como era possível que uma mulher tão bonita e inteligente pudesse estar sem marido. Escaldado com a aventura que tivera com Antoñita, agora temia que houvesse aí algo escondido. Não sabia que era ele quem tinha isso na sua vida.

– Quero envelhecer contigo – dizia-lhe Balmis, enfeitiçado.

Bárbara esperava que um dia ele lhe pedisse a mão, porque queria deixar a sua vida de «cómica». Os comediantes tinham uma vida muito difícil, dependiam do vice-rei de serviço, que tinha todo o tipo de direitos sobre eles. Pelo seu lado, a Igreja, tinha-lhes garantido a condenação eterna. Bárbara Ordóñez viu em Balmis a oportunidade para se tornar esposa de um médico afamado, o passaporte para a respeitabilidade. Mas nunca chegava o momento do pedido de casamento:

– O nosso caso é apenas uma ilusão – disse-lhe uma vez –, não faz sentido continuarmos.

Balmis recuou.

– Como? – balbuciou com uma expressão de total desamparo.

– Sabes porquê? Porque estás mais apaixonado pelo teu trabalho do que alguma vez estarás por mim.

– Não, não é verdade…

– Sim, é. Se não, já me terias demonstrado a seriedade do teu compromisso. E não quero esperar mais.

Balmis não lhe podia dizer a verdade, que não podia casar-se porque corria o risco de acabar na fogueira da Inquisição por ser bígamo. Ninguém no México sabia que já era casado e que tinha um filho em Espanha. Tentou desesperadamente continuar a relação com ela, mas Bárbara já a tinha dado por terminada.

Frustrado com as tentativas de a recuperar, com o coração destroçado, Balmis refugiou-se no trabalho. Era tal a necessidade de ter a mente ocupada que se matriculou na Universidade do México, onde acabou por obter o grau de bacharel em Artes. Foi a sua maneira de superar a agonia do desamor.

No dia do aniversário do rei de Espanha, Balmis foi convidado para o palácio do vice-rei, onde iria inaugurar-se o novo e magnífico Salão de Beija-Mão. A sua carroça puxada por uma pileca contrastava com as luxuosas carruagens com cavalos ricamente ajaezados em que se deslocavam os aristocratas. Outros cortesãos chegavam em cadeirinhas carregadas por escravos negros ou por criados de libré. Balmis, que estava em contacto com indígenas e marginais de todo o tipo, sabia

que em muito pouco tempo o vice-rei Bernardo de Gálvez se tinha tornado popular entre a gente do povo. Para lutar contra a fome causada por uma seca persistente, com o seu dinheiro e com o que pediu emprestado, comprou milho e feijão que distribuiu pelos pobres. Depois empreendeu uma série de obras públicas para dar trabalho e tratou de intensificar a lavoura nos campos para aumentar a produção e evitar a escassez. Costumava apresentar-se em público numa caleche de dois cavalos, aberta, que muitas vezes ele conduzia, e gostava de assistir às corridas de touros e às romarias e festas públicas, em que era sempre recebido com alegria e aplausos. Tão feliz estava o povo da Nova Espanha com o seu vice-rei que o ministro Floridablanca o felicitou de Madrid. Mas tanta popularidade também podia ser contraproducente. Balmis sabia que os espanhóis americanos endinheirados e parte da nobreza viam com maus olhos o rumo da sua política para os indígenas. Havia algo de revolucionário no comportamento de Bernardo de Gálvez que os inquietava.

No interior do palácio, um magnífico tecido de damasco carmesim com galão, franjas e borlas douradas pendia do tecto diante de um retrato de Carlos IV. Uma centena de cadeiras de fina madeira estavam dispostas para receber os ilustres convidados que, um a um, se inclinaram diante do vice-rei:

– Vossa mercê… – disse Balmis.

– Não vos inclineis – disse-lhe Gálvez –, porque se alguém tem de se inclinar, esse devia ser eu. Alegro-me muito por vos ver.

E passando-lhe o braço por cima dos ombros foi-o apresentando a cortesãos e nobres:

– Temos a sorte aqui na Nova Espanha de contar com um dos melhores médicos que existem – dizia.

Balmis estava no paraíso. A sua única preocupação era controlar a intensidade dos tiques, que disparavam com as emoções.

– Quero-vos apresentar o explorador científico Martín de Sessé, que está de passagem na chefia de uma expedição patrocinada pelo rei com o objectivo de recompilar um catálogo completo de espécies de plantas, aves e peixes da Nova Espanha.

Sessé, antigo médico militar tal como Balmis, deixara de praticar a medicina para se dedicar à botânica e criara uma cátedra na Universidade do México. Esse encontro fortuito despertou ainda mais a curiosidade científica de Balmis, que começou a interessar-se muito seriamente pela botânica, convencido de que nas plantas se encontrava o segredo da cura das doenças.

Um ano após a sua chegada, o arcebispo Núñez de Haro chamou-o de novo. Ia unificar o Hospital de San Andrés com o Hospital Militar del Amor de Dios, que se dedicava sobretudo ao tratamento do morbo gálico, a sífilis.

– O que vos proponho, doutor Balmis, é que assumais a direcção da sala de gálicos do novo hospital unificado, além de continuardes com o vosso trabalho de cirurgião.

Como todos os médicos militares, Balmis tinha experiência no tratamento de doenças venéreas. Esta promoção iria dar-lhe mais trabalho, mas também a possibilidade de experimentar e comprovar tratamentos diferentes, porque aquele que se usava, à base de mercúrio, causava uma mortalidade muito alta a médio prazo.

– Aceito a vossa generosa proposta, Eminência.

Então o prelado acrescentou:

– Quero informar-vos de que levei uma proposta ao rei para que vos nomeie cirurgião-mor do novo hospital.

Balmis sentiu um tremor a percorrer-lhe o corpo, a satisfação íntima e intensa de ver como se ia cumprindo o seu sonho. Isso compensava todos os bubões, fístulas, úlceras, tumores calosos e viscosos, condilomas, aos que teria de aplicar unguentos mercuriais de duvidosa eficácia. Cirurgião-mor! Nessa noite escreveu à família para lhes contar a grande notícia.

Capítulo 20

Depois de criar o filho e agora que os meninos da casa já eram mais velhos e exigiam menos atenção, o sonho de independência de Isabel foi-se consolidando. Acabou por aceitar que provavelmente nunca encontraria um marido que lhe pudesse dar, a ela e ao filho, uma vida digna, mas olhava com inveja para as mulheres que trabalhavam na incipiente indústria da Corunha e que, após uma jornada laboral, regressavam às suas casas. Não poderia ser ela como uma das mil e quinhentas fiandeiras que faziam dançar os dedos nos teares da fábrica de toalhas que abastecia desde o rei aos ricos nobres americanos? Ou empregar-se na fábrica de redes e cordoaria de um amigo do seu patrão, ou melhor ainda, na fábrica de chapéus do francês Barrié d'Abadie, um dos negócios mais prósperos da cidade? Embora continuasse a estar dentro da franja da população considerada pobre, seria com certeza um avanço em relação à sua condição de criada. Quando soube que o seu patrão, que não queria ficar atrás da tímida melhoria das manufacturas que vivia então a cidade, tinha aberto a primeira fábrica de «indianas» ou tecidos estampados de algodão, Isabel atreveu-se a pedir-lhe emprego.

– Isso não é para ti.

«Estou condenada a ser criada», foi assim que Isabel interpretou a resposta, mas Don Jerónimo acrescentou em seguida:

– Tenho outra ideia em mente.

Pouco tempo depois, Don Jerónimo teve de fechar a fábrica argumentando que o consumo desse produto era pouco. Para ele, era uma perda sem importância; os seus negócios, baseados no comércio de produtos coloniais que transportava a sua frota de veleiros, iam de vento em popa. Agora que sabia que a sua riqueza era suficiente para que várias gerações de descendentes vivessem bem, ganhar mais dinheiro deixou de ser o grande aliciante da sua vida. A varíola da mulher deixara-o abatido e, sendo um homem religioso no limiar da velhice, preocupava-o o além. Na sua ânsia de cair nas boas graças de Deus e dos homens, dedicava parte do tempo à administração do Hospital da Caridade, o primeiro grande hospital público da cidade, obra impulsionada pela muito admirada Teresa Herrera, a valorosa solteira que deixou a sua marca na história da cidade e que morreu antes de ver o seu sonho realizado. Era tão devota que as pessoas recordavam-na a percorrer de joelhos a distância entre a sua casa e a Igreja de San Nicolás para se livrar dos demónios que albergava no seu corpo. Durante toda a vida tratou mulheres doentes que não se podiam sustentar e transformou a sua casa no que chamavam «o hospitalinho de Deus». Depois, quando recebeu a herança da mãe, doou-a à Congregação das Dores, da qual Jerónimo Hijosa era membro da junta directiva, para edificar o hospital, a obra da sua vida. No dia em que foi lançada a primeira pedra do edifício não pôde assinar a acta de doação por ser analfabeta.

Se por toda a Espanha surgiam hospitais, orfanatos e as conhecidas casas Galera – casas de recolhimento para as mulheres públicas, que serviam também como lugares de reclusão e de castigo de mulheres casadas a pedido dos maridos –, era porque o governo de Carlos IV fomentava as obras piedosas para neutralizar a influência republicana francesa. Além disso, a enorme quantidade de paralíticos, mendigos, loucos, crianças abandonadas e prostitutas que enchiam as ruas entrava em choque com o espírito humanista do Iluminismo. A crescente pobreza devia-se em parte aos intermináveis conflitos bélicos desse século. A Corunha tinha sido fortificada, tinham-se acrescentado paióis, baluartes, revelins, fossos e baterias que protegiam a entrada do porto. Mas faltavam quartéis para alojar tantos soldados; muitos viviam em casas dos habitantes. Esta presença numerosa, mais os imigrantes do campo, eram a clientela que alimentava o «crescente número de mulheres entregues à ociosidade e à mais infame prostituição», como descrevia em 1793 o procurador-geral. A consequência disso era um altíssimo número de abortos e de filhos ilegítimos, cujas hipóteses de sobrevivência eram quase nulas. As crianças eram abandonadas, mortas ou vivas, em portais, lixeiras, nichos, debaixo de fachadas cobertas de restolho, eram atiradas para o meio das ruas a horas intempestivas e algumas apareciam meio devoradas por animais. Para evitar tanto infanticídio, o Hospital da Caridade abriu uma ala de partos secretos que garantia o anonimato das grávidas, e onde não eram aceites as que tinham mostrado em público a sua gravidez. «Uma ideia benéfica digna de aplauso», como dizia Don Jerónimo.

Porque sabia que era eficiente, e sobretudo discreta, Don Jerónimo pediu a Isabel que fosse trabalhar como ajudante da parteira, que não dava vazão à quantidade de mulheres que solicitavam a admissão, e que vinham com a cara tapada para que ninguém pudesse reconhecê-las. O pessoal do hospital estava proibido de indagar o que quer que fosse das vidas delas. A salvaguarda da identidade era tão rigorosa que, se alguma morria durante o parto, o cadáver não saía do hospital a não ser depois da meia-noite. Isabel aceitou. Precisava de deixar de ser criada, queria sair da sua gaiola dourada, mesmo que fosse para um mundo marginal e fechado.

A ala de partos secretos estava dividida em diversos aposentos, uns para mulheres pobres, cujas paredes estavam manchadas de esguichos, e outros mais limpos para as que podiam pagar as despesas. Só podiam entrar ali o capelão, uma guarda, uma parteira e Isabel. A maioria das mulheres estava desgrenhada e vestida de farrapos; outras estavam bem vestidas, mas todas elas partilhavam o mesmo olhar de silenciosa desesperança. Essas mulheres quase não falavam devido à vergonha e à aflição, uma rezava o rosário, outra compunha o cabelo, outra dava o peito ao bebé sabendo que teria de o abandonar quando encontrassem uma ama-de-leite. O regulamento era estrito: o capelão devia entregar o bebé baptizado a uma ama-de-leite. Se mais tarde alguma mãe estivesse em condições de recuperá-lo, podia reclamá-lo. Mas a maioria delas encontrava-se ali anonimamente, com escassíssimas hipóteses de ficarem com o filho, que acabaria por ser adoptado ou por ficar na roda do convento. Isabel reconhecia-se nessas mulheres perdidas e dava graças a Deus – e a Ignacia – pela sorte que tivera ao cruzar-se no seu caminho com os Hijosa. Talvez alguma dessas mulheres tivesse pecado por luxúria, mas a maioria tinha sido enganada tal como ela, outras violadas, como uma sobrinha do bispo, muito jovem e de sorriso angelical, com ar de pássaro ferido, que repetia como um mantra uma frase ininteligível. Quanto sofrimento guardavam

as paredes dessas divisões… E, no entanto, o facto de existir essa ala para cuidar dos abandonados era com certeza um avanço, um sinal da mudança dos tempos.

Isabel não demorou muito a tornar-se indispensável para o funcionamento da ala de partos secretos, e durante esses anos aprendeu tudo o que uma parteira devia saber sobre nascimentos e primeiros cuidados a prestar aos bebés, e também noções de administração. Fazia tudo, desde limpar a comprar metros de tecido para fraldas, baetas inglesas, sabão, botões… e registava meticulosamente as despesas no livro de contabilidade, que era inspeccionado pelos patronos da Congregação das Dores. Tudo era anotado, desde a despesa mais pequena até às esmolas, roupas ou jóias doadas, com a correspondente data e a descrição, qualidade e estado de cada objecto. O controlo da administração de bens e rendimentos de contas era a maior preocupação da Congregação.

Capítulo 21

Num dia de Novembro, Balmis foi chamado secretamente ao palácio episcopal da povoação de Tacubaya, no vale do México, para ver um paciente. Era um lugar rodeado por extensos e esplêndidos pomares de árvores de fruto e olivais. Sem lhe dizerem de quem se tratava, os frades conduziram-no por longos corredores até a uma alcova. Quem estava na cama era o vice-rei, com a tez esverdeada, a barba por fazer, visivelmente doente. O outrora conversador e amável Bernardo de Gálvez era agora um homem triste. Balmis ajoelhou-se para o cumprimentar.

– Nada disso… Levantai-vos, peço-vos.

O médico sentou-se na beira da cama.

– Mandei chamar-vos porque uma vez me salvastes a vida e, nunca se sabe, talvez o consigais fazer uma segunda vez.

– Tentaremos. Onde vos dói, senhor?

– O que me dói é a alma.

– Deixai que vos examine.

Enquanto tirava os instrumentos e começava a apalpar o pescoço do vice-rei, este continuou a falar:

– Vou dizer-vos uma coisa, Balmis, que vos pode ser útil na vossa carreira… Os piores inimigos não são os franceses nem os ingleses nem os que encontramos no campo de batalha, mas sim os inimigos internos… os que não vemos apesar de estarem à nossa volta… os que fazem uma vénia e depois nos dão uma facada nas costas.

– A quem vos referis, senhor?

– Aos nobres americanos, aos funcionários reais. A todos os que me censuraram que tenha destinado recursos para os esfomeados e para melhorar a higiene dos arrabaldes a fim de combater as epidemias. A minha decisão de destinar para a beneficência uma parte substancial da receita da Loteria Real e outros fundos de multas assentou-lhes mal.

– Constou-me que vos estão agradecidos por terdes instalado a iluminação nas ruas e reiniciado as obras do palácio de Chapultepec.

– Isso eles não referem… O que fizeram foi levar um protesto ao Supremo Tribunal, que considerou a minha atitude pouco formal e pouco comum entre os governantes.

– Um governante deve procurar o bem público, não é verdade?

– Assim devia ser… A questão é que dizem que a minha popularidade é suspeita, acusaram-me de conspirar para colocar os meus familiares e conhecidos em certos postos, apoderar-me do poder do vice-reino e separá-lo da Espanha. Em Madrid acreditaram nisso e chamam-me traidor.

A corte, que uns meses antes o louvava, agora tinha-o repreendido tão severamente que Gálvez se tornara um ser melancólico. Balmis compreendeu que os sentimentos de injustiça e frustração tinham precipitado a doença. O vice-rei não conseguia compreender que o tratassem com semelhante dureza, insinuando que era um traidor à pátria por querer aliviar os sofrimentos dos mais pobres. Ele, que tinha protagonizado uma das façanhas mais heróicas de toda a história militar espanhola ao entrar sozinho com o seu bergantim na baía de Pensacola e conseguir subjugar os inimigos ingleses, o que lhe valeu que o rei tivesse acrescentado a divisa *Eu sozinho* ao seu brasão de armas. Ele, que dirigira com êxito a política espanhola de contribuir para a independência dos Estados Unidos, dando nome a uma cidade do Texas e a uma baía no golfo do México. Ele, que estivera à direita de George Washington no primeiro desfile da vitória norte-americana, a 4 de Julho de 1783. Agora o herói tinha sido despojado da sua glória porque se invertera o rumo dos acontecimentos. Ao rei já não interessava mostrar que Espanha apoiava os republicanos do Norte, porque a ideia de independência podia estender-se à América espanhola.

– Todas estas cicatrizes – disse Gálvez – não serão prova suficiente do meu patriotismo?

Balmis viu a cicatriz da perna que ele cauterizara e veio-lhe à memória a batalha de Argel. Foi invadido por um sentimento de raiva contida. Um governante como o vice-rei, que atendia com extremo zelo às necessidades do povo, não merecia ser humilhado dessa maneira. Se aliviar os sofrimentos dos mais fracos significava ser um traidor, algo estava muito mal no mecanismo do Império. Para Balmis, era evidente que o vice-rei estava afectado por uma doença nervosa causada por um abatimento do humor e do ânimo.

– Vou morrer – disse Gálvez após um longo silêncio.

Balmis olhou para ele:

– Vamos todos morrer. – Depois continuou: – Talvez não tão depressa como julgais. Vou sangrar-vos e dar-vos umas receitas à base de camomila, lavanda e flores de papoila. Recomendo-vos beber muito sumo de uva, evitar comer carnes e alimentos conservados em sal, nada que seja excitante. E banhos tépidos.

Foi a última vez que o viu vivo. Uns dias mais tarde, o vice-rei exalou o último suspiro nessa alcova. Tinha quarenta anos. Foi sepultado junto do pai na Igreja de San Fernando, na Cidade do México. Balmis assistiu ao enterro, em que começou a correr o boato de que fora envenenado. Mas o médico sabia que Gálvez morrera de dor, vítima das invejas e desconfianças que a sua glória acalentara.

Ficou sem protector, mas não sem protecção, porque o arcebispo Núñez de Haro foi nomeado vice-rei interino, enquanto se aguardava a vinda de Espanha de um novo vice-rei.

Balmis conseguiu obter a dispensa de funções militares, com um soldo de cento e cinquenta reais por mês. Nos anos seguintes, o seu prestígio e a sua clientela foram aumentando. A fama e os pacientes abriam-lhe portas onde quer que fosse. De todas as partes vinham vê-lo curandeiros para lhe proporem novos remédios, sabendo que Balmis se interessava pela utilização de plantas medicinais. Um dia chegou um curandeiro de Páztcuaro, pertencente ao bispado de Michoacán, que se fazia chamar, em espanhol, Nicolás de Viana, *o Beato*. Era um homem magro, com a pele cor de cobre e profundas rugas no rosto, o cabelo branco caía-lhe sobre os ombros, e trazia um colar

de penas de ave ao redor do pescoço. Andava descalço e vestia uma túnica comprida e um casaco de pele mal curtida com amuletos pendurados da lapela. Em Espanha, teria sido visto como um vagabundo ou um iluminado. Nenhum médico que se prezasse de o ser lhe teria prestado a mínima atenção. Balmis não o teria recebido se não fosse pelo documento que o tal homem lhe apresentou: uma carta de recomendação da Comissão de Medicina do Hospital de Michoacán.

– Olhe, doutor, eu tenho um remédio para curar a sífilis.

Balmis aguçou o ouvido: esse era um assunto a que dedicara muitas horas de estudo e experiências.

– À base de quê, bom homem?

– Ensinou-mo uma indiazinha, que curou vinte e sete infectados… E escute bem, doutor: sem usar mercúrio.

– Ah, sim?

Balmis arqueou as sobrancelhas. Era demasiado bom para ser verdade.

– Tenho os meus pés em chaga para o poder ver, e como quero que se me reconheça, aqui na capital, o resultado da cura, peço-lhe que venha comigo ver os meus resultados.

– Em que consiste o remédio? – perguntou Balmis.

– Uma fervura de piteira, três onças de raiz da mesma, duas de carne de víbora e uma de rosa-de-castela. Olhe, ponho a ferver até se evaporar metade, depois é coado com um pano, e dou-o a tomar ao doente na cama, para que sue tudo…

– É o que se chama uma infusão sudorífica… – sublinhou Balmis.

– Como disse?

– Nada, nada, continue a contar-me…

– Depois faço-lhe outro remédio, moendo anis e pó de begónia, e sabe por onde lhes entra? – Balmis abanou a cabeça. O curandeiro prosseguiu: – Pelo traseiro.

– Um clister, quereis dizer?

– Pois, chame-lhe como quiser…

Balmis foi a Páztcuaro e examinou os pacientes, que estavam livres de chagas e outros sinais da doença. Falou com outros médicos, que lhe confirmaram que esse método utilizado sem distinção de sexo, dose ou idade, surtia efeito. Balmis entusiasmou-se, convencido de que estava prestes a encontrar uma cura definitiva para o mal escrofuloso. «Imaginas conseguir um remédio definitivo? – escreveu ao pai. – Seria o culminar de todos os esforços que fiz desde a campanha de Gibraltar para atalhar uma doença tão devastadora. Sim, pai, creio realmente que estou prestes a fazer uma enorme descoberta que evitará muito sofrimento à humanidade e que me consagrará como médico…»

Durante três meses dedicou-se a fazer experiências com o remédio. Balmis pôs em marcha o seu espírito científico: queria separar o que era pura superstição do que era produto de uma sabedoria ancestral.

– Vou fazer experiências eliminando a carne da víbora – disse a Viana.

– Mas se é a carne da víbora que mata os maus espíritos que causam a doença! Se a tirar, o remédio não vai resultar.

– Vamos fazer a experiência.

– Os senhores, os médicos, não confiam… Por que não acredita que eu possa, apenas olhando e dando massagens, curar um doente?

Balmis limpou a garganta e fez o seu tique típico de piscar os olhos. O conflito entre a inovação científica e a sabedoria tradicional, entre o humanista Balmis, com o seu espírito racionalista, e o sábio curandeiro sem formação médica que entesourava remédios eficazes, era patente. Viana prosseguiu:

– Tenho de lhe apresentar Doña Pachita, que se senta a meditar diante do seu altarzinho, e quando sente zumbidos nos ouvidos entra em transe e realiza operações cirúrgicas. Há curandeiros que só por olharem para o doente sabem o que se passa com ele.

– Eu, como médico, costumo saber se o meu paciente está doente ou não só por vê-lo entrar no meu consultório. Nisso estamos de acordo.

– Pode ser que os senhores saibam se o doente está mal, mas não acreditam que é possível curá-los com o olhar, nem se precisa das mãos.

– Não, isso não.

– Pois eu curo com o olhar. O que se passa é que os senhores querem sempre ter a verdade e só acreditam no que vêem e no que podem tocar… Vou dizer-lhe uma coisa, doutor: o seu Deus está em todos os lugares e, no entanto, já o viu alguma vez? Conseguiu dar-lhe uma massagem?

Balmis não soube o que devia responder. O curandeiro tinha tocado num ponto delicado, aí onde a religião se junta com a ciência. Balmis acreditava em Deus, mas à sua maneira, como uma necessidade para explicar o mistério da vida.

– Creio em um só Deus, amigo Viana, mas não nos espíritos nem na magia.

– Então o remédio não vai funcionar consigo… porque este remédio anda a dar resultados há milhares e milhares de anos… E o senhor quer alterá-lo? Sabe mais que milhares de anos de provas?

À sua maneira, Viana trazia à baila a arrogância do médico, que fazia de aprendiz de feiticeiro. O curandeiro revelara a Balmis os segredos da piteira para curar a sífilis, e este, que aceitara o «presente», alterava-o a seu bel-prazer. Para um homem humilde como Viana, isso parecia ser uma falta de respeito. Sentia que, ao alterá-lo, Balmis estava a apropriar-se do invento (nisso não estava enganado). Faltava humanidade ao humanista Balmis, pensava o curandeiro, e sobrava-lhe ambição.

– Só quero aplicar um método científico a um remédio que sabemos que resulta – respondeu-lhe Balmis.

– Se sabemos que resulta, para que mete nisso a ciência…? Não mude o que Deus põe nas suas mãos.

– Só quero simplificar o tratamento e estudar a fundo os efeitos terapêuticos do medicamento resultante.

– Como disse?

Balmis estava convencido de ter dado com a chave para encontrar um remédio definitivo contra o mal gálico, e o benefício enorme que a humanidade inteira tiraria dele não podia estar

condicionado pelo respeito por umas crenças que não partilhava. Por isso deixou o curandeiro de lado e trabalhou muito para alterar as fórmulas originais, seguindo o método do ensaio e erro. Por fim, compôs o sudorífico com a raiz da piteira e o pulque, e verificou que era mais eficaz. Para o purgante usou apenas a begónia, uma planta encontrada por Martín de Sessé em Páztcuaro e que foi chamada *Begonia syphilitica* pela fama de que gozava na região de Michoacán. Balmis descartou tudo o resto. «O resultado dos meus trabalhos – escreveu ao pai – não pode ser mais encorajador. Trezentos e vinte e três doentes de ambos os sexos, entre homens idosos, mulheres grávidas e crianças contaminadas pela gestação ou pela amamentação, foram curados sem os efeitos nocivos do mercúrio. O Real Tribunal do Protomedicato, reunido no Hospital de San Andrés da Cidade do México, aprovou o meu método baseando-se no facto de ser simples, barato, seguro e rápido para a cura do mal venéreo. Pai, confesso que sinto uma satisfação muito profunda…»

Entusiasmado com a descoberta, Alonso Núñez de Haro exortou todos os médicos do vice-reino a que a usassem. Pensava que o mundo inteiro devia beneficiar de um método tão inovador.

– Quero que leveis a descoberta até Espanha – disse a Balmis.

O médico sentiu-se lisonjeado. O passo seguinte, regressar a Madrid com uma cura universal contra o mal venéreo e com o aval do vice-rei bispo da Nova Espanha, prometia ser muito excitante:

– Poderia continuar a fazer experiências e observações na corte de Madrid.

– Sim, Balmis, só vós podeis conseguir que a piteira se junte às outras plantas que transformaram a farmacopeia europeia desde há dois séculos.

– Estais a referir-vos à salsaparrilha?

– Sim, e também ao guaiaco e à jalapa.

– Como sempre, Eminência, agradeço-vos a confiança que depositais em mim.

– A gratidão é minha. Sempre me surpreenderam a qualidade das vossas observações e a vossa dedicação ao trabalho.

Balmis escreveu ao pai para partilhar o seu entusiasmo pelo regresso iminente, mas não recebeu resposta. Um silêncio que se juntava ao das últimas cartas que enviara. Que o pai pudesse estar doente ou – não queria pensar nisso – que tivesse morrido, era mais um motivo para acelerar o regresso.

No momento de se despedir do seu mecenas, fê-lo com o coração apertado. Voltaria a vê-lo?

– Não são muitos os homens de Deus com tão boa disposição para aceitar novas ideias.

Foi isso que Balmis disse, ajoelhado, antes de lhe beijar o grande anel de ouro que o arcebispo usava no anelar.

– A Igreja não pode ficar à margem das necessidades dos homens – respondeu-lhe Núñez de Haro.

Capítulo 22

Balmis encontrava-se há onze anos longe da Península Ibérica. Aprendera a amar os contrastes e as paisagens do México, as comidas e os costumes, a tolerância e as maneiras solenes e educadas das suas gentes. Sentia-se respeitado e querido. Mas a sua ambição de glória pesava mais. Regressar com semelhante descoberta era garantir para si um lugar no olimpo da medicina. Outro motivo o impelia a regressar: a mulher, Josefa, pedira ajuda ao rei por ter ficado sem meios de subsistência. O rei, tendo sabido por informações verídicas da boa conduta da interessada, ditou uma ordem real, que enviou ao vice-rei da Nova Espanha, para obrigar Balmis a dar assistência à mulher no que dizia respeito às suas posses. Para o médico, isso foi a confirmação de que o pai, que dava protecção e ajuda a Josefa, devia ter falecido. Imediatamente o substituiu nessas funções e passou a enviar uma quantia à mulher todos os meses.

Balmis partiu da Nova Espanha com cem arrobas de piteira e trinta de begónia recolhidas por ele nos arredores de Páztcuaro, onde havia os melhores espécimes. De Cádis, onde desembarcou, enviou para Madrid o precioso carregamento enquanto seguia para Alicante.

– Mãe?

Só recebeu como resposta o eco do seu chamamento. A casa, que outrora fora um lar alegre, estava agora mergulhada na penumbra e no silêncio.

– Francisco…!

A mãe falava com um fiozinho de voz. Abraçou-o chorando.

– E o pai?

Embora soubesse a resposta, sentiu uma pontada a atravessar-lhe o peito.

– No céu, meu filho, está no céu.

Toda a sua infância lhe passou pela cabeça, tantas recordações impregnadas de ternura, de momentos felizes passados nessa casa sempre cheia de crianças, de familiares, de pacientes e de amigos. Tanto tempo partilhado com o pai. Que longínquos pareciam esses dias em que não conhecia a solidão! Agora as irmãs tinham-se casado e Josefa e o seu filho tinham-se instalado noutro lugar. A mãe dele estava sozinha com as suas recordações.

– Vem comigo ao cemitério para deixarmos umas flores no seu túmulo e depois levo-te aonde estão a Josefa e o menino.

Caminharam devagar porque a mãe era já uma velhinha. Depois de se recolher diante da sepultura do pai, seguiram para casa da esposa. Abriu-lhes a porta uma mulher que não reconheceu: tinha o rosto enrugado, o cabelo grisalho e aparentava mais idade do que a que tinha realmente.

– Lamento ter-te importunado por ter sido obrigada a pedir ajuda ao rei, mas não tínhamos dinheiro nem para comer – confessou-lhe a mulher.

– Houve uma seca e uma fome muito más… – acrescentou a mãe.

O filho apareceu. Vinha da casa do tio dele, onde trabalhava como aprendiz de dentista. Era um rapaz de dezasseis anos que o olhava com desconfiança. Quem era esse pai que surgia de novo na sua vida, esse médico famoso que os abandonara, a ele e à mãe?

– Também vais ser cirurgião? – perguntou-lhe Balmis.

– Não, eu não quero ser como o senhor.

– Miguel, não são maneiras de falar! – repreendeu-o a mãe.

Que Balmis podia esperar depois de tão longa ausência? Que o filho o recebesse de braços abertos? O rapaz estava ressentido, e mal lhe fez perguntas sobre a vida no México ou o seu trabalho, pelo que Balmis deduziu que não tinha interesse nele. Como poderia ser de outra maneira?

– O rapaz não te conhece – disse-lhe a mãe.

Foi invadido por um sentimento de culpa ao comparar a relação que tivera com o pai e a que tinha agora com o filho, se se podia chamar relação a isso.

– Uma vida de estudo e de trabalho consome tanto tempo que pouco resta para cultivar os afectos – disse Balmis, em jeito de desculpa.

Arranjava sempre uma maneira de se justificar.

– Não, tu não escolheste a vida familiar – respondeu-lhe a mãe, sempre tão compreensiva –, mas sim servir a humanidade.

Então Balmis contou-lhe tudo sobre o remédio revolucionário que trouxera do México e a pressa que tinha de chegar a Madrid e dá-lo a conhecer.

– Mãe, estou prestes a conhecer a glória.

– É o que sempre desejaste, filho. Cada um tem o seu destino, é o que eu digo sempre à Josefa, para a ajudar a suportar tanta solidão.

Mas Balmis calou-se, não sentia compaixão por Josefa, nem pelo filho. Vivia no seu mundo, onde não tinham lugar esses afectos.

Era Primavera quando se instalou no número 26 da Calle da Montera em Madrid. Reiniciou as suas experiências no Hospital San Juan de Dios, sob a supervisão do Protomedicato. Logo sentiu que esse não era o ambiente distendido e aberto do Hospital de San Andrés, onde um indígena podia chegar com plantas curativas e levavam-no a sério, onde enganar-se não implicava ser crucificado. Isto era Madrid, a capital de um império em que reinava o despotismo ministerial e a corrupção, em que tudo se desmoronava, excepto os preconceitos, a soberba e a inveja.

Balmis, que tentava aclimatar as suas plantas no novo Jardim Botânico, encontrou uma atitude céptica, fechada e hostil nos protomédicos que, antes de ele iniciar as experiências, questionaram as virtudes dessas plantas. Uma mentalidade que se podia resumir numa pergunta: acaso um cirurgião

chegado da Nova Espanha poderia dar-lhes lições? Balmis aprendeu a amarga verdade de que chegar com um historial brilhante não garantia o respeito dos colegas.

Quando pensava que estava prestes a chegar ao ponto mais alto do êxito profissional, encontrou-se no abismo da incompreensão. Os médicos mais hostis às inovações denegriram as suas descobertas, convencidos de que o único tratamento possível do morbo gálico era o mercúrio.

– Está a propor-nos terapias de curandeiro! – diziam maliciosamente. – Ele próprio nos contou isso!

Muito depressa Balmis e os seus tiques se tornaram objecto de chacota. Sabia que os seus colegas o insultavam pelas costas. Quando teve de apresentar os resultados das experiências perante a comissão médica, desencadeou-se uma discussão inflamada entre os tradicionalistas e os inovadores, que acabou em apupos e insultos. O famoso doutor Bartolomé Piñera abandonou a sala e nos corredores do hospital ia gritando:

– Fraude! Erro, erro!

Balmis não estava preparado para uma reacção tão violenta. Era evidente que o queriam acusar de fraude para afundar a sua carreira. *Mas porquê?*, perguntava-se.

«Aqui somos assim…», foi a única explicação que obteve de um dos colegas, um inovador. Balmis foi-se abaixo, ferido no mais fundo do seu ser, como um navio atingido na linha de flutuação.

– Sou apenas um professor que busca o conhecimento, sou honrado e tenho boa-fé, por que me fazem isto?

– Sois um charlatão! – gritava-lhe o doutor Piñera.

Balmis esforçava-se por conter a raiva diante dos ataques desse inimigo mortal, que não conseguia afastar da mente nem em sonhos. Piñera causava-lhe pesadelos e um pânico mortal que lhe lembrava o que experimentara em jovem diante de um professor demasiado exigente e severo.

Mas era inteligente o suficiente para não cair na armadilha dos que buscavam a sua humilhação pública. Pelo contrário, reagiu com moderação e sabedoria. Deitou mãos à obra e redigiu um relatório sobre «as virtudes eficazes da piteira e da begónia para a cura do vício venéreo e escrofuloso», no qual, além de rebater com contundência as acusações, explicava com minúcia as suas observações clínicas. Nas conclusões lamentava-se da atitude exageradamente desafiadora que encontrara na classe médica da Península e afirmava os seus princípios: «Vim a Espanha não como os charlatães mas como um professor instruído na matéria, desejoso de procurar o bem público e de cumprir a importante missão de ser útil à saúde dos homens.»

Mas a polémica suscitada deixou Balmis desenganado, magoado e abatido. Arrependia-se de ter regressado à corte. Que ingénuo fora em acreditar que tudo seria um mar de rosas, ao convencer-se de que o mérito seria reconhecido de imediato! Agora o seu orgulho e o seu nome estavam manchados para sempre.

Tinha a impressão de ter dado um enorme passo atrás na carreira. Para alguém como ele, que vivia em função do reconhecimento profissional, o que acabava de lhe acontecer era o pior. Para lutar contra o desencanto, deixou-se levar pela sua curiosidade inata, pela inclinação para o estudo e pelo amor à medicina. Balmis necessitava pouco dos outros; tinha um mundo interior rico e estimulante, e preferia ficar fechado em casa a ler as últimas revistas médicas do que reunir-se nas

tertúlias com outros colegas para criticar os seus detractores ou falar de como era dura e injusta a profissão. Como era alguém que vivia num estado de formação permanente, preferiu fincar os cotovelos na secretária e estudar para dois cursos de medicina clínica, com o objectivo de obter o título de doutor em Medicina. Era um sonho antigo, o de passar a fazer parte daqueles que trabalhavam com a mente. Pensou no pai, no avô, e em como se sentiriam orgulhosos dele se conseguisse fazer isso.

Sentado no cadeirão desconjuntado do seu andar na Calle da Montera, com as pernas debaixo das saias da mesa de camilha para aproveitar o calor da braseira alimentada por carvão que um dos seus criados enchia com regularidade, quando se cansava de estudar, fechava os olhos e recordava os seus tempos no México, a temperatura suave, o sabor do guisado de peru, do caldo de carne, do chocolate e do copo de mezcal, os espectáculos no Coliseo, os cheiros do mercado de Parián e as maneiras corteses do povo. Em Madrid tudo lhe parecia duro, abrupto, cortante, desde o frio gelado até ao contacto pessoal, passando pelo sotaque dos habitantes, que agora lhe parecia áspero.

Um dia, ao folhear um exemplar de *La Gaceta de Madrid*, voltaram-lhe à memória outro tipo de recordações: Oaxaca devastada pela varíola; aldeias selvagens povoadas por indígenas prostrados, com os rostos picados por furúnculos; eternas discussões com os padres que se recusavam a deixá-lo variolizar. *La Gaceta* falava de um livro publicado em Inglaterra por um tal doutor Edward Jenner com o título *Uma investigação sobre as causas e efeitos da vacina da varíola*, que estava a dar muito que falar nos círculos médicos e científicos de toda a Europa. Citava um médico catalão, Francisco Piguillem, que glosava os benefícios do invento de Jenner e que se dispunha a proceder às primeiras vacinações em Puigcerdá, assim que tivesse recebido fluido vacinatório de Paris ou de Londres. Para um médico como Balmis, apaixonado pelas inovações científicas, essas informações eram como um elixir de vida. Confirmavam as suas suspeitas sobre a imunologia do corpo humano, pelo que quis saber tudo sobre essa descoberta.

Por outro lado, e para sua satisfação, o debate médico acerca do seu tratamento contra a sífilis foi-se inclinando a favor dele, tanto que até o papa mandou que fosse introduzido num hospital de Roma.

– É claro que funciona, pese a quem pesar – dizia o seu amigo doutor Ruiz de Luzuriaga.

Tinham-se conhecido porque a ambos lhes coube defender a ideia da vacina de Jenner perante os mesmos médicos que tinham atacado Balmis e que agora se assanhavam contra o médico inglês.

A verdade é que o tratamento com a piteira e a begónia acabou por ter tão boa aceitação que outros médicos o recomendaram para tratar não só a sífilis como também as erupções cutâneas, a gota, a artrite e as obstruções viscerais.

Esse era um pobre consolo para quem tanto apostara nessa cura. Balmis tinha noção de que a sua reputação se encontrava manchada. Quando, em 1801, obteve o título de doutor em Medicina, sentiu a enorme felicidade de ter cumprido as suas maiores expectativas. Dava assim um salto social que lhe custara anos a conseguir, apesar de outros o conseguirem em pouco tempo por serem filhos de famílias nobres. Sabia que, a partir de agora, ser-lhe-iam abertas as portas da Academia de Medicina de Madrid, o que lhe permitiria relacionar-se com os mais notáveis dos círculos médicos e científicos. Mas nem este marco na sua vida nem o reconhecimento oficial do dicionário de

botânica mexicana, que mudou o nome de *Begonia syphilitica* pelo de *Begonia balmisiana*, nem os três cursos de botânica que fez no Real Jardim Botânico de Madrid, nem os dois anos de química no Real Laboratório, nem o título de cirurgião real que lhe outorgou Sua Majestade o rei Carlos IV, com mais seis mil reais de salário por ano, conseguiram apagar a recordação dessa humilhação.

Da experiência da piteira e da begónia tirou a lição de desconfiar sempre dos colegas, tal como lhe aconselhara Bernardo de Gálvez quando lhe disse, pouco antes de morrer, que os piores inimigos são os que temos à nossa volta; e a determinação inflexível e tenaz de continuar a demonstrar ao mundo o seu valor.

Capítulo 23

A Corunha enchia-se de gente. Todos os dias chegavam famílias de camponeses do interior da Galiza, de Castela ou das Astúrias. Respondiam assim a um plano da Coroa para aliviar tanta pobreza, e que consistia em contratar famílias para colonizar o Rio da Prata e a costa da Patagónia. Chegavam num estado deplorável. No porto eram examinados, inscritos e preparados para o dia em que os seus respectivos barcos tivessem de partir. O encarregado de supervisionar a saúde dos colonizadores era o doutor Posse, que fora nomeado para tal por um alto funcionário real. Era uma tarefa colossal, para a qual se fez rodear por quatro médicos, vários cirurgiões e um farmacêutico militar. A sua função era descobrir todos os colonos que, pela sua condição física, não estivessem aptos para a viagem.

Entre as doenças contagiosas a varíola era a mais comum. Quando descobriam algum doente, o médico recomendava-lhes que fosse libertado do seu contrato e que regressasse à sua aldeia.

– A tua única possibilidade de cura é o ar puro da tua aldeia – dizia-lhes.

Pouco a pouco foram aparecendo cada vez mais camponeses afectados pela varíola, o que o fez temer a aparição de uma nova epidemia. Imediatamente Posse mandou a sua equipa procurar possíveis casos entre os camponeses albergados em casas particulares e casernas do exército, tanto dentro como fora da cidade. Ordenou que se fizessem fumigações e fez inúmeras visitas aos colonos, consciente da importância de pôr de parte os contagiosos. Mandou proibir a entrada na cidade de qualquer pessoa proveniente de províncias contaminadas, mesmo que trouxesse atestado de boa saúde e de quarentena passada. Trabalhou muitíssimo no Hospital Militar e mesmo assim sobrava-lhe tempo para passar pela beneficência municipal a fim de ver se necessitavam dos seus serviços. A sua dedicação valeu-lhe o elogio do intendente do Reino, que o nomeou médico municipal da Corunha, qualificando-o como «pessoa capaz e de muito boa conduta».

Um dia, o doutor Posse chegou a casa de Don Jerónimo num estado de extrema excitação. Trazia na mão um exemplar do *Semanário de agricultura e artes dirigidas para os párocos*, que, apesar do título, era uma revista científica. Esse exemplar reproduzia um resumo do livro do médico inglês Edward Jenner.

– Isto é uma verdadeira revolução, Don Jerónimo. É um marco na história da humanidade.

Don Jerónimo estava um pouco perplexo diante do entusiasmo transbordante do amigo.

– É o princípio do fim da varíola! – repetia Posse, exultante.

– Não estais a exagerar, doutor?

– Não, não… Já vos falei dos trabalhos deste médico rural inglês, há muito tempo que os sigo. Começou por uma observação muito simples, a de que as camponesas que ordenham vacas nunca sofrem de varíola. Porquê? Demorou vinte anos a encontrar uma resposta.

– E então?

– Descobriu que estavam protegidas da varíola por um vírus parecido, que só se dá nas vacas, e que provoca uma doença semelhante à varíola humana, mas muito mais benigna e não contagiosa. Jenner demonstrou que o vírus da varíola bovina imuniza contra o da varíola humana.

O doutor Posse entregou-lhe o exemplar que trazia na mão e Don Jerónimo embrenhou-se na leitura da revista. As experiências do médico inglês tinham consistido em inocular pus infectado de varíola das vacas em seres humanos. Nenhum deles desenvolvera a doença nem efeitos indesejáveis.

– Chamou ao seu método vacina, da palavra *vaca,* e é bastante simples. É parecido com a variolização, mas inoculando pus de vaca em vez de pus de varíola humana. Quero pôr em prática o remédio, e venho pedir-vos que me concedais a utilização de uma sala no Hospital da Caridade para efectuar as primeiras vacinações.

Don Jerónimo franziu o sobrolho.

– Não haverá risco de infectar gente sã com material extraído de um animal? – perguntou.

– Continuai a ler o artigo. Não há nenhum risco.

Don Jerónimo lia com extremo interesse e sempre com ar céptico.

– Não vos vou negar que há uma coisa que me perturba em tudo isto… Afinal de contas, estão-se a misturar as espécies ao inocular fluido de vaca num ser humano.

– É verdade que até agora não se pôs em prática nenhuma medida que introduza matéria animal na espécie humana. Imagino que muitos padres irão erguer os braços para o céu, mas o importante é o resultado.

– Sim, mas não sabemos o que poderá acontecer se se misturarem as espécies, quem sabe quais os efeitos que se podem desenvolver a longo prazo, como resultado de misturar fluidos de espécies diferentes?

– Todos os avanços da ciência trazem consigo riscos, Don Jerónimo. Se pudermos atalhar uma doença que ataca sessenta por cento da população e causa dez por cento de todas as mortes, com um método que não oferece perigo, vamos ficar de braços cruzados?

– Temos de garantir que não oferece perigo. Deixai-me consultar os outros patronos da Congregação sobre a utilização da sala.

A publicação do relatório de Edward Jenner dava a volta ao mundo, suscitando tanto críticas ferozes como aplausos. O argumento principal dos detractores era o que sublinhara Don Jerónimo. Parecia-lhes imoral e sacrílego infectar gente saudável com o fluido repugnante e sujo de um animal. Em Inglaterra, um médico atreveu-se a afirmar em público:

– Asseguro-vos que a vacinação fará com que no vacinado cresçam cornos bovinos na testa! Não se pode desafiar as leis da natureza, que são também as leis de Deus, sem se pagar um preço alto!

O facto de a fronteira entre espécies se ver ameaçada causou tanto pânico que inicialmente o papa proibiu ensaios com a vacina nos Estados Pontifícios. Mas os resultados falavam por si: a vacina era um procedimento tão fácil, inócuo e eficaz que o universo médico e científico europeu aderiu com entusiasmo à sua prática. Dos Estados Unidos, o presidente Thomas Jefferson enviou uma carta de felicitações a Jenner. Em França, Napoleão mandou vacinar as tropas, e na Rússia a imperatriz

ordenou que a primeira criança vacinada fosse chamada Vacinoff e desfrutasse de uma renda vitalícia por conta do governo imperial. Don Jerónimo, que era culto e tinha uma confiança cega no doutor Posse, convenceu os patronos a instalar uma sala de vacinação no Hospital da Caridade. Tinha-se dado um passo gigantesco na compreensão da imunização e Posse não descansou até se ver empanturrado com tudo o que se sabia realmente sobre os seus bons efeitos.

O primeiro problema que enfrentava era conseguir vírus de vaca. A varíola das vacas era uma doença que só se verificava no gado do Norte da Europa, por isso fracassaram as tentativas de a obter em Espanha. Posse escreveu ao doutor Piguillem, pioneiro da vacina na Catalunha, pedindo que lhe enviasse ligaduras que tivessem sido impregnadas com pústulas de vacas doentes com varíola.

Uns dias mais tarde, enquanto preparava a sala de vacinações no Hospital da Caridade, encontrou-se com Isabel, sempre muito atarefada.

– Desta vez não há risco nenhum – disse-lhe, depois de lhe explicar o novo método. – Para que vejas a confiança que tenho nele, o primeiro que vou vacinar é o ser que mais amo, o meu neto de cinco meses. Mas quero também vacinar o teu filho. Serão os primeiros em toda a Galiza.

– Mas o senhor tem a certeza de que não vai ficar mal, como aconteceu com os filhos de Don Jerónimo?

– Tenho. Isto não tem nada a ver com o que fizemos antes. Pensa que o teu filho ficará livre da varíola para sempre.

Isabel sentia uma certa aflição, mas não se viu com forças para recusar. Já não tinha desculpas como quando lhe propuseram variolizar-se estando grávida. De modo que, a 16 de Agosto de 1800, o doutor Posse efectuou as primeiras vacinações na Galiza, no seu neto e no pequeno Benito, que tinha sete anos, no Hospital da Caridade, e fê-lo com as ligaduras de algodão que lhe enviara o doutor Piguillem de Barcelona. Continuou a vacinar muitas crianças com o mesmo método, a vacina transportada em ligaduras, mas ficava-lhe sempre o receio de que o vírus tivesse deixado de estar activo e a vacina não pegasse.

Capítulo 24

Um dia de Fevereiro de 1801, um trágico acidente no orfanato do hospital projectou Isabel para uma nova vida. Um menino estatelou-se na rua caindo da janela do segundo andar e morreu entre alaridos que sobressaltaram a cidade inteira. Um acidente que se juntava ao de um conhecido caso que acabava de se tornar público, o de uns miúdos valencianos adoptados por uns comediantes, a quem tinham partido as articulações para manterem a flexibilidade e a quem limitavam os alimentos para que fossem ágeis. Pela primeira vez questionava-se a incipiente assistência pública. A poderosa Congregação das Dores, afectada na sua reputação, viu nesse infortúnio a consequência da desordem reinante no hospital, o que, com a falta de higiene e as contas pouco rigorosas, causou o despedimento imediato da reitora, Lucía Pérez.

– Não há ninguém na Corunha com melhores capacidades do que Isabel Zendal para segurar as rédeas do orfanato – disse Don Jerónimo na reunião urgente dos patronos.

Isabel não tinha qualificações para esse lugar, difícil de preencher porque as exigências eram muito grandes e o pagamento era escasso. Esta era a segunda reitora que despediam; a primeira tinha sido acusada de não justificar despesas adequadamente. Embora, de acordo com o regulamento, a nomeação para esse lugar devesse passar por um processo de selecção, no caso de Isabel foi a insistência de Don Jerónimo que determinou a sua nomeação. Era imperativo dispor de uma reitora. Outra consideração que sem dúvida pesou na decisão foi que o filho dela, de oito anos, começava a ocupar demasiado espaço.

– Disse-te há pouco tempo que tinha um trabalho em mente para ti, lembras-te?

– Sim, sim, Don Jerónimo.

– O Patronato da Congregação das Dores, reunido ontem, decidiu oferecer-te o lugar de reitora do orfanato do Hospital da Caridade.

Isabel sorriu. Uns incipientes pés-de-galinha surgiram nos cantos dos seus olhos. Estava contente: os seus patronos não se tinham esquecido dela.

– Os nossos filhos já são crescidos e Doña María Josefa e eu achamos que poderás ser mais útil tratando do orfanato.

– Acreditais mesmo que posso fazer esse trabalho?

– Estou convencido de que és a melhor para esse lugar. Mas não é um trabalho fácil: a tua presença é indispensável vinte e quatro horas por dia, por isso terás de te mudar para lá com Benito. Receberás um salário mensal de cinquenta reais e o pagamento em espécies de libra e meia de pão por dia, feito com farinha fina de primeira qualidade. Para que faças uma ideia, a rodeira recebe quarenta reais, a mestra de fiação e tricô, sessenta, e o professor de primeiras letras recebe outros sessenta.

– Estou-vos muito grata, Don Jerónimo. Não sei se mereço…

Isabel estava emocionada. Não se importava que o trabalho fosse duro, o importante era que deixava de ser criada. Devia isso aos seus patronos, mas também a Ignacia, que a obrigara a ir aprender contas e letras na pequena escola da paróquia de Santa Mariña de Parada. Sem esse saber, nunca teria podido aspirar a nada.

– Mereces isso e muito mais – disse-lhe Don Jerónimo, e Isabel ficou espantada porque não estava acostumada a receber elogios. – Olha, filha – continuou –, o que valoriza o lugar de reitora são as gratificações: receberás um presente na noite de Natal e duas bolas de carne na Quaresma.

A primeira coisa que fez a nova reitora foi mandar colocar gelosias nas janelas dos quartos dos expostos para impedir que caíssem por elas à rua. Depois preparou duas divisões para separar um sexo do outro, montou camas novas e instalou lanternas nos quartos. Propôs que as crianças, que se encontravam num lamentável estado de negligência, se mostrassem saudáveis e fortes como o filho Benito, cujo imenso privilégio de ter mãe e a sorte de dormir no mesmo quarto que ela causava nos outros uma mistura de inveja e de fascínio. Instaurou novas normas de higiene, muitas delas por indicação do doutor Posse: mandou trocar com regularidade a palha dos enxergões, comprou pinças de ferro para extrair os parasitas causadores da sarna e rapou-lhes a cabeça para os despiolhar. Aos que adoeciam dava massagens de aguardente com panos quentes e pão branco e carne para comer. Comprou vassouras de palma para limpar o torno da roda, e vigiava de perto a rodeira para que se não ausentasse sob nenhum pretexto, como acontecia anteriormente. Um mês depois de começar a trabalhar, o orfanato não se parecia em nada com o que fora.

– Para mostrar a minha satisfação e a dos patronos, decidimos recompensar-te com um pagamento mensal extraordinário de dezasseis reais pela confecção de roupa de uso diário – disse-lhe Don Jerónimo.

Consistia em fazer camisas e fraldas com lençóis velhos, remendar calças e casacos e repor cordões e botões nos calções. Apesar de toda essa carga de trabalho, Isabel estava contente e não se queixava. De vez em quando sentia saudades da comodidade e da vida tranquila da casa dos Hijosa. Mas matutava pouco sobre o seu destino: era a vantagem de lhe faltar tempo para si.

Muito depressa passou a considerar como filhos seus todas as crianças do orfanato. Admirava a capacidade de sobrevivência delas. Três quartos dos que apareciam na roda morriam antes de se passarem três dias; houve alturas em que a percentagem subia até aos noventa e mesmo aos cem por cento: não sobrevivia nenhum. Ao princípio, contava isso alarmada ao doutor Posse, como se este pudesse fazer alguma coisa:

– Chegam em muito mau estado, doutor. Chegam com a cabeça abaulada, o corpo cheio de chagas e o umbigo solto. Vêm de aldeias distantes e trazem-nos em cestas e em alforges dos cavalos.

O médico sabia bem disso, ele que visitava assiduamente os estabelecimentos de beneficência. Era tão grande a mortalidade que duas agências funerárias na Corunha encarregavam-se do transporte de cadáveres de crianças e jovens. A carroça do Céu, um veículo barroco pintado de branco que suscitava grande curiosidade, ficava reservada para as famílias ricas. Os expostos mortos acabavam no mesmo lugar dos pobres, no adro das paróquias.

As mães, desesperadas, traziam os filhos de noite, para não serem reconhecidas. Isabel, obrigada a substituir a encarregada da roda, que estava sempre doente, ouvia primeiro os passos na rua, depois o choro de um bebé que era exposto na roda, os soluços da mãe, que decerto não voltaria a vê-lo, e como despedida o chiar do torno ao rodar sobre o eixo, e a irónica nota alegre da campainha que avisava da chegada de um novo bebé. Do outro lado, no interior, Isabel recebia esses filhos da vergonha e da pobreza.

Alguns vinham já baptizados, outros recebiam o nome do santo do dia, como mandava o regulamento. A maioria chegava envolvida em simples trapos, até num guardanapo ou num pedaço de mantilha, ou numa folha de calendário; a 19 de Março de 1800 apareceu um chapéu com um bebé nu no seu interior. Chamaram-lhe José. Outras vezes não era a mãe mas sim alguém que encontrara o bebé abandonado num curral, num palheiro, numa fonte ou numa estrumeira, e que o depositava na roda. Um miúdo de três anos foi trazido por um homem que o encontrou abandonado ao pé da Igreja de San Nicolás, com os pés atados para que não fugisse atrás dos pais. Muitos traziam um bilhete com o nome, a filiação, a data de nascimento ou do baptizado: «Juan Pérez, filho de dois pobres honrados, quase a fazer um ano», e que terminava com uma súplica: «Dêem-lhe de comer, porque não comeu.» No caso do bebé Vicente María, posto na roda a 13 de Maio de 1800, um bilhete numa fita atada à orelha dizia que os pais viriam buscá-lo quando as coisas lhes corressem melhor; juntavam uma esmola generosa «para colaborar na criação». Como seria a miséria nas suas casas se esses pais pensavam que a roda era um destino preferível ao do lar?

Isabel acariciava os expostos enquanto os despia e observava cada centímetro de pele para ver se havia algum sinal de maus-tratos, como aconteceu com uma menina que chegou com equimoses na cara e hematomas no corpo, ou alguma marca anunciadora de um rebento de varíola ou de contágio sifilítico, sendo nesse caso entregues aos médicos do hospital. Essas crianças estavam condenadas a morrer rapidamente porque o perigo de contágio impedia-as de serem amamentadas por amas-de-leite; dava-se-lhes um pobre substituto, leite de cabra, até morrerem. Os que passavam por esse primeiro crivo, eram baptizados e entregues às amas-de-leite. Como as amas fixas no orfanato estavam assoberbadas, chegando a amamentar seis bebés cada uma, Isabel recorria ao que se chamava amamentação mercenária. Para ela era terrível ficar a par dos muitos descuidos ou fraudes das amas, que em troca de trinta reais por mês levavam os bebés para suas casas. Descobriu que algumas os deixavam morrer e não comunicavam o óbito para continuar a receber; outras voltavam ao orfanato com um bebé diferente do que tinham recebido; outras restringiam o leite que davam ao exposto para favorecer o filho. Descobriu o caso de uma mãe que, depois de depositar o filho na roda, escondendo a sua condição, recuperou-o para desse modo cobrar o mísero salário que o orfanato pagava por criar os bebés.

Farta de tantas burlas, Isabel não teve outro remédio senão impor a mesma norma que se praticava no Hospício de Santiago: a marcação, um sistema humilhante e cruel. Pediu ao cirurgião que em todos os recém-nascidos fizesse uma incisão no braço, suficientemente funda para deixar uma marca indelével. Dava-lhes assim uma identidade protectora que durava até que abandonassem o orfanato, entre os dez e os catorze anos.

Embora não o fosse, Isabel viveu o seu novo trabalho como uma libertação. Não era a mesma coisa tratar dos filhos de uma família rica ou de um punhado de crianças abandonadas. Mas na sua vida era uma ascensão importante, que a ajudaria a limpar a reputação. Sentia uma ânsia doentia em demonstrar que era digna de confiança, em recuperar a honra, porque não havia remédio que curasse a sua maior dor, o estigma da ilegitimidade que pesava sobre o filho e de que nunca o poderia livrar. Como lhe doía quando Benito vinha para casa a chorar porque lhe tinham gritado obscenidades na rua! O pequeno redobrava a sua gaguez e embora o doutor Posse lhe dissesse que isso se devia ao facto de os professores o obrigarem a ser destro quando na realidade era esquerdino, Isabel estava convencida de que era pela perseguição a que o submetiam.

– Ma… mãe, ma… mãe, chamaram-me filho-da… filho-da…

– Cala-te, Benito, não é preciso continuares – dizia-lhe Isabel abraçando-o e tremendo de irritação.

Capítulo 25

La Granja de San Ildefonso, 4 de Novembro de 1802. Um nevão extemporâneo surpreendeu a família real antes da peregrinação anual ao Palácio de Aranjuez, onde, como acontecia todos os anos, iria passar o Inverno desfrutando de um clima mais ameno do que entre as montanhas de Segóvia.

– Godoy – disse Carlos IV ao seu ministro favorito e homem de confiança –, insisto: quero prolongar a minha estada aqui.

– Com este tempo, Majestade?

– Até ao dia do meu santo.

– Então pensais observar o costume de abrir ao povo os jardins do palácio… com este frio?

– O povo aguenta melhor as inclemências do tempo do que a alteração das tradições.

Manuel Godoy sabia que havia outra razão poderosa para que o rei quisesse permanecer em La Granja. Do pai, Carlos III, o monarca herdara a paixão da caça, a que se dedicava todos os dias, da alvorada ao anoitecer, mesmo quando as suas obrigações reais não lhe permitiam fazer tal coisa.

No dia do santo do seu nome, Carlos IV assomou o seu perfil de nariz direito e barriga proeminente aos vidros da janela do segundo andar do palácio. O povo enchia os jardins cuidadosamente preservados, em redor das fontes cujos repuxos davam vida a uma paisagem gelada de abetos tão escuros que pareciam negros, debruados pela neve.

– Vedes como eu tinha razão? Olhai para essa multidão….

Quando os visitantes perceberam que a figura atrás dos vidros era a do monarca, levantaram os olhos e aplaudiram.

– Viva o rei!

– Viva!

Carlos IV saudou com o seu habitual gesto distraído. Ficou uns segundos a observá-los. Continuavam a deliciar-se, como sempre, perante os jogos de água das fontes. Lembrou-se da quantidade de vezes que nesse mesmo lugar celebrara o dia do santo com o pai, Carlos III, tão sério, tão imperial. Ao morrer, deixara-lhe uma lista interminável de instruções e conselhos, e ele esforçou-se em segui-los porque era de temperamento dócil, mas depois os tempos foram mudando e agora moviam-no outros interesses e procurava fazer as coisas à sua maneira.

– Quando era jovem, depois da saudação dedicava-me a espiar as gentes a partir da janelinha do fundo, de onde podia ver sem ser visto – contava a Godoy. – E no momento em que mais gente se juntava nos canteiros, eu ia abrir o repuxo…. Ha, ah, ah! Dava gargalhadas perante os espalhafatos da multidão, que não sabia porque estava encharcada.

Godoy riu-se de bom grado. Eram outros tempos. Quando Carlos IV era apenas o príncipe das Astúrias, o pai governava uma monarquia e um império que não entrara na decadência em que se encontrava agora. É verdade que lhe coubera em sorte uma época particularmente difícil, em que se questionava não só a sobrevivência como também o princípio da monarquia. Para salvar o trono, vira-se obrigado a fechar o país às influências estrangeiras, ele que nascera em Itália, que era culto e sensível às inovações do século das Luzes; uma contradição que pesava no seu carácter indolente. Incapaz de enfrentar sozinho os rudes desafios da política, delegava os assuntos mais espinhosos na mulher, a rainha Maria Luísa, e nos ministros, sobretudo em Manuel Godoy. A religião – assistia à missa várias vezes por dia – e os seus interesses pessoais ajudavam-no a escapar à pressão quotidiana de governar um império afundado numa voragem de confusão e miséria desconhecidas até então. Entre os seus interesses destacava-se a música – tocava violino e comprou para a corte um quarteto de instrumentos *Stradivarius* – e a pintura. Foi ele que descobriu e sustentou Francisco de Goya y Lucientes. Mas a mais insólita das suas distracções era a canalização, resultado da sua paixão pela arquitectura e do seu interesse pelos mecanismos que faziam funcionar as fontes do palácio de La Granja. Também gostava de carpintaria, e sobretudo de relojoaria, gabando-se de que não se inventara ainda nenhum relógio de bolso que não soubesse reparar. Relógios cujo tiquetaque marcava o fim de um mundo.

Destacou-se no mecenato artístico, também o fez no científico, apesar de em Espanha essa ser uma má época para a livre circulação de ideias. Nos primeiros dez anos de reinado impulsionou as ciências médicas com a criação do Real Colégio de Medicina, assim como de uma Escola Veterinária e de um Laboratório de Química em Madrid, instituições que abasteceu de grandes bibliotecas especializadas em medicina, botânica e farmacologia. Patrocinou diversas expedições científicas, como a do barão Alexandre de Humboldt e a de Martín de Sessé pela América do Sul, ou a de Malaspina e Bustamante à volta do mundo. Era, no fundo, um piedoso iluminista apanhado nas contradições do seu tempo, amante do progresso mas receoso da liberdade que o acompanhava. Que estava genuinamente preocupado com o bem-estar do seu povo demonstrou-o quando, numa tarde, durante essa estada em La Granja, obrigado pelo mau tempo a permanecer no palácio, se lhe apresentou a oportunidade de impulsionar a maior façanha médica jamais realizada.

Embrulhado numa manta de pele e sentado diante da sua secretária de trabalho, o rei recebeu o primeiro-ministro, Manuel Godoy, ao entardecer, como era habitual. Tinham-se conhecido quinze anos antes, nos pátios desse palácio, quando o cavalo que montava Godoy, então um simples guarda real de vinte e um anos e de boa figura, o atirou ao chão enquanto fazia serviço de escolta. O jovem levantou-se e com grande arrojo voltou a montar, o que impressionou Maria Luísa, a esposa do rei, que assistiu ao acidente da sua carruagem. Mandou-o chamar, apresentou-o ao marido e, sem nenhum outro argumento, ambos o introduziram na vida da corte e da política, causando enorme perplexidade. Carlos apercebera-se de que encontrara o que procurava: um homem seu. Graças a Godoy, podia-se livrar para sempre da longa sombra do pai e de todos os que prosperavam como se este continuasse vivo. Assim o iniciaram na sua incrível carreira. Encheram-no de honras e riquezas e foi nomeado primeiro-secretário de Estado aos vinte e cinco anos.

Cinco anos depois, era o homem mais poderoso de Espanha. A pergunta que invariavelmente o rei lhe fazia todas as tardes em que trabalhavam juntos não tardou a surgir:

– O que se fez hoje pelos meus vassalos, Manuel…?

– O que humanamente foi possível, Majestade… – respondeu com ironia. – Com os inimigos de sempre, vamos tratando, há outros que não nos dão tréguas…

Nesse dia entregou-lhe um relatório do vice-rei de Nova Granada datado de 12 de Junho de 1802. Carlos suspirou, limpou a garganta e começou a ler. À medida que ia passando as páginas, o seu semblante foi ficando mais grave. A cidade de Santa Fé de Bogotá padecia de uma terrível epidemia de varíola há quase dois anos, anunciava o relatório. Descrevia uma situação desesperada, em que os cadáveres eram transportados de noite não tanto para evitar o contágio mas antes para impedir o pânico. O Conselho suplicava à Coroa que intercedesse junto do vice-rei, que se recusava a desbloquear fundos do Conselho a fim de se construir um novo hospital e pôr em prática medidas de urgência, como cavar valas fundas que servissem como cemitérios especiais onde se depositassem os cadáveres, preparar espaços para quarentenas e abastecer-se de cal viva e de outras substâncias desinfectantes.

– Santa Fé de Bogotá encontra-se atolada no mal pestilencial – disse Godoy. – Tendo em conta que a epidemia de há dez anos matou quase quinze por cento da população, receia-se que desta vez ultrapasse bastante esse número.

Carlos sentiu o estômago a apertar-se. Sabia o que uma epidemia era capaz de fazer numa cidade: primeiro, criar problemas de abastecimentos, dando lugar a uma escassez de produtos de primeira necessidade, o que por sua vez causava uma subida desenfreada de preços e por fim a ruína.

Chamou o criado de quarto:

– Ide buscar o doutor Requena, e que venha com o presente do médico italiano. Ele sabe a que me refiro.

O criado saiu do gabinete. Carlos virou-se para Godoy:

– A varíola, sempre a varíola – disse num tom de voz abatido.

Caracas em 1766, Cidade do México em 1778, Guatemala em 1780, Cádis em 1800… A lista era tão longa como vasto era o Império Espanhol. De cada vez que parecia controlada, voltava a renascer como a fénix, sobretudo nas Américas.

E na sua família: como esquecer o terror e a tristeza causados por tantas mortes de parentes próximos? As do seu irmão, Don Gabriel, com a da cunhada e da sua filha recém-nascida, estavam gravadas dolorosamente na memória. Quando, pouco tempo antes, a sua filha Maria Luísa padeceu dessa doença, sentiu o mesmo nó no estômago que tinha agora, ao ficar a par da epidemia em Nova Granada. Um medo que paralisava, no momento em que era urgente fazer alguma coisa para evitar o contágio, para que o pânico não se espalhasse pela corte.

Para ele, como para os outros reis de Espanha, a varíola era o inimigo mais antigo, o mais forte, o mais cruel. Entre as suas ilustres vítimas mortais encontravam-se os imperadores Fernando IV da Áustria, Gokomyo do Japão, Fu-Lin da China, o negus da Etiópia e o rei Luís XV de França. Em Inglaterra, dizimara os Stuart. Calculava-se que, no mundo inteiro, matava ou desfigurava uma quinta parte da humanidade. De todas as pragas que tinham flagelado o homem, era a mais

espalhada e a mais duradoura. Nem a peste, nem a cólera, nem a febre-amarela chegaram jamais a representar um flagelo tão universal e persistente como a varíola.

Carlos IV temia às vezes que a sua linhagem não sobrevivesse… Não acabara a varíola com a casa de Áustria, dando lugar à de Bourbon? *Quanto tempo teria de passar antes que os Bourbon sofressem a mesma sorte que os Habsburgo?*, perguntava-se, sabendo que em Espanha a varíola alterara a História mais do que qualquer outro inimigo.

De repente, entrou o doutor Requena, médico de câmara do rei, um homem baixo e gordinho. Trazia na mão uma caixinha de madeira e uns documentos que entregou ao monarca depois de fazer uma longa vénia.

– Como se chamava aquele médico italiano…?

– Doutor Careno, Majestade – disse Requena. – Trouxe-vos também a cópia do tratado do médico inglês Jenner que vos ofereceu.

Entregou tudo ao rei, que por sua vez o entregou a Godoy.

– Ouvi dizer que a vacinação está a dar grandes resultados – disse.

– Sim, embora aqui as epidemias continuem a ser combatidas com a oração, a mortificação e a penitência – referiu Requena em tom sarcástico.

– Não é fácil convencer as pessoas de que inoculando o mal se pode curar esse mesmo mal – assinalou Godoy.

– Tendes razão, só funciona o exemplo. Como o que destes, Majestade.

Requena referia-se a quando Carlos IV decidira submeter a filha e os dois filhos à variolização com a esperança de que os vassalos o imitassem. O rei gostou do elogio.

– Segui o vosso conselho, doutor. Deveríamos conseguir o mesmo com a vacinação… Não julgais isso?

O médico assentiu. O rei abriu a caixinha de madeira e tirou lá de dentro umas lâminas de vidro seladas com cera em cujo interior se podiam ver uns filamentos.

– Estes fios estão impregnados com material purulento de uma vaca, não é verdade, doutor?

– Sim, vieram com o relatório de Jenner. Se se inocularem no ser humano, evita-se o contágio… A ideia que me permiti sugerir a Vossa Majestade é a de organizar uma expedição para levar estes fios aos nossos territórios de além-mar, e generalizar lá o uso da vacina.

Godoy ficou pensativo e depois perguntou:

– E não se podem utilizar vacas de lá, vacas americanas?

– Infelizmente, não – interrompeu o médico. – O vírus da varíola bovina só se dá em animais do Norte da Europa…

– Godoy, a saúde e a felicidade do povo são a lei suprema – disse o monarca perante a falta de entusiasmo do seu primeiro-ministro. Com os olhos postos na montanha coberta de neve, Carlos IV deixou-se levar pelo devaneio. – Seria a única maneira de impedir que a população continue a diminuir, que o comércio continue suspenso, que os campos sejam abandonados e que continue o declínio da mineração. Se se colmatarem as falhas de homens úteis e laboriosos, que sejam activos e trabalhem, conseguiremos fomentar a felicidade pública. – Olhou para Godoy e continuou em tom

irónico: – Quanto mais saúde, mais homens a produzir, e maior será o tributo… por isso sois o primeiro interessado, Godoy, em levar até lá a prática da vacina.

Uma poderosa razão de Estado avalizava essa ideia: manter e fomentar a força de trabalho era também uma maneira eficaz de melhorar as relações com os nobres americanos, em tensão desde há uns anos por causa das obrigações fiscais e do corte dos privilégios locais que Godoy se vira forçado a impor.

Carlos IV retirou-se cedo para dormir. Mas não conseguiu conciliar o sono. A palavra *varíola* causava-lhe um pânico difícil de dominar. Veio-lhe à memória um documento que um dia lhe mostrou o pai, uma carta do vice-rei da Nova Espanha, Martín de Mayorga, que escrevia a propósito da epidemia de 1779 no México que «nas ruas só se viam cadáveres, só se ouviam na cidade clamores e lamentos». Nunca se esquecera daquilo, nem do dado arrepiante que utilizavam os ministros do pai, que calculavam que noventa por cento da população autóctone da América se tinha extinguido desde que um escravo negro cheio de varíola, chamado Francisco de Eguía, que fazia parte do contingente do conquistador Pánfilo de Narváez, desembarcara em Veracruz, em 1518, causando a primeira grande epidemia no México Central. Frei Bartolomé de las Casas acrescentara duas causas que também não se podiam ignorar para explicar a dimensão de tal extinção: o desalento e a tristeza dos indígenas ao verem o seu mundo desmoronar-se, e a violência das armas.

– A América do Norte também não se livrou – dizia sempre Carlos IV quando se aludia à elevada mortalidade das populações autóctones. – Toda a gente conhece a história do comandante inglês Jeffrey Amherst, que ordenou que se enviassem mantas contaminadas com varíola aos índios Ottawa. Isso nós não fizemos!

Mas comparar-se com os que tinham sido piores era um argumento fraco.

– Agora o progresso científico oferece-vos a oportunidade de fortalecer o Império – dissera-lhe o doutor Requena. – Pode-se conseguir fazer isso enviando uma expedição que seja a inveja das outras nações.

Ah, se eu pudesse inverter o rumo da História, pensou o monarca, enquanto na manhã seguinte dava o seu passeio matinal pelos jardins de La Granja, *e devolver a prosperidade aos meus domínios, então o meu reinado teria um sentido, para além da estrita política nacional, dos interesses imperiais, da ameaça dos nossos vizinhos e das razões económicas que tanto agradam a Godoy. Um sentido que talvez os homens não entendam agora, mas que o nosso Deus Todo-Poderoso saberá valorizar…*

Capítulo 26

Se Manuel Godoy viu na vacinação dos territórios de além-mar uma medida política para evitar os desejos de emancipação dos crioulos e nobres americanos, os médicos de câmara do monarca, imbuídos de inquietação científica, viram nessa expedição um formidável desafio médico, técnico e organizativo. A pedido de Godoy, a 28 de Fevereiro de 1803, o seu conselheiro em assuntos de saúde, o médico Joseph Flores, oriundo da Guatemala, apresentou à Junta de Cirurgiões de Câmara o seu relatório:

– O que proponho, senhorias, é transportar a vacina em navios de linha que levem a bordo vacas infectadas com o vírus da varíola bovina, mais uma grande quantidade de placas de vidro que contenham o soro da vacina.

Manuel Godoy franziu o sobrolho:

– Parece-me muito caro e complicado. Meter vacas contaminadas em veleiros durante semanas? Em que estado chegariam, se sobrevivessem?

Ouviu-se um murmúrio de aprovação.

– Além disso, sabemos como suportarão as vacas do Norte da Europa as temperaturas tropicais?

Outro murmúrio, seguido por um silêncio.

Em contrapartida, o que de facto pareceu digno de interesse foi a ideia principal do relatório de Flores, de revestir o acto de vacinação de um carácter religioso.

– A minha ideia é envolver os párocos das povoações da América. Em troca de baptizarem as crianças, pediremos aos padres que as tragam aos seis meses para serem vacinadas.

– E quem faria a vacinação?

– O padre, à falta de um médico local, poderia levar a cabo a operação e registá-la depois num livro paroquial que se chamaria *Livro de Vacinação*.

– Isso é uma excelente ideia – disse Godoy, que pensava que tudo o que fosse evitar despesas do Estado, encarregando delas a Igreja, lhe facilitava a tarefa.

Mas Godoy estava reticente. Não conseguia ver a questão claramente. Numa reunião que teve com o rei no fim de Março de 1803, disse-lhe:

– A propagação da vacina gera muitas despesas, e os benefícios, se os veremos algum dia, são a longo prazo.

O rei respondeu-lhe falando na terceira pessoa. Fazia isso quando não gostava do que ouvia:

– Sua Majestade sabe disso, é um projecto de futuro, Godoy, mas o futuro já está aqui.

– São muitas as pessoas que se tem de mobilizar, grandes os problemas técnicos que resolver. E depois, Majestade, temos a dimensão geográfica da empresa…

Godoy lembrou-lhe a série de juros reais por pagar, as más colheitas, os desastres naturais, as epidemias e um século de guerras constantes que tinham arrastado a Espanha para a situação ruinosa em que se encontrava. Embora fosse um império onde o Sol não se punha, também não se punha para o défice orçamental anual que continuava a crescer irremediavelmente.

– O que seria bom… – continuou o ministro – era conseguir que as instituições locais financiassem a prática da vacinação. Por isso seria tão importante vincular a Igreja… Deveria interessar-lhes que o grosso dos dízimos da dotação das paróquias não decaía com a mortalidade dos paroquianos.

– Sim, mas o clero necessita de tempo. Uma vez convencido da bondade e da necessidade da vacina, acabará por se envolver, tenho a certeza – respondeu-lhe o monarca –, como fez com a variolização.

– Flores sugere que, para se conseguir o apoio da Igreja, Vossa Majestade peça a Sua Santidade uma bula que santifique esta prática.

O rei suspirou. Algo lhe soava mal na proposta.

– Este Flores confunde tudo – disse o monarca. – Coloca a ideia religiosa ao meu serviço, mas é a monarquia que está ao serviço de Deus.

– Não há dúvida de que a grandeza de Espanha é a consequência da propagação da fé – replicou Godoy –, mas trata-se de que em cada dia haja mais almas para converter outras à fé. Por isso não calha mal que Flores subverta um pouco a ordem.

Encurralado entre a sua devoção religiosa e a sua paixão pelo progresso, o rei continuava incomodado:

– Não é um paradoxo que, sendo eu rei pela graça de Deus, diga ao representante de Deus o que deve fazer?

– Afinal de contas, Majestade, trata-se de vos apoderardes dos corações dos vossos vassalos para os persuadir a fazer algo que resultará no seu bem… E que melhor maneira de fazer isso do que através da religião?

O rei fez uma careta. O argumento de Godoy continuava a soar-lhe mal, embora não tivesse outro remédio senão reconhecer que era prático.

– Godoy, estais a transformar-vos num político…. hum… sagaz, digamos assim. Está bem, Sua Majestade pedirá ao papa que promulgue uma bula, e rezemos para que o consiga, mas não podemos esperar que o clero se convença dos benefícios da vacina. Temos de actuar antes, com o que estiver na nossa mão. E o que realmente está, Godoy, o que podemos fazer, é incitar vice-reis, governadores e outras autoridades civis e militares que fomentem a vacinação por decreto e que dêem o exemplo, como fizeram com a variolização. Quanto aos meios para levar a cabo a expedição, solicitemos conselho ao Ministério das Índias.

No ministério, enredaram-se em longas discussões sobre o objectivo da expedição. *Era político, estratégico, filantrópico ou tudo isso ao mesmo tempo?*, perguntavam-se, confusos. Sobre a maneira de levar a cabo uma empresa tão singular, os debates foram ainda mais acesos:

– Como vamos mudar o mundo a partir da ruína em que nos encontramos? – lançou o fiscal da Repartição-Geral de Contabilidade.

Na realidade, ninguém sabia como lidar com o problema. O rei tinha-lhes apresentado um tema candente. Fizeram o que era lógico, consultar o Protomedicato, um corpo técnico encarregado de vigiar o exercício das profissões ligadas à saúde (médicos, cirurgiões e farmacêuticos), assim como de exercer a função docente. Enquanto aguardavam a decisão de tão douta instituição, a mais alta hierarquia do Ministério das Índias sugeriu que se enviassem médicos em navios de linha para lugares diferentes da América do Sul. O marquês de Bajamar, em desacordo, formulou outra proposta:

– Proponho que se montem quatro expedições, uma para cada vice-reino, a fim de se aproveitarem assim as divisões organizativas já existentes. E que médicos espanhóis instruam praticantes locais sobre a maneira de vacinar.

– Mas não indicais como se transportará o fluido nem a maneira de financiar as expedições – respondeu-lhe um colega. – A partir dos tributos dos índios? De tributos próprios? Dos dízimos eclesiásticos?

Por fim, após três meses de hesitações, discussões e trapalhadas, o Ministério das Índias sugeriu, no seu relatório de 22 de Maio de 1803, que as despesas fossem inicialmente custeadas pela Fazenda Real e que mais tarde fossem reembolsadas pelos fundos dos conselhos municipais das cidades beneficiadas pela expedição. O rei teve um ataque de fúria:

– Três meses para se chegar a esta conclusão! Quantos organismos do Estado foram consultados? Quatro? Cinco? E tudo para que respondam com esta banalidade! Godoy! Ordeno-vos que acelereis e deis prioridade absoluta a esta empresa.

Godoy nunca tinha visto o rei enfurecer-se dessa maneira. Para o ministro, era um projecto que só pressupunha problemas, que se acrescentavam a outros, tão imensos como irresolúveis, que envolviam a administração de um império a rebentar pelas costuras. Godoy sabia até onde podia manipular o rei, conhecia o seu ascendente sobre a personalidade volúvel e passiva do monarca, era capaz de calcular a influência que podia exercer sobre a rainha Maria Luísa, mas entendeu que desta vez o rei estava a falar a sério. A varíola tocava-lhe no mais fundo do ser e mais valia não brincar com isso. Para Godoy, cuja capacidade de síntese e de análise dos problemas era bem conhecida, o desafio que o rei lhe apresentava reduzia-se a algo tão simples como difícil: conseguir encontrar um homem que pudesse gerir e dirigir semelhante empreendimento.

Capítulo 27

No pequeno salão frio do seu andar na Calle da Montera, Balmis terminou a tradução e o prefácio de um tratado sobre a vacina que escrevera o prestigiado médico francês Jacques-Louis Moreau de la Sarthe. Dedicara muitas horas a essa tarefa, quase tantas como as que dedicara à prática da vacina. Balmis fora um dos primeiros a entender a teoria, a defendê-la a todo o custo dos ataques de colegas desconfiados que receavam a mistura de fluidos entre espécies. Curiosamente, eram os mesmos que se tinham obstinado contra o tratamento pela piteira e pela begónia. Eram sempre os mesmos que se opunham às inovações.

Balmis aprendeu a técnica e ajudou a introduzi-la em Espanha, tornando-se o vacinador mais famoso de Madrid. Se quisera publicar esse livro, não era só porque se tratava de um guia prático de indubitável utilidade mas também porque queria afirmar-se como perito na matéria. Era já reconhecido como um mestre nos diversos modos de inoculação, no manejo dos instrumentos, na obtenção de soro de vacinação e no método que tinha de ser seguido para que a vacina pegasse.

A publicação dessa tradução e o êxito da sua difusão fortaleceram a sua reputação. Começou a receber correspondência de toda a Espanha, até da Galiza, onde o doutor Posse Roybanes, assim que acabou de ler o livro, lhe escreveu para perguntar como podia conseguir mais pus fresco que garantisse o êxito das suas vacinações. Em Madrid, o tratado de Moreau de la Sarthe tornou-se leitura obrigatória entre os membros da elite científica e médica. O eco desse êxito chegou aos ouvidos de Godoy, que imediatamente chamou Balmis ao palácio.

Balmis preparou-se para a entrevista com o homem mais poderoso do Império Espanhol. Conhecedor do motivo pelo qual era chamado, tentou tudo para não desperdiçar a oportunidade de conseguir dirigir a expedição sanitária que o rei queria empreender. Sabia que era o homem perfeito para a levar a cabo, pelo seu conhecimento da prática da vacinação e da América espanhola. Era a ocasião sonhada para arrancar a espinha que tinha cravada e dar o impulso definitivo à sua carreira. Sabia que a sua proposta tinha de ser inquestionável. Não podia falhar.

Quando atravessou o pátio de armas do Palácio Real de Madrid, sentiu que o coração disparava, apesar dos chás de tília que bebera nas últimas horas. Tinha a convicção interior de que estava a responder a um apelo do destino, que lhe oferecia a oportunidade de redimir a reputação manchada. *Sim*, disse para si, *a justiça divina existe*. Encontrava-se no interior dessas paredes de granito erguidas por Carlos III, escoltado por um soldado da Guarda Real. Balmis subiu as escadas cobertas por uma espessa alcatifa de cor azul-marinho e dirigiu-se para o gabinete amplo e sumptuoso do ministro, que desfrutava de uma vista magnífica para a serra. Godoy foi ao seu encontro e cumprimentou-o afectuosamente, como se o conhecesse de toda a vida. Balmis não

conseguiu conter dois tiques, encolhendo o pescoço e fechando os olhos repetidas vezes, e sentiu que Godoy reprimia a vontade de rir.

– Sentai-vos, sou todo ouvidos – disse Godoy, acendendo um cigarro e tragando o fumo.

Balmis transformou-se. Num abrir e fechar de olhos de um dos seus tiques, passou de homem tímido e palerma ao que de facto era: um cientista com um sentido agudo de método, um gestor com grandes capacidades de organização e, sobretudo, alguém com uma visão clara e realista dos problemas.

A primeira coisa que fez foi desmontar a ideia que o marquês de Bajamar propusera aos colegas do Ministério das Índias:

– Não faz sentido organizar quatro expedições. Isso seria o mesmo que complicar substancialmente a prática do projecto, é evidente que tem de haver apenas uma.

Manuel Godoy estava a gostar do que ouvia.

– Uma única expedição, sob um comando unificado, é sem dúvida o mais racional – disse o ministro. – Fretar um único navio é menos gravoso para a Fazenda Pública.

– Tendes de descartar a ideia de levar vacas nos barcos – prosseguiu Balmis. – Transportar vacas infectadas com o vírus da varíola bovina implica o risco de transmissão de infecções como a sífilis.

– Então… qual julgais ser a melhor maneira de transportar o vírus?

– Jenner demonstrou que o vírus da varíola das vacas pode ser transmitido de pessoa a pessoa, pelo método do braço a braço, e não apenas do gado ao ser humano.

Godoy arqueou as sobrancelhas, entre o surpreendido e o fascinado com o que ouvia. Caiu-lhe cinza em cima do casaco, que sacudiu devagar. Isso facilitava de maneira convincente a transmissão da vacina.

Balmis continuou a explicar:

– Introduz-se o pus mediante uma incisão feita no braço, espera-se pela erupção de uma pústula, em geral nove a dez dias, depois extrai-se o líquido dessa bolha e transmite-se a outro indivíduo. Dessa maneira, pode-se conservar a vacina indefinidamente.

– Então podia-se transportar por meio de soldados que se iriam inoculando.

– Não podem ser adultos… Muitos desses soldados teriam passado por varíolas naturais e estariam imunizados. Temos de o fazer com crianças.

– Crianças?

– Sim, é essa a chave.

Godoy ficou pensativo. Voltava tudo a complicar-se.

– As crianças são mais frágeis do que os adultos, é verdade – prosseguiu Balmis –, mas não costumam estar imunizadas.

– E não é muito arriscado fazer isso com… crianças?

– Há riscos, claro. Os de que se quebre a cadeia de inoculações, de que se destrua a bolha antes de ser utilizada, por exemplo coçando o braço; pode acontecer. Para os minimizar, seria necessário vacinar duas de cada vez, no caso de falhar numa delas. E teriam de estar vigiadas constantemente.

– E acreditais que uns pais deixariam partir os filhos?

– Se estiverem muito necessitados… Mas já pensei nisso. Como bem dizeis, uns pais no seu juízo perfeito nunca deixariam partir os filhos.

– Então?

– Só há uma solução: temos de procurar crianças abandonadas nas rodas dos conventos e hospitais, por exemplo na Casa dos Desamparados de Madrid ou na roda do porto de onde partirmos.

Godoy não sabia bem se tinha ouvido uma loucura ou uma ideia genial. Balmis não era nenhum lunático e a ideia era engenhosa e original, embora continuasse sem ver como se poderia concretizá-la. Uma expedição com crianças suscitava muitas dívidas, por isso reuniu os membros do Protomedicato. Uns viram-na como uma ideia simples e até formidável, outros como uma aventura demasiado arriscada, e outros como uma excentricidade.

– Desde quando se fazem expedições com crianças? – exclamou um dos protomédicos.

– E se juntarmos o doutor Joseph Flores com Balmis? – propôs Godoy. – Estamos a falar de dois dos melhores especialistas que temos.

Um murmúrio percorreu a sala. Flores foi o primeiro médico consultado, o guatemalteco que seduzira Godoy com a sua ideia de envolver os párocos nas vacinações.

– O alicantino é um original – disse o doutor Gimbernat, um médico muito amigo de Flores. – Cuidado com as ideias dele, que às vezes são muito peregrinas; lembrai-vos da que inventou quando dizia ter conseguido um remédio à base de cactos e margaridas…

– Piteira e begónia – corrigiu outro.

– Ou isso, mas afinal de contas, para o que nos interessa, vem a dar no mesmo.

O ataque rasteiro contra Balmis foi uma manobra tosca para favorecer Flores. Cotoveladas e rasteiras estavam na ordem do dia no pequeno mundo dos favores reais. De modo que Godoy insistiu em que, se bem que o valor de Flores estivesse fora de questão, vários trunfos faziam de Balmis alguém especialmente apto para o cargo. Tinha anos de experiência como cirurgião e uma reputação avalizada por grandes médicos militares, a que se juntava uma grande curiosidade científica e um carácter aventureiro que o tinham levado a viver onze anos na Nova Espanha.

– O mais sensato seria encomendar a Balmis um projecto de expedição como o que encomendámos a Flores, e depois compará-los – propôs um dos presentes.

A proposta reuniu a aprovação geral.

Uns dias depois, Balmis apresentou-lhes um plano intitulado *Regulamento e Roteiro para levar com a maior brevidade a verdadeira vacina e garantir a sua feliz propagação nos Vice-Reinos da América*. Era um documento dividido em sete partes cuja ideia central era enviar uma caravana de crianças não imunizadas para irem sendo inoculadas durante a viagem. Ficariam a cargo de enfermeiros que deveriam acompanhá-las a todo o momento para evitar que destruíssem as bolhas. A expedição contaria com dois ou três ajudantes e um director, ele.

A segunda ideia essencial era a de se pôr em prática um modelo de organização que nem existia em Espanha. Como se fosse uma extensão da proposta do doutor Flores, propunha a criação de uma série de juntas de vacinação em cada território, presididas por um chefe de distrito, de preferência médico ou enfermeiro, ou então funcionário ou eclesiástico, encarregados de manter

um livro de registos, de conservar a vacina e de continuar a sua prática. O roteiro que propunha cobria boa parte do globo: Canárias, Porto Rico, La Guaira, Havana… até chegar ao México, de onde sairia outra subexpedição para Santa Fé de Bogotá, Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. Incluía também a possibilidade de se levar a vacina até às Filipinas.

Balmis calculara a quantidade de crianças que seriam necessárias, umas doze de seis em seis semanas, pelo que previa sair da Corunha com umas vinte, porque previu que aí seria mais fácil encontrar um navio veloz, uma corveta, tratando-se de um porto que mantinha um tráfego abundante com a América. Além disso, havia um hospício de crianças órfãs em Santiago. O metódico Balmis pensara em tudo.

Os membros do Protomedicato enredaram-se numa discussão bizantina sobre a viabilidade do projecto, sobre a duvidosa moralidade de utilizar crianças dos hospícios e sobre os riscos do empreendimento. Cada um lutava para acrescentar o seu grão de areia. Reconheceram que, tecnicamente, era sustentável. Mas, devido ao facto de que nunca se tinha feito nada de semelhante no passado, pairava sempre a sombra da dúvida: era de facto uma ideia inovadora ou uma excentricidade? Afinal de contas, a reputação da Monarquia espanhola encontrava-se em jogo, pelo que não se podia resolver o assunto de maneira ligeira. Mas Godoy sabia que o rei tinha pressa, e ele não podia dedicar muito mais tempo ao assunto, de modo que foi recolher a opinião do monarca.

Carlos IV entendeu logo que a ideia era imaginativa e muito engenhosa.

– Não vejo nenhum problema de moralidade, já que as crianças acabarão por estar protegidas contra um mal que faz estragos.

– O problema está no risco da viagem em si, mas esse risco existiria em qualquer circunstância – disse Godoy.

– O que vejo é uma oportunidade de exercer a caridade cristã e a generosidade sobre os meus súbditos mais novos e indefesos.

O rei sentia uma responsabilidade paternal em relação aos «seus» órfãos; muitas rodas tinham sido criadas com o apoio da Coroa.

– Contribuirão para o progresso da ciência, o que dará dignidade e sentido às suas vidas – concluiu o monarca.

Capítulo 28

Madrid, Maio de 1803. Godoy, fazendo-se eco da objecção levantada por um dos membros do Protomedicato, disse a Balmis:

– O doutor Gimbernat insiste em que deveis propor dois indivíduos iguais a vós para o comando da expedição.

O rosto de Balmis ficou sombrio e mostrou um ar de mágoa. Essa investida vinha de Flores, através de Gimbernat, que era amigo dele. Uma pura luta pelo poder. Balmis limpou a garganta, piscou os olhos várias vezes encolhendo o pescoço e disse:

– Penso que isso seria um erro, senhor. O comando que pretendo ter não é desejado por arrogância nem por vontade de mandar, pois mesmo em minha casa deixo que sejam os criados a mandar, mas sim pelo zelo de poder organizar uma expedição tão gloriosa que será a inveja de todas as nações.

– Compreendo, mas…

Balmis não o deixou terminar a frase:

– Dividir o comando equivale a esbater responsabilidades e no fim será o serviço do rei a sofrer as consequências disso.

– E se, infelizmente, não o queira Deus, vós ficardes doente ou por qualquer outra causa vos virdes impedido de exercer as vossas funções? Não tomeis isto como uma prova de desconfiança, é antes uma medida destinada a aumentar a segurança de um empreendimento… hum… arriscado. Não é pouca coisa atravessar o oceano com um conjunto tão diversificado de pessoas, com tantas crianças e num percurso tão extenso.

– Senhor – disse Balmis, muito sério –, para assumir a responsabilidade total do êxito ou do fracasso da expedição, tenho de ser eu a exercer a autoridade máxima. Não havendo uma cabeça visível, as consequências podem ser desastrosas.

Godoy compreendeu que essa era uma condição inegociável, que Balmis não aceitaria ninguém, e menos ainda um colega e rival como Flores. O ministro era inteligente o suficiente para perceber que essa missão filantrópica, em princípio aplaudida por todos, despertava receios e invejas entre outros médicos que frequentavam os círculos de poder na corte de Madrid. E que as dificuldades apresentadas pelo doutor Gimbernat bem se podiam dever ao desejo de assumir certo controlo, através do seu amigo Flores, sobre um empreendimento cujo êxito significaria um prestígio renovado para o seu responsável máximo e para os seus patrocinadores.

Godoy propôs-lhe então nomear um subdirector, que assumiria o comando em caso de acidente ou de doença do director, ou se fosse necessário dividir a expedição. O médico franziu o sobrolho. Também não gostava dessa ideia.

– Uma expedição, um navio, um director – disse Balmis, contendo-se para disfarçar a irritação.

Encontrava-se pouco à vontade, como acontecia sempre que lidava com gente de um nível social superior. Nem o tacto nem a diplomacia eram o seu forte. Apesar de ter chegado longe na carreira, continuava a pesar-lhe não ter nascido nessa parte da sociedade em que se tomavam as grandes decisões.

Godoy especificou a sua proposta:

– Será um vice-director que estará sempre sob as vossas ordens.

Balmis balbuciou umas frases alegando que qualquer dos seus ajudantes poderia tomar o comando e substituí-lo quando fosse necessário. Mas faltavam-lhe argumentos sólidos para se entrincheirar nessa posição.

– Creio francamente que tanto Sua Majestade como a Junta de Cirurgiões de Câmara o irão considerar imprescindível.

Por fim, Balmis cedeu, a contragosto. *Era flexível*, disse Godoy para si, *mas também era organizado, autoritário, tenaz, seguro de si, qualidades que só podiam redundar em benefício da expedição.* Godoy ficou impressionado com o entusiasmo contagioso de Balmis, a descrição realista das dificuldades que iriam encontrar e também a maneira minuciosa com que tinha desmembrado as diferentes jogadas. Balmis tinha a ousadia e a capacidade organizadora que faltavam a Flores. Ele era a solução do problema.

Capítulo 29

Balmis queria obter o posto, mas não a qualquer preço. Aprendera a conhecer bem a maneira tortuosa com que se tomavam as decisões nas altas esferas do poder, e ainda que o nomeassem director, receava que lhe cerceassem a liberdade de acção necessária para organizar a expedição como a tinha pensado. Era um profissional da medicina, não um político. Os seus receios não tardaram a ser confirmados quando o doutor Requena, o médico que em primeiro lugar sugerira a Carlos IV levar a vacina à América, se reuniu com ele:

– A nomeação dos cargos deveria ser feita entre voluntários – disse-lhe Requena assim que o recebeu.

– Voluntários? – interveio Balmis, perplexo.

– Sim, profissionais que não recebam salário nem compensação económica. Estamos a falar de uma grande empresa humanitária.

Balmis conhecia a precariedade e as dificuldades da Fazenda Real, mas que propusessem semelhante ideia pareceu-lhe absurdo.

– Com todo o respeito, doutor, o profissionalismo deve ter primazia sobre a filantropia.

– Falo de profissionais voluntários… Imaginais o prestígio que pode conquistar a expedição entre as nações europeias?

– Já será difícil encontrar profissionais que se queiram envolver nesta expedição em troca das compensações que se oferecem… Nem se pode pedir a um voluntário que carregue com o peso de tal responsabilidade, nem isso seria bom para a expedição. Como se lhes pode exigir que cumpram as suas tarefas se não forem compensados?

A atitude de Requena era-lhe familiar, muito própria dos médicos mais preparados e cultos, que se sentiam com direito a opinar sobre tudo, muitas vezes por puro desejo de protagonismo. Balmis pensou que Requena sentia uns ciúmes terríveis ao ver-se afastado de uma empresa cuja ideia fora inicialmente sua e que, ao propor ideias concebidas para seduzir os que ostentavam o poder, fazer-lhes poupar dinheiro, procurava integrar-se de alguma maneira no projecto. Balmis, que não era um adulador, respondeu-lhe irritado:

– Doutor, compreendo que queirais dar primazia à poupança face às despesas, mas a vossa ideia é um sonho utópico.

Requena ficou de boca aberta.

Apesar das interferências deste tipo de médicos, Carlos IV tinha a sua opinião bem formada depois de ouvir a de Godoy e de ler o relatório favorável da Junta de Cirurgiões de Câmara. A 29 de Junho de 1803, publicou uma ordem dirigida a todas as autoridades civis e religiosas nos

territórios espanhóis da América e da Ásia, em que nomeava Francisco Xavier Balmis y Berenguer como director da Real Expedição Filantrópica da Vacina.

Como subdirector, o rei designava o médico catalão Josep Salvany i Lleopart, de vinte e seis anos, natural de Barcelona, cirurgião do Real Sitio de Aranjuez e discípulo do Colégio da Cidade Condal, que substituiria o director em caso de ausência ou morte; como ajudantes nomeava Manuel Grajales, recém-licenciado em cirurgia médica e o doutor Ramón Fernández de Ochoa; e dois estagiários e três enfermeiros cuja função seria cuidar da higiene e dar assistência às crianças e acompanhá-las a todo o momento, tanto no navio como quando desembarcassem.

Salvany era um jovem cirurgião com um brilhante currículo académico, um homem cheio de entusiasmo e de coragem, com fama de ser bondoso e sério. Estava imbuído da sua missão de salvar o mundo da varíola, por um entusiasmo próprio das Luzes e também por convicção científica. O seu aspecto reflectia o contraste entre a sua fortaleza intelectual e a debilidade física. Magro e pálido, tinha um olhar luminoso e um sorriso constante nos lábios. Balmis conhecia-o do seu tempo no exército e, enquanto duas vezes mais velho do que ele, sabia que Salvany não lhe faria sombra. Apesar disso, espantou-se que designassem alguém de saúde delicada, sem experiência nos territórios de além-mar e sem hábito de comandar.

– Como é possível que me ponham um doente como braço direito? – perguntou Balmis ao colega Ruiz de Luzuriaga, alguém com quem se encontrava assiduamente desde que ambos se conheceram no mesmo grupo que defendia intransigentemente a invenção de Jenner e a sua aplicação em Espanha.

– Ele tem o que se chama uma má saúde de ferro.

– É tísico, toda a gente sabe disso.

– E muito bom médico, isso também toda a gente sabe. Em cada ano dos seis em que esteve no Colégio de Cirurgia, obteve a nota de excelente. – Isso não parecia impressionar Balmis. – E não vos deveis meter com a doença, porque é a melhor aliada dos bons médicos. Se não tivesse tido ataques recorrentes de reumatismo desde criança, julgais que Salvany teria podido estudar tanto e ter chegado onde chegou? Sendo assim tão jovem?

– No exército não lhe correu muito bem…

– Homem, foi contagiado com malária! Além das infecções pulmonares de que padecia. Até se saiu bastante bem… Teria gostado de vos ver na mesma situação…

– E ainda por cima poeta! – disse Balmis, revirando os olhos, como se isso fosse o mais estúpido que se pudesse ser.

Ruiz de Luzuriaga riu-se.

– O que todos sabemos, amigo Balmis, é que esse rapaz se destacou sempre por acertar nos diagnósticos, pela exactidão nos tratamentos e pela habilidade ao operar. Gosteis ou não. Imaginais-vos no lugar dele, pobre Salvany, com um chefe como vós bufando-lhe no pescoço?

Balmis sorriu, mas via-se que estava preocupado.

– Acreditais realmente que a expedição precisa de um poeta doente?

– Ele apresentou a candidatura à expedição porque pensa que vai encontrar na América um clima mais benigno para a sua saúde. Cada um tem as suas razões.

– Isso diz muito sobre o seu desconhecimento da América.

Fez-se silêncio. Ruiz de Luzuriaga virou-se para ele e olhou-o nos olhos:

– Balmis, mais vale terdes Salvany como braço direito do que um ressabiado ambicioso como é Ramón Fernández de Ochoa. Todos sabemos que está a insinuar-se entre Godoy e os ministros para ficar com o lugar do catalão.

Era verdade. Ramón Fernández de Ochoa, o outro médico da expedição proposto pelo rei, estava furioso por não ter sido nomeado subdirector. Protestou veementemente e investiu contra Salvany, argumentando com o precário estado de saúde deste.

De modo que coube a Balmis defender Salvany muito antes do que teria esperado. Embora lhe parecesse abnegado, de carácter dócil, e apesar da sua tosse seca e constante o deixar nervoso, acabou por reconhecer que afinal Salvany tinha qualidades para manter um grupo coeso, algo essencial numa expedição tão peculiar. Por isso, sem pensar duas vezes, expulsou Fernández de Ochoa.

– Não tendes autoridade para prescindir de mim – contrapôs-lhe Ochoa.

– Sou o responsável em última instância e não quero gente como vós, que gera desconfiança e desunião na equipa.

Fernández de Ochoa saiu batendo com a porta e dirigiu-se para o Protomedicato, a fim de apresentar queixa, sem calcular que, dessa maneira, estava a ajudar a estabelecer a autoridade definitiva de Balmis, disposto a não se deixar dirigir.

Para fundamentar o seu poder, Balmis escreveu uma carta a Don José Caballero, ministro da Graça e Justiça, agradecendo-lhe a nomeação e explicando-lhe as razões que o tinham levado a prescindir de Ochoa. Também solicitava um salário para todos os membros da expedição, assim como o compromisso da Coroa em sustentar e educar as crianças órfãs até terem idade suficiente e ocupação útil. Apesar de os seus ajudantes lhe terem sido impostos, pediu também que figurassem na expedição três profissionais de saúde da sua confiança, um deles o seu sobrinho Francisco Pastor y Balmis, já que era muito experiente na vacinação, por tê-la praticado ao seu lado.

Na sua resposta, o ministro fez-lhe saber que o monarca o apoiava e que lhe dava poder para afastar da expedição qualquer membro que não lhe agradasse. A Coroa comprometia-se a tomar a seu cargo a educação e eventual adopção dos órfãos por famílias respeitáveis da Nova Espanha e aceitava a nomeação dos três enfermeiros que propusera, incluindo o sobrinho.

Balmis respirou fundo: essa resposta pressupunha o apoio definitivo ao seu poder. A Administração concedia-lhe quase tudo o que pedia. O alojamento, a alimentação e os salários estavam atribuídos em função do reconhecimento social e laboral dos expedicionários: o director recebia o dobro do subdirector e este o dobro dos enfermeiros, e assim sucessivamente. A refeição da primeira mesa seria uma panela, duas ou três entradas e sobremesas com vinho e pão fresco; a da segunda mesa, o mesmo da primeira, com excepção de uma entrada e de menos uma sobremesa… Os da terceira mesa teriam um bom cozido e, para as crianças que adoecessem, ração dupla de carne.

Tudo muito burocratizado e atento às hierarquias. Mas os salários eram tão baixos que Balmis, sabendo do alto custo de vida na América, voltou a escrever ao ministro Caballero: «É impossível

que algum indivíduo se possa manter por sua conta com os salários atribuídos, de tal maneira que chegaria o dia em que não reinasse entre os membros de uma expedição tão brilhante senão a escassez, a miséria e o descontentamento que sempre os acompanha nestas circunstâncias.» A petição era tão lógica que Caballero ordenou à Fazenda Real que duplicasse os salários. Embora Balmis se tivesse apercebido de que a luta para obter recursos seria uma constante na expedição porque grande parte das despesas seria imprevisível, conseguira obter da autoridade a confiança de que necessitava.

Estava exultante. O rei tinha-o encarregado de chefiar uma empresa filantrópica à altura da imensidão do Império. Estava muito consciente de que só em poucas ocasiões se apresentava a alguém o privilégio de melhorar a vida dos seus semelhantes. Acaso havia propósito mais nobre? Além disso, conseguira o comando unificado da expedição: tirou o rival Flores do seu caminho e, agora sim, livrava-se do prurido da ferida que anteriormente lhe tinham infligido os colegas chefiados por esse médico que lhe tirava o sono, o doutor Bartolomé Piñera. Estava um passo mais próximo de realizar o seu sonho de infância.

Sem ser um homem religioso, sentiu a necessidade de entrar na Igreja de San Nicolás de Bari, perto da sua casa. Sentado no último banco, desfrutava da frescura, do cheiro a incenso e do silêncio. Quantos degraus subira desde que aos dezassete anos entrara no Hospital Militar de Alicante como estagiário interno! Cirurgião militar, bacharel em Medicina, cirurgião real… Sempre a estudar, não apenas cirurgia mas também química, botânica e medicina prática. E agora estava prestes a dar o passo mais difícil, o que o poderia colocar num plano superior ao do resto dos mortais.

Capítulo 30

Quando saiu para a rua, respirou uma lufada de ar quente; o vento da serra trazia o cheiro a esteva. A grandeza do que lhe caía em cima dava-lhe vertigens. Fechou-se em casa para ultimar os preparativos com a pressa que exigia a urgência da epidemia e a insistência do rei. Não descurou nenhum pormenor.

– Salvany, quero encomendar para os ajudantes os uniformes que usam os médicos dos hospitais militares.

– E para os outros?

– O dos porteiros do Jardim Botânico.

Salvany lançou-lhe um olhar de espanto, que não passou despercebido a Balmis.

– É importante para a disciplina, porque o uniforme é uma lembrança do lugar de cada um na hierarquia e das suas funções.

– Parece-me perfeito, doutor Balmis. E que fazemos com os estojos de primeiros socorros? – perguntou Salvany, com a frase entrecortada por uma tosse seca e recorrente.

– Mandei fazer termómetros e barómetros para que vamos anotando as mudanças meteorológicas susceptíveis de afectar a qualidade do pus da vacina.

Prepararam cuidadosamente todos os instrumentos. Embora o fluido da vacina se fosse transportar braço a braço, levaram também duas mil placas de vidro para experimentar eventuais mudanças de acordo com a diferença de temperaturas e uma máquina pneumática para fazer o vácuo e selar os vidros. Balmis encomendou quinhentos exemplares da obra de Moreau de la Sarthe que ele traduzira para que servisse como manual de modo a difundir a vacina nos lugares por onde iria passar a expedição. Prevendo que iria manter uma copiosa correspondência, também pediu preços especiais para a franquia das suas cartas e encomendas. Por sua vez, o ministro Caballero escreveu ao juiz de Arribadas da Corunha para lhe encomendar o fretamento de um navio mercante de cerca de duzentas e cinquenta toneladas nas condições mais vantajosas para a Fazenda Real.

Mas o fundamental eram as crianças, das quais dependia o êxito da empresa. Balmis dirigiu-se ao número 117 da Calle Atocha onde se encontrava o Colégio de Desamparados de Madrid, o hospício mais antigo de Espanha, construído em 1610. Era um edifício de dois andares, austero, e que também acolhia as mulheres incuráveis, as parturientes sem recursos económicos e os pobres que não tivessem onde passar a noite. Julgando que Balmis podia ser um doador potencial, o padre director recebeu-o de braços abertos, queixando-se muito dos cortes no orçamento que o centro vinha a sofrer.

– Vivem aqui cento e oitenta crianças abandonadas, a maioria com mais de sete anos, assim como órfãos de pai e mãe entre os seis e os treze anos.

Balmis viu que as crianças dormiam às três em cada cama.

– Mal temos material para a oficina de carpintaria, faltam-nos tecidos para a de alfaiataria e pregos para a de sapataria. A única que está bem abastecida é a de chapelaria, porque dispomos de uma clientela fixa. Olhai, vou-vos apresentar ao mestre de enterros.

Balmis cumprimentou um indivíduo vestido de preto, desengonçado e com ar boémio, de cabelo comprido e bigode fino.

– Eu vivo aqui em permanência – disse. – O meu trabalho consiste em fazer com que as crianças ganhem a vida. E fazem-no cantando nos enterros em troca de uma esmola. Ensino-as a cantar e a tocar órgão e acompanho-as a enterros e funerais.

– Procuramos educá-las e dar-lhes um ofício para que ganhem a vida – explicou o padre director. – Às meninas ensinamos a limpeza da casa e em geral preparamo-las para que um dia possam trabalhar como criadas.

– Na realidade, não venho para adoptar nenhuma criança, nem poderia ser um doador mesmo que quisesse…

O padre director não conseguiu esconder a sua decepção. Balmis passou a explicar-lhe o motivo da sua visita: vinha escolher seis crianças livres de varíola para as vacinar, de maneira a que pudessem transportar o soro até à Corunha. As duas primeiras vacinadas regressariam imediatamente da Galiza e as quatro restantes seguiriam viagem até à primeira escala em Santa Cruz de Tenerife, de onde seriam mandadas de volta, uma vez vacinadas, no primeiro navio-correio.

Era um pedido tão invulgar que o padre director não sabia o que pensar. Esse médico vinha da parte do rei, pelo que não se lhe podia pôr nenhum obstáculo. Na realidade, esse padre não estava preocupado com os perigos de semelhante viagem, estava, isso sim, obcecado com o facto de que as crianças continuassem a ter educação religiosa:

– Assim que se levantam, às quatro no Verão e às cinco e meia no Inverno, fazem as suas orações. E comungam duas vezes por mês. Antes de todas as refeições rezam três pai-nossos e a acção de graças. Depois do jantar, às nove da noite, é dado o toque de recolher e vão para a cama com um pai-nosso.

– Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que continuem com o seu atento fervor – disse Balmis.

– Estas crianças são selvagens, a maioria foi abandonada e têm rancor, por isso é tão importante que entrem no redil de Deus.

– Compreendo, padre.

Balmis tinha interesse em falar com o barbeiro-sangrador-cirurgião que também morava no colégio de maneira permanente. Só ele podia ajudá-lo a escolher crianças saudáveis, fortes e que não tivessem passado pela varíola natural.

– Chegastes no melhor momento, à hora do almoço, estão todas juntas.

Atravessaram o pátio onde havia um lavadouro que era usado uma vez por mês no Inverno e de quinze em quinze dias no Verão. Um forte cheiro a repolho saía do refeitório. Hoje era a vez de guisado com couves, repolho e toucinho. O cirurgião-sangrador ia-lhe indicando as crianças que, de bochechas avermelhadas e ar tagarela, sabia serem mais saudáveis. Todas tinham o cabelo cortado rente para evitar os piolhos e olhavam intimidadas para os médicos. Muitas eram demasiado raquíticas para a idade que tinham. O cirurgião explicou-lhe que isso se devia ao desmame prematuro ou à escassez de amas-de-leite.

– Todas as franzinas que vedes foram alimentadas artificialmente com leite de cabra e sopas de vinho.

– E esse?

Apontou para um miúdo de uns oito anos sentado no chão, a mordiscar um naco de pão. Tinha uns olhos de um azul intenso, o cabelo louro e um ar angelical.

– Cándido de la Caridad, miúdo saudável, livre de varíola. Está castigado a ficar apenas a pão e água, sentado no chão diante dos outros, por ter fugido depois de cantar num enterro.

Cándido olhou para Balmis com uns olhos que expressavam desconcerto e angústia. O médico agachou-se para falar com ele.

– Queres vir à Corunha com outros rapazes daqui? – sussurrou-lhe.

– O que é a Corunha?

Balmis sorriu.

– É uma cidade, à beira do mar. Já viste o mar?

O rapaz disse que não com a cabeça.

– Pois então vou falar com o director para que te levante o castigo.

Balmis escolheu seis rapazes: Cándido, Juan Francisco, Antonio, Andrés, Gerónimo e o mais pequeno, Jacinto, que tinha seis anos.

– Escolhi-vos para que salveis o mundo, sois uns pequenos heróis cuja contribuição para a saúde da humanidade ficará para sempre gravada nos livros de História. Quero que saibais que, em troca da vossa contribuição, a Coroa comprometeu-se a velar pela vossa formação.

Os miúdos não entendiam nada. Não sabiam o que era receber elogios. Mas mesmo com pouca idade já pressentiam que algo teriam de dar em troca de tão «formidável sorte».

No dia anterior à partida de Madrid, ficaram a saber o que lhes era exigido. Os três enfermeiros, Basilio Bolaños, Francisco Pastor e Pedro Ortega, aos quais deviam obedecer sempre, levaram Jacinto e Andrés até ao gabinete do doutor Balmis para serem vacinados. Balmis queria assegurar-se da óptima qualidade do pus, utilizando o obtido de outros miúdos que ele vacinara e cujos resultados pudera comprovar. O que ninguém esperava foi a reacção desses órfãos que, ao verem o médico aproximar-se com a lanceta na mão, começaram a gritar e a tentar fugir dali.

– Isto não dói… – dizia-lhes o médico.

Por muito que lhes explicassem que a vacina os iria livrar de uma doença terrível, não houve maneira de os convencer, nem oferecendo-lhes um doce. Os miúdos olhavam à sua volta com receio, como se fossem pequenos animais prestes a serem degolados. Por fim, o enfermeiro Basilio Bolaños, um gigante com mãos de magarefe, agarrou Jacinto à força enquanto Francisco, o outro

enfermeiro, segurava o pequeno Andrés. Balmis fez-lhes uma incisão minúscula com a lanceta e introduziu o pus. Tudo isso entre gritarias.

No dia seguinte, 10 de Setembro, os membros da expedição partiram de Madrid em várias carruagens puxadas por cavalos. Os três enfermeiros escoltavam os meninos recém-vacinados para evitar que se coçassem e, durante as paragens, proibiram-nos de se aproximarem dos outros para não os contagiarem. Mas ao menor descuido os miúdos desobedeciam. Corriam para lutar uns com os outros, a sua brincadeira favorita, diante do olhar apavorado dos adultos, enquanto os enfermeiros os perseguiam para os separar. Só se portaram bem quando a vacina começou a fazer efeito: o cansaço e um pouco de febre tornou-os seres dóceis. O que parecia um anjinho, Cándido, acabou por ser o mais levantadiço. Quando tentaram vaciná-lo, recusou-se redondamente. Chorou, suplicou, gritou, insultou, deu murros e pontapés e, para se escapulir como uma lagartixa, mordeu Basilio na sua manápula com tanta força que o fez sangrar. Fugiu a correr e escapou da pousada. Por isso tinham vacinado o pequeno Andrés em lugar dele. Na manhã seguinte, quando saíam para denunciar à polícia a fuga de Cándido, este apareceu, com ar constrangido.

– Foste o primeiro que escolhi e é assim que agradeces? – disse-lhe Balmis.

– Isso mete-me medo.

– Já vos disse que não dói… Olha para o Andrés, nem chorou.

O miúdo olhou para Andrés e encolheu os ombros, como se não tivesse nada a ver com ele. Levara a sua avante e isso era a única coisa que importava. «Indisciplinados, receosos, medrosos e impacientes.» Balmis lembrou-se da advertência feita pelo padre director do hospício. Eram crianças maltratadas pela vida, abandonadas à sua sorte e sem confiança nos que os rodeavam.

Posta em prática, a ideia de utilizar meninos para transportar a vacina era muito mais complicada do que Balmis pensara inicialmente. Cada um deles tinha a sua personalidade, o seu carácter, o seu temperamento, o seu passado de abandono. Conviver com eles não parecia simples. Balmis, Salvany e os outros adultos perguntavam-se como iriam aguentar todos – crianças e adultos – uma travessia de várias semanas no espaço reduzido de um navio se a viagem por estrada era já infernal. Como manter a disciplina? Como matar o tédio de tantas horas de navegação? Como curá-los quando adoecessem? Como suportariam as mudanças de temperatura? Balmis estava obcecado com essa parte da organização porque escapava ao seu controlo: tudo o que tinha a ver com crianças era-lhe alheio. Nunca vivera com elas. No entanto, precisava delas; sem os miúdos não havia maneira de fazer chegar ao outro lado do mundo a matéria para vacinar. Sem os seres mais débeis da sociedade, não se podia levar a cabo a proeza médica e humanitária mais ambiciosa da História.

Capítulo 31

Corunha, 21 de Setembro de 1803. Desde há vários dias, na cidade não se falava de outra coisa senão da chegada dos expedicionários. As mães esperavam ansiosas porque as autoridades tinham anunciado que o doutor Balmis vacinaria gratuitamente os filhos. O pessoal do Hospital da Caridade, o primeiro grande hospital público da Corunha, afadigava-se a preparar as dependências destinadas aos peregrinos para albergar esses convidados extraordinários. Embora ao princípio Balmis tivesse pedido para se alojar no Convento dos Agostinhos, o intendente do exército pensou que nesse resplandecente hospital estariam melhor, sobretudo porque nas instalações anexas estava situada a roda da cidade, cheia de crianças excitadíssimas perante a chegada de outros órfãos de Madrid.

No hospício, a gritaria das crianças que, coladas à janela do primeiro andar, espreitavam a chegada da comitiva, alertou Isabel, que pediu silêncio no seu habitual tom sereno e firme. Reconhecia nos olhares dos mais pequenos o nervosismo e a apreensão que se viam quando chegavam visitas; fantasiavam com a ideia de que um casal sem filhos os escolhesse para adopção, embora o mais comum era que um homem sozinho viesse à procura de um miúdo para que o ajudasse no trabalho. «Há homens fardados!», gritou um rapaz. Lá em baixo, na rua, a reitora viu como as autoridades militares, civis e religiosas, assim como os quatro médicos e o capelão do hospital, escoltavam o grupo de expedicionários que entrava em tropel no edifício principal.

À porta, o doutor Posse deu umas calorosas boas-vindas a Balmis e ao seu séquito, e logo os acompanhou a uma pequena sala.

– Graças a Deus que chegastes! Aqui é onde iniciei a difusão do método de Jenner – disse Posse. – Tive de cessar a actividade porque não consigo obter fluido de vacina nem consigo mantê-lo puro.

– Trago tudo o que é necessário – garantiu-lhe Balmis.

E propôs-lhe começar a vacinar no dia seguinte, mas na colegiada e não no hospital, já que o abade insistira em emprestar-lhe os seus aposentos para dar mais importância e ostentação à operação de inoculação pública.

Mais tarde, Posse guiou-os até à hospedagem de peregrinos, onde os quartos exíguos e sombrios não agradaram a Balmis, que se desculpou diante do médico e pediu que lhe procurassem alojamento em casas particulares para ele e para os que o acompanhavam. Antes, deixara os meninos no hospício. Atravessaram um pátio onde havia um horto e onde, de costas para a parede, uma fila de miudinhos estavam sentados nos bacios. Nessa manhã tinham sido desparasitados com uma cozedura de nogueira preta e, para evitar os maus cheiros no interior, tinham-nos colocado ali fora. Numa esquina do pátio, uma empregada metia numa panela a roupa suja dos pequenos com a

ajuda de uma forquilha. À volta da fogueira que aquecia o caldeiro havia outras crianças, com os moncos pendurados e os olhos muito abertos.

– A reitora – disse de repente uma voz.

Então apareceu no canto da porta uma mulher jovem, de corpo magro e andar resoluto, secando as mãos com um trapo. Fez uma ligeira vénia diante de Balmis e cumprimentou com um gesto quase imperceptível os outros acompanhantes.

– Isabel Zendal, para vos servir.

Balmis olhou-a com a sua habitual altivez, como o teria feito com qualquer subordinado. Em contrapartida, Salvany fê-lo minuciosamente. Algo o tocou nessa mulher de olhos muito negros e olhar profundo, rodeada por crianças. Observou a sua testa ampla, o lenço preto que lhe cobria o cabelo, e um pequeno trejeito, à altura dos olhos, que podia ser de pesar. Depois viu as mãos, rugosas. Ao notar que estavam a olhar para ela, Isabel baixou os olhos e fez sinal aos visitantes para entrarem.

O hospício estava tão abarrotado que Isabel pediu desculpa, como se fosse responsabilidade sua:

– Temos capacidade para trinta e somos quase o dobro…

A crescente miséria nos campos causava a chegada de vagas de crianças abandonadas às rodas, onde não se rejeitava ninguém porque assim mandava o regulamento. Não eram só órfãos ou filhos de mães indigentes: cada vez chegavam mais filhos legítimos de pais pobres. Isabel andava há dois dias a fazer diligências na cidade para obter catres, grão-de-bico, algum açúcar e amêndoas para uma orchata que pudesse oferecer aos recém-chegados. O orçamento não dava para todos os alimentos, roupa e remédios de que necessitava, mas queixar-se não era hábito seu e não comentou nada disso com os visitantes.

– Não vos preocupeis – disse-lhe Balmis –, destes meninos que vos trago só quatro prosseguem a viagem de barco; o resto, os que já foram vacinados, voltam para Madrid.

Isabel estava espantada com o estado deplorável desses meninos da capital. Sujos, desgrenhados, traziam os uniformes esfarrapados e pareciam cansados. Coçavam-se por causa da irritação na pele que a incisão da vacina lhes tinha causado, apesar da repreensão constante dos enfermeiros. Lutavam muito entre eles. Andrés estava muito pálido e olheirento, e mal se mantinha de pé.

– Ontem subiu-lhe a febre – disse um enfermeiro.

– Vamos deitar-te, vem…

E deixou os visitantes ali plantados enquanto cuidava da criança. Em contraste com o comportamento selvático dos madrilenos, os miúdos da roda da Corunha mostravam umas maneiras bem diferentes. Apesar desse lugar estar abarrotado, não havia gritos nem comportamentos degradantes; tinham um ar saudável e mostravam um carinho reverencial pela reitora. Quando esta regressou, Balmis disse-lhe:

– Muito rapidamente vos sobrará espaço…

– Quereis dizer que nos ides conceder um donativo para ampliar as instalações? – perguntou em tom irónico.

– A caridade não chega para tantos órfãos – respondeu o médico. – O que vou fazer é levar comigo alguns meninos que estejam sob a protecção da roda para fazerem a travessia… e quero que

me ajudeis a escolhê-los.

Isabel mudou de expressão enquanto Balmis tirava da pasta um monte de papéis.

– Vede, este é o regulamento da expedição, assinado por Sua Majestade o rei.

Isabel folheou-o.

– Como? Ides levar meninos expostos para… a América?

– Com autorização de Sua Majestade, para livrar o mundo da varíola.

– Mas, mas… para tão nobre propósito, tendes de vir a uma roda buscar meninos órfãos?

– Não há outra possibilidade.

Então Balmis e Salvany, ao perceberem que se encontravam diante de um obstáculo imprevisível, aplicaram-se a explicar-lhe os pormenores da expedição, a necessidade de transportar o soro por meninos que não tivessem estado em contacto com a doença e que não tivessem família…

– Jamais uns pais deixariam que os filhos partissem para tão longe, e no caso de aceitarem, fá-lo-iam por dinheiro, o que vai contra o espírito da expedição… Por isso estamos aqui, na roda – disse-lhe Balmis.

Insistiram em que não supunha nenhum risco para os miúdos, antes pelo contrário: ficariam imunizados para o resto da vida. Falaram da importância da expedição, do apoio do rei, da urgência, das dificuldades… até que Isabel os interrompeu. O seu instinto revoltava-se contra a ideia de deixar partir os «seus» meninos.

– E depois quem se encarregará deles?

– Serão mantidos a expensas da Fazenda Real até que tenham destino ou ocupação com que possam viver. Esperamos que na sua maior parte possam ser colocados em casas de famílias poderosas; no caso de não ser assim, serão devolvidos às suas povoações… É o compromisso da Coroa.

– E nós estaremos atentos para que se cumpra – acrescentou Salvany, entre dois ataques de tosse.

– É uma oportunidade para eles, pensai bem nisso… – insistiu Balmis. – Participarão numa grande aventura filantrópica, a Coroa ficará sempre grata por isso. Porque, senão, dizei-me, que futuro os espera na Galiza quando saírem daqui? As ruas estão cheias de jovens mendigos…

Isabel estava confusa.

– Não têm nada a perder – acrescentou Salvany.

– Estes meninos nunca foram mais longe do que a Torre de Hércules… – disse ela. – Como podeis ter a certeza de que vão sobreviver a uma viagem tão longa? E as tempestades? E se o navio se afunda?

– De dois em dois meses os navios-correio vão e vêm daqui até Buenos Aires e o México e não se afundam… Escolheremos um navio seguro, sempre com o acordo da Casa Real. Os meninos estarão acompanhados a todo o momento por quatro médicos e três enfermeiros, algo que em terra nunca acontece… Além disso, se algum tiver de morrer, a sua morte servirá para evitar milhares de mortes por causa da varíola. Acreditai em mim – prosseguiu Balmis –, participar nesta expedição é um privilégio; para eles, para nós, os médicos, para toda a humanidade.

Isabel parecia desamparada. Compreendia o que esses médicos pomposos lhe contavam, mas não o aceitava. Um menino de uns oito anos abeirou-se dela e puxou-lhe a saia:

– M… mãe, tenho fome…

– Terás de esperar pela hora de jantar, tal como os outros.

O menino afastou-se e, resmungando, foi ter com os outros.

– A esse nem penseis em escolhê-lo – exclamou Isabel. – É meu filho.

Ai, se Doña Teresa Herrera estivesse viva! Jamais permitiria que lhe levassem os meninos da roda. A mulher cujos donativos tinham tornado possível a construção do hospital era analfabeta, mas tinha dinheiro e experiência de vida, foi muito respeitada e sempre foi capaz de impor o seu critério. Em contrapartida… quem era Isabel Zendal? Quem era ela para se opor a esses médicos que vinham da parte do rei? Era apenas uma empregada mal paga, uma mulher perdida que tivera a sorte de acabar como reitora de um orfanato. A sua opinião não tinha peso. Não só não os podia impedir de levarem a cabo o seu objectivo, como além disso se sentia obrigada a colaborar, a ser cúmplice de algo que lhe repugnava. Como dizer que menino devia ficar e qual devia partir?

Capítulo 32

Chegou o mês de Outubro e a expedição não estava pronta. A data da partida foi adiada, o que fez com que se espalhasse o desânimo entre alguns dos participantes e o cepticismo entre funcionários da Fazenda Real, que não conseguiam aceitar uma viagem tão invulgar e complicada. Balmis e Salvany lutavam para resolver um problema imprevisto, a falta de um navio. Inexplicavelmente, as diligências do juiz de Arribada tinham fracassado e tiveram de ser eles a procurar um barco disponível. Seguindo o critério da velocidade face à comodidade, Balmis optou pela fragata *San José*, mas como, apesar das promessas do armador, não se encontrava pronta no dia indicado, recuou para a segunda escolha, uma corveta mais pequena, de duzentas toneladas e uma única coberta chamada *María Pita* em homenagem à heroína que defendeu a Corunha em 1589 contra os corsários ingleses de Francis Drake. Incluía as últimas inovações, como uma engenhoca constituída por uma peça de ferro de um metro de comprimento tendo a forma de um cone truncado que servia como pára-raios, e embarcações mais pequenas situadas em cima da coberta para facilitar a sua utilização. Negociou uma redução de quatrocentos pesos fortes, o que foi determinante para que o rei autorizasse a transacção. A Fazenda Real transferiu os fundos a 21 de Outubro de 1803, uma rapidez invulgar para a proverbial lentidão da Administração. Apesar disso, Balmis achava que nada acontecia com suficiente celeridade. Estavam atrasados um mês e ainda faltava apetrechar o navio: queria tirar-lhe os canhões para ganhar espaço e comodidade. Depois havia que abastecê-lo e contratar a tripulação, vinte homens entre os quais era necessário encontrar um capitão, um primeiro-piloto, um carpinteiro, um cozinheiro e os marinheiros.

Ainda faltava resolver o problema das crianças. Depois da primeira visita, Balmis apresentara-se várias vezes na roda, mas Isabel arranjava uma desculpa qualquer para o evitar: dizia estar ocupada, ou encontrava-se milagrosamente ausente quando o médico chegava. Por isso Balmis pôs-se em contacto com a Congregação das Dores e uma tarde apresentou-se acompanhado pelo doutor Posse.

– Quero que atendas o doutor Balmis como se fosse eu… – disse Posse à reitora.

– Sim, doutor.

Isabel, intimidada, percebeu que não tinha outra opção senão obedecer. Não só o doutor Posse era uma autoridade, como também era alguém muito próximo de Don Jerónimo. Tirou os livros de registo de uma estante e pousou-os em cima de uma mesa.

– A condição mais importante é que não tenham passado pela varíola natural – disse Balmis.

– Desses não há muitos.

Isabel abriu um dos livros e começou a apontar números:

– 147, Francisco Antonio, entregue por María Fernández, esposa de Antonio Fernández, lavrador… – E acrescentava: – Livre de varíola. – E continuava a ler: – 291, Manuel María, entregue a 15 de Outubro de 1796… livre de varíola. Pascual Aniceto, criado na aldeia de San Pedro de Nós pela ama Manuela Pérez… livre de varíola.

O que desfilava por essas páginas era a história do abandono da infância. Depois de um comentário rápido sobre o estado físico de cada um, falava do carácter: «Jorge José não, porque tem mau génio e amotina os outros» ou «Juan Francisco sim, tem bom carácter…»

– De quantos vão precisar? – perguntou o doutor Posse.

– Preciso de ir vacinando dois de cada vez, para o caso de alguma não pegar e assim estarmos defendidos… Para uma viagem de quatro semanas, como calculei, precisarei de vinte e dois.

– Vinte e dois?

Isabel achou que eram muitos. Balmis voltou a explicar-lhe com pormenor o procedimento. Em Madrid transplantara para dois dos expostos uma primeira dose de linfa e, quando um furúnculo denunciou o contágio atingindo o seu ponto álgido de eclosão, extraíra fluido e inoculara-o noutro portador. Era assim que fariam durante o trajecto até à América.

Balmis ia fazendo as suas anotações e, depois, com a ajuda do doutor Posse, examinaram os que se encontravam na roda. Apalpavam-lhes os nódulos, faziam-nos mostrar os dentes, encostavam o ouvido ao peito para auscultar o som da respiração, observavam a esclerótica. Quanto aos restantes meninos, era preciso fazê-los vir das aldeias, onde viviam em casa das antigas amas-de-leite, ou com alguma outra família que os criava em troca de dinheiro. Tudo isso exigia tempo.

No fim dessa reunião, Balmis apercebeu-se de um dilema: ia ser difícil conseguir arranjar vinte e dois meninos entre os sete e os dez anos. Essa franja etária representava um problema tanto de conduta, que já pudera experimentar na viagem de Madrid até ali, como de risco de que tivessem sido expostos ao vírus da varíola. O problema que se apresentava era: como estarem cem por cento seguros de que não tinham sido expostos? Nalguns casos, a varíola não deixava marcas.

Nessa noite, Balmis abordou o assunto com Salvany:

– Se se trata de reduzir o risco de exposição prévia, a solução consiste em levar miúdos mais pequenos – disse Balmis.

– Mais pequenos? De três e quatro anos?

– Sim…

Salvany levantou os olhos para o céu.

– Mas imaginais os problemas que isso nos põe? Falastes disso com os enfermeiros?

– O essencial é reduzir o risco, que a corrente não se quebre.

– Mas à custa de se criar um risco maior… As crianças nessas idades são muito frágeis.

– Por isso mesmo – disse-lhe Balmis no seu tom altivo. – São frágeis porque ainda não tiveram contacto com a doença. É desses que precisamos. Além disso, são mais dóceis.

Salvany pensou que a ânsia perfeccionista de Balmis estava a levá-lo a fazer um disparate. Estaria Balmis disposto a brincar com a vida dos mais inocentes para garantir o funcionamento do processo? Onde se encontrava o limite entre o que era lícito ou não de fazer com essas crianças

indefesas? As perguntas que Salvany se fez a si guardou-as muito bem guardadas porque sabia que o chefe não gostava de divergências.

Mas os comentários do seu braço direito não caíram em saco roto. Balmis não podia ignorar o problema logístico que significava levar a bordo crianças tão pequenas. Sem saber como lidar com o problema, pressionado pelo mecanismo que pusera a funcionar, com pressa mas incapaz de avançar, estava desalentado. No seu foro íntimo chegou a duvidar da viabilidade de levar tantas crianças, embora nunca o tivesse reconhecido. Ele, que sempre defendera a sua ideia apaixonadamente, via-se agora no inferno da dúvida. Pensou na roda, na beleza desse lugar, no rigor das anotações dos livros, e sentiu um impulso de compaixão pelos expostos que examinara, as bochechas encarnadas, os corpos magros e ossudos, o olhar assustadiço. Depois pensou em Isabel Zendal.

Capítulo 33

No dia seguinte, Balmis foi ter com o doutor Posse a casa deste e encontrou-o quando se dispunha a partir para o hospital. O médico galego estranhou a súbita curiosidade do colega acerca das origens de Isabel, o seu percurso, como acabara em reitora, as ligações com a cidade, a família… Posse começou a contar-lhe, mas logo franziu o sobrolho:

– A que propósito vem tanta coscuvilhice?

– Precisamos dela.

– Ides deixar-nos sem reitora? – perguntou ironicamente.

– Tendes de me ajudar a consegui-la, seja como for.

Posse compreendeu a importância do que lhe expunha Balmis. Além de médico, como ele, era quem tinha introduzido a vacina na Galiza. Conhecia as crianças e a intensidade da ligação que as unia à reitora. Como homem culto e militante da vacina, era um firme protector da expedição, por isso encaminhou os seus passos para a Calle Real, a residência de Don Jerónimo Hijosa, o único que o poderia ajudar. Nesse salão sempre mergulhado na penumbra em que Isabel puxara o brilho aos objectos milhares de vezes, foram convidados a sentarem-se. Depois das explicações preliminares, Balmis foi directo ao assunto:

– Seria demasiado, Don Jerónimo, pedir a vossa intervenção junto da reitora para lhe propor que se junte à expedição?

Don Jerónimo fez uma expressão de desagrado; Balmis era muito directo, demasiado para os usos e costumes da Galiza. Após um momento de silêncio respondeu:

– Prescindir de Isabel pressupõe para nós, patronos da Congregação, um sério inconveniente. – Calou-se e manteve um silêncio longo, como se quisesse que absorvessem as suas palavras. Balmis quis intervir, mas Don Jerónimo não era alguém que se deixasse interromper; fez-lhe sinal para que se calasse e continuou: – Mas tendo em conta a envergadura do projecto, a sua importância filantrópica e o patrocínio de Sua Majestade, creio que poderei convencê-los a respeito da bondade de sacrificar Isabel por um bem maior. – Deixou que se instalasse novo silêncio. Depois prosseguiu: – Contudo, o que não posso, doutor Balmis, nem vou fazer, é obrigá-la a aceitar uma decisão que talvez ela não queira tomar.

– Só vos peço que utilizeis a vossa influência para…

– Se ela vier ter comigo e me perguntar, dar-lhe-ei bom conselho; juntar-se à expedição será sempre um destino mais glorioso do que ficar como reitora na roda. Mas não me peçais para intervir. Sois vós que tendes de a convencer, Balmis.

No orfanato, Isabel, alheia ao que se tramava nas suas costas, sentiu que a invadia uma onda de calor quando, da janela do primeiro andar, viu chegar Balmis. Esse homem excessivo e avassalador fazia-lhe perder muito tempo. Já se tinha submetido a contragosto aos seus pedidos, que mais queria?

– Quero-a a si – exclamou o médico.

Isabel estremeceu. A seguir, Balmis, sem rodeios, intimou-a a juntar-se à nobre tarefa de salvar o mundo. Além de um futuro promissor, iria atribuir-lhe um bom salário. Isabel ficou indiferente, pela surpresa e porque as grandes palavras não a comoviam. Já lhe bastava ter de se salvar. Estava tão perplexa que só lhe ocorreu dizer:

– Nunca… nunca entrei num barco. – Depois reagiu. – Não, não posso largar tudo isto.

Balmis calou-se. Isabel aproximou-se da janela e olhou para a agitação no pátio.

– Levais vinte e dois, mas aqui ficam muitos mais – disse.

– A Congregação pode contratar outra mulher para o vosso lugar. Na expedição sois insubstituível; esses meninos conhecem-vos e respeitam-vos.

– Não dissestes que dispunham de enfermeiros e de médicos?

– Sim, mas não é o mesmo que vos termos a vós no navio. Sabeis isso tão bem como eu.

Isabel estava incomodada: nem queria sair dali nem queria que os seus meninos partissem. Balmis, mais hábil do que a sua rudeza permitia entrever e graças à informação que lhe tinham proporcionado Posse e Don Jerónimo, tocou a tecla adequada:

– Nem é preciso dizer que viríeis com Benito, embora ele esteja vacinado e não nos sirva para transportar o fluido. Não sei se sabeis disso, mas na América a quantidade de filhos não reconhecidos é tão grande que não supõe diferença de tratamento nem de consideração. É um mundo novo onde a vida será muito mais fácil para o vosso filho, para ambos.

Essas palavras recordaram a Isabel as do outro Benito, o pai. *Quando querem alguma coisa, todos os homens são iguais*, pensou. E por um instante perguntou-se onde estaria agora aquele que a tinha enganado. Mas logo se censurou e disse:

– O meu filho será um filho natural tanto aqui como lá.

– Estais enganada – replicou Balmis.

– Por que as coisas serão mais fáceis nas Américas?

– Escutai-me bem – disse-lhe o médico, olhando-a nos olhos para exigir toda a sua atenção, agora que se dispunha a tirar o ás da manga –, o que vos proponho é que, em troca de nos acompanhardes na expedição, com a glória, as prebendas, as obrigações e os riscos que isso supõe, vos livreis na América de todos os preconceitos que arrastais convosco aqui.

Isabel não compreendia muito bem aonde Balmis queria chegar.

– Faço tenções de pedir um certificado de perdão para vós e para o vosso filho.

Ao ouvir essas palavras, Isabel teve um sobressalto. Incrédula, perguntou:

– Um certificado de perdão… para mim?

– Sim, para vós. Isso é possível graças às relações privilegiadas que mantenho com a Coroa – continuou Balmis. – Desse modo, a mancha de ilegitimidade ficará apagada para sempre; nos novos documentos que vos entregarei aparecereis como a mãe adoptiva de vosso filho. Assim que sairmos

do porto, deixareis de arrastar convosco o selo de mãe solteira, e o menino deixará de ser filho natural… Sabeis o que isso significa, não sabeis?

Sabia bem. Até há pouco tempo, os filhos naturais não podiam aprender gramática, nem ter formação, só lhes estavam permitidos os ofícios artesanais. A lei acabara de mudar, mas os preconceitos continuavam bem arreigados. Isabel permaneceu em silêncio durante um bom período de tempo. O que lhe propunha Balmis era redimir-se, recuperar a sua identidade e, sobretudo, devolver a dignidade ao filho. Uma nova vida, um futuro para o menino. Acima de tudo, podia aspirar a levar os seus méritos mais adiante, servir Don Jerónimo e confiar em que o rei a recompensasse. Balmis acrescentou:

– Em troca, peço-vos o vosso compromisso de acompanhar a expedição até ao fim, até às Filipinas. Depois podereis optar entre regressar a Espanha com os meninos ou ficar onde vos aprouver.

Isabel, gaguejando perante a imensidade da proposta, respondeu:

– Tenho… tenho de consultar Don Jerónimo.

Então Balmis soube que tinha ganho essa batalha.

Capítulo 34

A 30 de Novembro de 1803, a corveta *María Pita* zarpou da Corunha. Embora partisse com dois meses de atraso, a rapidez dos funcionários reais no momento de resolver todos os problemas financeiros e de organização fora invulgar e só se explicava pelo envolvimento directo do rei. Nesse dia, na América, os franceses tomavam posse de Nova Orleães e começavam a desmantelar as instituições espanholas. A expedição era uma pequena luz no obscuro declínio do Império.

Nunca marinheiros tão valentes como os que constituíam a tripulação da *María Pita* tinham visto uma carga tão diversificada. Desde há dias, umas chalupas traziam para a corveta, fundeada na baía, sacos de lona, frascos de unguento, ligaduras, pacotes de livros, caixas com vidros, metros de tecido… Dois marinheiros encarregavam-se de arrumar tudo, segundo as indicações de Salvany. Outros dois, enquanto seguiam as ordens do capitão empoleirados na mastreação, comentavam que iam curar os índios com o sangue desses. Na praia, os expostos viviam o seu momento de glória. Tinham saído uma hora antes do orfanato, caminhando em fila ao som dos acordes da banda municipal, os mais pequenos de mão dada com os mais velhos, todos ostentando os seus brilhantes uniformes do Jardim Botânico de Madrid, mas desconfortáveis nos seus sapatos novos. Por fim, Balmis impusera o seu critério e havia oito meninos de três anos que tinham dificuldade em andar. E sobretudo conseguira o certificado de perdão e a autorização do rei para contratar Isabel, sem a qual não teria sido possível reunir a quantidade necessária de crianças. Juntos, tinham ido ao Hospício de Santiago para recrutar os que faltavam, e tiveram de convencer a mãe de Francisco Antonio, de oito anos, para que o deixasse partir como serviço prestado a Sua Majestade, em troca de um futuro para o filho.

Os últimos dias tinham sido frenéticos. Cada um dos expostos precisava de uma gorra, seis camisas, três calças de linho, uma de lã, um casaco, três lenços para o pescoço, três para o nariz, um pente… e a rodeira queria, além disso, que Isabel levasse um enxoval:

– Tenho a certeza de que encontrarás um marido na América.

– Que homem vai querer uma mulher com vinte e dois meninos a seu cargo?

– Não conheces os homens – respondeu-lhe a mulher.

À actividade intensa dos preparativos juntou-se a aparição de familiares de expostos que nunca tinham sido vistos por ali, todos exigindo dinheiro porque os «seus» meninos tinham sido escolhidos por Sua Majestade o rei. Era tão difícil desembaraçar-se de todos os que vinham tirar proveito do abandono, que a rodeira dedicou-se a recebê-los e a lembrar-lhes que, ao «lançarem» os filhos para a roda, tinham perdido o poder paternal, pelo que não tinham direito a exigir nada. Mas insistiam de maneira tortuosa: enviavam tios, irmãos, até as amas-de-leite.

Houve um pequeno drama na roda antes da partida. Ao saberem que não fariam parte da viagem e que tinham de regressar à Casa dos Desamparados, Jacinto e Andrés, os dois meninos vacinados à partida de Madrid, desataram a chorar, suplicando que não os deixassem para trás. Também eles queriam embarcar, continuar a aventura com os seus companheiros; não queriam voltar para o frio, para a panela de repolho e toucinho, a cantar nos enterros ou a rezar no refeitório. Isabel fez tudo o que era possível para os consolar, mas era difícil. Esses miúdos, que tinham pavor do abandono porque já tinham sido abandonados numa roda ao nascer, davam pontapés e soluçavam e não queriam saber de argumentos. O louro e angelical Cándido, que ostentava o seu uniforme brilhante, foi testemunha da cena. Se se tivesse deixado vacinar – pensou –, estaria agora na mesma situação dos dois pequenos que voltavam para a Casa dos Desamparados. Finalmente, Isabel levou-os para a cozinha e deixou-os nas mãos da rodeira, que os empanturrou com madalenas acabadas de sair do forno. Mesmo assim, os meninos não pararam de chorar.

Atrás dos grandes janelões das casas da Corunha, os vizinhos viam passar esse insólito cortejo de expostos transformados em heróis, encabeçado pelo arcebispo e pelas autoridades. Ao passar pela Calle Real, Isabel olhou para a janela da casa onde durante tantos anos trabalhara e vislumbrou, entre os reflexos do vidro, a silhueta de Doña María Josefa, com o olhar perdido. Isabel saudou-a com a mão, sabendo que a senhora estava já cega por causa da varíola. Qual não foi a sua surpresa ao ver que ela retribuiu a saudação… Coincidência dos gestos? Isabel pensou que a mulher os tinha visto, se não com os olhos, pelo menos com o coração.

No porto, as autoridades desfizeram-se em discursos grandiloquentes:

– Viajareis para lugares remotos, percorrereis paragens surpreendentes, conhecereis culturas extravagantes, vivereis experiências únicas, encontrareis seres necessitados, e o que fareis por eles, Deus vos devolverá.

Houve vivas ao rei, a Balmis, à expedição. Como o vento estava a ficar mais forte – razão pela qual partiam nesse dia – as palavras das autoridades perdiam-se e os miúdos mostravam-se impacientes. Uns tinham fome, outros não conseguiam ficar quietos e brincavam lançando as gorras ao vento. Conseguiram ouvir palavras sobre Isabel Zendal, tantas vezes desdenhada, agora enaltecida pela sua coragem ao atravessar o mar, única mulher entre meia centena de homens. Finalmente, os expedicionários, uns trinta, tiveram de passar pela frente do corregedor, que lia os nomes deles em voz alta, e do arcebispo, que os aspergia com água benta antes de embarcarem na chalupa que os levaria à *María Pita*. Aplaudiam todos eles. Depois das crianças, ouviu-se:

– Doña Isabel Zendal.

Ao ouvir que a tratavam por «doña» pela primeira vez, não conseguiu reprimir uma expressão que revelava um regozijo íntimo e profundo.

Mas não durou muito. Assim que entrou a bordo da corveta, aturdida com o ruído das adriças, das correntes e dos cabos enlouquecidos pelo vento, encontrou-se frente a frente com marinheiros, de rostos curtidos pelo sol e pelo sal, com caras de poucos amigos.

– Vindes só acompanhar os miúdos, depois desembarcais… – disse um deles.

– Não, eu vou viajar convosco.

Para os marinheiros, uma mulher a bordo dava azar. A presença dela irritou tanto a tripulação que o capitão, um homem chamado Pedro del Barco y España, basco, tenente de fragata, teve de intervir e ameaçar de expulsão os que antes de zarpar suscitavam já uma tentativa de motim.

– Tu, vai ao cabrestante para levantar a âncora! Tu, depressa, temos de aproveitar o vento de nordeste e a força da maré! Soltem os cabos! Desdobrem a bujarrona, a maior e a mezena! Nada de atrasos!

Obedeceram-lhe a contragosto. Pedro de Barco era um marinheiro de comprovado valor. Também ele discutira com Balmis o problema de se levar uma mulher a bordo e tentara dissuadi-lo. Em vão. Embora fosse a mais alta autoridade dentro do navio depois de Deus, a descrição do relatório do Ministério da Marinha a que teve acesso Balmis fazia-lhe justiça: «Conduta, muito boa; Inteligência, bastante; Desempenho, bom; Subordinação, muita; Desinteresse, muito.»

– Içai o traquete! Caçai as escotas!

Uma vez fixado o rumo, as velas enfunaram-se suavemente. A *María Pita* inclinou-se, o que causou um momento de pânico entre os miúdos e Isabel, que se encontravam na coberta a ver como a multidão agitava lenços e o sol refulgia nas janelas das grandes casas da Corunha. Era um dia magnífico, fresco, luminoso.

– Benito, quero dizer-te uma coisa.

O menino aproximou-se da mãe.

– A partir deste momento, nunca terás de dizer que o teu pai abandonou a tua mãe, entendeste?

O miúdo assentiu.

– Se te perguntarem, e a quem o perguntar, diz sempre que sou a tua mãe adoptiva.

– A… adoptiva?

– Sim, quer dizer que, em vez de te ter tido na minha barriga, adoptei-te quando já tinhas nascido.

Benito estava perplexo.

– Mas… isso é ver… é verdade?

– Claro que não! É um segredo entre ti e mim. É para que nunca mais nos incomodem com isso de que o teu pai nos abandonou.

– Então nunca mais vão dizer… que tu… que tu és uma… uma…

– Não, nunca mais.

O miúdo olhou-a:

– Mas continuas a ser a minha mãe, não?

Isabel desatou a rir. Depois ficou a pensar que o filho dissera uma frase inteira toda seguida, sem gaguejar. Era a primeira vez que o ouvia fazer isso. O menino soltou-se do abraço materno e saiu dali a correr.

– Aonde vais?

– Vou brincar, claro!

– Tem cuidado.

Ao aproximarem-se da costa de Sada, o capitão ordenou que se largassem as escotas, que a corveta virasse e fizesse rumo a leste. O navio transmitia uma boa sensação ao navegar. Daí a

pouco, tinham a Torre de Hércules de lado. Instintivamente, Isabel procurou os restos desse barco encalhado onde viveu o momento mais intenso da sua vida nos braços do pai do filho. Mas há muito que o mar os tinha engolido. Ficou durante muito tempo apoiada na amurada, vendo desfilar pela última vez a verde paisagem da sua infância.

Capítulo 35

Duas semanas depois da partida, apareceu no orfanato um casal de camponeses, vestidos de bombazina escura, os rostos redondos, a pele cor de cobre. Vinham à procura do filho, o pequeno Vicente María, que tinham deixado ali ao nascer por não poderem assumir a sua criação. Haviam deixado uma pequena soma de dinheiro para ajudar e um bilhete que dizia que viriam buscar o menino quando as coisas melhorassem. Agora tinham melhorado, porque, segundo explicaram à rodeira, que substituía provisoriamente Isabel como reitora, tinham herdado um terreno na aldeia. Na verdade, traziam de presente uma cesta cheia de verduras da horta.

– Deve ter três aninhos e cinco meses…

A expressão da rodeira alterou-se. A verdade é que ninguém levara a sério esse bilhete. Tantos pais diziam que voltariam para vir buscar os filhos e nunca apareciam!

– O vosso filho não está aqui. Vai a caminho da América – balbuciou.

Os camponeses ficaram estupefactos. A rodeira explicou-lhes como pôde o que acontecera, porque eles não sabiam nada nem da expedição nem da luta contra a varíola, viviam afastados do mundo. A mulher começou a chorar em silêncio e depois a soluçar; lágrimas grossas rolavam pelas suas faces avermelhadas. O homem estava magoado. Mas nem protestaram nem levantaram a voz. A rodeira levou-os à capela, consciente de que a santidade do lugar jogaria a seu favor. Teve razão. Os pais aceitaram resignados o pobre consolo que lhes ofereceu a nova reitora ao informá-los de que o filho deles estava a participar numa proeza de amor pelos mais necessitados que seria recompensada por Deus e pelo rei, e que o seu futuro se encontrava assegurado.

– Se é para seu bem… – concluiu a mãe, benzendo-se.

Depois, cabisbaixos, despediram-se da rodeira e saíram do orfanato.

Isabel avisara Balmis acerca da situação de Vicente María, do bilhete que dizia que os pais dele voltariam para o vir buscar, mas o médico encolhera os ombros. Tivera já bastante trabalho a obter braços suficientes para a viagem e não iria deter-se no caso da improvável recuperação desse miúdo. Não tinha sido nada fácil consegui-los e tivera de usar todo o seu manancial de persuasão e até de coacção. A certeza que tinha de que a expedição resultaria em benefício da humanidade não deixava lugar para pensar no caso individual de uns pais. Balmis era um idealista que vivia por e para essa expedição pioneira, e descartava automaticamente tudo o que não a beneficiasse. Não era um homem de afectos directos, estava tão convencido da boa finalidade da sua missão que toda a pedra que encontrasse no caminho era afastada sem maiores considerações. Que importância tinha o sentimento de uns pais que teriam saudades do filho no resto das suas vidas comparado com a grandeza de espalhar a vacina pelo mundo? Ser filantropo supunha uma certa arrogância, não era coisa para sentimentais.

Chegados ao mar alto, o vento tornou-se mais forte. As velas caranguejas, sustentadas pelos três mastros da *María Pita*, enfunaram-se e a corveta começou a abanar para se esquivar ao mar profundo. Navegava a todo o vapor. O capitão ordenou que saíssem todos da coberta, não fosse acontecer que uma onda arrastasse consigo um dos meninos, agora que anoitecia. No interior do navio, o espaço era muito restrito, um mundo escuro onde a única claridade entrava pelas portinholas onde em tempos tinha havido canhões. De noite, nenhuma luz era autorizada por causa do temor obsessivo de um incêndio. Os miúdos começaram a chorar. Era um coro que se ia ampliando com lamentos e soluços que se misturavam com o estrondo das ondas contra o casco. A escuridão deixara-os sem nenhuma referência e num ambiente com que não estavam familiarizados.

– Mamããã, mamããã…! – gritava desesperado Tomás Melitón, um menino de três anos e meio, com as orelhas salientes, olhos grandes castanhos e uma expressão de eterno assombro no olhar. Era um dos preferidos dos mais velhos pelo seu carácter comunicativo, vivacidade e docilidade.

– Para que gritas isso se não tens mãe!? – largou-lhe Cándido, o louro.

– Cala-te! – disse Isabel, pegou no pequeno Tomás e pô-lo no colo.

– Eu também… eu também quero – disse Benito, o qual, em momentos difíceis, não gostava de partilhar a mãe com ninguém.

Cándido sentiu uma náusea e vomitou com todas as suas forças. Outros começaram a imitá-lo. De repente, o navio era um caos de prantos, vómitos e gritos de pânico. Um verdadeiro inferno. E a viagem apenas começara.

Tão reduzido era o espaço que Isabel tinha de se agachar para se deslocar pelo interior do navio. Quando os miúdos se acalmaram um pouco, depois de o navio ter virado e deixar de se inclinar tanto, foi ter com Balmis.

– Doutor, tenho os meninos a vomitar as entranhas, mas acontece que além disso há um fedor horrível que vem dos porões.

– Sim, sim, a fetidez vem das sentinas, vou falar com o capitão.

Lá em baixo acumulava-se a água das tempestades e a que jorrava pelas aberturas do navio, águas da chuva, água da lavagem da coberta, águas residuais da vida dos homens e dos poucos animais que transportavam.

– Amanhã ordenarei que se façam fumigações diárias de vinagre, zimbro e pólvora de canhão nos porões. Mas agora não podemos fazer nada.

Foi a noite mais longa de toda a viagem. A vida num barco, capaz de pôr à prova os espíritos mais experientes, foi traumatizante para as crianças. Isabel, que dormia num camarote com o filho e os mais pequenos, perguntava-se como poderiam aguentar-se assim até chegar a um porto. Não via como seria possível. Os três enfermeiros, que dormiam num camarote grande com as outras crianças, também estavam enjoados. Eram incapazes de vigiar os recém-vacinados, que dormiam em beliches sobrepostos.

Para fazer as suas necessidades, Isabel dispunha de um balde que depois tinha de esvaziar pela amurada. Mesmo assim, era melhor do que as latrinas da tripulação, situadas na proa, numas

madeiras com buracos chamados urinóis, debaixo do gurupés, atrás do mascarão de proa. De noite, os homens hesitavam no momento de irem ao urinol, temendo serem varridos por uma onda, e utilizavam as sentinas para se aliviarem. Balmis, Salvany e o capitão gozavam do privilégio de dois urinóis na popa, onde se encontravam resguardados das inclemências do tempo.

Para Isabel, a promiscuidade era mais difícil de suportar do que os enjoos, as águas no porão ou os prantos dos que se sentiam mal. Encontrava-se no ponto de mira de todos: como responsável pelas crianças, era o alvo da sua atenção constante; como única mulher entre vinte e seis membros da tripulação e nove expedicionários, era o alvo dos olhares desavergonhados dos homens. Tinha um medo de morte da menstruação. Como sentia saudades da ajuda de outra mulher! Tinha de lavar os panos manchados às escondidas, mas não se atrevia a pô-los a secar na coberta, com vergonha de que os marinheiros descobrissem do que se tratava. Pensava na mãe, nas irmãs, em Doña María Josefa, e sentia saudades da companhia da rodeira… Falava com elas na privacidade do seu coração. Teve de criar para si um mundo à parte no meio dos outros e fechar-se nele. Era duro ser o bicho estranho, paradoxalmente objecto de escárnio e de desejo. Quando os marinheiros a viam conversar a sós com um dos enfermeiros, disparavam os falatórios salpicados de frases soezes. Mas nenhum se atreveu a atirar-se a ela, com receio de acabar como comida dos tubarões.

Capítulo 36

Inicialmente, os miúdos enjoavam muito, sobretudo quando os obrigavam a ficar debaixo da coberta. Vomitavam nos urinóis onde faziam as suas necessidades, choravam, queixavam-se de dores na barriga. Os mais afortunados ficavam a dormir, a melhor maneira de passar o enjoo. Cándido estava ainda mais pálido do que era habitual, enfiava a cabeça por uma vigia para respirar ar puro e olhar para longe, como lhe tinham aconselhado. Isabel, que conversava todos os dias com os médicos para levar a cabo o plano de vacinações, pediu-lhes, tanto a Balmis como a Salvany, que se examinasse o estado de saúde dos meninos duas vezes por dia, uma de manhã e outra à tarde, o que também ajudaria a criar uma rotina. Isabel precisava de ajuda médica para tratar os pequenos transtornos de que sempre padeciam, fossem náuseas, constipações, dores de garganta ou de barriga.

Quando o tempo e o mar melhoraram, por alturas de Lisboa, voltaram a fazer vida na coberta. Isabel estava vestida com a mesma roupa de sempre, a cabeça protegida por um lenço de camponesa galega, e, para se defender do vento fresco, envolvia o tronco com um xaile preto. Sentindo-se melhor, os meninos reanimaram-se, e com eles o bulício. Viam o navio como um enorme brinquedo. Passavam o dia perseguindo-se uns aos outros, brincando às escondidas e fazendo travessuras. Cándido de la Caridad constituiu-se em líder do grupo dos madrilenos pela sua forte personalidade e porque conseguia comida extra. Apesar da estrita proibição de se fazer tal coisa, infiltrava-se nas despensas e roubava uns chouriços e um pouco de pão que depois partilhava com os companheiros. Um dia, Benito, o filho de Isabel, apanhou-o em flagrante.

– Que fazes? Isso é pro… proibido…

– Não vais contar isto à tua mãe, pois não?

– Não, se… se me deres um bocado.

Cándido partiu um pedaço de chouriço mas Benito queria mais.

– Toma lá, abusador.

Benito era respeitado porque era o protegido da «chefa», mas utilizavam os outros galegos para as suas travessuras. Obrigavam-nos a confessar que tinham roubado água ou que tinham atirado um cabo borda fora. Um dia, Cándido desatou os cabos que prendiam na coberta as lanchas salva-vidas, o que fez com que o contramestre tivesse uma fúria quando descobriu.

– Foi o Francisco Antonio! – disse Cándido, referindo-se a um dos miúdos galegos.

O contramestre foi fazer queixa ao capitão, que se apresentou no refeitório à hora do jantar, de casaca abotoada e gravata de laço feito, um ar severo e a voz num tom cortante. Os miúdos olharam-no com temor.

– Francisco Antonio!

O pequeno levantou-se timidamente.

– Não vou tolerar nenhum abuso; desatar os cabos de uma das lanchas salva-vidas é muito grave. Como te lembraste de fazer uma coisa dessas?

– Não fui eu… – balbuciou.

– Se fosses um marinheiro, mandava-te enforcar por sabotagem, não sem antes te dar quinze chicotadas. Sai daqui! Vai para o teu camarote sem jantares. Amanhã ajudarás a esfregar a coberta.

O menino saiu dali a choramingar. Isabel sabia que não podia ter sido ele o culpado dessa criancice. Quando acabaram de jantar, levou-lhe alguma comida ao camarote para o consolar. Soluçando, o miúdo queixou-se amargamente «dos de Madrid», sobretudo de Cándido, que abusava deles e os acusava das suas travessuras.

Pelo seu lado, o cozinheiro não tardou a dar-se conta de que faltavam chouriços e salsichões, e primeiro pensou que tinham sido os marinheiros, sempre esfomeados. Mas os marinheiros teriam disfarçado os furtos de comida porque sabiam que as represálias seriam duríssimas, e no entanto havia migalhas de pão e linguiças que pareciam ter sido mordiscadas por ratazanas. Queixou-se ao capitão. Era evidente que tinham sido os miúdos.

Desta vez, Pedro del Barco não se deu ao trabalho de fazer um sermão e chamou Isabel ao posto de comando. Contou-lhe o que acontecera. Num navio à mercê do oceano, a navegação em si já comportava riscos suficientes e não precisava, ainda por cima, de que a isso se juntassem os abusos perigosos das crianças. E a quantidade de víveres estava calculada com a maior precisão possível para que não faltassem, mesmo em caso de calmaria ou de avaria.

– Os miúdos estão a criar muita tensão entre os meus marinheiros – disse o capitão. – Queixam-se de que a senhora não exerce suficiente autoridade.

– Há um grupinho de três ou quatro rapazes que estão a amotinar os outros. Tenho uma suspeita de quem possa estar por trás desses roubos de comida.

– Pois então tereis de os pôr na ordem. Na reunião de trabalho que tivemos esta manhã com os médicos, disse-lhes que é preciso ter mais disciplina com os miúdos.

– É mais difícil controlá-los num navio do que no orfanato, onde entram e saem à vontade de qualquer dependência – disse Isabel à laia de desculpa. – Garanto-vos que não voltará a acontecer. Vou começar a dar-lhes aulas de leitura todas as manhãs, pelo menos durante esse tempo não estarão a vadiar.

– Está bem, confiamos em vós.

Quando Isabel estava prestes a sair da sala de comando, ouviu o capitão dizer:

– Se eu soubesse o que era navegar com uma caterva de crianças…

Isabel tinha uma maneira infalível de ficar a par de tudo: o filho, Benito.

– Quem rouba comida? – perguntou-lhe.

– Não sei.

– Enquanto não me disseres, não sais daqui.

E fechou-o no camarote. Benito ficou ali toda a tarde, até que sentiu uma náusea e chamou a mãe. Suplicou-lhe que o deixasse sair para a coberta, mas Isabel manteve-se inflexível, apesar dos vómitos e da tez esverdeada do filho.

– É o Cándido, o ma… madrileno – confessou por fim Benito. – Mas que ele não saiba que fui eu a dizer-te…

Isabel foi à procura de Cándido, que brincava tentando subir à retranca da vela mezena, e agarrou-o pela gola da camisa.

– Então és tu o que se dedica a roubar comida, hã?

– Não fui eu, não fui eu…

– Vamos ao teu beliche.

Cándido tinha o seu aprovisionamento atrás da almofada: pedaços de chouriço, restos de pão duro, rosquilhas partidas…

– Não fui eu – continuava a insistir o miúdo –, alguém pôs isso aí…

– És um mentiroso! Vais pedir desculpa ao Francisco Antonio. Agora quem está de castigo a esfregar a coberta és tu. E ficas uma semana sem sobremesa! E se eu te voltar a apanhar, quem te castigará será o capitão, e eu não gostaria de estar no teu lugar se isso acontecer.

Em vez de baixar os olhos envergonhado, o miúdo olhou-a com ar de desafio:

– De qualquer modo, não gosto de doces – disse encolhendo os ombros.

O facto de esse rebelde maldizente ser imune aos seus castigos deixava-a furiosa. O miúdo recusou-se a pedir desculpa a Francisco Antonio, o seu orgulho não o deixava fazer tal coisa, mas não conseguiu recusar-se a esfregar a coberta porque a isso foi obrigado por um marinheiro corpulento, com suíças de lince e uma tatuagem no braço que dizia «Amo-te, mãe».

Uns dias mais tarde, quando o clima já anunciava a proximidade das ilhas Canárias e podiam brincar na coberta até ao anoitecer, apresentou-se a Cándido a oportunidade de se vingar.

– Olha, o chibo – disse a Benito. – É para isso que te serve teres mãe, para te chibares?

– Eu não disse nada – mentiu Benito.

– Vou-te atirar borda fora, peidorreiro…

Com os três de Madrid, encurralou Benito perto do cabrestante, na proa. Benito estava aterrado. Para se defender, agarrou num dos remos das lanchas salva-vidas. Os outros rodearam-no e quando começavam a atacá-lo, ouviu-se a voz de um marinheiro:

– Que fazeis aqui, inconscientes?

– O Benito queria atirar esse remo pela borda fora e tratámos de impedir que fizesse isso… – mentiu Cándido, com o seu ar angelical.

– Não é verdade… – disse Benito.

– Vá lá, dá-me isso, molengão – disse o marinheiro. – Com isto não se brinca. Lá para dentro todos, que dais mais guerra do que os ingleses. Vou-vos mandar para o pirata Dráquez, que vos comerá as mãos, por Deus!

– Julgas que és forte porque tens mãe, mas estragas tudo – sussurrou Cándido com rancor ao ouvido de Benito.

– Invejoso.

– Cago nos teus mortos…

Isabel voltou a repreender Cándido e castigou-o fechando-o um dia inteiro no camarote, afastado do grupo. Os enfermeiros vieram resgatá-lo. Era a vez de ele ser vacinado.

– Já vacinámos Juan Francisco e Antonio, faltam o Gerónimo e tu.

– A mim não me picam!

– Não comeces como da última vez. Aqui não tens escapatória.

– Filhos-da-puta!

E começou a dar pontapés e a debater-se com a sua habitual violência extrema.

– Para onde irás? – disse-lhe o enfermeiro Bolaños. – Não vês esse mar imenso, que nem se vê a terra? Aqui não tens maneira de escapar.

O miúdo respondeu-lhe dando-lhe um murro nos genitais que o paralisou. Conseguiu escapar ao médico Grajales e ao enfermeiro Francisco Pastor e escondeu-se nos porões. Andaram à procura dele durante um bom bocado, até que tiveram de pedir ajuda aos marinheiros. Em breve os vinte e seis membros da tripulação estavam a esquadrinhar o navio.

– Cándido de la Caridad! – largou um marinheiro. – Que belo nome para este grumetezinho do diabo!

Na coberta, Isabel estava preocupada. O miúdo era tão provocador e rebelde que poderia chegar a fazer mal a si mesmo só para não ceder. Demoravam tanto a encontrá-lo que chegou a pensar que tinha caído borda fora.

– Não quer que o piquem – disse-lhe Gerónimo, companheiro de Cándido.

– Mas se nem vai sentir nada. Não dói.

– Não é isso, é que sabe que se o picarem mandam-no para Madrid e ele não quer. Eu também não.

Como fazê-los aceitar que estavam ali com o único objectivo de ajudarem a transportar a vacina e que, uma vez vacinados, deviam regressar às suas vidas? A expedição necessitaria cada vez mais de meninos e não podiam transportá-los todos indefinidamente. Tinham de os ir devolvendo.

– Em Madrid faz frio, batem-nos, fazem-nos rezar muito… – repetia Juan Francisco.

Isabel lembrou-se das lágrimas de Jacinto e de Andrés quando lhes anunciaram que tinham de regressar à Casa dos Desamparados. Era capaz de se pôr no lugar deles porque conhecia as deficiências da assistência pública. O hospício de Madrid não estava apoiado por uma congregação como a das Dores na Corunha, por pessoas como Don Jerónimo, nem por uma reitora como ela. Como censurá-los por não quererem regressar ao que devia ser um inferno pior do que essa viagem no navio? Havia algo de cruel no que estavam a fazer com essas crianças. Gerónimo confessou-lhe:

– «Se não quereis que vos devolvam a Madrid, não podeis deixar que vos piquem», disse-nos Cándido.

– Cándido é esperto, mas nisso não tendes de lhe dar ouvidos, a vacina é uma coisa boa, vai proteger-vos da doença.

Um marinheiro descobriu Cándido escondido no paiol das velas. Encontrou-o por acaso porque, ao pisar com força, o pequeno, que estava lá debaixo, gritou de dor. Tirou-o de lá puxando-o pelos cabelos, mas quando estavam na coberta a caminho do camarote de Balmis, que esperava ali por ele

para o vacinar, Cándido conseguiu escapar novamente. Correu como um coelho para a amurada e refugiou-se no gurupés, um lugar perigoso.

– Sai daí, que podes cair à água!

– Não me apetece!

Todo o navio estava dependente de Cándido. Isabel aproximou-se dele e disse-lhe que, se aceitasse ser vacinado, ela faria diligências para que não fosse devolvido a Madrid mas sim à Corunha. Cándido olhou-a com uma expressão de agradecimento, como que surpreendido por alguém o ter entendido. Parecia que nesse momento ia ceder, mas, ao aproximar-se um marinheiro, Cándido ameaçou atirar-se à água.

– Olhai que eu atiro-me, atiro-me mesmo!

Nesse instante, outro marinheiro desceu por uma adriça da bujarrona e surpreendeu-o por trás. O miúdo estava cercado, não tinha escapatória. Olhou para baixo, para o mar, mas não se atreveu a saltar. O marinheiro agarrou-o pelo pescoço e levou-o, mas mesmo assim Cándido continuou a dar pontapés.

O doutor Salvany, o médico Grajales e dois enfermeiros tiveram de o segurar enquanto Balmis fazia uma pequena incisão com a lanceta e lhe introduzia o pus da varíola.

– Filhos-da-puta! – gritava o pequeno.

– Cala-te, que estás endemoninhado!

Levaram-no para o beliche dele a fim de que se acalmasse. Uma vez deitado, derrotado, desatou a chorar amargamente. Já se via de regresso a Madrid, cantando nas igrejas geladas, submetido à férrea disciplina de um enorme orfanato. Ao fim de oito dias, quando se formasse uma bolha cheia, por sua vez, de pus da varíola, Balmis e Salvany extrairiam o líquido para o injectar noutro braço. A partir desse momento, Cándido sabia que já não seria necessário, que estaria a mais, que seria mais uma boca para alimentar, e que o devolveriam ao mundo de onde o tinham tirado. Ele que era o mais activo e nervoso, o mais engenhoso e desafiador, passou a ser abúlico e triste. A reacção que lhe causou a vacina e a melancolia deixaram-no prostrado. Os enfermeiros que faziam turnos para vigiar a evolução da bolha estavam agora perante um menino dócil que não se levantava do beliche.

– O Teide! – gritou um marinheiro do seu posto de vigia.

– Vem vê-lo – disse-lhe o enfermeiro Bolaños.

Cándido aproximou-se da vigia. Ao longe vislumbrava-se a silhueta da montanha envolta em bruma, o cume coberto de neve. Ficou durante um bom bocado a observá-la. Depois deixou-se cair novamente no beliche.

Capítulo 37

Santa Cruz de Tenerife recebeu triunfalmente a expedição. Após dez dias na *María Pita*, pisar terra firme, sem a possibilidade de enjoar, era uma recompensa bem merecida. O bispado organizara um *Te Deum* na Igreja da Conceição a que assistiram todos os meninos, impecavelmente fardados. Ao cantar, a voz de Cándido destacava-se por cima das outras, cristalina e pura, tão impressionante que os fiéis se voltaram para ele. O pequeno demónio tinha uma voz que o transformava em anjo.

– Em Madrid, disputavam-no nos enterros – disse Juan Francisco a Isabel.

Depois os expedicionários desfilaram pelas ruas. Para os miúdos, tudo era novo e diferente: a maneira de falar das pessoas, as ricas vestes dos camponeses das Canárias, o clima, a comida, a vegetação. Os ilhéus receberam-nos com carinho, como se fossem pequenos heróis.

Os habitantes das ilhas há muito que desejavam que chegasse o primeiro fluido da vacinação, e assim travarem a batalha definitiva contra a varíola. O bispo exortara a população a aceitar a santa vacina, prometendo uma indulgência aos que apresentassem os braços perante os médicos que vinham da Península. Embora houvesse muitos padres reticentes, a intervenção do rei junto do papa fez com que a Igreja, enquanto instituição, se posicionasse a favor da vacina. De modo que Balmis, que teorizara tudo isso no papel, pôde comparar os seus planos com a realidade. As convocatórias para as três vacinações gerais foram um imenso êxito. As pessoas faziam filas longuíssimas. Uma sala do Conselho foi preparada para receber os grupos de crianças que vinham de todas as outras ilhas a fim de serem inoculadas para garantir a continuidade do processo após a partida da expedição. De repente, juntavam-se cem crianças que brincavam entre as palmeiras da esplanada diante da igreja, à qual acorriam vendedores de salsaparrilha, de fruta e de doces, e um bonecreiro que descia do camelo tocando flauta. Entretanto, Balmis, Salvany, Isabel e os enfermeiros dedicavam-se à tarefa fundamental, a de instruir o pessoal sanitário local sobre os rudimentos do método. Isabel gostava de ajudar na vacinação. Fazia-a sentir-se algo mais do que a reitora do hospício. A sua missão era distrair tanto o menino portador quando o médico ou enfermeiro lhe extraía uma gotinha de pus, como o receptor, a que tinham feito previamente uma pequena incisão com uma lanceta, onde lhe colocavam esse bocadinho de fluido. Era incrível a quantidade de vacina que podia conter uma simples bolha. A partir dos furúnculos dos quatro meninos madrilenos da expedição, vacinaram noventa e seis crianças, e com esses noventa e seis novos portadores podiam-se vacinar outras duas mil trezentas e quatro crianças… Por fim, todas as crianças das ilhas acabariam imunizadas. Era um bom começo.

Chegou a hora de seguir viagem. Todos os meninos, excepto os quatro madrilenos, regressaram ao navio entre aplausos da multidão. As crianças vacinadas até essa altura foram conduzidas pelos

médicos ao mosteiro dos frades agostinhos, que tinham aceitado assumir a guarda delas durante o tempo em que permanecessem na ilha.

– Regressarão à Corunha no primeiro navio-correio – anunciou-lhes Balmis ao entregar-lhes as crianças.

– Não posso seguir viagem convosco? – perguntou Càndido. – É que… é que… – Os soluços impediram-no de continuar a falar.

Não era habitual ver o mais duro de todos a chorar. Por isso, a sua reacção foi particularmente comovente.

– Escrevi à nova reitora para que possas ficar na Corunha – disse-lhe Isabel para o consolar. – Assim estarás à minha espera quando o Benito e eu voltarmos.

Fazia pena vê-lo. O mais vivaz, o mais atrevido, o mais forte, era agora um passarinho vulnerável que se agarrava às saias de Isabel como se fosse um bebé ainda a ser amamentado.

– Vamos precisar de mais crianças na próxima escala, não podemos sobrecarregar o navio agora… – explicava Balmis. – Resta-nos muito caminho para percorrer. Fizestes uma tarefa louvável. A humanidade inteira e Deus irão recompensar-vos.

– Não quero que Deus me recompense… quero que vós o façais – disse Cándido com uma esmagadora lógica infantil.

Tal como previra Isabel, a despedida foi dilacerante. Não compreendiam por que os deixavam em terra, ao cuidado de uns frades que não conheciam. Por que para eles acabava a festa e a aventura, por que tinham de regressar ao orfanato, desta vez sem Isabel e sem os outros companheiros?

– Nãão! – gritava Juan Francisco a chorar. – Eu não fico aqui!

– Os homens não choram – disse-lhe Isabel, para dizer alguma coisa.

O menino ficou a olhar para ela, suplicante.

– O que fiz? – perguntou, sorvendo ranho.

Quando Isabel tentou explicar-lhe que não se devia culpabilizar, o menino fugiu para dentro dos escaleres. Não queria consolo, não queria explicações nem abraços, queria ir com os outros. O único que se manteve impassível foi Cándido. Deixara de chorar, estava sereno e não mostrava nenhuma emoção. Os frades não tiveram de o segurar como os outros quando Isabel e os médicos saíram do mosteiro, enquanto recebiam pontapés e insultos, com a grosseria que só uns miúdos criados num orfanato podiam mostrar.

– Adeus, reitora Isabel – disse Cándido no portal.

Isabel disse-lhe adeus com a mão. Ficava mais tranquila por ver o menino aceitar a sua sorte.

– Estão desesperados, como os que deixámos na Corunha – disse Isabel a Balmis ao regressarem ao porto.

– O compromisso que assumi com a Casa dos Desamparados foi de os devolver o mais depressa possível. Cumpriram a sua função e agora seriam mais uma carga para nós. Mais tarde ou mais cedo, teremos de nos separar de todos…

Ao aceitar o seu posto, Isabel não contara com a melancolia acrescentada que implicava a aventura de conviver com umas crianças na intimidade de um navio para depois se separar delas. Quando era reitora no orfanato, tinha-as a todas debaixo do seu manto protector.

– Não vos queixáveis do amontoamento? – disse-lhe Balmis. – Agora tereis mais espaço.

– Não importa o espaço face a uns meninos que se sentem mal. Vós não tendes filhos, pois não?

Balmis, desconcertado com a pergunta, hesitou antes de responder.

– Sim, tenho um. – Isabel sentiu que tinha tocado num assunto delicado, e não fez mais perguntas. – Vive em Alicante, é mais velho…

Provavelmente, Balmis sentiu nesse momento um vislumbre de culpa ao lembrar-se de que abandonara a mulher e o filho. Sim, estava bem consciente disso, fizera-o por uma causa maior, mas nunca parara para pensar neles, no sofrimento que lhes podia ter causado, a cada um. As palavras da reitora vieram recordar-lhe que fora um marido e um pai ausentes. Quantas lágrimas derramara Josefa perante as suas repetidas e longas ausências? Quantas vezes teria o filho perguntado por ele? Com quanta intensidade teria sentido saudades dele? Eram perguntas inúteis; de qualquer modo, já não havia nada a fazer, disse para si.

– Entendo o vosso ponto de vista, Isabel. Mas não somos um colégio nem uma instituição para albergarmos expostos, somos uma Real Expedição Filantrópica e cumprimos ordens do rei.

– Sim, eu sei – disse ela, resignada.

Capítulo 38

O cume vulcânico do Teide esbatia-se no horizonte, pela popa. Na *María Pita*, que abordava a travessia do Atlântico, Isabel ouvia nos seus sonhos os gritos desses meninos que deixaram para trás e abraçava-se ao filho, ao seu lado no catre preso com cilhas de couro para evitar que caísse enquanto dormia.

– Sinto a fal… a falta do Cándido – dizia Benito.

Isabel apercebia-se de que essa expedição, mais do que uma proeza física, ia ser uma provação afectiva constante. Não conseguia imaginar qual seria o seu futuro, para além da imensa extensão que os rodeava. Era uma mulher endurecida, mas nunca o suficiente para aceitar o sofrimento de um órfão. Saber que as crianças acabariam dispersas e que a expedição necessitaria sempre de mais crianças novas, não era o mesmo que enfrentar a realidade de os abandonar um após outro. O abandono… se alguém conhecia bem a devastação que isso causava na alma de uma pessoa, era ela.

Passaram os dias e o clima tornou-se mais quente à medida que se aproximavam da *raia,* como chamavam à linha do equador. Isabel transformou a popa da coberta num ateliê de costura onde cortava calções, ajustava suspensórios e remendava camisas. Obrigava o filho a ajudá-la, até que um dia Benito apareceu feito um mar de lágrimas. Isabel sobressaltou-se, pensando que lhe acontecera algo de grave.

– Cha… chamaram-me… meni… menina costureira.

Efectivamente era um drama. Isabel consolou-o, e, quando se acalmou, Benito correu para se juntar aos companheiros.

Na popa, Balmis, que passava a maior parte do tempo fechado no camarote, longe do bulício das crianças, ouviu de repente uma cacofonia de gritos e insultos, pelo que teve de largar as preparações da vacina e sair para impor a ordem. Deparou-se com um espectáculo de uma violência inaudita para miúdos tão pequenos. Tinham-se libertado todos os demónios.

– Basta! – gritou. – Silêncio, todos!

– Arranharam-me com uma agulha, porra! – disse um dos galegos.

Benito estava vermelho de fúria, e tinha uma agulha comprida de coser na mão.

– Dá-me isso!

– Então ele que… que não me insulte!

– Se não parais já, direi ao capitão que vos aplique um bom castigo.

– A mim, quem me castiga é a minha mãe.

– Não, num navio a máxima autoridade é o capitão. Queres ver?

Benito calou-se resignado e os outros começaram a dispersar-se. Ninguém queria ser vítima da ira do capitão. Era evidente que no mar a virilidade era um valor que se levava muito a sério.

Tirando as brigas ocasionais, os miúdos não tiveram outro remédio senão o de se acostumarem à navegação. Nem o mar revolto nem as súbitas mudanças de rumo os amedrontavam, porque viviam uma mistura de alvoroço e de medo do desconhecido. O temor reverencial que sentiam em relação ao capitão era a melhor garantia de bom comportamento. Todos desejavam sentir-se queridos pela autoridade máxima a bordo. Faziam fila para que Pedro del Barco os deixasse espreitar pelo óculo; divertiam-se seguindo as procelárias, aves de plumagem escura e do tamanho dos estorninhos que se insinuavam entre as ondas com atrevidas piruetas. A grande aventura viveram-na quando diversos peixes-voadores ficaram varados na coberta. Que houvesse peixes com asas era o mais fantástico que teriam podido imaginar, e embora a sua primeira reacção fosse a de lhes arrancar as asas, acabaram por dar ouvidos aos sete marinheiros profissionais e a um segundo grupo constituído pelos pescadores de pesca costeira. Para os órfãos, que nunca tinham saído do orfanato, ver tubarões, golfinhos, medusas ou tartarugas, pescar atuns ou douradas, compensava os frequentes enjoos e vómitos causados pelas oscilações e balanços do navio. Os pequenos passavam por maiores dificuldades. A vacina causou no pequeno Tomás Melitón uma reacção violenta, com febre e arrepios. Os seus prantos não deixavam dormir ninguém; era tanto assim que Isabel ouviu o piloto de serviço gritar para o céu:

– Nunca teria pensado que uma corveta no alto mar se viria a transformar num asilo de crianças!

Manter a corrente de inoculações era a preocupação essencial de médicos e enfermeiros. Tantos eram os perigos que ameaçavam um veleiro nos grandes mares que ninguém sabia jamais qual a data da arribação, nem uma data aproximada. Por isso, se a viagem se alongava por qualquer razão, corriam o risco de ficar sem fluido por não haver crianças suficientes.

Salvany não era obrigado a fazê-lo, mas para matar o tempo fazia guardas tal como os outros. Gostava de conversar com Isabel, por ser a única mulher a bordo, porque tinham idades parecidas e porque admirava a sua dedicação. E também para contrariar o desdém que os marinheiros tinham por ela. Intrigava-o essa mistura de ama-seca, preceptora e enfermeira, de mãe e generala, de doce e de estrita, ao mesmo tempo aureolada pelo mistério da sua vida passada. Achava-a simultaneamente previsível e surpreendente, como quando disse acerca de Balmis:

– Ele gosta mais da humanidade do que dos seres humanos… Mas chiu, não digais nada – disse pondo o dedo nos lábios.

– Não vos preocupeis – respondeu-lhe Salvany sufocando uma gargalhada.

Isabel fez um sorriso cúmplice. Estavam unidos pela aversão que sentiam em relação aos modos altaneiros do director, que não se esforçava para disfarçar que os indivíduos eram um meio para conseguir os seus fins.

Quem estava imbuído de um desejo profundo de procurar a felicidade dos outros era Salvany. Ao contrário de Balmis, era delicado no relacionamento com os subalternos. Preocupava-se com todos, falava com os marinheiros, fazia perguntas sobre a saúde deles, ajudava os enfermeiros, brincava com as crianças e propôs dar-lhes aulas de ciências naturais à tarde, para ajudar Isabel a manter a rotina. Um dia, quando os viu assustados com uma longínqua tempestade tropical,

contou-lhes que o trovão era a blasfémia de um capitão morto que perdera o rumo, e que os ruídos produzidos pelo velame e pelos mastros eram os queixumes do navio pela muita carga que transportava. Da sua infância ficara-lhe um toque de poeta.

Salvany e Balmis estavam separados pela idade e pelo carácter, mas partilhavam uma vocação intensa para a medicina. Ambos provinham de famílias de cirurgiões, embora a de Salvany gozasse de melhor situação; o pai fazia parte de uma saga de médicos que tivera início com o bisavô paterno, e a mãe também era filha de um médico. Nascido em Barcelona, foi criado em Cervera, de onde os pais se mudaram quando ele tinha apenas três anos. No século XVIII, essa cidade possuía a única universidade de todo o principado. Aí estudou gramática durante três anos, e poesia durante outros três. Depois foi para Barcelona a fim de estudar filosofia no Convento de Santo Agustín e dos catorze aos vinte anos estudou no Real Colégio de Cirurgia. Tornou-se especialista em dissecar cadáveres para saciar a sua curiosidade acerca do corpo humano.

Balmis, que gostava de botânica, geografia e química, considerava-o um intelectual, pela sua inclinação para a poesia, e portanto desprezava-o, porque Salvany valorizava a contemplação ou a análise mais do que a técnica e a capacidade de agir. Mas para Isabel esse toque humanista fazia de Salvany um ser especial. Fascinava-a a sua proximidade, o simples facto de alguém da sua condição se dignar falar com ela, ouvi-la, mostrar amizade. E também a sua maneira de falar, porque nunca tivera contacto com um poeta que embelezava a realidade, por mais abjecta que fosse. Era o seu melhor aliado porque os enfermeiros viviam entre eles, o filho passava o dia com os outros miúdos e a tripulação continuava a ignorá-la. Além disso, ajudava-a com as aulas.

Capítulo 39

O tempo tornava-se longo e o tédio era inevitável, apesar de o dia estar organizado com as visitas dos médicos, as aulas de manhã e de tarde, as refeições e as brincadeiras. Benito andava sempre a bisbilhotar pelo navio inteiro: encontrava sempre algo – um pedaço de corda, umas madeiras, tecido de saco – para fabricar um brinquedo… Como no fundo se sentia protegido pela mãe, não tinha pejo em se meter nos lugares proibidos, como os porões ou os paióis. Uma noite, quando avançou mais para além da base do mastro da mezena e das manivelas das bombas de esgoto, ouviu um ruído que o assustou. Julgou que era um marinheiro ali no escuro e escondeu-se. Mas não apareceu ninguém e o ruído continuou, mais alto do que os rangidos do navio e o chapinhar da água nos costados. Era um queixume. «Há aqui um animal», disse apavorado. Teve a tentação de sair dali a correr, mas a curiosidade foi mais forte. Os seus olhos, acostumados à escuridão, seguiram a proveniência do som. No desvão de um dos porões, onde se guardavam os barris de vinho doce carregados em Tenerife, vislumbrou a silhueta de um corpo estendido. Um corpo de criança.

– Porra! Que… que… que fazes aqui?

Era Cándido, doente, sujo, pingando suor, deitado em cima de uns barris.

– Não digas nada a ninguém.

– Estás mal.

– Não importa.

Benito saiu dali e regressou pouco tempo depois com uma bilha de água fresca. Cándido bebeu até se saciar, encontrava-se desidratado. Restos de comida que roubara nas despensas estavam espalhados pelo chão, e uma ratazana passou por cima do corpo dele. Benito assustou-se.

– As ratazanas não mordem – disse-lhe Cándido.

– Como te meteste aqui?

– Com o que tipo que trouxe os barris, na barca dele. Um marinheiro ajudou-me a entrar, disse-lhe que me tinha perdido.

Benito sabia o que significava trair o miúdo madrileno e não queria expor-se novamente à sua ira. Não tencionava dizer nada. De qualquer modo, o que Cándido fizera parecia-lhe tão atrevido e audacioso, tão grandioso e arriscado que o considerava admirável. Tanta ousadia não era coisa de humanos, era de heróis. Disse-lhe que lhe traria parte da sua refeição e água da boa, da que bebiam à mesa.

Quando conseguia escapar à vigilância da mãe ou dos outros miúdos, descia para ver Cándido.

– Por que não sais daqui? – dizia-lhe. – Não te vão fazer nada… que julgas? Que te vão atirar à… água?

– Não, mas vão castigar-me.

– E depois? Se continuares aqui, vais ficar cego por não ve… ve… veres a luz. Além disso, estás doente.

– Não quero esfregar a coberta.

– Vão-te ralhar, e depois nada, terão de se a… aguentar.

Mas Cándido não o ouvia. Estava absorto nos seus pensamentos.

– Vou-te contar um segredo – disse a Benito. – Gostava de ter uma mãe, como tu.

– A minha mãe vai-te defender, tenho a certeza.

– Mas o capitão vai-me castigar…

Depois de um momento de silêncio, Cándido perguntou:

– Como é ter uma mãe só para ti?

Benito, perplexo, respondeu:

– Bom… é alguém que te diz sempre o que tens de fazer, é alguém que te ralha, que se zanga mas depois passa-lhe…

– E que mais?

– Não sei… Uma mãe… é uma mãe. Trata de ti quando estás mal, dá-te a comer o que mais gostas e essas coisas… Na verdade, a minha mãe antes era mais minha e agora é adoptiva. Disse-me isso quando saímos da Corunha. Mas não digas nada a ninguém.

– Ah… – Cándido olhou-o de alto a baixo. – Mas olha que adoptar-te com essa cara de criado que tens… Podia ter-me escolhido a mim! – disse com um riso fraco. – Em pequeno, sonhava sempre que me iam adoptar, mas os padres diziam às senhoras que vinham com os maridos que eu era demasiado nervoso… Na realidade não queriam que me fosse embora porque era o que cantava melhor e ganhavam dinheiro comigo. Então as senhoras levavam outro e eu ficava de queixo caído.

Fecharam-se-lhe os olhos e adormeceu.

Benito guardou segredo e continuou a ajudar o passageiro clandestino, que sobrevivia como mais uma das ratazanas, entre os barris e escondendo-se nas sentinas quando ouvia passos. Na sua inocência, Cándido julgou que conseguia aguentar-se assim a viagem inteira; agora tinha a certeza de que Benito não o denunciaria. Mas não contou com um inimigo invisível. À medida que o navio se aproximava da raia, o calor tornava-se insuportável. O ar nos porões estava envenenado. Chegou o dia em que Cándido não aguentou mais os eflúvios do álcool.

– Benito, vou sair daqui porque estou a ficar sufocado, estou enjoado.

– Queres que fale primeiro com a minha… mãe?

– Sim.

Isabel arregalou os olhos quando o filho lhe contou o que descobrira. Como o rapazinho podia ter escapado do mosteiro e embarcado clandestinamente? Agora compreendia por que Cándido tinha parado de súbito de chorar e de protestar na última vez que o viu. Tomara a seriedade e a despedida dele como sinal de que aceitava a sua sorte, mas era o contrário. Estava a tramar a sua fuga do mosteiro. Conseguira levar a sua avante: não ia para Madrid, mas sim para a América.

– Temos um clandestino a bordo – disse Isabel ao entrar no refeitório de mão dada com Cándido.

Ficaram todos pasmados. Cándido reaparecera para grande terror dos miúdos galegos e do contramestre, que temia as suas travessuras. Mas o aspecto do rapazinho estava muito longe de ser intimidante: assustado, fraco, as pernas magras como palitos, pálido e olheirento, era uma sombra de si mesmo.

– Deste não nos livramos nem com água-forte! – disse o piloto.

– Sabes o que se faz com os passageiros clandestinos como tu? – perguntou o capitão.

O miúdo, aterrado, abanou a cabeça.

– São atirados borda fora.

Cándido agarrou-se com tanta força ao braço de Isabel que a magoou ao fincar as unhas.

O capitão virou-se para os seus homens e atirou-se a eles: como o tinham deixado infiltrar-se? Como era possível que nenhum marinheiro o tivesse encontrado? Que tipo de marinheiros eram eles para que um rapazito lhes pregasse um golpe assim tão baixo? Depois virou-se para Cándido:

– Não te vamos atirar borda fora porque somos pessoas de bem, rapazinho. Mas como estás aqui sem autorização, terás de ganhar o teu sustento. Já que gostas tanto dos porões, vais ajudar a tirar águas mortas do navio… Lá para baixo!

– Não, lá em baixo outra vez não…

– Assustam-te as ratazanas?

– Não – disse o miúdo a chorar –, mas lá em baixo enjoo.

– Acabarás por te acostumar.

Isabel abeirou-se do capitão:

– Sei que não devo meter-me nisto, Don Pedro, que onde há quem mande… já sabeis o resto e eu também sei…. Quem manda, manda, mas o rapaz está muito fraco. Deixai que se recomponha durante uns dias e depois podereis aplicar-lhe o castigo.

Pedro del Barco olhou para Cándido, cujos olhos tristes e de um azul intenso pareciam maiores por causa da magreza. Tinha um ar de quem nunca partira um prato na vida.

– Que belo malandreco!

O doutor Salvany levantou-se da mesa e dirigiu-se ao capitão:

– Com a vossa autorização, vou levá-lo para a enfermaria a fim de ser examinado.

Isabel respirou aliviada e depois explicou ao capitão os motivos pelos quais o pequeno não queria regressar ao orfanato de Madrid. Pedro del Barco acalmou-se. Isabel sabia que ele não era homem que guardasse rancores e que acabaria por perdoar ao miúdo.

– Esse rapazinho tem coragem – reconheceu o capitão –, mas não devemos dar-lhe graxa, é um inconsciente.

Era preciso repreendê-lo, mas no fundo a proeza de Cándido suscitava admiração, por ser tão pequeno e atrevido. Era necessário ter coragem, desprezar o medo e uma grande dose de vontade para conseguir fazer o que fez. Sobretudo, era preciso ter muita vontade de não regressar ao orfanato que deixara para trás.

Para Balmis, era mais uma boca que tinha de ser alimentada, mais uma responsabilidade, uma despesa maior para a expedição.

– Depois veremos o que fazemos contigo quando chegarmos ao México – disse a Cándido. – Agora tens de te portar bem se não queres que te desembarquemos antes.

Cándido recompôs-se com a mesma rapidez com que tinha enfraquecido, graças aos cuidados dos médicos e às atenções de Isabel. Sabia que fizera algo condenável, mas também se sentia orgulhoso porque os outros o olhavam com uma mistura de fascinação e de estupefacção. A partir daí, manteve-se bem-comportado, por receio de que o capitão cumprisse a ameaça de o castigar. Embora estivesse mortinho por exibir a sua galhardia, agora recusava-se a fazer as travessuras que Benito lhe propunha, como empoleirar-se na retranca, trepar pela escadinha do mastro, tocar a sineta fora de horas ou brincar às escondidas mesmo no camarote do capitão, de onde o escravo mulato deste os teria expulsado à vassourada.

Como a temperatura no interior do navio era insuportável, passavam muito tempo na coberta, onde os marinheiros tinham instalado camas de rede para poderem dormir. Os dias tornavam-se eternos e as crianças distraíam-se como podiam, brincando com aves marinhas ou entrando nas lanchas salva-vidas que estavam presas na coberta. Cándido aprendeu a imitar os marinheiros, cuja destreza a cuspir tabaco de mascar era proverbial, lançavam a saliva com uma pontaria extraordinária. Organizou um campeonato de cuspidelas, que Benito ganhou, ainda que o pequeno Tomás Melitón não tivesse ficado muito atrás. Embora fosse tão pequeno, cuspia melhor que um mais velho. Sentia-se tão ufano ao receber os elogios que se pôs a treinar com afinco; tanto, que o colocaram em lugar seguro, a sotavento, para que cuspisse tudo o que lhe apetecesse sem que houvesse o risco de que a saliva se virasse contra algum despistado na coberta.

De noite, Salvany ensinava-lhes a distinguir as constelações no céu estrelado do trópico. Os miúdos escutavam-no, boquiabertos, a falar dos astros e do infinito. O médico garantia que, da mesma maneira que graças à ciência se podia evitar a varíola, também um dia o homem poderia chegar à Lua… As crianças não entendiam a ligação entre essas duas coisas, mas acreditavam nele, e riam-se.

Uma noite, enquanto desfrutavam da brisa, Salvany foi vítima de um violento ataque de tosse, como nunca antes sofrera. Tapou a boca com um lenço e, ao ficar mais calmo, Isabel viu que o lenço estava manchado de sangue. Salvany, assustado, escondeu-o imediatamente. Sabia o que isso significava:

– Há muito tempo que tendes a doença? – perguntou ela.

A palavra *doença* era um eufemismo para referir a tuberculose.

– Nunca tinha cuspido sangue.

Contou-lhe que estava doente há anos. Julgava que se tinha contagiado quando estivera como cirurgião interno no Real Corpo da Guarda Valona, porque desde então sofrera frequentes febres terçãs. Quando, mais tarde, suspendeu os exames para a cátedra de Anatomia da Universidade de Huesca, atribuiu-o ao cansaço causado pela doença.

– E estando assim… – Isabel não se atrevia a pronunciar a palavra *doente* – por que aceitastes esta missão?

– Fui eu que pedi para participar, e o rei, que me nomeara cirurgião real, designou-me para substituir Balmis no caso de haver um problema.

– Sim, mas à custa de perderdes a saúde que vos resta!

Censurou-se pelo seu atrevimento e franqueza, mas Salvany não levou isso em conta. Tinha apenas vinte e seis anos, era ossudo, magro e elegante, e já parecia um idoso. Um idoso jovem. Isabel perguntava-se como um homem tão frágil, sobretudo tão doente, iria suportar os rigores da viagem. Salvany continuou a falar:

– Esta viagem dá sentido à minha vida, que é lutar contra a doença, a minha doença, e a dos outros. Além disso – acrescentou –, apesar do que aconteceu hoje, não perco a esperança de que a minha saúde melhore nestes climas mais quentes.

Isabel ficou pensativa durante um longo momento. Salvany aproximou-se dela e disse-lhe, quase ao ouvido:

– Peço-vos que não mencioneis isso do lenço ao nosso director.

– Não deveis temer, nada direi.

Isabel estava perturbada. Quando voltou para o camarote, cortou um pedaço de tecido vermelho do tamanho de um lenço, pespontou-o e no dia seguinte ofereceu-o ao médico:

– Para que não se note se vos voltar a acontecer – disse-lhe.

Salvany tinha uma atitude romântica perante a vida, e queria vivê-la a fundo, ainda mais prevendo que seria curta. Abrigava na sua alma uma noção de sacrifício, de entregar tudo à causa do bem-estar dos outros. Era um idealista puro, como Balmis, mas com a diferença de que era generoso com o seu tempo e a sua pessoa. Balmis era respeitado; Salvany fazia-se amar.

Capítulo 40

Trinta e quatro dias depois de ter zarpado de Tenerife, a *María Pita* deslizava em silêncio pelo meio do labirinto de veleiros fundeados na enseada de San Juan de Porto Rico, dominada pelos campanários das igrejas da cidade e pela fortaleza do morro que se destacava sobre as verdes colinas da ilha. A intenção de Balmis era de se porem a vacinar nesse dia. As notícias das epidemias, que falavam de milhares de escravos e de brancos mortos por todo o continente americano, os seus corpos empilhados à entrada das aldeias envoltas no fumo das piras funerárias, tornavam urgente a tarefa de atalhar o mal o mais depressa possível, sem se perder um minuto. Mas na praia não havia ninguém para os receber, só chegava até eles o cheiro do peixe em salga no embarcadouro do mercado. Não havia funcionários fardados, nem multidões, nem um estrado engalanado para se fazer um discurso, nem uma procissão organizada para um *Te Deum* na catedral. Dar-se-ia o caso de não terem recebido a circular de Godoy enviada a todos os vice-reis, capitães-generais e governadores da América anunciando a chegada deles? Nem as cartas enviadas de Tenerife para o governador de Porto Rico, o qual, na verdade, tinha fama de ser altivo e soberbo? Ou seria que a epidemia tinha causado tantos estragos que apenas restavam crianças brincando em charcos fétidos? Finalmente, após umas horas intermináveis, desfizeram-se as dúvidas. Foram abordados pela falua real com o ajudante do governador que lhes vinhas dar as boas-vindas.

O funcionário acompanhou-os ao alojamento previsto na Casa de Vacinação, um antigo convento onde Isabel e os meninos ficaram a cargo de umas freiras que a trataram por «Doña Isabel», algo a que não conseguia acostumar-se. Como não havia espaço para a elevada quantidade de expedicionários, o ajudante do governador teve de pedir a diversos anfitriões para alojarem os médicos nas suas casas.

– Encontrareis comida em abundância em todos os lugares, apesar da escassez de fundos dos cofres públicos – sublinhou o funcionário, para fazer valer o esforço de ter abastecido as casas.

Os recém-chegados tinham fome de alimentos frescos. Os miúdos fincaram os dentes em frutas que nunca tinham visto: papaias, bananas, ananases… e provaram pratos com nomes que os faziam rir.

– O que é isto? – perguntavam com ar de repugnância.

– Mofongo, é uma combinação de banana frita e torresmo, anda lá, que vou-te dar a provar a alcapurria e o tembleque.

Mas os miúdos já se tinham escapulido. Quando Isabel provou um pedaço de pão acabado de sair do forno, julgou que estava a chegar ao paraíso. O calor tropical, agora sem a brisa do mar, era pegajoso, e ao anoitecer apareciam mosquitos que vinham dos pântanos, para grande tormento das crianças. Nunca tinham visto uns mosquitos tão grandes.

– Mais vale que vos acostumeis – diziam-lhes as freiras – porque há mosquitos desses em toda a América. Há uns enormes capazes de furar a roupa com o seu ferrão, ou umas moscas de areia que picam muito.

Mas Isabel, na sua cela estreita com um catre e um genuflexório que usava como mesinha, protegida dos insectos por cortinas de gaze, sentia-se como num palácio, depois da exiguidade das instalações do navio. Estava muito contente pelo facto de os meninos terem chegado todos sãos e salvos, tirando alguma bronquite e uma e outra disenteria. Do que se tinham contagiado era do linguajar soez dos marinheiros, o que chocava as freiras, as quais, pouco habituadas a tais coisas, perguntavam:

– Que quer dizer *cenutrio*?

– É o mesmo que *tonto* – replicou Isabel.

– Estes meninos têm tanta fantasia! – disse outra. – Meu Deus, o que eles sabem!

– Há outro insulto que dizem muito – referiu uma freira tão jovem que parecia uma menina –, *punheteiro*?

Isabel revirou os olhos. Essa freirinha tão jovem não podia estar a brincar, não era o seu estilo, realmente não sabia o que dizia. Isabel desviou a conversa:

– Cabeçudo, malparido… Esses são os que dizem mais, porque são os que os marinheiros mais usam…

– Virgem santa – disse uma delas, benzendo-se.

Quem não estava contente era Balmis; a chegada de uma expedição patrocinada pelo rei de Espanha não mereceria a deslocação do excelentíssimo senhor governador para os receber? Obteve a resposta às suas perguntas nessa noite, quando foi convidado, com os outros médicos da expedição, a cumprimentar no seu palácio o governador, brigadeiro general Ramón de Castro, que os recebeu ao lado do doutor Francisco Oller, cirurgião-chefe do Hospital Militar. Não houve calor nem entusiasmo nessa recepção. Balmis soube logo porquê:

– Face ao surto epidémico que no ano passado ameaçava a nossa ilha – contou-lhe o governador –, só consegui obter matéria entre vidros…

– Fios impregnados de linfa vacinadora – precisou o doutor Oller. – Enviou-mos o meu correspondente, o doutor Mondeher, da vizinha ilha de Saint Thomas.

Balmis, que sonhara ser o primeiro médico a vacinar nas Américas, não conseguia esconder a sua frustração. Além disso, ofendeu-se ao ser informado que o governador encarregara Oller de propor essa vacina ao público, quando ambos sabiam que a expedição vinha a caminho, e que os fios não eram de confiança, que a matéria vacinadora perdia eficácia com o calor. O Conselho alugara a parte mais alta de uma casa na Plaza de Armas para efectuar sessões de vacinação e duas mil pessoas tinham já passado por ali.

– Tereis pouco que fazer aqui, doutor Balmis…. Há tantos já vacinados!

– Tendes a certeza de que essas vacinas pegaram?

– Absoluta.

Balmis pressentia algo duvidoso em todo esse assunto: será que era a ganância que os motivava e estavam a vender a vacina? Ou tinham querido adiantar-se para marcar pontos, para conquistar

vantagens políticas?

– Ofereceram a vacina gratuitamente – disse-lhe Salvany, que já fizera uma pequena investigação por sua conta –, mas é muito possível que se tenham adiantado para conquistar a simpatia do povo.

Salvany ficara a saber que o doutor Oller, formado como ele no Real Colégio de Cirurgia de Barcelona, introduzira uns anos antes a variolização em Porto Rico, mas com tanto medo dos riscos que não a tentara com os dois filhos. Em contrapartida, experimentara a vacinação assim que obtivera os vidros de Saint Thomas.

– Disse que a primeira tentativa não pegou, mas a segunda resultou…

– Temos de ver isso – sublinhou Balmis.

– Imediatamente a seguir – prosseguiu Salvany –, o governador mandou vacinar as duas filhas e a mulher, e o regedor, que uns anos antes tratou de evitar um surto causado pela variolização, também pediu para ser vacinado.

– Mais do que atalhar a epidemia de varíola, o que queriam era protegerem-se.

– Até o bispo, antes de embarcar para Caracas onde ia ser sagrado, tomou também a mesma medida preventiva. Não esperaram por nós por uma simples razão: porque todos eles quiseram ser vacinados antes de toda a gente.

Não era a ganância que os movia, concluíram os médicos, mas sim o egoísmo, o desejo de serem os primeiros a beneficiar dessa protecção, eles e os seus familiares, passando por cima das normas estipuladas pelo Protomedicato em Espanha.

– Oller quis obter méritos perante o governador e este queria ficar bem-visto pelo Conselho das Índias.

Perante um governador e um médico que não seguiam um método profissional e que disseminavam, segundo Balmis, falsas vacinas que não protegiam da varíola, os expedicionários tinham de deixar as coisas bem claras.

– Temos de demonstrar que essas vacinas não resultam – dizia Balmis a Salvany. – Estão a enganar as pessoas.

– Não parece que Oller tenha seguido o protocolo correcto.

– Como poderia fazer isso se não o conhece?

– E também pela pressa, por se querer adiantar.

– Não importa quais forem as razões, essas ou outras, Salvany. A questão é que nem fizeram um recenseamento fiável dos vacinados nem quiseram criar juntas de vacinação… É como se se tivessem esquecido da necessidade de manter o fluido vivo! Como se não fizessem tenções de continuar a vacinar… começando pelos recém-nascidos.

Uns dias depois, ao saber que um vacinado por Oller tinha morrido de varíola, Balmis questionou publicamente a eficácia da campanha do governador. Foi ter com o bispo, recém-chegado de Caracas, e informou-o da possibilidade de a sua vacinação ter sido ineficaz.

– Queremos ter-vos vários dias sob observação…

O bispo, aterrado com a eventualidade de desenvolver a doença por uma má prática de vacinação, acedeu de bom grado. Em breve Balmis e Salvany confirmaram as suas suspeitas:

– A vossa vacina não pegou, Eminência.

– E então…? – perguntou assustado.

– Nada, não tereis nenhum problema. Mas necessitamos do vosso apoio para que um caso como o vosso não volte a acontecer. Para que tudo se faça como deve ser.

O bispo, que apoiava a posição oficial de cooperação que a Igreja adoptara, ao terminar o sermão de domingo na catedral, disse:

– Meus filhos, como bom pastor que guia as suas ovelhas, volto a recomendar-vos que vos protejais da varíola aceitando vacinar-vos, mas que o façais segundo as indicações do doutor Balmis e da sua equipa. E para dar o exemplo, ofereço-me para me submeter a uma nova vacinação.

Quando Balmis, a 26 de Fevereiro de 1804, se dispunha a vaciná-lo com o fluido de um dos meninos, o doutor Oller apareceu de surpresa na Casa de Vacinação.

– Não é necessário fazer o que estais a fazer, Balmis. Não conseguireis ridicularizar-me.

O director da expedição respondeu-lhe:

– Ridicularizar-vos? Eu não vim para isso, vim para vacinar, e bem.

– Vacino tão bem como vós.

– Como podeis negar a evidência? – Balmis estava fora de si, – O homem mais ignorante não teria procedido como vós! Olhai para esse rapaz!

Indicou-lhe um jovem, de apelido Sánchez. Tinha a cara coberta de pústulas. Fora vacinado por Oller em San Juan e o acaso quis que nesse preciso momento o rapaz regressasse de Yabucoa, a sua aldeia. Nele, a vacina não pegara. Oller ficou lívido perante a evidência do seu fracasso. A situação, diante do bispo, era particularmente violenta.

– Aí tendes a prova da sua ineficácia! – largou Balmis. – Se não se seguir o método já provado pelos especialistas, não se consegue nada! E vós deveríeis saber que é assim.

Mas Oller era teimoso:

– Vou trazer-vos os vinte e nove que vacinei e que vós voltastes a vacinar – balbuciou. – Não mostram reacção à vossa vacina porque a primeira, a que eu lhes fiz, pegou.

Balmis revirou os olhos e disse no seu tom petulante:

– Esperai uns dias e vereis como vão mesmo reagir à minha vacina… O vosso método é um lance de comédia muito bem estudado, uma fraude previamente ensaiada!

– Vós não me insultais!

– Não vos insulto, só vos digo que sois a pessoa mais incompetente que há para assumir uma responsabilidade tão grande como a de vacinar.

O prelado mudou de cor quando viu que Oller se lançava sobre Balmis, com os punhos fechados e um olhar de ódio profundo. O religioso levantou-se da cadeira e interveio na briga.

– Calma, cavalheiros, calma!

A notícia desse confronto espalhou-se.

– Lutaram a murro e pontapés…

– E quem venceu?

– Claro que foi o nosso director! – diziam os miúdos.

Em breve as dúvidas de Balmis foram do conhecimento público, e começaram a vir até ali pais com os seus filhos para serem revacinados. Perante a pressão popular e a do bispo, o governador

Castro e o seu cirurgião militar tiveram de dar o braço a torcer, a contragosto.

– Autorizaram-nos a colocar cartazes por toda a cidade para que revacinemos os vacinados deles nos últimos dias do mês.

– Isabel, contamos com a sua ajuda, não é verdade?

Isabel assentiu. Ela, tal como o resto da equipa, sentia-se incomodada com as tensões entre uns e outros. *Que diferença em relação à escala em Tenerife!*, disse para si.

Isabel teria gostado de se misturar mais com as pessoas dali e desfrutar do seu estatuto de *doña*. Mas mal teve essa oportunidade por estarem deterioradas as relações entre as autoridades locais e a direcção da expedição, por isso passava a maior parte do tempo com as freiras, vigiando os meninos que brincavam com os outros da sua idade que havia ali, na praia e nas ruas.

– Todos esses negrinhos, mulatos e mestiços não sabem quem são os pais. Um ou outro sabe quem é a mãe, mas o pai, nunca. Aqui vivem todos afastados de Deus.

Isabel engoliu em seco. As palavras das freiras fizeram-na lembrar-se que vivia uma mentira piedosa, a que Balmis lhe propusera para se redimir. Com a diferença de que não se sentia afastada de Deus.

– O que são essas marcas que trazem os negros nos braços?

– São o sinal da escravatura, minha filha. Quando chegam de África, marcam-nos com um ferro em brasa e a cicatriz que lhes fica na pele é o sinal deles, a maneira de os identificar.

– São capazes de dançar durante horas ao som desses tambores – acrescentou a freira mais velha –, e, quando caem de bêbedos, dedicam-se ao amor livre atrás dos arbustos.

Da sua cela, Isabel ouvia-os cantar à sombra das bananeiras, e a esses cânticos juntavam-se os pregões da rua, os sinos da catedral e o estrondo dos aguaceiros repentinos.

Capítulo 41

Despojado da sua glória, farto de tantos desaires e dissabores e sem vontade de perder mais tempo a defender a sua opinião de especialista científico perante a do militar e a do aristocrata locais, tendo em vista a imensidão da tarefa que os esperava, Balmis fixou a data de 2 de Março, isto é, quatro semanas depois da sua chegada, para partir de Porto Rico rumo a Caracas. Então outro assunto veio transtornar ainda mais as relações de Balmis com o governador. A expedição precisava de recrutar quatro meninos para levar a vacina à Capitania-Geral de Venezuela, e o governador não mexeu um dedo, alegando que restavam poucas crianças por vacinar, entrincheirando-se assim na defesa do seu médico militar e das suas vacinações. Então Balmis pensou em Isabel:

– Precisamos de mais miúdos – disse-lhe. – Sem a colaboração dos funcionários locais, só vós, talvez com a ajuda das irmãs, podeis ajudar-nos a recrutar pelo menos mais quatro. Peço-vos o favor de irdes aos bairros pobres para tentar convencer as famílias.

– Uma coisa é deixar vacinar os filhos e outra bem diferente é deixá-los partir com uns desconhecidos numa viagem por mar.

– Sempre é mais fácil quando são pobres.

– Nisso tendes razão.

Isabel e os enfermeiros deixaram os mais pequenos ao cuidado das irmãs na Casa de Vacinação e, guiados por duas freiras, percorreram os arredores da cidade para conseguir a mais preciosa das cargas: crianças pobres. Isabel propunha às mães levar os filhos até ao México, onde receberiam educação como bolseiros do rei com os outros meninos galegos, e foi assim que conseguiu juntar quatro famílias, cujos filhos viviam na rua. Mas um deles, Juan Eugenio, tinha um ar doentio e Isabel decidiu pô-lo de parte. Balmis insistiu:

– Precisamos de quatro.

– Este não parece estar bem de saúde.

– Se não encontrardes outro, levamo-lo. Com três não temos o suficiente, seria muito arriscado.

Arriscado para a expedição, mas… e o risco que assumia o menino? Balmis não via isso ou, como pensava Isabel, não queria vê-lo. Quando já estavam a bordo, Balmis mudou de opinião:

– Dei-me conta de que não há espaço na *María Pita* – disse a Isabel –, é melhor propor-lhes que sejam devolvidos a casa a partir da Venezuela.

– Mas isso iria privá-los do benefício prometido. Não vão querer.

– Teremos de fazer um milagre – disse Balmis.

As mães protestaram energicamente e quiseram tirar os filhos do navio.

– Que temos nós, os pobres, se não forem os nossos filhos? – lamentavam-se.

– Compreendo – dizia Isabel, porque nunca se teria separado de Benito nem por todo o ouro do mundo.

Então jogou a cartada que às vezes resultava com os pobres, mas fê-lo contrariada.

– Posso oferecer-vos uma compensação, algum dinheiro.

Viu como o rosto das mulheres mostrava um ar encantado. Balmis teve de se resignar a oferecer uma quantia de cinquenta pesos, o equivalente ao salário de seis meses de um pedreiro, por dois meninos de quatro anos, um de oito e outro de nove. Isabel achava imoral pagar por Juan Eugenio, porque via que o menino não se encontrava bem, mas acabou por ceder perante a pressão de Balmis e dos familiares do miúdo. Eram todos filhos naturais, sem pai conhecido.

De acordo com o regulamento da expedição, esse dinheiro devia ser pago pelas autoridades locais. Mas as relações entre Balmis e o governador Castro estavam tão deterioradas que só comunicavam por carta. Nos dias anteriores ao embarque, e como resposta ao pedido de reembolso, o governador fez-lhe saber que se opunha ao pagamento, alegando que a vacina chegara antes deles à ilha. Era outra maneira de menosprezar Balmis, de tirar importância à visita da expedição e de a dar à sua campanha, por muito ineficaz que tivesse sido. Balmis teve de assumir essa despesa com o seu dinheiro.

– Que belo cínico me saiu o governador Castro! – comentou com o capitão. – Diz que já tinha introduzido a vacina na ilha, mas ali estão Isabel, Salvany e o resto da equipa a revacinar os mil e tal dos supostamente vacinados por Oller! E a trabalhar até à meia-noite.

Isabel tinha-se tornado especialista em conseguir que as crianças não gritassem como se estivessem a degolá-las. Contava-lhes histórias de espíritos bons que entravam pelo braço e se espalhavam por todo o corpo deixando uma marca: então mostrava-lhes a incisão e os pequenos olhavam-na com os olhos muito abertos. Um mágico não teria feito melhor.

❧

No dia 2 de Março de 1804 os expedicionários embarcaram na *María Pita*, preparados para uma viagem que se previa curta. Os quatro morenos berraram muito ao despedirem-se das suas famílias. E ainda mais quando vacinaram dois deles, por muito que lhes dissessem que todas as crianças que vinham no navio tinham passado pelo mesmo sem ripostar. No camarote, Balmis escreveu no seu diário que iam partir com poucas crianças porque o governador opusera todo o tipo de dificuldades. Mas a ausência de ventos favoráveis atrasava a partida.

– Quando vamos poder zarpar? – perguntava a Pedro del Barco. – Estamos presos aqui há mais de uma semana!

– Que vos posso eu dizer que não saibais já…? Arranjai-nos vento.

Balmis olhava para o céu, procurando algum sinal, em vão.

– Não quero parecer teimoso, mas devíamos levar connosco um piloto local que ajude a entrar nas águas da Venezuela, que são traiçoeiras – afirmou o capitão.

– Tenho a certeza absoluta de que o fareis muito bem. A vossa perícia e experiência não têm comparação.

– Agradeço-vos o elogio, doutor, mas pensai bem nisso, depois pode ser demasiado tarde.

Mas Balmis, que já tivera de gastar um dinheiro que não esperava para compensar as famílias dos novos meninos, não queria incorrer em mais despesas. Também não lhe apetecia lidar com nenhuma autoridade dessa ilha. Só queria partir dali.

Todas as manhãs, o bote auxiliar trazia bidões de água fresca, ananases, papaias, goiabas, maçapães, pasta de mandioca, doces feitos pelas freiras para os lanches das crianças. Mas não havia frutas nem doces no mundo capazes de aliviar a tensão que disparara no navio. Tensão entre as crianças pela inactividade, os mosquitos e o calor, que Isabel diminuía abanando-as com um ramo de palmeira, como vira fazer as mulheres da ilha. Cándido e Benito alcunharam os novos de «negritos» e em breve todo o navio lhes chamava assim. Provocavam-nos para que os porto-riquenhos os insultassem.

– Mariconço, come merda!

Os galegos replicavam:

– Estúpidos, merdalhões!

E Cándido e Benito partiam-se a rir enquanto os outros se envolviam numa briga.

Também havia tensão entre os marinheiros, que murmuravam entre eles acerca da possibilidade de regressar a Espanha e que continuavam a atribuir essa calmaria ao azar trazido por Isabel. E, sobretudo, tensão entre os médicos, porque, ao prolongar-se o tempo, talvez chegassem a faltar miúdos para transportar o fluido fresco, o que significaria uma catástrofe de consequências incalculáveis.

Capítulo 42

Porto Rico deixou um gosto amargo a todos, menos às crianças. A Balmis, pela frustração de se ter deparado com servidores do rei tão pouco cooperantes e tão corruptos; a Salvany, porque a expedição deixou de estar associada à ilusão romântica que criara. *Aconteceria o mesmo nas outras escalas?*, perguntavam-se. Tinham atravessado o Atlântico para nada? Seriam recebidos como em Tenerife, ou como em San Juan? Se tinham passado um mês em Porto Rico para obter resultados tão exíguos, quanto demorariam a salvar o Império? Era como se, de repente, tivessem visto um limite para as ambições da expedição. Um limite sujo e inesperado.

Por fim, em San Juan, provou-se que nos inoculados por Oller a vacina não pegara, mas sim nos inoculados pelos expedicionários. Foi uma vitória com sabor a derrota. Tinham-se desperdiçado energias e perdera-se tempo. O mais grave era que não se tivessem instalado juntas de vacinação nem um protocolo estrito de funcionamento.

– Isto foi uma batalha perdida – disse o ajudante Grajales.

– Calma, Grajales – disse-lhe Balmis. – Ainda faltam muitas batalhas para ganhar esta guerra.

O que devia ter sido uma navegação de oito dias sem problemas tornou-se uma luta angustiante contra o tempo. O primeiro obstáculo, que se revelaria maior do que inicialmente parecera, foi que um dos «negritos», Juan Eugenio, não pôde ser vacinado devido à sua débil constituição, que se juntava aos enjoos e ao desconforto. Isabel tinha razão: esse rapazinho devia ter ficado em terra. Mas faltando um menino e tendo-se atrasado o momento da partida, corriam o risco de não chegarem a tempo à Venezuela para continuarem a transmitir o fluido da vacina. Essa eventualidade equivalia ao fim da expedição. Ao fracasso total.

Quando já se supunha que estavam perto do porto de La Guaira, notaram que o capitão passava horas na coberta, observando o cata-vento, fazendo cálculos com o sextante e discutindo com o piloto e o contramestre. Até as crianças se deram conta de que algo estranho estava a acontecer. Na realidade, a tripulação, pouco conhecedora dessas costas, perdera o rumo. Os marinheiros olhavam de lado para Isabel, culpando-a pelo que estava a acontecer. Quando por fim o capitão confessou, Balmis ficou lívido.

– Só nos resta um miúdo que possa ser inoculado, a vacina corre o risco de um malogro! – exclamou.

– Lembro-vos que não quisestes atender o meu pedido de se contratar um piloto local – disse-lhe o capitão.

– Tê-lo-ia feito se o custo das crianças tivesse sido assumido pelo governador, como era seu dever!

Agora arrependia-se de não ter dado ouvidos ao capitão. Perder a cadeia de transmissão era acabar com a expedição. Não podiam permitir que isso acontecesse.

– Atracai no primeiro lugar da costa que puderdes – ordenou.

Mas estavam perdidos no mar. Desesperadamente perdidos. Nem temporal, nem vazamento de água, nem ataque de corsários, nem encalhamento… Esse sonho ia acabar com algo tão pouco heróico como um extravio. Como explicariam uma coisa dessas ao rei? «Balmis vê-se na maior aflição, ao encontrar-se numa costa desconhecida tendo apenas uma criança com vacina, e esta a tempo de ser utilizada no mesmo dia», deixou escrito o capitão Pedro del Barco no seu diário de bordo.

Na noite do quarto dia de viagem, Isabel surpreendeu Balmis na coberta observando o horizonte negro. Aproximou-se dele e descobriu que estava a chorar. Impressionada, pôs-lhe a mão no braço, num gesto inocente, como o teria feito com Jacobo, o pai dela.

– Não vos preocupeis, vamos chegar em breve à costa, voltou a dizer-nos o capitão…

– Em breve pode ser demasiado tarde.

Não imaginava que alguém como Balmis pudesse chorar. Os fortes não se vão abaixo, pensava. Mas aí estava ele, exausto pelas disputas estéreis das últimas semanas, aterrado com receio que o seu sonho pudesse desfazer-se em pedaços, furioso consigo por não ter tomado todas as precauções possíveis, tremendo como uma grande árvore velha. Quando ficou mais calmo e Isabel retirou a mão, surpreendeu-a que Balmis a retivesse. Tentou escapar mas Balmis apertou-a. Deu-se conta de que estava diante da mulher mais bela que alguma vez conhecera. Na semiobscuridade, a pele dela contrastava ainda mais com o cabelo negro-azeviche que lhe caía sobre os ombros. O nariz fino e os lábios carnudos, mantinha a cabeça erguida e olhava-o com toda a sua dignidade, tanta que parecia arrogância. Era a sua maneira de disfarçar a grande perturbação que sentia. Os olhos de Balmis perderam-se nesse olhar, e ficaram a flutuar na piscina reluzente dos seus olhos negros. Isabel tentou soltar-se, mas Balmis apertou ainda mais a mão e acariciou-a. Não era um gesto de carinho recíproco, pensou Isabel, era um gesto de posse. *Procura algo mais*, disse para si.

De modo que se debateu ligeiramente e retirou a mão, e Balmis, acostumado a levar a sua avante, pareceu desconcertado. Isabel apercebeu-se de que o seu desejo de o consolar tinha-a levado a fazer uma má jogada. Devia muito a Balmis. Admirava-o. Mas não lhe inspirava outro tipo de sentimentos. Não gostava dele, nem do seu carácter pretensioso, nem que agora tentasse aproveitar-se do seu impulso de compaixão.

O médico agiu como se nada se tivesse passado. Parecia ser verdade, não acontecera nada, mas Isabel sabia que, se não tivesse oposto resistência, ter-se-ia tornado a mulher do director. Mais tarde ou mais cedo, ser a única mulher a bordo tinha um preço que devia ser pago. Correu a refugiar-se no camarote, a afastar a angústia na companhia das crianças. Só esperava que esse incidente caísse no esquecimento, que não se repetisse, e sobretudo que Balmis, ferido no seu enorme orgulho, não exercesse nenhuma represália.

Balmis sentia-se perturbado com a sua audácia. Há muito tempo que não tinha uma relação estável com uma mulher, desde a época das actrizes do Coliseo do México, quando ainda era jovem. Nos últimos anos passados em Madrid tivera apenas um ou outro contacto esporádico, puro escape sexual com mulheres livres, como uma mulher da limpeza, solteira, do hospital ou uma viúva que trabalhava como vendedora numa mercearia da Calle Carretas. Viam-se de vez em

quando e, saltando os preliminares, copulavam como animais com cio. Mas chegava sempre o momento em que elas queriam mais: um bocadinho de amor, um pedacinho de segurança, uma carícia ou um presente, mesmo que não fosse caro. E então Balmis desaparecia. Assim chegou à conclusão de que não tinha tempo para se dedicar a uma esposa. Percebeu que, do ponto de vista do tempo e do dinheiro, era mais rentável frequentar os bordéis da capital, onde se oferecia uma grande variedade de jovens de idades, raças e estilos diferentes, desde as maciças e peludas até bonecas de porcelana imberbes, por um punhado de pesos. Só o preço mudava. Pagar descarregava-lhe a alma de culpa e de responsabilidade e fazia-o sentir-se livre. Vira sempre os bordéis como a sua salvação, pequenos paraísos onde se sentia defendido da solidão e do frio, onde não precisava de se esforçar para controlar os tiques, onde não necessitava de seduzir nem de dançar, algo para o qual não era dotado. Bordéis que, para homens como ele, eram verdadeiros templos da liberdade, onde se podia ser anacrónico e grosseiro sem pagar as consequências e sair aliviado ao amanhecer, feliz por se sentir vivo. Balmis encaixava-se bem nos prostíbulos porque eram lugares para gostar de si, para se mimar, não para gostar de outras pessoas. Balmis sabia gostar dos outros, dos que tinha por perto? Talvez, na sua arrogância, tivesse pensado que Isabel, pelo facto de ser mãe solteira, seria uma presa fácil, ou que estaria desejosa de ser a mulher do director para consolidar a sua posição na expedição. Ou talvez sentisse algo mais do que uma simples atracção sensual pela única mulher a bordo, talvez sentisse algo genuíno por essa mulher que se comportava sempre com desvelo e abnegação, e que se tornara o pilar dessa empresa enlouquecida com a qual pretendiam salvar o mundo. Isabel não tinha noção da sua importância, mas Balmis sabia bem disso. Sem ela, não havia crianças, e sem crianças não havia vacina. Sem vacina não havia glória, e sem glória… acabava a razão de ser de Balmis.

Censurou-se por se ter equivocado com Isabel. *Que tolice a minha!*, disse para si. Teve de reconhecer que essa mulher lhe despertava sentimentos há muito enterrados no fundo do coração. A voz dela, profunda e sonora, e com um sotaque galego que agora misturava com o que escutava à sua volta, fazia-o estremecer. Lembrava-se de ter lido um autor oriental que dizia que os casamenteiros afegãos garantiam que a voz era mais de metade do amor. Tinham razão, mas neste caso também contava o odor. Isabel cheirava a sabão e a mar, e, quando sentia a brisa do seu aroma, Balmis era assaltado pelos seus tiques e começava a piscar os olhos e a contrair o pescoço pelo muito que se transtornava. Talvez estivesse a interessar-se demasiado por essa mulher, como nos seus anos do México, agora que entrara nos cinquenta e sentia o sabor amargo do fracasso iminente. A humilhação de ter sido rejeitado, misturada com certa indignação porque também pensava que ela lhe devia tudo, levou-o a fechar-se no camarote. Sentia-se como uma ave de asa partida, as certezas do seu mundo desmoronavam-se tal como estava prestes a acontecer com a expedição, por isso tomou beladona para conciliar o sono. Pensou no pai, na vida em Alicante, em Josefa e no filho, nessa outra existência que talvez devesse ter seguido para não se afundar estrondosamente, como estava quase a fazer.

Capítulo 43

– Terra à proa! – gritou o vigia do alto do mastro maior.

Após quatro dias perdidos no mar, tinham chegado perto de Puerto Cabello, cento e cinquenta quilómetros a oeste de Caracas, em cuja enseada lançaram a âncora.

– Meu Deus, obrigado! – disse Balmis, ajoelhando-se na coberta.

Fundearam quando a bolha do último dos meninos alcançara o seu máximo. Tinham de agir com rapidez. Do barco viam-se os corvos imóveis nos telhados de casas caiadas e a roupa colorida estendida nas varandas. Balmis enviou um marinheiro com uma mensagem para o comandante da praça, Pedro Suárez de Urbina, pedindo-lhe urgentemente vinte e cinco crianças. Como reagiria o comandante? Como o brigadeiro Ramón de Castro em Porto Rico, recusando-se a tudo? Ou compreenderia a gravidade do assunto e as pressas, e mostrar-se-ia cooperante? Durante as horas que demoraram a desembarcar, Balmis encontrava-se fora de si. No caso de não obter ajuda oficial, teria de a pedir às freiras ou aos religiosos do convento local. Dispunham apenas de umas horas antes que a bolha do último dos miúdos secasse. Por isso, quando chegaram à costa na canoa e viram que tinham à espera deles o comandante, os representantes eclesiásticos e as famílias mais notáveis da cidade, acompanhados por vinte e oito crianças com caras assustadas para serem vacinadas, Balmis suspirou de alívio e conteve a sua vontade de chorar, desta vez de alegria. Tinham conseguido salvar a vacina, salvar a expedição. Balmis sentia também que se salvara.

O comandante mostrou todo o tipo de atenções e deu todas as facilidades possíveis, que permitiram que Balmis reorganizasse a expedição. Decidiu partir primeiro para Caracas com os seus dois ajudantes e um menino com pústulas da vacina. O resto da expedição, sob o comando de Salvany, permaneceria em Puerto Cabello com dois dos médicos e os três enfermeiros, com a missão de fazer uma vacinação geral. Este grupo dirigir-se-ia depois para La Guaira a bordo da *María Pita*, para convergirem todos na capital. Pensou que seria melhor que Isabel ficasse em Puerto Cabello tomando conta dos galegos já vacinados.

Salvany e a sua equipa viram-se ultrapassados pela afluência de pessoas, entre as quais havia mães com filhos já infectados que insistiam em vaciná-los como se isso fosse uma cura milagrosa em vez de uma prevenção. Pediu que Isabel deixasse os meninos ao cuidado das religiosas do convento e viesse ajudá-lo. Não se tratava só de vacinar, mas também de ensinar o método aos médicos locais, de maneira a que pudessem actuar sozinhos. Isabel tinha o encargo acrescentado de ter de cuidar do menino porto-riquenho, Juan Eugenio, que adoeceu rapidamente, com febres intermitentes. Durante o dia, teve de o deixar com os outros miúdos.

Mas as religiosas estavam exasperadas com o comportamento indigno desses órfãos e com os seus insultos soezes. Não tinham nenhuma autoridade sobre os rapazinhos, que se recusavam a assistir à

missa ou a abençoar a mesa antes das refeições.

– Ao menos benze-te! – ordenou uma freira a Cándido antes de começar a comer.

– Você não manda em mim!

A freira deu-lhe uma sonora bofetada na cara. Cándido devolveu-lhe um olhar de ódio contido e replicou com um arroto gutural, cujo eco fez com que todo o refeitório rebentasse a rir. Os outros imitaram-no e a freira, ultrapassada pelo concerto de arrotos, teve de sair dali para pedir ajuda. Voltou com um padre, alto e com cara de poucos amigos, que tirou Cándido do refeitório e o obrigou a ajoelhar-se no seu gabinete. Enquanto lhe batia na mão com uma régua, ia-lhe dizendo:

– Sei quem és. És o clandestino, Doña Isabel disse-me para não te perdermos de vista. Vamos-te arranjar uma ocupação aqui enquanto os outros seguem viagem…

Cándido ficou lívido. O padre deu-lhe outra reguada com força.

– Ai…!

– Grita que eu ouço.

– Perdão, não fui o único…

– Mas foste tu que começaste!

– Eu não, a minha barriga…

O padre deu-lhe outra reguada.

– Esta, por seres respondão! E esta por seres desobediente!

Cándido não conseguiu mais aguentar a dor e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. O padre pousou a régua em cima da secretária. As mãos de Cándido estavam avermelhadas, os dedos inchados.

– Cem pai-nossos e cem ave-marias. Quero ouvir-te.

Cándido ficou de joelhos três horas, fazendo penitência. Quando Isabel regressou com Salvany, ambos extenuados, Cándido continuava a recitar as orações. Olhou-a com receio.

– Vais ficar a viver aqui… no colégio dos frades.

– Não, por favor…

– E não me venhas com choros e súplicas, perdeste todas as tuas oportunidades.

Fazia um ar duro, mas no fundo dizia essas coisas com o coração partido. Queria que Cándido entendesse que estava de empréstimo nessa expedição, e que, se o toleravam, o mínimo que tinha de fazer em troca era portar-se bem. O rapazinho olhou-a com o seu ar angelical de sempre, que não era fingido, era a sua maneira de exprimir que não era capaz de se controlar. Esse olhar era a sua força, porque era difícil que alguém resistisse à piedade que inspirava.

Em Caracas, salvas de artilharia, entre vivas, música e fogo-de-artifício, receberam em triunfo Balmis e os seus expedicionários. No Conselho, o capitão-general e governador Guevara Vasconcelos agradeceu-lhes a chegada e lembrou como Caracas fora duramente castigada pela última epidemia, que causara oito mil baixas numa população de trinta mil pessoas.

– A juventude não frequentava as escolas e o comércio parou – disse o governador. – E a nós restou-nos, como única arma para nos defendermos, os versos do médico Francisco Gil: «Rápida partida, remota distância e muito longa ausência.»

Por sua vez, Balmis agradeceu-lhes o calor do acolhimento:

– Já não tereis de fugir – disse-lhes. – Venho com o remédio definitivo.

E então apresentou as crianças portadoras do fluido, os mestiços de Puerto Cabello, penteados e pouco à vontade nos seus uniformes, que receberam uma ovação estrondosa, a primeira e com certeza a única das suas vidas.

Depois Balmis anunciou no seu discurso a criação de uma Junta Central de Vacinação, um organismo pioneiro de saúde pública, composto pelas mais importantes personalidades civis e eclesiásticas, de maneira a que a sua acção pudesse ser levada a cabo mesmo depois de partir. O mais urgente agora era travar a epidemia que se estendia por Maracay, Montalbán e Valência, e que teria chegado a Caracas se não tivesse havido a sua visita.

No dia seguinte, 30 de Março, Sexta-Feira Santa, no meio de uma cerimónia religiosa na catedral de Caracas, com grande pompa, música sacra e funcionários reais e fazendeiros do cacau vestidos de gala, Balmis vacinou sessenta e quatro pessoas. A História guardou o nome de Luis Blanco, a primeira criança de Caracas a receber a vacina. O governador Guevara Vasconcelos publicou um édito pelo qual dava total apoio oficial à expedição, exemplo que foi seguido noutras regiões da Capitania-Geral da Venezuela.

O que acontecia na Venezuela era o sonho dos expedicionários tornado realidade. A vacina começou a ser difundida através de médicos e enfermeiros locais, que levaram crianças recém-vacinadas às suas aldeias para transportar e conservar o fluido. Assim chegou a 15 de Abril a Maracaibo, onde o governador Fernando Millares mandou, por decreto, vacinar todos os habitantes da província. O poeta Andrés Bello dedicou uns versos ao director da expedição:

E a ti, Balmis, a ti que largando
o clima pátrio vens como génio
tutelar da saúde sobre os teus passos
uma semente vital difundindo…

Balmis, que uns dias antes se encontrava no abismo do desespero, ronronava de prazer. Por fim reconheciam o seu mérito. O episódio de Porto Rico não fora mais do que um parêntesis; agora estava confiante em que teria o mesmo acolhimento no resto do Império. E tinha razões para se sentir orgulhoso. O doutor Josef Domingo Díaz, eminente cientista venezuelano proposto por Balmis como secretário da primeira Junta de Vacinação Central, que serviu de modelo para outras povoações da América, estendeu o fluido da vacina a cento e sete cidades, vilas e aldeias, e chegaria a inocular mais de cem mil pessoas. Era um resultado melhor do que ninguém teria podido esperar. Acima de tudo, era a prova, muito necessária agora que Balmis perdera a confiança em si, de que as suas ideias estavam bem fundamentadas, de que o seu plano se sustentava.

Capítulo 44

Salvany não pôde desfrutar da curta viagem por mar desde Puerto Cabello até La Guaira, nem do caminho daí até Caracas, situada num vale a quase dois mil metros de altura que se alcançava por trilhos serpenteantes e perfumados por uma densa vegetação tropical. O esforço dos últimos dias mantinha-o de cama, tiritando de febre, e teve de ser levado de maca por dois carregadores, tão fraco se sentia. Isabel partilhava os seus cuidados entre ele e o pequeno Tomás Melitón, que tinha febre. Há muito tempo que se habituara à ideia de que haveria sempre alguém doente; o clima húmido e quente cobrava o seu preço. Na caravana de crianças também vinha Cándido.

– Esse miúdo devia ficar aqui, no colégio de Puerto Cabello, ao cuidado dos padres – disse Salvany.

– Mas ele não quer… – respondeu Isabel, sabendo que essa resposta lhe iria valer uma chuva de críticas.

– Ele é uma criança e tem de fazer o que lhe dizem – interveio o ajudante Grajales. – Já lhe suportámos bastante.

– Aqui terá uma educação e um futuro – acrescentou Salvany.

– Lamento – acabou por dizer Isabel –, mas não tenho coragem para o abandonar.

Quando Cándido soube disso, correu a ir colher umas flores que levou à reitora. Foi a sua maneira de lhe agradecer o apoio.

Nos dias que Isabel e Salvany passaram sozinhos em Puerto Cabello, instalou-se uma intimidade entre eles que o trabalho em conjunto não fez mais do que intensificar. Isabel viu-o trabalhar com médicos locais até cair exausto, de uma palidez anémica, esquecendo-se de se alimentar e sem um minuto de descanso. Admirava a capacidade de entrega desse homem, que nunca se queixava, que ia buscar forças à fraqueza e que nunca fazia alarde do seu trabalho. Salvany era naturalmente humilde e isso fazia-o parecer sábio. Era o contrário de Balmis. Havia algo de puro nele, que a doença preservara, despojando-o de tudo o que não fosse essencial. Ele que fora um dos melhores partidos de Barcelona enquanto estudava medicina, passou a ter de esquecer as lisonjas interesseiras das raparigas casadouras e a renunciar ao desejo de constituir uma família. Doente e médico, impossibilitado de levar uma vida normal, adquiriu a convicção íntima de que a entrega aos outros, aos desfavorecidos, era a única razão pela qual valia a pena viver. As raparigas da sua condição, as mais sedutoras, pensaram que tivera a vocação de servir a Deus e que em breve se fecharia num convento. Mas Salvany não tinha outra paixão que não fosse a medicina.

– Do bem que fazemos ficará sempre alguma coisa, de tudo o resto nada.

Não o queria reconhecer, mas Isabel sentia por Salvany algo mais do que simples amizade, um sentimento proibido que se parecia com o amor. A sua alma de poeta, a aversão pelo confronto, a

total dedicação à causa, a valentia pessoal e sobretudo a gentileza e proximidade tornavam-no diferente da maioria dos homens que tratara. Era o contrário do que fora o único amor da sua vida, o pai do seu filho Benito, vulgar e charlatão. Salvany era sério e ao mesmo tempo de uma humanidade alegre, com o ar cândido que alguns homens conservam até ao fim da vida. O interesse com que Isabel cuidava dele ultrapassava a mera prática médica. Abria-lhe a camisa de dormir com muito cuidado para o aliviar do calor, obrigava-o a beber, gole a gole, poções para controlar a respiração difícil e passava-lhe um pano húmido pela testa para limpar o suor. Os outros, enfermeiros e tripulantes, troçavam dessa secreta história de amor. Mas era um amor platónico: Isabel nunca se teria atrevido a revelar os seus sentimentos.

Em Caracas foram alojados no palácio do governador com o resto dos expedicionários e tratados como se fossem heróis. Seria o luxo e a comodidade desses aposentos, o encanto dessa pequena cidade situada num vale dominado pelo impressionante monte Ávila, a sua temperatura deliciosa onde nunca fazia frio nem calor, o caloroso acolhimento das suas gentes, a companhia tranquilizadora de Isabel… A verdade é que Salvany não tardou a recompor-se e deixou de parecer uma bela estátua da morte. Como sempre, venceu o seu imenso desejo de viver sem se preocupar com o futuro, procurando na entrega à sua causa um atordoamento constante, um bálsamo espiritual que lhe permitisse evadir-se da sua condição de doente.

Foram três dias de actividade frenética em que vacinou, com Balmis, mais de duas mil pessoas. No fim de cada sessão, o Conselho organizava um espectáculo com uma orquestra constituída por todos os que tivessem, ou garantiam ter, talento musical. Cada família poderosa disputava-os para jantar ou almoçar, só para ter o privilégio de sentir a viva emoção desses médicos que vinham instruí-los com o seu saber e experiência.

Mas Balmis era, além de possessivo, muito cauteloso. Não gostava de partilhar a notoriedade nem com um membro da equipa que considerava insubstituível e por quem sentia uma inegável atracção. Possuía um sexto sentido para farejar o perigo. E deve ter sentido que Isabel lhe escapava das mãos. Os falatórios dos enfermeiros e de membros da tripulação, deixando escapar que entre Salvany e Isabel havia algo mais que «esfregas para desanuviar o peito», não tinham caído em saco roto.

Capítulo 45

Ao entardecer, Isabel foi avisar os médicos que Juan Eugenio, o pequeno porto-riquenho, tinha piorado. Suspeitando de uma infecção intestinal contagiosa, tinha-o fechado num quarto afastado dos outros. Salvany acompanhou-a até lá e auscultou o menino: viu que tinha as cavidades oculares afundadas, apertou-lhe a pele, que parecia cartão, e, quando lhe pediu para abrir a boca, as gengivas estavam brancas.

– Está desidratado – disse.

Isabel contou-lhe que estivera a dar-lhe água com sumo de lima, mas agora o pequeno rejeitava-a. Vomitara muitas vezes.

– Tem uma infecção intestinal consumptiva – disse Salvany. – É preciso continuar a dar-lhe água com lima e quando estiver melhor dar-lhe-emos xarope de ipecacuanha.

Deram-lhe água em pequenos goles, segurando o pequeno e acalmando-o, até que finalmente conseguiu engolir. Depois, exausto com esse esforço, adormeceu. Isabel e Salvany ficaram um longo momento em silêncio, na penumbra, velando o sono da criança.

Então Salvany atreveu-se a fazer um gesto que ela não esperava: acariciou-lhe o rosto. O susto deixou-a paralisada, mas era um susto de amor, e quando se refez olhou-o nos olhos com o esboço de um sorriso terno na boca. Que bela parecia a Salvany nessa penumbra, o rosto lívido, o olhar lânguido, tão diferente do comum das mulheres. Sentia um prazer quase espiritual em contemplá-la. Irradiava uma força suave que lhe infundia uma sensação de segurança muito aprazível, como se nada de mau lhe pudesse acontecer tendo-a por perto. A felicidade estava aí, ao alcance da mão. No fundo sabia que era apenas uma ilusão, que não tinha o direito de desfrutar dessa mulher que a vida pusera no seu caminho.

No entanto, atraiu-a para si e abraçou-a. Depois ela apoiou a cabeça no seu peito peludo, que exalava o cheiro das esfregas com eucalipto que Isabel lhe dera. Ficaram calados e imóveis até que ela se esticou, ergueu-se e tomou a cabeça dele nas mãos. Deu-lhe um beijo, o primeiro que dava por iniciativa e que não recebia apenas, um beijo que durou uma eternidade porque ambos estavam à espreita do passo seguinte. Passos que continuou ela a dar: mordiscou-lhe as orelhas, o pescoço, mergulhou os dedos no cabelo espesso, depois desapertou-lhe a camisa e passou os dedos pela cintura, seguindo o contorno das calças enquanto ouvia os seus gemidos de apaixonado. Teria ido até ao fim, até à apoteose, se o pequeno Juan Eugenio não tivesse acordado aos gritos. Isabel, sobressaltada, ajustou o corpete e abeirou-se do rapazinho.

– Tem pesadelos – disse –, é a febre.

Molhou um pano e passou-o pela testa de Juan. Quando ficou mais calmo, Isabel voltou para junto de Salvany. O ardor tinha esfriado e apoiou a cabeça no peito do amado.

– Agora vai adormecer…

Estiveram um longo momento em silêncio.

– Posso fazer-vos uma pergunta? – sussurrou Isabel.

Salvany assentiu.

– Nunca vos casastes? Não tendes filhos?

Salvany demorou a responder. A sua expressão tornou-se sombria.

– Estive quase a casar-me… Com a filha de um professor de latim. Gostava muito de poesia, como eu. Como vós. Amava-a muito e queríamos ter filhos.

– E então?

– Fiquei doente, decerto com tísica, pensava então, e afinal foi mesmo isso, tísica. Senti-me obrigado a quebrar o nosso compromisso. Ela não queria, dizia que cuidaria de mim, que não se importava com a doença, que muitos conviviam com o mal durante anos, mas eu pensei que ela merecia um marido melhor do que um doente como eu. Além disso, que sentido tinha transmitir a minha herança de má saúde à minha descendência? Pensei muito nisso e decidi que não podia ser pai. Nem marido nem pai. Estou casado com a minha doença…

– Não digais isso…

– É a verdade… Uma semana antes do nosso casamento, expliquei-lhe tudo. Foi duro para ambos, mas porque a amava tive de o fazer. Não teria podido viver atormentado pela culpa se lhe tivesse passado alguma coisa a ela, ou se tivéssemos tido um filho que nascesse doente…

– Agora estais casado com a expedição…

Salvany riu-se.

– Oxalá possa curar-me nalgum canto deste novo mundo. E então…

– Então?

– Um dia a expedição chegará ao fim e então irei buscar-vos, e encontrar-vos-ei onde quer que estejais.

Isabel aninhou-se no peito dele. Ouvia as batidas do seu coração e, ao longe, a respiração do menino doente que dormia no beliche. Era a segunda vez na sua vida que se encontrava nos braços de um homem que amava.

De repente, o ranger da porta a abrir-se sobressaltou-a. Era Balmis, que não podia acreditar no que os seus olhos viam: Isabel, com o cabelo revolto, recostada sobre Salvany, que tinha os olhos brilhantes e a camisa desabotoada. Conseguiu distinguir o olhar trémulo de Isabel a resplandecer como uma labareda na penumbra: pareceu-lhe ver que brotavam lágrimas dos seus olhos.

Não disse nada, saiu batendo com a porta e tendo a respiração entrecortada. O pior não foi o que viu, mas o que não viu. O que a sua imaginação, numa tentativa descontrolada para descobrir um sentido para a sua descoberta, lhe sugeria com rebuscada malícia. Viu sem ver corpos nus e enlaçados, ouviu sem a ouvir a explosão de júbilo dos orgasmos compassados, cheirou sem os cheirar os corpos suados, tocou sem a tocar a roupa atirada para o chão. Saiu dali encolhendo o pescoço e piscando os olhos, ébrio de fúria contida.

Salvany e Isabel levantaram-se. Não disseram nada, as palavras estavam a mais. Ambos sabiam que esse momento de descontracção lhes iria custar caro.

Capítulo 46

Quatro dias mais tarde, aproveitando o facto de terem chegado notícias urgentes da epidemia que estava a assolar Santa Fé de Bogotá – e cujo pedido de ajuda ao rei precipitara o desencadear da expedição –, Balmis reuniu-se com Salvany nas dependências do palácio do governador de Caracas:

– Tenho estado a pensar… que chegou o momento de que vos encarregueis de dirigir uma subexpedição ao Reino de Santa Fé, onde decerto desfrutareis do mesmo acolhimento que tivemos aqui…

Salvany ficou ainda mais lívido do que era habitual. Esperava algum tipo de represália, mas nunca uma assim tão cruel. Balmis prosseguiu:

– Com Grajales como ajudante, o médico Lozano e o enfermeiro Bolaños, levareis a vacina pelo rio Magdalena até Santa Fé de Bogotá e depois seguireis pelo interior do continente até ao Peru e Buenos Aires. Pela minha parte, irei para Cuba, para a Nova Espanha e dali para as Filipinas.

– Mas não tínhamos concordado em dividir a expedição uma vez chegados ao México? Agora estamos juntos, podemos superar contrariedades, como fizemos em Porto Rico.

– Eu sei, Salvany, tenho noção da responsabilidade que assumo ao deixar-vos desligado do meu comando, mas a saúde dos povos deve estar acima das nossas conveniências. A situação em Santa Fé de Bogotá exige a vossa presença com extrema urgência.

Fez-se silêncio. O catalão sentia-se castigado, manipulado, enganado. Suspeitava que Balmis lhe encomendava uma missão num território a que ele não queria ir, e não parecia preocupado pelo facto de Salvany o desconhecer.

De repente largou a pergunta que tinha na ponta da língua:

– E Isabel?

O nome desencadeou um tique no rosto de Balmis, que respondeu:

– Isabel continuará comigo. Tem a responsabilidade de levar as crianças à Nova Espanha, onde passarão a depender do vice-rei, e de continuar até às Filipinas. Uma vez ali, é livre de regressar à Península ou de permanecer na América. Sei por que fazeis essa pergunta, Salvany…

O catalão pôs-se em guarda. Temia que Balmis lhe censurasse alguma coisa. Os mexericos e as difamações eram moeda corrente num grupo de pessoas tão diferentes e que estavam há tanto tempo em viagem.

– Receais não poder encontrar crianças, não é verdade?

– Efectivamente.

– Devereis conseguir dois ou mais meninos em cada povoação.

Salvany deixou-o falar. De nada serviria discutir. Já tinham falado da necessidade de se separarem. Mas teria gostado de ter alguma liberdade no momento de escolher o itinerário, ou o

momento da separação. Balmis castigava-o encarregando-o da parte mais dura da viagem, reservando para si a jóia da Coroa: a Nova Espanha e a sua capital, Cidade do México, a cidade mais rica e importante da América espanhola e onde vivera oito anos da sua vida. E, o mais valioso para Salvany, a companhia de Isabel.

– Não vejo como poderemos cobrir todo o território se não nos dividirmos – acrescentou Balmis.

Salvany olhava através da janela. O céu azul, o ar cristalino e puro, a vegetação prodigiosa… Caracas parecia-se com a ideia que tinha do paraíso. Este teria sido um bom lugar para ficar. Bom para a sua saúde, com uma temperatura estável durante todo o ano, sem muita humidade… E com Isabel teria tudo. A felicidade tão perto… e, no entanto, tão longe.

– Não, não… – disse o catalão.

– Como? – perguntou Balmis.

– Desculpai, estava a pensar noutra coisa.

Salvany regressou à realidade. Mais valia que fosse assim. Embora lhe partisse o coração separar-se de Isabel, ele era experiente nessas coisas. Da mesma maneira que rompera com a que queria ser sua mulher, sabia que mais cedo ou mais tarde teria de o fazer com qualquer outra mulher que entrasse na sua vida. Porque não podia ser o futuro de ninguém, ainda menos de alguém admirado e amado. Para Salvany, amar significava obrigatoriamente sacrificar, separar-se, abandonar. Para o bem da sua amada, devia partir.

Portanto virou-se para Balmis e disse-lhe:

– Compreendo bem onde está a prioridade, senhor… O processo de difusão da vacina deve ser o mais eficaz e rápido.

Quando se encontrou com Isabel, nessa noite, no convento onde viviam as crianças, Salvany comunicou-lhe com o coração apertado que a expedição se iria dividir. Isabel ficou gelada.

– Mas não podeis viajar sozinho…

– Estou melhor. Enquanto conseguir cumprir os meus ideais, Deus dar-me-á forças. Já sabeis que…

– Balmis vingou-se da pior maneira… – interrompeu-o Isabel. – É um ser… horroroso – disse enquanto lutava para conter as lágrimas.

– Não, Isabel, não… – disse Salvany acariciando-lhe o cabelo. – No fundo, Balmis tem razão… A vida tem razão. Não me podem amar porque tenho pouca vida em mim.

– Mas como irei viver sem vós?

Ia-lhe custar suportar o dia-a-dia sem ele, saber que já não se cruzariam nos corredores do navio, que não poderia chamá-lo a qualquer momento com a desculpa da indisposição de um miúdo, que não haveria mais conversas na coberta à luz do luar nem deixar-se embalar suavemente pela fluidez das suas palavras. Procurava refúgio em algum resquício de esperança, porque lhe doía pensar que este era outro amor impossível.

Salvany mudou de assunto:

– Se não nos dividirmos nunca conseguiremos o que conseguimos na Venezuela. Não vos enche de felicidade o que alcançámos aqui?

– A mim, a felicidade chegará quando todos os meninos estiverem sãos e salvos… E quando estiver convosco.

Salvany abraçou-a com força. Por pouco tempo, porque naquele convento abundavam crianças e freiras.

– Fazeis parte da expedição, Isabel, e como tal o êxito também é vosso…

Isabel não se encontrava com ânimo para ouvir falar de êxitos. A situação do menino doente e a notícia que lhe dera Salvany afundaram-na num triste desconcerto. Ao ver que o pequeno Tomás Melitón vinha ter com ela porque um mais velho lhe batera, recompôs-se e arranjou o cabelo.

– Dizei-me, quem cuidará dos meninos de que ireis necessitando?

– Nós. Ensinaste-nos a fazê-lo – disse-lhe Salvany.

Isabel esboçou um sorriso forçado, cheio de dor.

Depois da sessão de vacinação no palácio do governador, Balmis aproximou-se dela:

– Parece-me uma excelente ideia que o pequeno Cándido fique na Venezuela – disse-lhe.

– O Cándido vem connosco, senhor.

– Para quê fazê-lo correr o risco de mais navegações? Quem sabe o que o esperará no México?

– O menino continua connosco, não o posso abandonar.

Disse isso com tanta firmeza que Balmis não insistiu mais. Sabia por que ela reagia dessa maneira, e o que não queria de modo nenhum era que Isabel deixasse a expedição.

Capítulo 47

Depois de pedir ao governador Vasconcelos seis meninos para si e quatro para Salvany, robustos e sãos, que não tivessem tido varíola nem sido vacinados – Balmis já não os queria tão pequenos como antes –, empreenderam a descida de Caracas até ao porto de La Guaira. Isabel estava com um humor sombrio. Não se separava de Salvany, que agora se mostrava assustado face ao que o esperava, a pele acinzentada de tanta palidez. *Quem lhe serviria de apoio?,* perguntava-se. *Quem lhe prepararia os medicamentos?*

No dia da partida, Balmis deu as últimas instruções ao grupo de Salvany.

– Aconselho-vos a união, a eficácia, que sejais exactos nas operações, e a deferência devida aos chefes, com quem tereis de vos entender – disse Balmis, do alto do casco de uma barca recém-calafetada no porto de La Guaira. – Também vos recomendo que tomeis dois ou três meninos em cada escala, de constituição robusta e não demasiado delicados, pois a experiência comprova que, além de causar muitos incómodos, estão expostos e são perigosos pela sua debilidade e pela facilidade com que o comportamento deles se altera.

Estava a utilizar os mesmos argumentos que Salvany usara na Corunha para que não levasse consigo crianças tão pequenas. Mas Balmis era assim, tinha de se apoderar de tudo. Depois entregou-se a considerações mais científicas: como observar a influência da vacina noutras doenças comuns. Continuava com a ambição de ligar esta viagem com o conjunto das grandes expedições científicas da Espanha do Iluminismo. Não houve nenhum sentimentalismo da sua parte ao despedir-se do grupo.

Balmis tinha os olhos postos na Cidade do México, capital do Vice-Reino da Nova Espanha, a qual abarcava desde a América Central até às distantes terras do Canadá e aos territórios do Texas, Nevada e Novo México. Que a vacinação fosse um êxito ainda maior do que em Caracas dependia agora apenas dele, da sua determinação, inteligência e tacto para ultrapassar os obstáculos burocráticos e culturais que poderiam frustrar a sua missão. Já não teria Salvany para negociar, progredir e convencer os reticentes. Nem para lhe fazer sombra. Nem para roubar o coração de Isabel, a sua protegida.

Em La Guaira, três navios contratados pela expedição esperavam por eles. Num bergantim correio abarrotado de mercadorias com destino aos Estados Unidos e fazendo escala em San Juan, iriam os quatro meninos porto-riquenhos para serem devolvidos aos pais. Três deles estavam vacinados e eufóricos. Tinham vivido uma experiência inesquecível, um conto de fadas que não queriam que acabasse. Desejariam ficar com os galegos, para continuar a jogar às escondidas nos porões e a ser acolhidos como príncipes em cidades desconhecidas. Que em breve estivessem de novo em

contacto com as famílias não lhes servia de consolo. Agora choravam amargamente na coberta do bergantim *El Palomo* enquanto diziam adeus com a mão aos amigos, aos seis novos com quem nunca brincariam, e a Isabel. Ela sentia-se compungida porque Juan Eugenio, desidratado pela febre e pela diarreia, viajava nesse navio. Deitara-o num camarote, tapado com uma manta porque tinha frio. Só esperava que a viagem fosse tranquila para que chegassem o mais depressa possível. Abraçou-o durante muito tempo, deu instruções a um marinheiro para cuidar dele, despediu-se dos outros e voltou para a *María Pita*.

Com a azáfama da estiva, o abastecimento dos navios e a multidão heterogénea ainda mais entusiasmada do que no dia da chegada e que agitava no ar braços e lenços, não pôde despedir-se dos que viajavam no bergantim *San Luis*, o grupo que acabaria por ser conhecido como «a expedição Salvany». A separação era traumática, porque nada une tanto como o sofrimento partilhado. Durante os últimos seis meses tinham passado por tribulações, decepções, surpresas, desgostos e bons momentos. Separavam-se sem saber se voltariam a encontrar-se.

O *San Luis* e a *María Pita* navegaram em paralelo durante longas horas. Isabel e Salvany encontravam-se um e outro na coberta dos seus respectivos navios, apoiados na amurada. A despedida deles foi silenciosa, sem gestos nem abraços. Podiam privá-los da companhia um do outro, da liberdade de decidir, mas não do olhar. Isabel imaginava-o a atravessar rios caudalosos, vales e planícies, a escalar montanhas ciclópicas… Como suportaria isso tudo?, perguntava-se. Ficou com a última imagem do eterno sorriso dele, a barba de três dias que sombreava o rosto magro, e com a recordação da felicidade que a fizera sentir. Tratara-a com bondade e interesse. Dera-lhe calor humano, ternura, tempo e atenções. Mas a felicidade só se aprecia quando se perde. Pouco a pouco, uma sensação de vazio foi tomando conta dela. Apercebia-se do muito que Salvany ocupara o seu coração. Agora ia saber o que era sofrer a solidão. Sozinha, porque aquele que a fizera sonhar e sentir estava a desaparecer no horizonte. Ao cabo de várias horas de navegação, o *San Luis* virou para oeste, rumo à foz do rio Magdalena, e a *María Pita* continuou para Cuba. *Voltaria a vê-lo*?, perguntou-se Isabel. Tinham prometido manter o contacto através dos relatórios que Salvany enviaria para a metrópole e também por carta, graças ao sistema de navios-correio que regularmente uniam os vice-reinos e as capitanias-gerais da América. Quando se meteu no interior do navio, o rosto inundado de lágrimas, disse para si: *Quase prefiro a solidão anterior*.

À noite o vento refrescou. O capitão mandou arriar as velas do mastro principal e da mezena e içar a vela do mastro pequeno colocado sobre o gurupés, antes de rebentar uma tempestade tropical curta e violenta. Cándido era o único passageiro a bordo que se divertia, os raios, os trovões e as ondas enormes pareciam-lhe emocionantes… O navio deslizava veloz, afundando o gurupés na onda, recolhendo água ao erguer-se para voltar a subir empinado até à crista esbranquiçada. A tempestade amainou, mas nos dias seguintes o vento continuou a soprar, sem piedade, sem tréguas.

O mundo que Isabel via a partir da sua vigia era como uma imensa caldeira de leite a ferver que parecia lançar-se sobre o navio, sob um céu tão baixo e escuro que se podia tocar com a mão. A coberta era varrida por tão violentos jactos de água que um marinheiro não conseguia manter-se de pé. De dia e de noite ouvia-se o silvo do vento, o tumulto do mar e o ruído das ondas a quebrar-

se contra o casco. Os marinheiros, os médicos e, claro, Isabel, viviam numa tensão constante, sem poderem descansar; tinham de se deslocar agarrados com força aos cabos de portaló e aos beliches. As crianças estavam aterradas, todas elas choravam, enjoadas. Cándido deixou de ver tudo como uma brincadeira e também foi presa de náuseas e vómitos. O pequeno Benito acabou por ficar meio inconsciente, com a pele fria e espasmos. Os conselhos tradicionais – desde inspirar sais de amoníaco até procurar dirigir o olhar para o horizonte – não resultavam nesse inferno. O pânico de ver o filho assim e a angústia de não o poder aliviar, nem a ele nem aos outros, fez com que também Isabel enjoasse como nunca lhe acontecera, com vertigens e perda de coordenação dos movimentos. Desesperada, chegou a pensar que iriam morrer. *Como se deixara embarcar nessa aventura?*, perguntou-se. Por que se tinha deixado enganar por Balmis, esse homem cruel ávido de glória que nem se aproximara do camarote das crianças? Na realidade, Balmis encontrava-se fechado no seu camarote vivendo a sua agonia, com disenteria e tão enjoado que perdera a consciência. O sobrinho, enfermeiro Francisco Pastor, cuidava dele como podia. Para esses passageiros não havia céu nem estrelas, apenas nuvens baixas e um mar enfurecido. Chegaram a esquecer em que dia da semana ou em que mês estavam, e até como era a vida em terra. A *María Pita* balançava, abanava, caía a pique, gemia por todos os seus cavernames como um animal que estivesse a ser torturado. Lá em baixo, os marinheiros tiravam a água dos porões à luz de uma lanterna de azeite: os seus rostos estavam sujos, a expressão apavorada, exaustos como se estivessem há anos sem dormir, esquecidos do que era estar seco e sentir terra firme debaixo dos pés.

Capítulo 48

Por fim chegaram à maior das Antilhas, não ao lugar que tinham previsto, Santiago de Cuba, mas para onde os ventos os arrastaram, mais a oeste, à bela cidade amuralhada de San Cristóbal de La Habana. A 26 de Maio de 1804, dez dias mais tarde do que inicialmente tinham calculado, a corveta fundeou no meio de uma floresta de mastros e velas de embarcações de todos os tamanhos. Da baía, os exaustos passageiros contemplaram, espantados, a trasfega das barcas que carregavam açúcar, cacau e tabaco nos grandes navios. Apesar de não os esperarem, em breve chegaram os membros da Comissão do Conselho, que puderam comprovar quão debilitada se encontrava a saúde dos expedicionários, em especial a das crianças, que saíram do navio com um aspecto miserável, sujas, apoiando-se umas nas outras, como se fossem sobreviventes de uma batalha. Foram conduzidos para dentro das muralhas, por ruas não empedradas frequentadas por homens e mulheres de cor, muitos deles escravos, até à casa confortável do capitão-general, o marquês de Someruelos, rodeada por um jardim tropical com macacos nas árvores e gaiolas cheias de pássaros de todas as cores. Nesse paraíso foram acolhidos, na presença dos oficiais da guarnição e das famílias mais importantes da cidade, constituídas por fazendeiros e comerciantes espanhóis.

Isabel aceitou com prazer a hospitalidade do marquês e instalou-se com o filho num quarto aberto para o jardim com grandes cortinas que ondulavam com a brisa. Balmis e os outros ficaram alojados nos palacetes dos crioulos ricos, e os meninos no convento das freiras agostinhas, que os alimentavam à base de frutas cozidas com açúcar e pão feito com milho e mandioca. Os marinheiros começaram a reparar a *María Pita* num dos grandes estaleiros, onde se construíam navios para a Armada Real com a madeira das abundantes florestas que povoavam a ilha. Enquanto hóspede na casa do marquês de Someruelos, Isabel era convidada para as múltiplas recepções que aí se ofereciam. Ao princípio sentia-se pouco à vontade porque achava que não fazia parte desse mundo, dessa elite açucareira e negreira de uma ilha que vivia a sua grande época de prosperidade. Também não se sentia próxima do pessoal de serviço, na sua maioria escravos ou libertos. Vivia num limbo social. Mas as pessoas eram muito vivas e afáveis, e as mulheres particularmente hospitaleiras. As de linhagem não a menosprezaram, antes pelo contrário, fizeram tudo para que se sentisse como uma delas. Ali não existiam os preconceitos da Península. Assim, Doña Isabel teve de pôr de lado a saia preta e o lenço de galega e vestir-se com saias amplas de musselina branca, botinas, blusas de tafetá e flores no cabelo, já que a moda do chapéu desaparecera. Sentia-se bem com essa roupa alegre, adaptada ao calor, e causou sensação entre os miúdos na primeira vez que os foi ver. «A reitora disfarçou-se», diziam. Passava tardes inteiras a engomar a roupa dos pequenos, pregando botões, remendando calças ou a ouvi-los. Embora estranhasse a vida social, não tinha outro remédio senão o de aceitar os convites. Balmis apresentava-a como uma mulher excepcional,

sem cuja participação a expedição talvez não tivesse sido possível. Isabel ficava corada e baixava os olhos.

Numa dessas festas, ficou debaixo de olho do sevilhano Don Santiago de la Cuesta Rodríguez, um homem moreno e de feições bem marcadas, com uma barriga proeminente, vestido com um fato de linho branco, chapéu de bombonaça e sapatos de cabedal espanhol, o maior importador de escravos negros de África e também proprietário de uma casa comercial com banco que emprestava dinheiro para a produção açucareira. Don Santiago, que ficara viúvo há pouco, deixou-se seduzir pela altivez natural de Isabel e por uma beleza que a roupa branca realçava. Por ter vindo da Península, a sua presença, o sotaque e as maneiras tornavam-se exóticos. E o sevilhano organizou um jantar em honra dos expedicionários. No fim da refeição, pediu a Isabel que o acompanhasse e levou-a pelos corredores engalanados do palácio até ao jardim. Num edifício contíguo, mostrou-lhe uma colecção de plantas secas, como se fosse a coisa mais extraordinária do mundo.

– O explorador Humboldt foi meu hóspede na viagem que fez a Cuba há dois anos, e deixou-me o seu herbário para que o guarde.

– Ah… – disse Isabel.

O nome de Humboldt não lhe dizia nada, nem entendia tanto fascínio pelas plantas secas. Tinha noção de que esse magnata a tomava por uma mulher viajada, quando não era mais do que uma preceptora, filha de pais muito pobres. O homem aludiu ao sentimento de solidão que o atormentava desde que perdera a esposa, à bondade de partilhar a vida num casal, e falou-lhe dos seus negócios, da importação em massa de negros que trazia de África e dos seus projectos de abrir fábricas para produzir em série roupas para escravos. Nada do que dizia impressionava Isabel, que tinha o pensamento longe dali. Não a impressionavam o alarde de poder e riqueza que fazia Don Santiago com maior ênfase à medida que notava a sua falta de interesse, nem o que contava do receio de ser assassinado pelos escravos durante o sono, como acontecia a todos os nobres americanos escaldados pela revolução dos africanos na vizinha ilha de São Domingos. Isabel não conseguia interessar-se nem pela personagem nem pelo universo que o rodeava. Vira a miséria do bairro dos escravos, no paul. As casinhas de adobe em que conviviam porcos, galinhas e crianças nuas com a pele cheia de chagas lembraram-lhe a miséria da sua infância. Agora o seu coração estava ocupado por Salvany e pelas crianças da expedição. Por isso, também não reagiu com alegria ao receber o magnífico ramo de flores que lhe enviou Don Santiago no dia seguinte, com um bilhete em que lhe declarava o seu amor e lhe prometia um império de felicidade. Armou-se um grande rebuliço entre as mulheres que passavam pela casa do marquês de Someruelos, que a olhavam com admiração, como se tivesse ganho o primeiro prémio da lotaria. E que prémio! O viúvo mais cobiçado da sociedade. Por isso não entenderam quando Isabel lhe respondeu numa carta que lhe agradecia as flores e todas as atenções e lhe explicou que o seu coração não se encontrava disponível. A rejeição não fez mais do que atiçar o orgulho de Don Santiago, que voltou a insistir enviando-lhe o seu caleceiro, um negro vestido com casaca de galões dourados, colete, polainas e chapéu e trazendo pingalim e um pacote nos braços.

– Um presente da parte de Don Santiago – disse o negro.

Isabel abriu-o e viu um leque de ouro e seda bordada com desenhos delicados de teia de aranha.

– Não posso aceitá-lo, devolva-o.

– O senhor pode ficar muito zangado – respondeu o homem.

As mulheres que revoluteavam pela casa deram-lhe o mesmo conselho enquanto admiravam o leque: ninguém fazia uma desfeita a Don Santiago, nem pensar nisso. Isabel compreendeu que esse homem não era como Jerónimo Hijosa, era um cacique acostumado a mandar e a que lhe obedecessem, e a conseguir o que lhe apetecesse… Não baseara o seu império na compra e venda de seres humanos? Isabel estava decidida a não se deixar comprar, por nenhum preço.

Capítulo 49

Em Cuba, não havia apenas a elite imperial das Espanhas, à qual pertencia o marquês de Someruelos. Havia também um punhado de cientistas, alguns no exército, outros descendentes da elite açucareira, como o botânico José Antonio de la Ossa ou o doutor Tomás Romay, médico e cientista de excelente reputação, que Balmis, apesar dos seus problemas de estômago, se apressou a conhecer. Romay contou-lhe que a vacina chegara a Cuba:

– Graças à expedição. Graças a vós.

Balmis, surpreendido, não entendia. Romay explicou-lhe que, perante a ameaça de uma nova epidemia, aproveitara a chegada de uma mulher a Havana, María Bustamante, que Balmis vacinara em Porto Rico, para inocular os filhos dele, e depois, face ao êxito da operação, mais duzentas pessoas. Desta vez Balmis reagiu bem. A vacina chegara, não pela ambição de médicos ou funcionários venais, mas de maneira natural, trazida por uma vacinada sua que um médico inteligente como Romay soubera aproveitar. O método estava a estender-se por si por essa ilha de trezentos mil habitantes – o que não deixava de ser admirável – e Balmis só tinha de organizar bem a Junta de Vacinação. Atirou-se a essa tarefa com a inestimável colaboração do doutor Romay, um homem honesto que actuava com cautela e método e que não escondia a sua admiração por Balmis:

– Estou muito grato por terdes chegado com os vossos ilustres colegas para inspeccionar o meu trabalho e corrigir os meus erros.

Para Balmis, essas palavras soavam-lhe a música celestial. Ambos contavam com o apoio determinado dos bispos, que publicaram éditos exortando os padres a que «contribuíssem para propagar esta feliz descoberta». O de Havana, Don Juan José Díaz de Espada, era um conhecido higienista, que acabaria por inaugurar com Romay o primeiro cemitério fora dos muros da cidade. Das suas conversas entusiasmadas com esses colaboradores e ciente de que a doença chegava com os barcos negreiros, Balmis propôs a Don Santiago de la Cuesta, que representava por si os outros comerciantes de escravos, vacinar cada negro que chegasse ao porto. Don Santiago, depois de ter consultado os colegas, disse que estavam de acordo desde que as despesas ficassem por conta da Fazenda Real. Absteve-se de dizer que as directrizes que tinham os capitães dos seus navios negreiros eram de assassinar de noite o escravo que tivesse contraído a varíola, se se julgava que com isso se podia salvar o resto do navio desse contágio. Balmis escreveu às autoridades de Madrid propondo que se pagasse dois reais por semana aos médicos da Junta de Vacinação para imunizar os escravos. Teria sido uma arma muito eficaz para atalhar o contágio, mas nunca obteve resposta.

Estava à espera de crianças novas para levar a vacina de Havana para o porto de Veracruz. Mas nem o governador nem o capitão-general nem os bispos conseguiram que uns pais lhes oferecessem

os filhos. Os órfãos da roda local eram inúteis porque tinham sido todos vacinados. Então recorreu à especialista, para que fizesse o mesmo que fizera em Porto Rico, percorrer os bairros pobres em busca de portadores.

– Não quero continuar com a expedição – disse-lhe Isabel de repente.

Balmis não respondeu. Era a primeira vez que Isabel o enfrentava; na realidade era a primeira vez na sua vida que se opunha a um superior. Sempre se comportara de maneira submissa em todas as circunstâncias. Com o pai, com Don Cayetano, com os Hijosa; nunca lhe teria passado pela cabeça desafiar ninguém, e ainda menos a quem lhe dava de comer. Era algo que tinha enraizado no mais profundo do seu ser. Mas as pessoas mudam, pensou Balmis ao observar o vestido branco de musselina que ela usava. Lembrou-se então dos mexericos que relacionavam Isabel com Don Santiago e imaginou o pior dos cenários: «Encontrou um pretendente rico, e por isso quer ficar aqui…» Agora teria de pagar por tê-la afastado de Salvany. Don Santiago, com todo o seu poder, conseguia roubar-lhe a peça essencial da expedição. Se era esse o caso, era gravíssimo. Demasiado grave para dar rédea solta ao seu mau génio. Fez um esforço para se controlar.

– Chegaram até mim falatórios, já sabeis como é, as pessoas comentam que Don Santiago vos corteja, que até vos ofereceu objectos de grande valor… Imagino que haveis cedido às suas pretensões.

– Ainda não, doutor.

Balmis sentiu o sangue a gelar-se ao ouvir esse «ainda». Isabel acrescentou:

– Não sou uma presa fácil, embora penseis o contrário.

– Nunca o pensei…

– Mas agistes como se o pensásseis… quando eu só vos queria trazer consolo.

Uma quantidade de tiques deixou-o sem palavras.

– Peço-vos… peço-vos desculpa.

– Demasiado tarde – murmurou.

Instalou-se um silêncio incómodo entre eles.

– E então, essa história com Don Santiago? – Isabel nem se dignou responder-lhe. Balmis prosseguiu. – Compreendo que tivemos uns dias de viagem muito duros, Isabel. E é natural que nos tenha acontecido depois de tanto navegarmos, é a lei das probabilidades, mas isso não significa que…

– Não é por isso que quero largar a expedição.

Balmis olhou-a com ar inquiridor. Isabel sustentou esse olhar:

– Acaba de chegar a notícia de que Juan Eugenio morreu no trajecto para Porto Rico.

O médico deixou que se fizesse um longo silêncio. Depois disse:

– Deus o guarde. Também a eles o temporal os deve ter espancado. Esse rapazinho estava mal desde que partiu.

Isabel deixou escapar um riso nervoso. O comentário do médico pareceu-lhe o cúmulo do cinismo.

– Eu disse-vos que se devia deixá-lo em terra e vós fizestes questão que ele viesse. Nem pudemos vaciná-lo.

– À sua maneira contribuiu para a grandeza da expedição. Deus terá isso em conta.

– A mim, Deus não mo perdoará.

– Sim, fá-lo-á. A culpa não foi vossa. – O médico continuou a murmurar palavras ininteligíveis. Isabel esperou que ele terminasse. – Em todo o caso, foi minha.

Isabel estranhou essa confissão repentina; parecia um vislumbre de nobreza, mas descartou a ideia: esse homem vivia mergulhado na sua vaidade.

– Lembrais-vos desse menino que adoeceu na viagem de Madrid para a Corunha? – disse Balmis. – Cuidastes logo dele, deixando-nos todos ali plantados.

– Sim, chamava-se Andresito.

– Soube que morreu no caminho de regresso à Corunha. Não vos quis dizer para não vos perturbar.

Isabel estremeceu.

– A morte de Juan Eugenio podia ter sido evitada, senhor. Bastava que não fosse trazido para bordo.

– Faltava-nos um… Fi-lo por uma questão de segurança.

– Seria por segurança vossa, não do menino.

– Por segurança da expedição – disse ele, um pouco exasperado. Irritava-o que um subalterno o criticasse. – É muito provável que de qualquer modo esse menino viesse a falecer, quer o levássemos connosco, quer o deixássemos em Porto Rico.

– Então, se sabíeis disso, por que não me destes ouvidos? Que um menino morra, doutor… é algo que não aguento… não estou aqui para que eles morram.

Balmis nunca tinha visto Isabel tão nervosa.

– Não sou como vós, que não sabeis o que são as crianças – continuou Isabel a dizer. – Não sabeis o que significa dar tudo por um filho, tudo, até a vida. Quando acordastes de noite para consolar um filho? Quando preferistes morrer do que acontecer alguma coisa a esse ser inocente que depende de vós? Nunca. Para vós, as crianças são como fichas num jogo… num jogo mortal. Por isso não deveis pedir-me para que vos encontre mais crianças.

Isabel tinha os punhos cerrados. Há vários dias que se encontrava meio furiosa meio melancólica, desde que vira Salvany a afastar-se, de pé e na amurada do *San Luis*. *Onde estaria agora?*, perguntava-se. *Teria encontrado a mesma tempestade? Estaria a vacinar indígenas?* Como teria gostado de o acompanhar, e não ao irascível e manipulador Balmis! Pela primeira vez, sentia fervilhar no seu foro íntimo a revolta contra a sua sorte.

– Isabel, peço-vos que vos acalmeis e para reflectirdes – disse-lhe Balmis. – Sempre, até agora, tendes vindo a subir na vida… Abandonastes a vossa aldeia, deixastes de servir, sois uma empregada com salário, e agora estais a partici…

Isabel tapou os ouvidos. Não queria voltar a ouvir Balmis a comentar-lhe as vantagens de fazer parte da expedição. Não aguentava mais o mesmo discurso.

– Por favor, senhor, não continueis!

Se para Balmis o fim justificava os meios, para Isabel não era assim. Podia suportar tudo, o mau carácter e as arbitrariedades do director, as maneiras grosseiras dos marinheiros, a falta de

privacidade, as horas intermináveis no navio, a sobrecarga de trabalho, as adulações presunçosas do maior negreiro de Cuba, mas não aguentava a morte de crianças que se encontravam sob a sua responsabilidade.

– Quero regressar a Espanha – acabou por dizer.

Balmis não sabia bem como lidar com esse tipo de crise, nem a tinha previsto. Deduzia que devia manter o sangue-frio, e usar o pouco tacto que possuía.

– E enquanto tentais arranjar um navio… Onde vivereis?

– Ficarei a ajudar o doutor Romay a vacinar, por exemplo. Ou trabalharei no hospício, ou no bispado.

Balmis não indagou mais. A dureza da viagem estava a fazer as suas vítimas, pensou, embora ainda lhe restasse a dúvida de que Isabel tivesse caído nas garras de Don Santiago, um homem poderoso, capaz não só de lhe dar a segurança na vida pela qual todas as mulheres anseiam, como também de influenciar o seu pensamento para a desviar da sua obrigação.

Após um longo silêncio, Balmis disse:

– As baixas são inevitáveis numa empresa como a nossa, tal como os acidentes, porque estamos a percorrer um caminho que nunca antes foi seguido, e ainda por cima com seres frágeis. Não temos guia nem patrono que nos possa orientar. Por isso há fracassos e continuará a haver. Mas o resultado final é que conta. Disso responderemos diante de Deus.

E afastou-se, com o seu andar um pouco desajeitado e contraindo o pescoço.

Como bom estratega, Balmis deixou passar uns dias antes de voltar a vê-la. Isabel, cada vez mais sufocada pela insistência do magnata, sentindo saudades de Salvany e destroçada pela morte desses dois meninos, mergulhou na tristeza. Para lutar contra o calor e a melancolia deitava-se na cama de rede, fechava os olhos, imaginava o ar fresco da sua terra e a chuva fina a refrescar-lhe o rosto. Ou recordava intensamente os dias de sol no Inverno, tão inesperados e melhores do que os dias de Verão porque se sabia que não podiam durar. Era capaz de se concentrar nos cheiros da panela fumegante nos lares da Galiza, no som dos cascos de cavalo nas pedras da calçada da Calle Real, na enorme praia coroada pela Torre de Hércules. A nostalgia deixava-a desanimada.

Entretanto, Balmis enviava pedidos e solicitações formais aos bispos e demais instituições para conseguir arranjar crianças, mas três semanas mais tarde ainda não conseguira nenhuma. Tinha pressa de partir porque previa um triunfo muito maior na Nova Espanha, por isso aceitou a proposta do mordomo da casa onde se encontrava hospedado, Lorenzo Vidat, que o convenceu a que comprasse três jovens escravas negras. A mais velha não teria mais de dez anos.

– É um bom negócio comprá-las aqui e vendê-las em Veracruz, podereis ganhar cinquenta pesos por cada uma – dissera-lhe Vidat.

Balmis examinou-as cuidadosamente; achou-as saudáveis e livres de pústulas. Mesmo assim, faltava-lhe uma quarta criança para assegurar o transporte da vacina. Aconselhado pelo marquês de Someruelos, foi ao quartel para procurar um recruta jovem e conseguiu convencer um pequeno «tambor» do regimento de Cuba, chamado Miguel José Romero, a juntar-se ao grupo.

Quando tudo estava pronto, mandou chamar Isabel. E foi sincero com ela:

– Suplico-vos: não me deixeis sozinho agora, a tomar conta de todas as crianças que têm de regressar a Espanha. Falta pouco para chegarmos ao México, peço-vos um pouco mais de paciência. O vice-rei irá receber-nos com todas as honras, já está avisado da nossa chegada pelo ministro Godoy. Lá será tudo mais fácil, resolveremos todos os problemas. Mas até lá suplico-vos que continueis connosco.

– E que morram mais crianças? Utilizais os meninos mais indefesos e pobres para a vossa glória.

Isabel arrependeu-se logo de lhe ter dito o que pensava. *Como podia ter assestado semelhante estocada em Balmis, depois de tudo o que já lhe dissera?*, perguntou-se assustada. O médico, ferido no seu orgulho, esboçou um esgar de mágoa.

– Não é para a minha glória, é para a glória de Espanha, do nosso rei e da humanidade.

Isabel não se atreveu a continuar a discutir. Fez-se um longo silêncio, que por fim Balmis interrompeu. Com um tom de voz seco e profissional que nunca usara com ela, disse-lhe:

– Lembro-vos que o compromisso que assumistes com a expedição termina quando chegardes às Filipinas e as crianças que trazemos agora tiverem sido devolvidas aos pais ou então colocadas em famílias da Nova Espanha.

A seguir, Balmis fez uma vénia breve, deu meia volta e foi-se embora. Isabel ficou a pensar durante um longo momento. A personalidade de Balmis enojava-a, apesar de se mostrar tão amável quando a apresentava a estranhos. Odiava que se tivesse desligado de Salvany antes do que fora combinado. Odiava que a tivesse obrigado a embarcar aquele rapazinho doente. Por outro lado, a sombra alongada do magnata negreiro causava-lhe inquietação. Não se imaginava de braço dado com esse homem que não admirava, por muito dinheiro que tivesse, nem amava. A ideia de continuar com Balmis causava-lhe repulsa; a de ficar em Havana à mercê do homem mais poderoso da ilha metia-lhe medo. Estava encurralada.

Capítulo 50

Durante a travessia do Atlântico, apesar de discordar de Balmis e de não ter especial simpatia por ele, Josep Salvany mantivera-se num confortável segundo plano graças ao dom de comando, à capacidade organizadora e à forte personalidade do director. Só tinha de o substituir em certas ocasiões. Mas agora todo o peso da organização recaía sobre os seus ombros.

Enquanto responsável em última instância pela expedição que agora chefiava, tinha todos os elementos sob o seu controlo, e com Grajales como ajudante, Lozano como auxiliar e Bolaños como enfermeiro, sabia que as quatro crianças mestiças que trazia no navio estariam bem cuidadas e vigiadas. Mas o que Salvany não podia controlar era a natureza desconhecida e mutável da costa caribenha. Às zero horas e quatro minutos da noite de 13 de Maio de 1804, cinco dias depois de ter zarpado de La Guaira, o *San Luis* navegava perto de Barranquilla quando Salvany, os seus ajudantes, as crianças e a tripulação, que dormiam, foram sacudidos nos seus beliches com uma força descomunal. O estrondo foi enorme, seguido por sacudidelas parecidas com as de um terramoto. O navio dava fortes solavancos como se fosse partir-se em mil pedaços, de nada servia agarrar-se aos cabos de portaló ou aos corrimãos, tal era a força das sacudidelas. Ouviam os móveis a chocar uns contra os outros, a louça a partir-se, gritos e choros. Grajales sentiu um líquido quente a escorrer pela cabeça, tocou no cabelo e viu a mão cheia de sangue. Um dos meninos perdeu os sentidos devido à pancada que deu com a cabeça e os outros gritavam de pavor.

– Encalhámos! – gritou um marinheiro.

– O que fazemos?

– Esperar para ver o que diz o capitão.

Nesse instante o navio inclinou-se e tombou para bombordo como uma velha baleia ferida. Homens e objectos rolaram, batendo uns nos outros e contra as paredes. Depois desse caos, o navio ficou imóvel antes de soltar o último suspiro. Salvany recebeu um forte impacte na testa que o magoou: era uma caçarola de ferro fundido. Nesse momento ouviu-se o grito de um marinheiro:

– Entrada de água!

– Estamos a naufragar! – gritou o capitão pelo megafone. – Todos fora do navio!

Tinham encalhado num banco de areia e rochas na foz do rio Magdalena, um lugar particularmente perigoso porque a profundidade da água variava.

Era uma noite negra. Os marinheiros soltaram as amarras das lanchas salva-vidas e em poucos minutos organizaram a evacuação. Um dos miúdos não queria sair dali, agarrava-se ao beliche, aterrado. O enfermeiro Bolaños teve de o arrancar dali à força e arrastá-lo pelos cabelos até o entregar a um marinheiro que o meteu na lancha. Não havia tempo para ser atencioso, para tomar precauções, para convencer nem para esperar para ver como acabaria tudo. Salvany e Grajales

tentavam recuperar os instrumentos de vacinação na escuridão do seu camarote até que tiveram de sair dali face à ameaça da água que subia.

Lá fora, o panorama era desolador. O navio estava desconjuntado, as velas dos seus três mastros feitas em farrapos e batendo contra o mar, os aparelhos rangiam, os cordames, as enxárcias e escotas formavam um amassado inextricável. As duas lanchas estavam cheias, não cabia ali nem uma alma. Mas os quatro meninos iam lá dentro. Um marinheiro fez sinal a Salvany para que saltasse para dentro da lancha, mas este recusou-se.

– Saltai, Grajales! – ordenou.

– Saltai vós, Salvany. Eu fico aqui.

– Ficais? À espera da morte? Não, Grajales, ordeno-vos que salteis já para a lancha. Se há alguém que tem de morrer, serei eu, que já estou meio morto. Vamos, saí daqui!

E Salvany empurrou-o. Ainda faltava salvar muitos dos restantes, incluindo o capitão, que observava tudo com a resignação do marinheiro profissional que aceita o facto de que já está morto. *Qual era a solução?*, interrogava-se Salvany, *atirar-se ao mar em plena noite?* Encontravam-se perto da costa; muito ao longe vislumbravam-se as luzes da povoação de Barranquilla, mas não tão perto para se poder chegar a nado. Alguns puseram-se a rezar; outros mantiveram-se impassíveis, aguardando o pior.

– Navio a estibordo! – gritou de repente um marinheiro.

Ao virarem-se para lá, viram na semiescuridão um navio que avançava para eles. Essa aparição mágica era o *Nancy*, um navio de corso comandado pelo tenente Vicente Varela, que navegava por essa parte do rio e que fora testemunha da desgraça do *San Luis*. Os seus marinheiros pensaram primeiro em voltar a pôr a flutuar o navio encalhado, mas desistiram ao ver os destroços. Dedicaram-se então a resgatar o resto dos passageiros, a equipagem e grande parte do material médico. Nas suas lanchas salva-vidas chegaram a uma praia deserta a barlavento de Cartagena, onde desembarcaram os náufragos. Varados na praia, enquanto davam graças a Deus por não ter havido perda de vidas humanas, viram os homens que os tinham salvado a regressarem ao seu navio, que se preparava para zarpar.

Esse acidente significava o fim da expedição a seu cargo?, interrogava-se Salvany. *Pior… o fim das suas vidas? Tudo apontava para que fosse assim.* Estavam perdidos, longe do percurso estabelecido por Balmis. O jovem médico começou logo a socorrer os feridos, que eram numerosos.

– Que se passa convosco, Salvany? – perguntou um deles.

– A mim? Nada.

– Sim, vede – disse-lhe, apontando para a testa dele.

Salvany passou a mão pela cara. Sangrava por cima do olho. Mas não sentia nada: a preocupação de que não se perdessem as pústulas dos rapazes e a sua insubstituível transmissão, assim como a grande perda de bens materiais, atormentavam-no mais do que a dor, a fome e a sede.

Na manhã seguinte veio ter com eles um bando de zambos (mistura de índios e de negros), meio nus, que olharam esses despojos humanos com compaixão.

– Barco…? – E fizeram um gesto de afundamento.

– Sim, sim, barco partido, afundado, na merda. Nós, água… – disse Grajales, e fez um sinal para indicar que tinham sede. – Perdemos tudo, tudo.

– Siga até nossa aldeia, que fica atrás da praia – disse um dos zambos.

Levaram-nos para as suas cabanas e deram-lhes água fresca, farinha de mandioca e frutas. Salvany sentia-se aliviado com o facto de a expedição se ter salvo. Agora precisavam de chegar a Cartagena o mais depressa possível.

– Nós vamos guiar-vos – disse um zambo –, mas terão de pagar… – E fez o gesto de sacudir uma bolsa de moedas.

– Não temos nada.

– Sem dinheiro, ficamos aqui.

Nesse momento chegaram quatro deles transportando uma tartaruga enorme aos ombros.

Cortaram a tartaruga em pedaços e puseram-nos a ferver numa caçarola enegrecida e abaulada. Tiveram de a comer assim fervida enquanto negociavam o pagamento.

– Branco diz sempre que paga… O zambo acredita, o zambo trabalha, o zambo guia o branco… e depois?

Salvany e os enfermeiros olhavam para ele com olhos arregalados e um pedaço de tartaruga na mão. O homem continuou:

– E depois o branco nunca paga.

– Diga-lhe que sim, que sim – disse Salvany, nervoso –, que lhe pagaremos quando chegarmos lá, que trazemos uma incumbência do rei de Espanha, que não somos corsários nem foragidos, somos pessoas de bem.

– Pessoas de bem? E como quer que ele acredite em mim? – respondeu-lhe Grajales.

Após uma negociação que durou duas horas e que exasperou Salvany, os zambos aceitaram como oferta os objectos resgatados do navio.

Guiados pelos indígenas, atravessaram primeiro terras de brejos e depois pântanos, sofrendo «os rigores do clima ingrato e o cruel martírio de diversos insectos», como Salvany deixou escrito.

No dia 18 de Maio, quatro dias depois do naufrágio, atravessaram as portas de Cartagena das Índias, a maior cidade do vice-reino de Nova Granada, onde foram recebidos como um exército derrotado após uma batalha. Para Salvany, Cartagena pareceu-lhe uma cidade magnífica, uma jóia rodeada por muralhas que encerravam esplêndidas igrejas e conventos, parques floridos e casas comerciais, desde o impressionante forte de San Fernando até ao hospital da Obra Pia. Muitos pensaram que tinha sido Deus, na sua infinita misericórdia, quem salvara a expedição. Salvany, Grajales e os seus ajudantes sabiam que estavam vivos graças ao facto de os nativos terem sabido guiá-los. Por isso, depois de lhes pagarem, convidaram-nos para a catedral, onde se celebrou um solene *Te Deum*, e participaram em todos os festejos e recepções organizados pelo governador e pelo bispo, com as personalidades mais influentes da cidade que, reunidos no poderoso tribunal de comércio de Cartagena anunciaram que assumiriam todas as despesas de estada e manutenção da expedição. Foi uma recepção apoteótica, dessas que teriam agradado a Balmis, pensou Salvany.

Como todos os membros da expedição tinham adoecido em consequência do naufrágio, a maioria recuperava no hospital. Como sentia a falta de Isabel! Ainda que, na sua generosidade, pensasse que era melhor que ela se tivesse livrado do naufrágio e de todas as calamidades sofridas. Alheio a todos os danos que a ferida na testa lhe estava a causar, Salvany dedicou-se a vacinar, começando pelos nativos que os tinham salvado. Contou com o apoio determinado e eficaz do governador, que lhe facilitou a tarefa, já que o território sob a sua autoridade vivia sempre sob a ameaça de epidemia. Salvany e o seu grupo vacinaram mais de duas mil pessoas só em Cartagena. Depois deu instruções a dois frades betlemitas e enviou um deles com quatro crianças para o Panamá e outro para Buenos Aires, com a vacina entre placas de vidro. Também fez inocular algumas vacas para conservar o pus e para que este adquirisse novo vigor. Organizaram uma Junta de Saúde com instruções simples e fáceis de seguir. As sessões deviam ser feitas semanalmente e cada comissário de bairro tinha de apresentar uma criança de nove em nove dias para se conservar o fluido.

Os rapazinhos que trouxera de La Guaira tardavam a recompor-se das suas diarreias constantes, e como Salvany queria continuar e chegar a Santa Fé de Bogotá, pediu dez crianças ao orfanato de Cartagena para transportar a vacina.

A 24 de Julho de 1804 partiram com grande pompa de Cartagena, abençoados pelo bispo e aclamados pela população. O governador entregou-lhe os documentos que ordenavam às autoridades das povoações por onde passassem que os ajudassem em tudo o que precisassem. Elogiou o zelo, a actividade incessante e o esmero de Salvany. Depois os expedicionários iniciaram a subida do rio Magdalena em sampanas, e nestas embarcações ligeiras com tectos de canas navegaram rumo à savana baixa e húmida, a antecâmara da selva.

Capítulo 51

Salvany estava exausto, física e moralmente. Apesar do êxito de Cartagena, dava-se conta da magnitude da tarefa.

– É muito território para apenas quatro homens – disse a Grajales.

– A única coisa que podemos fazer é formar a maior quantidade de pessoas, religiosos, enfermeiros, mulheres, militares… e que cada um deles vá formando outros…

– Mesmo assim… Receio que sendo nós um punhado de homens com meios escassos não cheguemos para vacinar um império.

Mompox fez-lhes uma recepção espectacular. Quase todos os habitantes se encontravam nos cais do rio para aclamá-los enquanto repicavam os sinos das igrejas. Tinham muito presente a lembrança da última epidemia de varíola. Quebrara a actividade da cidade, conhecida pela qualidade das jóias que os ourives moldavam em ouro e pela excelência dos objectos de barro e de louça vidrada dos seus oleiros. Para delícia de crianças e adultos, essa epidemia não afectara a qualidade dos seus doces, geleias e frutas de conserva. Era uma cidade florescente, com um colégio famoso em que se podia estudar gramática latina e filosofia.

Aí descansaram uns dias. Salvany não pôde retomar as vacinações porque se viu afectado por uma súbita surdez em ambos os ouvidos, o que, juntando-se às enxaquecas causadas pela ferida por cima do olho, o deixou prostrado.

– Enganei-me ao pensar que a minha saúde melhoraria nestas paragens.

– Muito desesperado devíeis sentir-vos ao acreditardes em todas essas patranhas sobre a bondade do clima… A América é grande, cabem aqui todos os climas.

– No fundo, não quis informar-me melhor porque isso implicaria acabar com a última esperança de me curar. Às vezes deixamo-nos enganar pela nossa fantasia. Não sabia o que era o calor antes de chegar aqui.

Tudo menos ter de enfrentar a irreversibilidade da doença, a perspectiva da morte. Enquanto a sua equipa vacinava a cidade inteira, Salvany jazia num catre do vicariato da Igreja de Santo Domingo, na Calle Real del Medio, onde se concentravam belos edifícios de estilo sevilhano. A surdez acrescentava o isolamento à solidão, o desespero à impotência. Era uma porta que se fechava…

– Qual dos meus sentidos será o seguinte? – interrogava-se Salvany nas angustiantes noites de insónia. – A visão? O tacto?… E assim por diante até desaparecer do mundo dos vivos?

Não ouvia o voo ameaçador dos mosquitos; só quando os via pousar num braço ou numa perna é que os esmagava com uma palmada.

– Deixai-me viver mais um ano, Senhor, mais um mês, mais um dia, e depois outro e outro… Deixai-me viver até que possa terminar esta missão.

Sentia saudades, mais do que nunca, da companhia de Isabel, das suas palavras de terna amizade pronunciadas com doçura, da sua presença reconfortante, dos seus conselhos cheios do senso comum das camponesas galegas. Via-a como um arco-íris dentro do túnel da sua solidão. *Se sobreviver*, dizia para si, *irei buscá-la…* Era um projecto improvável, mas ajudava-o a seguir em frente. Não ouviu as pancadas na porta nem os passos do padre e do enfermeiro Bolaños, que vinham acompanhados por um médico local, de maleta na mão. Salvany teve um sobressalto ao vê-los. O médico sorriu-lhe e disse-lhe algo que não ouviu, tirou os instrumentos da maleta e examinou-o. Depois concentrou-se nos ouvidos.

– Infecção auditiva, é preciso limpar bem o canal.

E deitou mãos à obra, delicadamente. De repente, começou a sair do ouvido de Salvany um líquido amarelado que o médico limpou com gazes. Saía aos borbotões. Repetiu a operação no outro ouvido; parecia irreal que coubesse tanto líquido nos ouvidos.

– Trouxemos-vos goiaba em conserva.

Foi a primeira coisa que ouviu, por cima de um silvo ininterrupto e dos tampões de algodão que o médico lhe tinha posto. Sorriu. A vida continuava. Lá fora, um zambo cantarolava:

O branco morre rezando,
o negro morre chorando,
e o índio morre somente…

Para ganhar tempo e abarcar maior parte do território, Salvany resolveu desdobrar a sua equipa até Santa Fé. Enviou o ajudante Grajales, um toledano que estudara filosofia, medicina prática e cirurgia, considerado pelo resto da equipa como «muito humanitário» e um pouco louco, e o enfermeiro Lozano por terra, enquanto ele e o enfermeiro Bolaños seguiriam rio acima, parando para vacinar nas aldeias das margens. No relatório que Salvany redigiu, escreveu com a sua proverbial ânsia de precisão qual fora a impressionante quantidade de vacinados. «Foram 24410, sem se observar neles o mais ligeiro incidente.»

À medida que subiam o rio, sempre bordejando a margem para evitar as fortes correntes do centro, a selva ia-se tornando mais densa. Vista de longe, era um oceano negro e verde, aborrecido e fascinante, mais impenetrável do que o mar. As copas das árvores eram tão altas que se uniam aprisionando o rio, impedindo que os raios de Sol atravessassem a folhagem. Salvany compreendia agora o espanto de que deixaram registo nos seus cadernos de bordo os viajantes antigos que se tinham aventurado nas profundezas da selva tropical.

Perto dos lugares onde acampavam para passar a noite, viu nenúfares com um metro de diâmetro, escaravelhos do tamanho da lanceta que utilizava para vacinar, castanheiros da altura dos campanários das catedrais. Viu trepadeiras que pareciam serpentes e serpentes que adoptavam a forma de trepadeiras. Pôs-se a contar espécies diferentes numa árvore caída e parou, cansado, ao chegar às quarenta.

– Não existe a menor concavidade que não esteja habitada por alguma forma de vida – observou antes de se perguntar: – Quantos seres invisíveis estarei a esmagar de cada vez que dou um passo na selva?

Durante essa viagem, viu nuvens de borboletas de todas as cores que pousavam na areia de uma praia, bandos de papagaios que voavam sobre esse feroz enxame de árvores e plantas exóticas. De vez em quando, mestiços e remadores que viviam do contrabando saudavam-nos da margem. O que se tornava indescritível era o calor do meio-dia, quando tinham de parar e já não estavam protegidos pela brisa causada pela deslocação da sampana. Calor, humidade e mosquitos tornavam esse paraíso uma armadilha diabólica. Depois havia a água, omnipresente, porque os aguaceiros não paravam. Alternavam com furacões, que sacudiam as folhas das árvores com violência descomunal, quebrando ramos e lançando-os ao ar como projécteis. Nada ficava seco. Nem pendurando a roupa perto da fogueira, de noite, conseguiam que secasse.

– Devíamos parar e reparar a sampana – sugeriu o marinheiro.

– É melhor não pararmos até chegarmos a uma povoação importante… – disse Bolaños.

– Não quero naufragar outra vez – respondeu Salvany. – É melhor pararmos, se julgais conveniente.

– Se deixar de chover, é melhor chegarmos a Nares, nestas aldeias da região não encontraremos bom material para as reparações.

Chegaram a Nares ao anoitecer. Qual não foi a surpresa de Salvany quando, assim que desembarcaram da sampana, viu que no cais havia seis homens e duas crianças que os esperavam. Um deles chamou-o pelo nome.

– Doutor Salvany?

– Sim, sou eu.

– Há dois dias que esperamos por vossa mercê… Viemos de Medellín.

– Correram um grande risco, quase não chegávamos cá… A que se deve a vossa presença?

– Enviou-nos o doutor Gómez, de Medellín, é para que, bom… para que vossa mercê nos transmita…

O homem entregou um papel a Salvany. Era uma mensagem do doutor Gómez pedindo-lhe fluido de vacinação.

– Há muita varíola por aí, senhor…

– Bolaños, a fama precede-nos – disse ao ajudante com evidente satisfação. – Vamos preparar-lhes um frasco com soro.

Uma vez reparada a sampana, seguiram viagem, mas Salvany estava cada dia mais debilitado. Na cidade de Honda, onde vacinaram duas mil pessoas, perdeu quase a visão no olho esquerdo, aquele que recebera uma pancada durante o naufrágio. No seu diário escreveu: «Consegui apenas verificar as duas primeiras vacinações devido a ter ficado cego, pelo muito calor do clima e das luzes que são necessárias para a operação…»

Forçado a parar de novo, Salvany voltou a recear o pior. A febre, com o calor e a humidade, causou-lhe ataques de asma, e tinha a impressão de viver num banho de vapor em que sufocava. Escreveu ao vice-rei Antonio Amar y Borbón mencionando o agravamento das suas maleitas. Teve de começar várias vezes a carta porque os pingos de suor borravam a tinta. O papel amolecia e desfazia-se. Um silvo acompanhava a sua respiração quando escrevia, como se quisesse descarregar culpabilidade: «As doenças e os acidentes encarniçam-se sobre mim.» Em Santa Fé de Bogotá, o vice-rei ficou alarmado. Receando que a vacina não chegasse à capital do vice-reino, enviou um médico com o material necessário para tratar Salvany, acompanhado por várias crianças, para que transportassem o fluido se o médico viesse a falecer.

Salvany não morreu nesse dia, mas perdeu para sempre a visão no olho esquerdo. Despediram-se do rio e iniciaram a subida pelos contrafortes dos Andes. Que bom foi deixar esse calor malsão, paralisante e opressor! Os mosquitos deixaram de atacar e Salvany pôde respirar ar fresco, que lhe dava a sensação de beber. Mas depressa o ar se tornou frio e, mais acima, rarefeito devido à falta de oxigénio. O cansaço passou a ser a sensação dominante, como antes fora o calor. Um esgotamento que atrasava a marcha. Os guias nativos ensinaram-lhes a combater o mal das alturas à base de compotas e chocolates.

A 18 de Dezembro de 1804, mesmo antes de entrarem em Santa Fé de Bogotá, reencontraram-se com Grajales e Lozano, que tinham chegado ali na véspera. Ver Salvany com vida encheu-os de emoção, não só porque temiam pelos seus achaques mas também porque tinham por ele um sincero apreço misturado com a admiração. Nunca tivera um gesto desagradável, uma resposta torta para os seus subordinados, como era habitual em Balmis. Salvany engrandecia com a adversidade, quanto mais doente estava, mais valentia e fortaleza demonstrava.

Foram recebidos de maneira entusiástica pela população. A partir das igrejas, os cónegos exaltaram o sacrifício dos expedicionários e recomendaram a utilização da vacina. O vice-rei ofereceu-lhe uma sala do Hospital San Juan de Dios, mas Salvany rejeitou-a:

– Excelência, receio que não seja bom que o povo relacione a vacina com a ideia de doença e de morte.

A primeira coisa que fez, para dar o exemplo, foi vacinar o vice-rei e toda a família deste. E não só criou uma Junta de Vacinação como a sua ambição foi mais além: constituiu uma Junta de Saúde, cuja finalidade era cuidar da saúde pública em geral, porque, além da varíola, havia ali outras doenças mortais, como a febre-amarela. Quando partiram de Santa Fé de Bogotá, a 8 de Março de 1805, quase oito meses depois de terem saído de Cartagena, a Junta Municipal de Sanidade e Higiene calculou que se tinha feito a assombrosa quantidade de 53327 vacinações.

Capítulo 52

Quando o vulcão da sua ira contra Balmis se foi pouco a pouco extinguindo, Isabel Zendal imaginou-se de volta ao mundo que deixara para trás, recordou o mal-estar de se sentir mãe solteira, os preconceitos que sofria o filho por ser filho natural e a vida obscura e cheia de carências do orfanato da Corunha. Não queria voltar para lá, embora Jerónimo Hijosa lhe fosse agradecer se o fizesse, tinha a certeza disso. Além disso, ficar em Cuba à espera de um navio para regressar a Espanha significava ficar à mercê de Don Santiago.

Havia ainda uma terceira razão. Não se rompia um compromisso, e Balmis cumprira a sua parte: tornara-a «doña Isabel». Que teriam pensado Ignacia, ou Jacobo, que sempre lhe tinham ensinado o valor da palavra dada? Ou Salvany? Tinham chegado notícias da viagem atribulada deste, do naufrágio e da sua chegada a Santa Fé de Bogotá. Mas eram notícias oficiais, não havia nelas nada de pessoal, excepto a referência às muitas tribulações sofridas. Não havia baixas, era o mais importante. Sim, que diria Salvany se ela quebrasse o seu compromisso com a expedição? Agir contra Balmis era o mesmo que agir contra Salvany, contra a mãe, morta com varíola, contra Doña María Josefa Hijosa, contra todas as vítimas do mal que tinham marcado a sua vida. Era também fazê-lo contra esses dois madrilenos, doze corunheses e cinco compostelanos infernais aos quais dedicara tanto tempo e energia. O seu compromisso estava onde se encontrava o seu coração, e o seu coração estava com eles e com a expedição.

Balmis soltou um profundo suspiro quando a viu, rodeada por crianças, na embarcação que as trazia até onde se encontrava fundeada a *María Pita*. *Graças a Deus não caiu nos braços do magnata Santiago*, pensou. Mal se cumprimentaram quando Isabel voltou a tomar posse do seu espaço. Acabava-se a boa vida. Como despedida, o marquês de Someruelos convidara-a para jantar na véspera, com a esposa dele e as amigas que lhe tinham mudado a maneira de vestir. Nunca mais andaria de preto. A Galiza ficava muito longe dali. Foi um jantar à luz de velas no magnífico jardim, servido por criados de libré. O facto de ter rejeitado o homem mais poderoso de Havana tornava-a interessante, até misteriosa para uns; outros pensavam que era uma galega pouco esperta que não sabia aproveitar as oportunidades. Em qualquer dos casos, era uma mulher difícil de classificar. Como podia alguém adivinhar o que acontecia nos meandros do seu coração?

Quando na coberta da *María Pita* Isabel viu chegar a nova fornada, as três meninas escravas e o pequeno tambor, caiu-lhe a alma aos pés. As três vinham de mãos dadas e choravam porque não queriam largar as famílias.

– Regressareis em breve, no mesmo navio… – disse-lhes à maneira de consolo.

Era uma mentira piedosa, porque essas meninas eram mercadoria e sabia que Balmis teria de recuperar o seu dinheiro e vendê-las ao melhor licitador.

Assim que zarparam, Balmis vacinou duas delas. Estavam aterradas quando lhes fez a incisão com uma lanceta. Por muitas explicações que lhes dessem, as pobres pequenas julgavam que lhes estavam a fazer magia negra. Isabel consolou-as e protegeu-as, acomodando-as no seu camarote e não deixou de as vigiar durante toda a viagem, para as proteger dos olhares lascivos dos marinheiros. O navio navegava com um vento fraco de popa, o que aumentava a sensação de calor. O ar sufocante e o balançar da nave minaram o moral de todos.

Uns miúdos, aborrecidos e cansados, começaram a meter-se com o pequeno tambor, um mulato magro como um espeto que se movia dançando como se estivesse a acompanhar o ritmo do seu tambor.

– Tu não és negro, és branco como nós, repara, vais ver.

Empurraram-no para o porão e esconderam-no perto da sentina. Por uma vez, nem Cándido de la Caridad nem Benito faziam parte dessa selvajaria. Quem tomou a iniciativa foi um rapazito chamado Gonzalo, que até então nunca se tinha destacado pelo mau comportamento.

– Agora o chefe sou eu – disse ele, imitando Cándido e aproximando-se do rapaz com um bocado de estopa na mão. – Vou-te tirar a cor.

Esfregou-lhe a estopa na cara enquanto outros miúdos o seguravam e outro lhe tapava a boca. Incitado por essa matilha, Gonzalo perdeu o controlo e esfregou tanto e com tanta força que fez sangue na cara do cubano.

– Se saíres daqui ou se pedires ajuda, limpo-te o resto do corpo – ameaçou-o.

O pobre do tamborzinho esteve um dia inteiro na parte mais suja e malcheirosa do porão.

Isabel estivera à procura dele toda a manhã:

– Vistes o tamborzinho? Não terá caído borda fora, pois não? Benito, não o viste?

Perguntou-lhe várias vezes, mas Benito não sabia de nada. Cándido respondeu encolhendo os ombros. Exasperada, falou com Pedro del Barco, que deu ordem a toda a tripulação para procurar o pequeno cubano. Os marinheiros revistaram o navio de alto a baixo até que deram com o esconderijo do rapaz, que, espantado, não queria sair dali. Isabel ficou tão furiosa que teve vontade de os encerrar a todos nessa masmorra.

O capitão ordenou um castigo exemplar. Mandou açoitar Gonzalo diante de todos, e aos outros, por turnos, atou-os ao mastro para os deixar ali várias horas debaixo de um calor de chumbo. Cándido e Benito também não se livraram do castigo. Até então, tinham participado, e liderado todas as desordens, pelo que se tornava pouco credível que não tivessem participado nesta, mesmo que fosse de maneira indirecta, encobrindo os culpados. Cándido protestou quando o mandaram limpar os penicos.

– Não fui eu, não fiz nada! – dizia a chorar.

Quando chegou a vez de Benito, o capitão fez sinal à mãe, perguntando se devia castigá-lo ou não. Isabel olhou para o filho, que tremia, embora estivesse convencido de que a mãe lhe perdoaria como em tantas outras vezes. Ela teve a tentação de o poupar ao castigo, mas que exemplo seria esse? Também não acreditava que fosse inocente. Por isso fez das tripas coração e assentiu.

– Mãe!… Nãããão…!

Tapou os ouvidos para não escutar a gritaria do filho.

Capítulo 53

Isabel enfiou-se no camarote, cansada, decepcionada. Farta da crueldade desses miúdos cujo comportamento, cada vez mais incontrolável, se reflectia no do filho, ou pelo menos assim acreditava; farta das exigências deles, dos insultos, da falta de respeito, de não poder compensar as carências que arrastavam com eles. Farta de não ter contacto com outras mulheres, da vaidade de Balmis e da sua ambição. Aborrecida com o calor e por não ver qual seria o seu futuro.

A navegação para Veracruz foi lenta e enfadonha. O porto, principal via de saída da prata e das riquezas da Nova Espanha, era o mais perigoso da carreira das Índias, um verdadeiro bastião natural responsável por quinze por cento de todos os naufrágios do planeta entre os séculos XVII e XVIII. A aproximação desse porto tornava-se particularmente delicada devido a um constante vento do norte que empurrava o navio para a costa e a uma cintura de recifes à flor da água, o que obrigava a tripulação a levar as precauções ao extremo para não encalharem. Quando surgiu no horizonte o baluarte de San Juan de Ulúa, que anunciava o porto e a cidade amuralhada, o capitão deu ordem de barlaventear em ziguezague para manter uma distância prudente entre dois canais estreitos.

Quando a 28 de Julho de 1804 fundearam diante da Porta da Alfândega, estavam todos doentes. Balmis perdera peso e estava diferente. Tinha as bochechas encovadas, o cabelo mais branco, suava um suor gelado e caminhava um pouco encurvado devido à constante dor na barriga. Parecia que não dormia há anos. Estava convencido de que contraíra a febre-amarela, que suspeitava ser transmitida pela picadela de um mosquito. Não existia nenhuma cura conhecida, só podia tomar as mesmas medidas dos casos de disenteria: essencialmente, evitar a desidratação. Isabel e as crianças também estavam afectadas por doenças intestinais, por isso não desfrutaram do momento da chegada. O único que o fez foi o cubano, que se via perto do fim do seu calvário. Para todos, o importante era que por fim terminava a viagem. Tinham chegado ao destino sem percalços de maior e sem uma única vítima, excepto Juan Eugenio. E o rapazinho madrileno Andrés, embora nunca tivesse chegado a fazer parte da viagem por mar. Em si, isso era já um êxito prodigioso, tendo em conta os números que apresentava a Casa de Contratação de Sevilha, segundo os quais uma décima parte dos que viajavam a bordo dos navios para a América morriam devido a doenças e acidentes.

– Olhai! – disse Balmis, com os olhos brilhantes e a voz trémula.

Apontava para os cais do porto, com a sua azáfama habitual, o edifício da Alfândega e, atrás, a torre do Convento de San Francisco.

– Vede as tropas que nos envia o vice-rei! Até as companhias de milícias estão formadas para nos receber! Olhai esses fogos! Não ouvis os tiros de canhão disparados do baluarte de Santiago? Não

ouvis como repicam os sinos?

Isabel olhava-o, confusa. As crianças não entendiam nada. Não se via nada na costa a não ser o bulício da vida quotidiana: carroças transportando mercadorias, veículos puxados por mulas, carros que serviam para recolher o lixo rodeados por «nopos», aves negras que comiam o que ia caindo deles e que se encontravam por todo o lado. Mas tal como acontecera em Porto Rico, não havia ninguém para os receber. Ninguém para reconhecer o esforço titânico que estavam a fazer, e ainda menos para o agradecer. Os heróis da expedição da vacina estavam sozinhos, sob o comando de um director cuja febre distorcera o seu perfeito juízo e que tiveram de acalmar como se fosse mais uma criança.

Face a essas circunstâncias, Isabel pediu ajuda.

– Por que não vamos avisar o intendente? – perguntou a Antonio Gutiérrez Robredo, o ajudante de Balmis.

Fizeram o trajecto até aos cais num dos botes auxiliares da *María Pita*. Depararam-se com a cidade mais buliçosa, mais barulhenta e mais caótica de todas as que tinham visto até aí, uma babel cosmopolita e miserável, mistura insólita de servidores reais, oficiais da tropa e marinheiros, bêbedos, mendigos, prostitutas. Vendedores de fruta, de peixe, de farinha de milho, aguadeiros e vendedores de trombadas, doces típicos de sésamo, percorriam as ruas onde se ouvia falar português, italiano ou flamengo, porque os proprietários das pescarias eram mulatos, chineses, portugueses de Angola, negros andaluzes, índios filipinos, genoveses e judeus africanizados. Veracruz baseava-se numa cidade demasiado pequena para a importância do seu porto, com uns poucos edifícios lavrados com os corais e as madrepérolas dos recifes, vivendas de dois andares com pátio central e muitas casas de madeira oferecida pelos naufrágios.

Na casa senhorial da Intendência, um dos poucos edifícios imponentes, foram recebidos pelo intendente, a máxima autoridade da região, um homem afável, que lhes entregou uma carta do vice-rei dando-lhes as boas-vindas à Nova Espanha. Não se desculpou pela falta de uma recepção oficial, não recebera instruções para o fazer. Com a carta entregou-lhes um exemplar da *Gaceta de México*.

– Lede isto… da parte do vice-rei.

O exemplar estava destinado a descrever e comentar os esforços do vice-rei na sua luta «titânica» para disseminar a vacina pela Nova Espanha. Isso explicava tudo. De novo um alto servidor do rei, neste caso o vice-rei, antecipara-se à expedição. A história repetia-se. Na realidade, como viriam a verificar mais tarde, a circular de Setembro de 1803 que avisava todos os vice-reis, governadores e capitães-generais da próxima partida da expedição tinha-lhes feito descobrir a existência da vacina, e isso incitara-os a procurá-la a todo o custo antes da chegada dos expedicionários, para ficarem em vantagem.

Robredo explicou ao intendente que se encontravam numa situação crítica devido à doença do director e porque as pústulas das escravas que traziam de Havana estavam já no seu ponto culminante. Tinham de inocular outras pessoas para que não se interrompesse a cadeia de transmissão.

– Há um risco iminente de se perder o tesouro que tantas tribulações custou.

– Houve uma grande epidemia há poucos anos e a maior parte da população, os que sobreviveram, está imunizada – respondeu-lhe o intendente. – Além disso, agora até os barbeiros ministram a vacina, por isso é difícil encontrar candidatos.

Quando voltaram para o navio, acompanhados pelo intendente e dois regedores que entraram a bordo para cumprimentar Balmis, este tinha-se refeito da sua confusão mental, mas continuava muito abatido pela decepção tão grande que tivera na chegada e pela notícia de que a vacina o precedera.

– Sei que o importante não é ser o primeiro a introduzir a vacina, o urgente é fazê-la chegar a todos, ricos e pobres, indígenas e espanhóis.

Estavam tão doentes que tiveram de deixar passar uns dias antes de sair do navio, embora ardessem de desejo de pôr o pé em terra. Enquanto o capitão e a tripulação apetrechavam a *María Pita* para o regresso, Balmis nomeou o sobrinho, o enfermeiro Francisco Pastor, responsável por um ramo da expedição que devia dirigir-se para a Guatemala, a fim de, a partir dali, espalhar a vacina por Ciudad Real de Chiapas até aos confins da América Central.

– Será melhor separarmo-nos… Em Oaxaca e Chiapas encontrareis melhor acolhimento do que aqui, tenho a certeza. Irá convosco o tamborzinho, que podeis inocular já; depois tereis de conseguir mais crianças. Voltaremos a ver-nos na Cidade do México daqui a dois meses.

O rapazinho cubano estava muito contente por ir com Pastor. Teria aceitado fosse o que fosse para se afastar do grupo de miúdos espanhóis.

Chegou o momento da despedida. As crianças saíram do navio tão fracas que mal conseguiam cumprimentar os marinheiros. Isabel obrigou cada um deles a apertar a mão ou a abraçar o tamborzinho, mas Gonzalo, o pequeno torturador dele, recusou-se a fazê-lo. O capitão interveio e ameaçou-o com mais açoites em público se não se despedisse do cubano:

– E além disso quero ouvir as tuas desculpas, em voz alta e claramente! – acrescentou.

O rapazito não teve outro remédio senão fazer isso mesmo.

– Per… dão – disse à força. Pedro del Barco virou-se e exigiu que Cándido se apresentasse ali. Quando Gonzalo teve a certeza de que já não o ouviam, acrescentou em voz baixa, enquanto abraçava a contragosto o tamborzinho: – Zambo, filho-da…

Ao ouvir o seu nome, Cándido fugiu assustado, porque receava algum tipo de represália no último momento contra qualquer diabrura que não se lembrava de ter feito. Um marinheiro acabou por persegui-lo pelo navio e por fim levou-o em braços ao capitão.

– Eu não fiz nada! – dizia.

Era verdade, desta vez também não tinha feito nada.

– Só te quero dar um abraço – disse-lhe o capitão, estreitando-o contra o peito. – Os meus marinheiros e eu sentiremos a tua falta. – Depois dirigiu-se aos outros e acrescentou: – E de todos vocês.

Então os outros viram que Cándido chorava em público pela primeira vez, devido à surpresa, ao desconcerto e à exaustão.

Francisco Pastor, o cubano e dois enfermeiros partiram logo da cidade e Balmis, Isabel e as crianças foram levados para o seu local de hospedagem, num convento, onde lhes serviram

demasiada comida para a que conseguiam engolir, mas era esse o costume mexicano: cinco pratos de peixe, aves e um guisado de carne com cebolas, alho e batatas, mais o chocolate acompanhado por um biscoito. Algumas crianças pareceram reviver com essa dieta, enquanto outras pioraram.

Nos dias seguintes, Balmis e os ajudantes não conseguiram vacinar ninguém em Veracruz. Ninguém se apresentou, porque nem o intendente nem as autoridades eclesiásticas tinham informado a população. Era puro desleixo e Balmis estava exasperado porque as bolhas vacinais nos braços das meninas estavam prestes a desaparecer. Farto, e apesar de se sentir tão fraco, entrou no gabinete do intendente sem se fazer anunciar. Quando o teve diante de si, não esteve com rodeios:

– O rei nosso senhor Carlos IV não vai deixar sem castigo a vossa falta de colaboração – disse-lhe. – Estais a incorrer numa grave irresponsabilidade.

Continuou a enumerar todas as represálias que o outro poderia sofrer e o intendente, que fugia ao confronto e era sibilino, acobardou-se:

– A única coisa que posso fazer é trazer-vos uma dezena de recrutas do regimento do quartel – propôs-lhe.

Balmis suspeitava que tinha à sua frente outro funcionário mais ávido de acumular honrarias do que de lutar contra a varíola, mas concordou porque não tinha outra opção. Umas horas mais tarde, antes que pudessem descansar, já estavam a escarificar as pústulas das meninas e a vacinar os soldados nos seus quartos do convento.

Isabel, preocupada com a má saúde das crianças e que se pudessem contagiar com a febre-amarela – como acontecera a Balmis –, propôs-lhe sair dali quanto antes, abandonar esse clima sufocante.

– Não temos mais nada a fazer aqui – disse Balmis, convencido da inutilidade de permanecer num lugar onde não tinham sido bem recebidos. – Subiremos até Jalapa e, quando estivermos recuperados, faremos a caminhada até à Cidade do México. A partir dali, e espero que com a colaboração do vice-rei, estabeleceremos rotas para espalhar a vacina por toda a Nova Espanha.

No dia seguinte, uma caravana de carros de cavalos postos à disposição de Balmis pelo intendente, conduziu a maltratada expedição até ao clima mais benigno e seco dos contrafortes da cordilheira. Balmis levava consigo três dos recrutas que vacinara, e a última coisa que fez em Veracruz foi negociar com o intendente um preço pelas três escravas cubanas. Isabel despediu-se delas com o coração apertado. Via-as tão frágeis e vulneráveis…

– Quem sabe onde irão parar? – perguntou.

– O intendente prometeu-me que as colocará como criadas em boas casas – disse-lhe Balmis.

– Eu receio que acabem como prostitutas em algum bordel do porto.

– Essas meninas foram baptizadas, não lhes é permitido exercer a prostituição.

Isabel encolheu os ombros. A ingenuidade de Balmis exasperava-a. Dividida entre o impulso de não as abandonar e a obrigação de continuar com a expedição, disse:

– Ninguém as protege, e a vós, a vós tanto vos faz! Quanto ganhastes com essa venda?

Balmis sentia o dedo acusador como um punhal, fincando-se no coração. Lembrou-se da última discussão deles, a propósito da morte do miúdo porto-riquenho, e optou por ser cauteloso.

– O intendente recusou-se a pagar-me o que elas me custaram. Perdi dinheiro na transacção, mas conseguimos preservar o vírus.

– Felicito-vos, cumpristes o objectivo principal da expedição.

Isabel olhou pela janela. O seu olhar deteve-se na *María Pita*, fundeada junto de muitas outras embarcações.

– *Cumpristes*? Não, *cumprimos*, nós, a expedição, vós também, Isabel.

– Eu sinto-me culpada por essas meninas. Culpada de algo que nunca teria feito, trazê-las para bordo.

– Não descobri outra opção. Faz-se o que se pode, nem sempre o que se quer.

– Revolta-me que se utilizem meninas escravas para a grande missão patrocinada pelo rei de Espanha e que as abandoneis no primeiro porto.

– Não estão abandonadas, estão a cargo da autoridade competente. Garanto-vos que serão bem tratadas.

– Autoridade competente! Não era isso que dizíeis ontem…

– O facto de não nos terem recebido como deviam não significa que…

Isabel interrompeu-o:

– Sempre vos ouvi dizer que esta expedição fará empalidecer de inveja as outras nações do mundo… Por agora, a mim faz-me empalidecer de vergonha.

– Sois injusta, Isabel. Teríeis deixado comigo o vosso filho Benito se tivésseis sido uma mãe de uma família normal? Claro que não. Temos vindo a avançar com o que podemos, com órfãos, crianças abandonadas e escravas… E por isso temos de nos condenar, embora consigamos acabar com uma praga terrível?

– Se os abandonarmos, não teremos o perdão de Deus.

O abandono, de novo. *Depois de ter trabalhado num hospício cheio de crianças desamparadas, como poderia esquecer-se dessa palavra?*, pensou Balmis. Ia responder-lhe que as pirâmides do Egipto tinham sido construídas por trabalhadores cativos, que as grandes obras da humanidade tinham exigido o sacrifício de muitos párias, escravos e prisioneiros… que não devíamos procurar a justiça neste mundo, mas sim no outro, com perspectiva, que eles seriam julgados pelo resultado da expedição, não pelo que considerava ser um pormenor, como era o caso da utilização dessas meninas cubanas. Mas viu-a tão obcecada, tão cheia de raiva contida, que preferiu calar-se, não fosse provocar a erupção do vulcão que se escondia atrás da sua personalidade parecendo mansa.

Capítulo 54

Viajar por terra era tão árduo que um ou outro dos miúdos chegou a dizer que sentia saudades do navio, onde pelo menos podiam correr, trepar e jogar às escondidas. Quão rapidamente esqueciam os maus momentos, os temporais, as calmarias, os enjoos… Mas a verdade é que os caminhos na Nova Espanha eram tão maus que os passageiros se viam obrigados a descer da carruagem e a continuar a pé por longos trechos, às vezes atravessando um riacho, outras vezes subindo encostas íngremes. Os miúdos mais pequenos iam às cavalitas em cima das mulas, três em cada uma, seguros por Isabel e os enfermeiros, que caminhavam ao lado deles. Os expedicionários ficaram a saber que os índios arranjavam os caminhos apenas quando ia passar por lá algum vice-rei, e há mais de um ano que isso não acontecia. As autoridades obrigavam-nos a largar as suas pobres cabanas e as famílias para repararem os troços impraticáveis, e tinham de o fazer à sua custa, o que ia contra as cédulas reais que tanto recomendavam o bem e o alívio dos indígenas. Mas uma coisa eram as leis e outra era a realidade.

Por fim, depois de uma ascensão que lhes pareceu eterna, chegaram a Jalapa, povoação grande e bela pela sua frondosidade, em que não fazia frio nem calor, e onde encontraram alívio no Convento de San Francisco, em cujo hospital anexo Balmis se tinha recuperado da doença contraída nas selvas colombianas durante a sua primeira viagem ao Novo Mundo. Agora, como nessa altura, os frades ajudaram-nos a recuperar forças. Quando lhes perguntaram se tinham sido vacinados, os frades disseram que ninguém se tinha oferecido para o fazer até esse momento.

– Mas o vice-rei não empreendeu uma campanha de vacinação?

– É a primeira vez que ouvimos falar disso – responderam.

Antes de prosseguir a viagem, Balmis vacinou-os. Depois continuaram por uma paisagem de grande savana, colinas negras e esbranquiçadas de origem vulcânica onde, para delícia das crianças, de repente passava a galope uma manada de potros selvagens. Na povoação de Perote foram recebidos por uma delegação do Tribunal e do Conselho, por padres e, como de costume, por uns indígenas que ofereciam flores e uns colares entrançados de florinhas aromáticas, enquanto tocavam instrumentos. Quando Balmis propunha vaciná-los, os indígenas desapareciam. Continuavam sem querer nada de um método que lhes inoculava o mal dentro do corpo para supostamente os curar desse mesmo mal. Nada mudara desde que Balmis fora enviado pelo bispo Núñez de Haro para atalhar a epidemia de Oaxaca. Por isso não insistiu. Tinha pressa de chegar à Cidade do México. Sem saber porquê, em vez de os proteger e agradecer os serviços da expedição, as autoridades empenhavam-se cruelmente em criar-lhes obstáculos.

Onze dias depois de terem partido de Veracruz, chegaram à hospedaria do santuário de Guadalupe, a meia légua da capital. Como era um lugar pobre e incómodo, Balmis não quis ficar e

passar aí a noite. Apesar do seu gosto pelo conforto, necessitava de um mínimo de privacidade: nessa altura defecava sangue e mal se podia mexer. O seu mal não era a febre-amarela, mas antes «a vingança de Montezuma», fortes diarreias causadas por amibas ou salmonelas. Assim, escreveu uma carta ao vice-rei lembrando-lhe que se tinham conhecido em Algeciras (omitiu que fora num bordel) durante o cerco de Gibraltar e anunciando que fariam a sua entrada na Cidade do México ao entardecer, depois de as crianças descansarem e se lavarem. A carta terminava nestes termos: «Espero que a bondade de Vossa Excelência me faça saber qual o alojamento que nos tem preparado a fim de nos dirigirmos para lá.» Também pedia que, para dar pompa à chegada da expedição, fossem esperados por uma delegação de magistrados e de membros do Conselho.

Entretanto, recebeu a visita de Don Benito María Moxó, bispo auxiliar de Michoacán, que se encontrava de passagem no santuário e que se deslocou à hospedaria quando soube da chegada da expedição. Era um homem afável, culto, conhecido por ser um fervoroso defensor das qualidades dos indígenas e do valor da sua antiga civilização.

– Tendes de saber, doutor Balmis, que o vice-rei Iturrigaray tratou de impedir a entrada da vossa expedição quando chegastes a Veracruz… Tentou-o com a ajuda do fiscal da Fazenda Real.

Os tiques de Balmis aceleraram-se.

– Por que… razão?

– Com o pretexto de que já não era necessária. Usei todo o meu zelo para o desviar do seu objectivo. Tenho acompanhado todo o progresso da expedição desde o início porque tenho o privilégio de conhecer Josep Salvany desde criança… E toda a sua família. Somos ambos naturais de Cervera.

Balmis olhou-o espantado. Explicou-lhe a divisão da expedição, e acrescentou que não tinha notícias recentes de Salvany. A seguir, ensimesmado, perguntou-lhe:

– Por que julgais que o vice-rei tem tanto empenho em desvalorizar-nos? Não vi vestígio nenhum da vacina nas cidades por onde passámos…

Então o bispo contou-lhe que Iturrigaray e a sua família (estava casado com a sua prima vinte anos mais nova, Doña Inés de Jáuregui, filha de um antigo vice-rei do Peru) tinham chegado de Cádis um ano antes com um séquito de vinte e cinco criados e ajudantes, e tinham sido recebidos sob um pálio de procissão em Veracruz, com banda de música e desfile das tropas, um gigantesco cartaz de boas-vindas, uma carruagem puxada por seis cavalos, e a sua escolta pessoal, a Guarda de Alabardeiros. Não lhe faltara a calorosa ovação do povo.

A carga que traziam surpreendeu todos pelo volume: eram cento e setenta baús que, fazendo parte da sua bagagem particular, estavam livres de taxas de alfândega – prosseguiu o prelado.

– Que traziam nesses baús?

– Tecidos, todo o tipo de tecidos. Depois alegou que os trazia consigo porque não tivera tempo para mandar fazer as vestes apropriadas. Nos dias que passaram em Veracruz descansando das seis semanas de viagem, o vice-rei aproveitou para vender os tecidos através de um testa-de-ferro. Nesse contrabando ganhou cerca de cento e cinquenta mil pesos.

Balmis soltou um profundo suspiro. Quando conhecera o actual vice-rei em Algeciras já lhe parecera um homem de pouca substância. Mas nunca teria imaginado que alcançaria essa quota de

descaramento.

– Os seus ardis vieram a ser descobertos e causaram escândalo – continuou a contar Don Benito. – Para recuperar a confiança, sentiu necessidade de fazer um gesto, mostrar que acima de tudo era um governante preocupado com o bem-estar do povo. Chamou o doutor Arboleya, médico do navio que os tratara durante a viagem, e propôs-lhe dar-lhe baixa como médico da marinha e contratá-lo para implantar e difundir no México a grande novidade médica, a vacina contra a varíola, da qual soubera pelo anúncio da chegada da vossa expedição, doutor Balmis, de cuja existência estava pontualmente informado.

– Quis-se antecipar a nós para limpar a imagem diante do povo.

– Isso mesmo. Iturrigaray precisava acima de tudo de todo o lucro político que algo tão milagroso e promissor como a vacina lhe podia proporcionar. Assim, enviou Arboleya para Cuba, de onde este regressou com a vacina incrustada em fios de seda; decerto da mesma origem que haveis difundido nessa ilha. Imediatamente vacinou o seu filho de vinte meses no Hospício de Crianças Pobres da capital, para impressionar o povo, claro. Aí acorreram os dignitários do palácio, professores de colégios, senhores dos tribunais e grande parte da nobreza, que nunca tinham posto o pé num lugar tão miserável. O mais incrível desta história é que a vacina não pegou.

– Como o iria fazer? Não se vacina nessas condições…

Isso parecia-lhe o que acontecera em Porto Rico, em grande escala. Utilizara-se a vacina com uma finalidade mais política do que sanitária. Agora compreendia o acolhimento nulo que tiveram em Veracruz.

– Para que vos deis conta de quem é aquele com quem tereis de tratar, dir-vos-ei que, a fim de conquistar as boas graças do povo, assim que chegou à Cidade do México autorizou as corridas de touros, que tinham sido proibidas pelo vice-rei anterior. Depois fez uma viagem até Guanajuato para ir buscar um presente de mil onças de ouro que lhe deram os mineiros dessa cidade em troca da autorização para explorar outra mina. De regresso à capital, inaugurou com grande pompa a estátua equestre de Carlos IV que mandara fazer o marquês de Branciforte, outro vice-rei conhecido pelas suas manhas, trafulhices e trapaças para enriquecer.

– Não vêm governar, vêm roubar.

Que diferente teria sido a chegada da expedição se estivessem a governar os Gálvez, pai e filho! Ou Núñez de Haro… Porque nem todos os vice-reis eram corruptos; houve muitos que, pelo contrário, administraram eficientemente a colónia. Como Revillagigedo, que mandou instalar mil seiscentos e oitenta candeeiros na Cidade do México, exterminou os cães vadios para atalhar as doenças e mandou castigar com cinco anos de masmorra os que partissem os candeeiros.

Balmis ficou pensativo e por fim disse:

– Apesar da vontade do rei, as luzes da razão têm uma difícil permanência no Ultramar.

– Difícil, sim. Agora cada um faz o que lhe apraz – disse o bispo –, os mecanismos de controlo falham. Madrid carece de autoridade… e de meios. É o fim de uma época, doutor, nada voltará ser como antes.

Balmis depositara tantas esperanças na sua chegada à Nova Espanha que se recusava a deixar-se abater. Sem a colaboração do vice-rei, isto é, sem a colaboração da Administração, a tarefa prometia

ser árdua, talvez mesmo impossível. Mas, sabendo que a razão e o rei estavam do seu lado, acreditava que poderia impor a sua missão, apesar de se encontrar fisicamente muito debilitado.

Pelo seu lado, Isabel sentia que chegavam ao fim dessa aventura. Em breve essas crianças deixariam de depender dela, teria de as abandonar à sua sorte. E como sempre nas mesmas circunstâncias, ficava nervosa. Já não acreditava na bondade das autoridades, nem em que respeitassem a sua parte do acordo. Vira demasiado desleixo e os funcionários reais não lhe impunham o respeito de antes. A luta constante de Balmis contra a máquina administrativa abrira-lhe os olhos. Talvez por isso pôs todo o seu empenho em lavá-las e vesti-las com esmero, para que fizessem uma entrada triunfal na Cidade do México. Para que não parecessem órfãos mas sim príncipes.

Capítulo 55

O caminho empedrado que percorreram em sete carruagens chamava-se Calçada dos Mistérios porque estava ladeado por monumentos onde os peregrinos que vinham ao santuário podiam rezar os seus terços. Ao entrar na cidade, a pulsação de Balmis acelerou-se. Foi assaltado pelas recordações dos anos ali vividos, em que tanto aprendeu, tanto se divertiu, tanto amou. Isabel ficou impressionada com a miséria e a imensidade dos arredores, uma infinidade de cabanas de adobe e palha entre ruelas apertadas e montes de lixo e esterco. O fedor era insuportável. Balmis explicou-lhe que o cheiro vinha dos matadouros e também dos cemitérios: a camada de terra era pouco profunda, estava encharcada porque eram terrenos pantanosos, pelo que não havia maneira de enterrar adequadamente os mortos. Alguns mendigos – na sua maioria indígenas – pareciam cadáveres vivos: andavam cobertos de farrapos ou nus, tinham a cara suja e o corpo pintalgado, bêbedos de pulque, uma bebida alcoólica produzida pela fermentação do hidromel de um tipo de piteira conhecida como piteira-pulqueira e que causava estragos na população. Muitos dormiam ao relento nas escadarias das igrejas, outros caíam de bruços nos charcos e afogavam-se. Nalguns círculos da Administração diziam que era a pobreza mais abjecta de todo o Império Espanhol.

E também havia ali a riqueza mais deslumbrante. Ao chegarem ao centro da cidade depararam-se com um mundo diferente, a que Humboldt chamara a Cidade dos Palácios, com as suas ruas rectas e longas, as avenidas largas que desfrutavam de iluminação pública e edifícios sumptuosos, muitos deles construídos sobre as fundações de antigos palácios astecas. Não era comparável com nenhuma das cidades que tinham visitado até então, nem a Corunha nem Havana. Balmis estava inquieto porque em nenhum lado via sinais de boas-vindas. A Cidade do México contava então com cerca de cento e treze mil habitantes. Não teriam podido juntar uma pequena multidão, organizar alguma cena de júbilo para impor a sua presença diante da plebe? Talvez isso acontecesse na Plaza do Zócalo, o coração da cidade, onde se encontrava o palácio do vice-rei, pensou o médico, sempre optimista, enquanto mostrava a Isabel e aos ajudantes a universidade, a Escola de Minas e a de Cirurgia, onde dera aulas. Falou-lhes do Hospital do Amor de Deus onde trabalhara – na cidade havia uma dezena de hospitais e dois manicómios – e do magnífico Jardim Botânico que se encontrava no recinto do palácio do vice-rei.

Quando chegaram à enorme Plaza do Zócalo, parecia que as carruagens se iam desconjuntar por causa do empedrado ser tão desigual e grosseiro. No centro da praça reinava a estátua equestre em bronze do rei Carlos IV, que o vice-rei acabara de inaugurar. Isso reconfortou Balmis: era como ter perto de si o mentor da expedição. Mas o resto do panorama era desanimador. Só havia ali alguns vendedores nas suas bancas de comidas. A essa hora tardia, a silhueta da catedral recortava-se sobre o céu alaranjado.

O palácio do vice-rei encontrava-se na mesma praça, diante do mercado de Parián. Nenhuma delegação os esperava ali, nem magistrados nem membros do Conselho Municipal. Os guardas colocados no gradeamento da entrada pareciam surpreendidos com a visita. Ninguém os avisara.

– Enviei ao vice-rei uma mensagem esta manhã, de Guadalupe… – disse Balmis.

Um dos guardas pediu-lhes que esperassem e entrou no palácio. As quarenta pessoas que tinham chegado nas carruagens – Balmis, os ajudantes, as crianças com os seus uniformes impecáveis e os soldados vacinados – estavam ali de pé, olhando com olhar incrédulo para esse edifício sumptuoso onde seria decidido o seu destino.

O guarda regressou acompanhado por um regedor que transmitiu as desculpas do vice-rei a Balmis.

– Sua Excelência não recebeu nenhuma mensagem anunciando a vossa chegada…

– E a carta que enviei de Havana? E a mensagem enviada de Veracruz? E a Cédula Real de Agosto de 1803?

Balmis cerrava os punhos com força. Isabel receava que acabasse por ter uma explosão de cólera, mas o médico conteve-se.

– Não vos sei dizer, senhor. O que Sua Excelência me indicou foi que vos acompanhasse aos vossos alojamentos. São provisórios porque não se esperava a vossa chegada tão depressa. Mudastes o vosso itinerário, não foi? O vice-rei julgou que ficaríeis uns dias em Puebla…

Era uma maneira diplomática de deitar as culpas do desaguisado para cima de Balmis, por ter chegado antes do que estava previsto.

– Viemos para aqui, mas repito-vos que enviei diversos avisos a Sua Excelência. Tenho urgência em falar com ele. Conhecemo-nos, fomos camaradas de regimento em Algeciras…

– A esta hora, receio que não vá ser possível.

– Peço-vos por favor que façais com que me receba. Esta expedição foi feita por vontade do rei de Espanha.

O regedor voltou a entrar no palácio. A noite caiu sobre a praça, os rapazinhos corriam uns atrás dos outros, queixavam-se de fome e de sede, mas o tal homem não regressava. Diversos mendigos e vendedores aproximaram-se e rodearam a comitiva, atraídos por esse grupo insólito. Balmis esperava sentado numa carruagem, olhando para o chão. Que império era este em que se ignoravam as ordens da autoridade máxima? Isabel sentia pena dele: tantas vezes lhes dissera que a Cidade do México lhes faria uma recepção espectacular, que era amigo pessoal do vice-rei, tanto lhes falara da Nova Espanha como se fosse uma espécie de terra prometida, que essa espera se tornava patética. Os uniformes das crianças já estavam sujos de pó e de lama. O homem que Isabel via ali sentado, esse sonhador doente, envelhecido e decepcionado, não merecia este tratamento, por muito orgulhoso ou vaidoso que fosse. Nenhum deles merecia tal coisa.

O regedor demorou mais de uma hora a sair do palácio com a notícia de que o vice-rei não podia receber Balmis. O médico cerrou os punhos e clamou aos céus, mas pouco mais podia fazer para descarregar a sua raiva.

Esperavam-nos mais surpresas. Precedida pela guarda do vice-rei e guiada pelo regedor, a comitiva pôs-se a caminho dos alojamentos. Rapidamente saíram da cidade dos palácios e das

avenidas iluminadas e de novo se encontraram nos arredores. Os habitantes saíam das suas casas ao ouvirem o som da comitiva, julgando que se tratava de uma ronda de militares. Eram dez da noite quando chegaram à vivenda que lhes tinham designado, junto de uma vala cheia de imundícies, vestígio da primeira cidade lacustre. Cheirava mal porque se encontravam no bairro dos curtidores de peles.

– Como vou organizar as vacinações a partir daqui? – perguntou Balmis ao regedor. – Precisamos de nos alojar num lugar central.

Assim que entrou na casa, sentiu em carne viva o desprezo com que o vice-rei os tratava. Era uma vivenda com paredes gretadas, quase sem móveis, com as obras de restauro deixadas a meio, cheia de pó. Chegava até ali a gritaria dos bêbedos de uma taberna vizinha. Não havia camas, apenas umas esteiras no chão.

– É um alojamento inadequado para um emissário do rei de Espanha – disse balbuciando ao regedor, porque sentia dificuldade em falar e sentia-se mal –, preciso da residência oficial.

– Apresento-vos as minhas desculpas, mas como vos disse não sabíamos… A residência oficial também está em obras – acrescentou. – Encontra-se vazia de móveis.

– Pois então arranjaremos candeeiros e móveis para a tornar habitável! – afirmou o médico, exasperado. – Não podemos ficar aqui, diante desse local de bebedeiras e de alvoroços – disse apontando para a taberna.

– Amanhã vamos arranjar-vos uma casa mais central.

Balmis tremia de cólera e de impotência. Sentia-se envergonhado diante da sua equipa: alimentara as esperanças deles para depois os decepcionar; pecara por ingenuidade. Isabel, exausta, recolhia os uniformes para os guardar.

– Tendo em vista a maneira como o vice-rei nos recebeu, a mim o que me preocupa é como vai tratar as crianças – disse Isabel.

– Farei com que cumpra as directrizes do rei.

– Fará o que lhe apetecer.

Isabel deitou-se junto do filho e dos mais pequenos. Balmis ficou a ver como os outros se punham em fila sobre as esteiras para dormir, e como alguns continuavam com os seus jogos, alheios aos dramas dos adultos. Cándido e Benito gostavam dessa casa porque não tinha móveis e podiam lançar objectos um ao outro a partir das extremidades do quarto. Balmis olhava-os como se fosse a primeira vez que os via. Até então só levara em conta o problema logístico que representavam porque, depois de vacinados, tinha de os arrastar consigo para todo o lado. Agora via-os como aquilo que eram realmente, seres cheios de vida que tinham mostrado uma paciência e uma resistência admiráveis. Mesmo nas piores circunstâncias, nunca se cansavam de brincar e de rir. Soube então que iria sentir a falta deles e que teria de os defender da negligência do vice-rei. Pensou no filho dele, e sentiu uma ponta de remorso porque pela primeira vez se deu conta de que perdera algo valioso: a infância dele.

Balmis estava tão desanimado e encontrava-se tão mal fisicamente que não conseguia conciliar o sono. Amaldiçoou-se pela futilidade de ter chegado a pensar que o seu nome estaria na boca de todos, ou que as suas antigas amizades estariam à sua espera. Levantou-se e entrou no quarto das

crianças, iluminado por uma lamparina de azeite. Dormiam placidamente, Isabel entre dois pequenos, o cabelo solto sobre a esteira, a pele branca quase transparente. Ficou a observá-la durante um longo momento. Pensou em si, na rapidez com que decorrera a sua vida, nos anos que tinham passado a voar desde os tempos da begónia e da piteira. Sentiu-se velho e gasto: pela primeira vez pensou no depois, se levaria a expedição até ao fim e não teria de a interromper por falta de apoio oficial. No melhor dos casos, acabaria a sua vida como um herói, cumprindo assim o seu sonho de infância, mas um herói solitário, sem ninguém com quem partilhar a sua glória. Assaltou-o então a imagem de Isabel nos braços de Salvany e sentiu a mordidela do ciúme. Isabel era uma das poucas pessoas no mundo que admirava, e sentia por ela um profundo afecto que nascera do relacionamento constante ao longo de todos esses meses. Que teria sido dele sem ela? A sua presença incutia-lhe segurança, e um bem-estar que tinha dificuldade em explicar. Tendo-a por perto, dava-lhe a impressão de que tudo se encontrava sob controlo. Era uma sensação viciante. Balmis, que usara toda a sua força, tempo e talento para trabalhar, pensou nessa noite que talvez se tivesse esquecido de si, que o seu trabalho o deixara sem vida própria. Que o seu destino de homem de ciência era, afinal de contas, a solidão. Mas agora via que a solidão se podia tornar um fardo demasiado pesado, e o interesse que era capaz de sentir pela humanidade inteira, nos últimos tempos, estava a pô-lo em Isabel.

Vestiu-se, saiu da casa e pediu ao cocheiro que lhes tinham atribuído que o levasse a uma morada na parte nobre da cidade. Era uma noite escura como breu, cheirava a lodo e a fumo das fogueiras em redor das quais grupos de indígenas se aqueciam agachados. Chegou a um edifício perto do Coliseo. Subiu, arquejando, dois andares e bateu à porta. Uma criada índia veio abrir:

– Bárbara Ordóñez?

– Não, senhor.

– Já não vive aqui?

– Nunca ouvi o nome dessa senhora.

– Bárbara Ordóñez! A actriz! – insistiu irritado por a criada não a conhecer.

– Não sei quem é – disse a índia como um autómato.

Balmis voltou para a carruagem e deu outra morada ao cocheiro, uma casa perto da catedral. Um criado negro de turbante abriu a porta. Cheirava a tabaco e a flores murchas.

– Sou o doutor Balmis, diga à senhora que estou aqui.

O criado ausentou-se uns instantes e voltou para o acompanhar. No salão iluminado pela fogueira da lareira, estendida num sofá, encontrava-se Antoñita San Martín, aquela actriz de Cádis, primeira figura do teatro do Coliseo, que conseguira separar-se do marido que a maltratava e que vivera um breve romance com Balmis. Vestia um roupão de seda estampado com flores vermelhas, pintara o cabelo de cor ruiva e o seu rosto parecia o de uma estátua de gesso. Balmis assustou-se:

– Não tenhas medo, querido, sou eu…

– Com tanta maquilhagem não te…

– Não é maquilhagem, é para tirar as rugas, um pouco de cera misturada com esperma de baleia. Os anos não passam em vão…

Tinha rodelas coladas às têmporas, uma espécie de sardas, um remédio caseiro feito de rodelas de papel besuntadas com sebo. Abriu a cigarreira de filigrana de prata e acendeu um cigarro. Duas mulatas sentadas numa almofada de pele de jaguar abanavam-na com leques.

– Sabia que estavas por cá…

– Deves ser a única a saber disso.

– Li-o na *Gaceta*.

Balmis falou-lhe da expedição, da decepção da chegada, dos obstáculos que lhe punham as autoridades. Depois recordaram velhos tempos, os êxitos do teatro, a história de amor deles que culminou quando Balmis ficou a saber que ela sofria do «mal francês».

– Trataste-me muito bem. Nunca mais voltei a ter problemas. Mas teria preferido continuar contigo como amante do que como paciente… Apesar das tuas excentricidades. Continuas a piscar os olhos descontroladamente.

À maneira de resposta, Balmis mostrou o seu tique habitual. Antoñita deu uma gargalhada.

– Como estás agora? – perguntou-lhe Balmis.

– Velha, gasta e feia, não te apercebes disso porque estou com a máscara.

– Envelhecidos estamos todos, e, se não, pouco falta. Um pouco mais velha do que quando te deixei, sim, estás. Mas nem gasta nem feia, isso nunca. Vejo-te bem tratada…

– Tive sorte, e um bom amante que cuidou de mim. Quando morreu, herdei esta casa e os seus outros bens. Por isso estou a salvo. Ao contrário da pobre Bárbara…

O médico teve um sobressalto ao ouvir o nome da antiga amante.

– Morreu na pobreza porque não encontrou outro que a tirasse dessa vida e por fim já não lhe davam trabalho como actriz. Vivia da caridade dos amigos. Bem vês, a nós, comediantes, o bispo nega-nos tudo, os sacramentos e até o direito a sermos enterrados adequadamente. Por isso, ela acabou na vala comum. Se pensarmos que era tão bonita… não podia ter acabado de maneira pior.

Balmis ficou aturdido.

– Lembro-me do riso dela…

– Ela amava-te muito. Dizia que vocês iam casar e viver em Espanha. Pura fantasia, porque te conheço melhor e sei que não foste feito para viver com uma mulher.

– Não é isso, eram as circunstâncias… – disse, abatido.

– As coisas mudaram muito desde o tempo em que viveste aqui. Dantes, os vice-reis gostavam de teatro e de artes e apoiavam-nos. O actual está demasiado ocupado a enriquecer. Faz-nos a vida impossível. Paga mal e tarde.

Iturrigaray tornara-se o centro de todos os mexericos na Cidade do México. Antoñita contou-lhe que, na época das chuvas, um dia pegou numa enxada para animar os trabalhadores que tentavam travar as inundações. Sempre com o objectivo de ganhar popularidade.

– Pouco a pouco, foi-se afundando em areias movediças – contou a Balmis – e esteve quase a perder a vida se não fosse o zelo dos cavalheiros que o acompanhavam e que conseguiram tirá-lo do lamaçal.

Riram-se com gosto.

– Como estão distantes os tempos de Bernardo de Gálvez…

– Ele, sim, ter-te-ia ajudado. Teria posto todo o seu empenho nisso e as pessoas estariam a fazer fila para se vacinarem.

– E o bispo?

– O da Cidade do México não te facilitará as coisas. Não se afasta da política nem das directrizes do vice-rei. A nós garante-nos a condenação eterna.

Antoñita aspirou com força o fumo do cigarro. Depois aproximou-se de Balmis e disse-lhe em voz baixa, para que as mulatas não a ouvissem:

– Sai desta cidade, querido, que está amaldiçoada enquanto o vice-rei continuar aqui. – Endireitou-se e mudou de tom. – Quem te pode ajudar é o bispo de Puebla, Don Ricardo María Rodríguez del Fresnillo. Ele receber-te-á como mereces. É um grande senhor. Foi um advogado famoso antes de entrar na Igreja, defendendo sempre os pobres e os índios, e os que não tinham uma simples moeda para se defenderem. É como tu, preocupa-se com os necessitados, e sabe muito de tudo… E, também como tu, acredita no bem.

– E tu, não acreditas no bem?

– No bem? Nem pensar, creio no cação, o que comíamos em Cádis, com muito cominho.

Riram-se de novo, o que desencadeou o riso das mulatas, divertidas com esse homenzarrão que levantava a voz enquanto piscava os olhos e sacudia a cabeça.

Capítulo 56

Na manhã seguinte, o regedor apresentou-se na casa dos arredores. Trazia a ordem de transferir as crianças para a sua nova residência, o Real Hospício dos Pobres. Três carruagens esperavam-nos lá fora. Os meninos estavam entusiasmados. Por fim iam conhecer o seu novo lar. Balmis demorou a acordar e a vestir-se. Quase não dormira porque ficara a conversar com Antoñita até de madrugada. Sentou-se na carruagem junto do regedor.

– As vacinações serão feitas no hospício… – disse este.

– Esse não é um bom lugar, está afastado e as pessoas costumam ser renitentes a irem a lugares públicos – replicou Balmis.

– É onde se costumam fazer desde que o vice-rei mandou vacinar lá o filho…. Se vísseis como se amontoavam as pessoas nas ruas para verem passar o cortejo de carruagens engalanadas…!

– Sim, já sei…

O Real Hospício dos Pobres ocupava um grande edifício na Calle da Merced. Embora o regulamento e o funcionamento tivessem sido copiados dos do orfanato de Madrid, era um hospício enorme, com mais de quatrocentos meninos e meninas abandonados que enchiam salas com paredes gretadas e sujas. A maioria eram negros, mestiços e índios, mas também havia uma boa quantidade de filhos ilegítimos brancos. Foram recebidos pelo capelão director e pela ama principal, uma mestiça gorda com cara redonda e duas tranças negras de colegial, que informou os recém-chegados que ali a divisão era diferente: até aos três anos eram considerados infantes, dos três aos sete anos, párvulos ou meninos, e a partir dos sete, mancebos ou moços. Cada categoria tinha as suas responsabilidades específicas. A maior falta que podia fazer um menino ou um párvulo era cometer erros nas lições de catecismo, o que era castigado com açoites. Outro castigo era pô-los de joelhos e segurando nas mãos uns pesos durante algum tempo, colocar-lhes um cepo que tinha suficiente quantidade de buracos para os diversos tamanhos das crianças, e, o mais temível de todos, o saco onde se enfiava um miúdo e que era atado no pescoço dele, pendurando-o por duas cordas do tecto, à vista de todos.

– Para os mancebos – disse no tom indiferente de que só uma funcionária mal paga era capaz – temos uma cela isolada onde os metemos durante o tempo que os professores ou o capelão decidirem.

Perante a expressão apavorada das crianças, acrescentou:

– Mas essa cela quase nunca é utilizada.

Tomás Melitón, que já tinha quatro anos, começou a chorar. Outros imitaram-no. Os mais velhos contiveram-se, mas fizeram um ar de repulsa. Cándido já estava a ver por onde poderia fugir.

Benito tinha a expressão de quem se salvara por pouco de uma execução. O desconcerto e a decepção podiam-se ler em todos os rostos, incluindo os de Balmis, dos ajudantes e de Isabel.

Quanto ao resto, continuaram a explicar-lhes, a vida nesse hospício não era muito diferente da vida na Casa dos Desamparados de Madrid. Aprendia-se a escrever durante as manhãs, nas aulas que davam os professores, embora o mais recomendado, como disse o capelão, fossem as orações, rezar o terço e outras devoções. Entre os párvulos, os ofícios repartiam-se por semanas de aprendizagem: roupeiros, varredores, acólitos, refeitoreiros, leitores e vigias. Uma vez explicado o funcionamento, as crianças tiveram de passar pelas formalidades de ingresso. O capelão admitiu-os um a um, anotou os dados correspondentes, como sinais particulares, vestes, idade, e depois indicou-lhes o caminho para a ama principal, que os atendia e lavava. Isabel teve de entregar os seus «infantes», os miúdos galegos mais novos, que agora tinham mais ou menos a idade de Tomás Melitón, a outra ama, que os levou para um quarto onde teriam de partilhar colchões de palha.

– Não te vás embora! – gritava Tomás a Isabel.

– Vou, mas virei ver-vos todos os dias – respondeu-lhe com um nó na garganta.

– Nãããããooo! Nãããããooo…!

Choravam baba e ranho e erguiam os bracinhos para ela. De repente, aquilo era uma cacofonia de prantos e gritos de crianças que se sentiam de novo abandonadas. Isabel sabia que era melhor ir-se embora do que ficar ali a consolá-los. Tencionava voltar todos os dias até que se acostumassem à nova vida. Ao descer as escadas, encontrou-se com Cándido, que já passara pelas formalidades de admissão.

– Por que não posso ficar com o Benito e contigo?

Isabel vacilou. Não sabia o que responder ao rapazinho que a olhava com ar de desafio. A vida não era fácil, os miúdos não podiam ser adoptados irreflectidamente, era necessário seguir certas regras…

– Não faças nenhum disparate – disse-lhe –, vamos fazer tudo o que for possível para vos tirar daqui, pouco a pouco.

– O doutor Balmis disse sempre que somos heróis… Então por que nos castiga metendo-nos aqui?

Também não sabia muito bem o que lhe responder.

– Não vos castiga, ninguém vos está a castigar.

– Sim, sim, a ama principal garantiu-me que muita gente vem cá para adoptar crianças…

Procuravam facilitar as adopções, garantira-lhe a ama. Mas na maioria, os adoptantes eram artesãos que levavam com eles meninos mais velhos para fazer deles seus aprendizes. Esses tinham a vida assegurada, como as meninas quando as contratavam para servirem nas casas… Os muito pequenos eram entregues a famílias cujas mulheres os tinham amamentado, se estas se tinham afeiçoado ao bebé e o reclamavam. Os outros, os da idade de Cándido, eram mais difíceis de colocar.

– Mais tarde ou mais cedo – dissera-lhe a ama principal –, um terço das crianças são adoptadas.

Isabel recordaria essa manhã como a pior de toda a sua vida. Preferia uma tempestade no alto mar, uma sobrecarga de trabalho, ou vacinar milhares de pessoas, qualquer coisa menos abandonar

os *seus* meninos nesse lugar. Tudo menos ter de ouvir os prantos e as súplicas de pequenos e grandes, ter de lhes arrancar as mãozinhas agarradas à sua blusa, sustentar os seus olhares decepcionados, sair dali com a sensação de ter participado numa traição generalizada, de ser cúmplice de uma manobra para os utilizar, de não estar à altura, de ter falhado na promessa de lhes proporcionar uma vida melhor. Desde a partida da Corunha, tinham decorrido nove meses de convivência intensa, de aventuras partilhadas, de angústias e regozijos, de brincadeiras e descobertas. Nove meses dependente de todos e de cada um deles.

Deixou-se cair no banco da carruagem, que arrancou logo.

– Adeus, Benito!

Era o Cándido, que gritava da janela do primeiro andar, agitando o braço que enfiava entre as grades. Benito levantou os olhos e fez-lhe sinal com a mão.

– Vem ver-me! – disse-lhe Cándido.

Benito assentiu.

– Que sorte tens em ficares com a tua mãe, felizardo!

– Oportunista! – respondeu Benito fazendo um riso falso.

– Gastador!

– Desastrado!

– Malparido!

A carruagem dobrou a esquina e os rapazinhos não puderam continuar a despedir-se.

Isabel estava destroçada.

– Tanta viagem, tantos perigos para as crianças, tanto sacrifício… para acabarem aqui? É assim que a monarquia agradece o serviço prestado por estes inocentes? Trouxemo-los de um orfanato pobre para um hospício miserável, que bela mudança! Não tínheis feito um acordo com a Coroa sobre o futuro destas crianças?

Balmis estava lívido. Também à sua casaca se tinham agarrado os miúdos, também a ele tinham suplicado e chorado. Também ele tinha má consciência.

– Este não é o acordo que fiz. A Coroa comprometeu-se a colocá-los oportunamente, de acordo com a sua classe e aptidões, em famílias da Nova Espanha.

– Então o que se passa é que o vice-rei não faz caso do rei.

– Sim, a isso chegámos neste império que está a romper por todas as costuras. Na cédula real foi ordenado ao vice-rei que os amparasse e educasse com os fundos do Erário Real até que pudessem sustentar-se por eles. Nunca pensei que os iria meter neste hospício. Existem outras instituições, colégios, academias…

Balmis deparava-se com o seu grande inimigo: a negligência dos que não se mantinham leais ao rei. Era evidente que nem o vice-rei nem as autoridades locais queriam tomar a seu cargo os meninos portadores da vacina por causa da responsabilidade e das despesas que implicava alimentá-los, cuidar deles e educá-los, apesar das ordens que explicitamente mandavam que lhes fosse dado um tratamento especial.

Capítulo 57

O regedor instalou-os numa casa da Calle Echevarría, mais central, propriedade da marquesa de Casa Nevada, a uns quarteirões da Plaza de Armas. Como todas as mansões nobres da Cidade do México, esta tinha a sua «sala do trono», sempre pronta para receber uma eventual visita dos reis de Espanha. Era a única divisão que estava concluída e luxuosamente decorada. Dispunha de um trono real de damasco, com debruns e franjas douradas e um tapete de veludo carmesim que podia medir cinquenta metros de comprimentos. Na expectativa de tão extraordinária quanto improvável visita, os nobres utilizavam essa sala para receber pessoas de grande categoria, incluindo o vice-rei, mostrando de passagem fidelidade ao monarca ausente e distante. Mas o resto da casa encontrava-se em obras e faltavam móveis.

– Peço-vos desculpa, mas não encontrámos nada melhor.

Mais uma vez, o regedor teve de ouvir censuras amargas.

– Desculpas! – gritou Balmis. – Desculpas! Isso pedis muito bem. Mas preferia que obedecêsseis ao rei de Espanha.

O regedor fez uma careta de desagrado e optou por se calar. Ninguém lhe falava nesse tom. *Quem se julgava esse peninsular pretensioso?*, pensou. Ele prestava contas ao vice-rei, e a mais ninguém, quer gostasse ou não esse médico amuado.

– Ficaremos bem acomodados – interveio Isabel para descontrair o ambiente. – É um alojamento muito melhor do que o de ontem.

O regedor respirou fundo, mais receptivo ao tom conciliador de Isabel do que ao mau génio de Balmis.

– Dizei-me o que precisais e eu vos farei chegar seja o que for.

Passaram os primeiros dias no hospício porque Balmis queria vacinar imediatamente, e Isabel queria estar com os pequenos porque sabia que precisavam dela. O pequeno Cándido esperava-os desde essa manhã encostado à janela do primeiro andar, tal era a ânsia de os ver. Apesar de ter plena consciência da sua orfandade, considerava Balmis, Isabel e Benito como se fossem a sua família, e não compreendia que o pusessem de parte. Alimentava a esperança de que o levassem com eles a qualquer momento. Para todos eles, era duro acostumarem-se ao confinamento do orfanato, que lhes parecia muito mais angustiante e lúgubre do que o do navio. Também não gostavam do tratamento severo dado pelos professores, nem que os obrigassem, como em Madrid, a recitar tantas orações e terços. Além disso, agora era a vez de eles sofrerem o assédio a que os submetiam os miúdos crioulos, como antes tinham acossado os mestiços e todos os miúdos novos e diferentes que se juntavam à expedição. Os crioulos troçavam do aspecto deles, dos uniformes

coçados e da sua maneira de falar. Para Gonzalo, o miúdo que esfregara um pedaço de estopa na cara do tamborzinho cubano, chegava agora a vez de ser objecto de escárnio por parte dos órfãos do hospício, que faziam troça do seu sotaque galego.

– Carinha de leite! Vamos-te beber!

– E é já!

– Cándido, ajuda-me!

Cándido, que lhe perdoara por ter sido injustamente castigado em vez dele quando Gonzalo fez aquela selvajaria no navio, não receava enfrentar os mexicanos, que também lhe chamavam «carinha de leite».

– Se lhe puseres a mão em cima, mando-te para a prisão, filho-da-puta!

A fúria que trazia dentro dele ajudava-o a fazer-se respeitar.

Balmis e Isabel vacinaram os expostos, enquanto aguardavam que viessem pessoas de fora, mas só chegaram sete no primeiro dia e nove no segundo. No terceiro dia não veio ninguém. Face a essa desconsoladora indiferença, Balmis receou mais uma vez perder o fluido e a cadeia de vacinações quando a reacção nas crianças alcançasse o seu máximo.

Pediu uma entrevista urgente com o vice-rei e desta vez fê-lo por intermédio do bispo Benito María Moxó, a quem contou a precária situação em que se encontravam as crianças no hospício. Se o vice-rei não cumprisse o seu compromisso, teria de pedir ajuda à Igreja, e mais valia ir preparando o terreno.

Desta vez, Iturrigaray recebeu Balmis. Fê-lo no seu gabinete do segundo andar do palácio, o mesmo onde Bernardo de Gálvez recebera o médico várias vezes, sempre com afecto e desvelo. Balmis não podia deixar de pensar nesse homem destruído pela sua honradez e integridade. Agora o mundo estava nas mãos desses aproveitadores e oportunistas que tinham aniquilado Gálvez pela inveja que desencadeara a sua glória.

José de Iturrigaray vestia um traje de seda bordada, com renda na gola, peruca branca e deslumbrantes chinelos de verniz. Balmis chegara ali com o cabelo encrespado, a barba por fazer, o colete e a casaca sujos de pó. Há dezoito anos que não se viam.

– Peço-vos mil desculpas pelos inconvenientes da vossa chegada – começou por lhe dizer o vice-rei. – Apanhaste-nos desprevenidos…

– Não exactamente, excelência – sublinhou Balmis.

O vice-rei ignorou a réplica de Balmis e continuou:

– Lembro-me de vós em Algeciras, sempre com os vossos ensaios e experiências… Alegra-me ver que vos tornastes um grande médico, ainda que vos veja pálido e magro.

– A vingança de Montezuma, já sabeis como é…

O vice-rei deu uma gargalhada.

– Que cabrão, esse Montezuma…!

– Eu lembro-me das vossas piadas… Tínheis um repertório único.

O vice-rei sorriu. Na relação com os outros era simples, franco, sem complicações cerimoniosas, compreensivo, indulgente e misericordioso. Tinha fama de conceder todos os indultos que lhe pediam, e de o fazer logo e com gosto. Tudo com a finalidade de agradar.

Balmis disse-lhe com uma ponta de ironia:

– Agora sois o rei noutras carnes.

Era uma frase de um antigo vice-rei do Peru, outro sátrapa, que reflectia bem o poder desse cargo. O vice-rei era o homem mais poderoso do vasto império americano da Espanha. O seu superior imediato, o rei de Espanha, vivia a sete mil quilómetros de distância, e a probabilidade de que fosse visitar os seus territórios de além-mar era nula. Iturrigaray respondeu:

– Digamos que Deus está no céu, o rei está em Espanha, e eu estou aqui. – E riu-se da sua piada.

– E eu venho suplicar-vos que nos ajudeis – disse Balmis.

– Para isso estou aqui.

– Primeiro, preciso urgentemente de alguns indivíduos para vacinar a fim de preservar o fluido que trazemos desde Espanha. Segundo, preciso que tomeis a vosso cargo as crianças peninsulares que transportaram a vacina, segundo as disposições reais, e que não estejam misturadas com o resto da miserável população do hospício…

Foi a maneira mais diplomática que encontrou para lhe dizer que devia tratá-los de acordo com o que fora combinado com a Coroa. O vice-rei escutava-o agora com o sobrolho franzido. Balmis prosseguiu:

– E terceiro, que façais o necessário para nos facilitar a viagem até às Filipinas, assim que terminarmos a nossa tarefa no México.

O vice-rei limpou a garganta.

– Falarei com o Conselho para vos conseguir esses indivíduos e vaciná-los. Mas tendes de saber que a vacina já foi introduzida na Nova Espanha, doutor Balmis. Fiz isso assim que cheguei, com a colaboração de médicos da Nova Espanha.

– Mas sabíeis que a expedição vinha a caminho, com todas as condições necessárias para introduzir o fluido de qualidade que trouxemos com extremo cuidado da Península.

– Sim, claro que sabia, mas… e se vos atrasásseis indefinidamente ou se o vosso navio naufragasse? Além disso, conhecendo bem as finanças do Império, duvidava que a expedição se pudesse financiar. Por isso não quis perder tempo. Para um governante, acima de tudo está a felicidade do povo, como bem sabeis. – Tanto cinismo causou em Balmis uma enxurrada de tiques. – Nisso não mudastes nada. Continuais igual ao que éreis em jovem! – disse-lhe Iturrigaray, entregando-lhe sete pastas cheias de papéis. – Aqui tendes todos os documentos da campanha que empreendemos na Nova Espanha.

O médico deitou uma rápida vista de olhos aos documentos, enquanto o vice-rei alisava as suíças olhando-se no reflexo dos chinelos de verniz. Continuava a ser tão vaidoso como antes. Balmis viu o ofício de 5 de Maio do vice-rei dirigido ao fiscal da Fazenda Real para impedir a chegada da expedição a Veracruz, confirmando assim o que lhe contara o bispo Benito María Moxó. Optou por não dizer nada e continuou a folhear os papéis.

– Vede, este documento diz que só foram imunizadas quatrocentas e setenta e nove pessoas na capital… Excelência, restam trinta mil residentes nesta cidade susceptíveis de apanhar a varíola. Não o podeis ignorar.

– Há uma resistência popular à vacina, sem dúvida.

– Imploro-vos que useis a vossa influência sobre a plebe para que aproveitem o precioso fluido. Há vários dias que estamos a vacinar no hospício e quase ninguém se ofereceu para ser inoculado.

– Em nenhuma circunstância aprovaria vacinações forçadas. O que posso fazer é ordenar que se coloquem alguns cartazes para fazer propaganda da vossa expedição.

– Ficaria muito agradecido, mas não chega. Tal como fizemos na Venezuela, necessitaria que convocásseis as corporações, grémios e sociedades de amigos para apoiarem o nosso trabalho.

Contou-lhe como tinham galvanizado a população de lá, como tinham organizado as juntas de vacinação, falou-lhe da grande quantidade de vacinados, mas o vice-rei mostrava-se indiferente.

– Eu também envolvi as forças vivas. Vacinei o meu filho num acto público para dar o exemplo.

– Mas a vacina não pegou por a matéria não ter produzido nenhum efeito, porque sem dúvida perdera virtudes na transferência.

O vice-rei mordeu o lábio, esse zé-ninguém do Balmis estava a par de tudo. Para o médico, era evidente que ao vice-rei não interessava tanto dar o exemplo e conseguir a imunidade contra a doença, como dar a conhecer a sua conduta para conseguir a admiração da sua corte e apagar a má impressão inicial.

– Com todo o respeito, se falta entusiasmo popular – atreveu-se a dizer-lhe Balmis –, é devido aos maus resultados que se obtiveram até agora.

– Não afirmeis isso antes de lerdes os documentos que vos entreguei.

– Não encontrámos rasto da vacina em nenhuma das cidades pelas quais passámos. O povo não tem noção da sua importância. Não chega inocular-lhes um fluido que, trazido de Cuba entre vidros, perdeu toda ou parte da sua eficácia. Não chega vacinar os filhos dos notáveis, é preciso vacinar todo o povo, mestiços, índios e negros, e depois os recém-nascidos. É necessário fazer isso de maneira sistemática, não descontinuadamente.

– Apresentai-me então um plano para vencer a resistência do povo. Conseguimos impor a lei de Cristo nas missas, nas procissões, nas festas dos patronos, mas não nas almas, e essa é a verdade.

– Apresentar-vos-ei o plano antes do fim do mês. Será um plano em que, se mo permitis, explicarei as medidas que se devem tomar. Precisamos de celebrações públicas, missas solenes, cerimónias de vacinações para despertar na população o desejo de se vacinar.

– Quanto às crianças – disse o vice-rei –, podemos fazê-las entrar na Escola Patriótica. Aí aprenderão um ofício e as condições serão melhores. Os padres betlemitas também têm bons colégios, fostes vê-los?

Balmis abanou a cabeça.

– Se as aceitassem, deixariam de ser um encargo para o nosso lesado Erário Real.

– Bom, assim farei.

Fez-se silêncio, como se Iturrigaray considerasse que a conversa chegara ao fim. Pelos silêncios e pelo olhar, notava-se que Balmis o exasperava. O vice-rei continuava a deitar olhadelas aos chinelos, era um homem que gostava de si.

– E as Filipinas? – perguntou o médico. – Podíamos aproveitar a próxima viagem do Galeão de Manila e partir de Acapulco. Precisaria de saber a data exacta de partida para ter os preparativos

prontos. Vossa Excelência podia dar ordem ao capitão do galeão para que nos consiga instalações para entre quarenta e quarenta e seis pessoas…

Iturrigaray assobiou e desviou o olhar. Balmis fixou-se no nariz aquilino dele e na mandíbula de predador.

– Tanta gente! – exclamou Iturrigaray. – É uma empresa cara, e talvez desnecessária no estado em que se encontram os cofres neste momento.

– Desnecessária?

– Se a vacina já foi difundida nas ilhas, é desnecessária.

– Mas de acordo com a Cédula Real…

– Sim, já sei, mas na corte nem sempre têm noção do estado das nossas finanças – interrompeu-o o vice-rei, dando a entender que faria o que ele decidisse.

Balmis estava tão indignado que tinha as mãos suadas. Iturrigaray era um lobo com pele de cordeiro.

– Ainda que a vacina tenha chegado às ilhas, a expedição continua a ser necessária para ensinar médicos, criar juntas de vacinação e clínicas, de acordo com as instruções de Sua Majestade.

– Estais autorizado a fazer os preparativos – disse-lhe o vice-rei –, mas, se eu vier a saber que a vacina já foi introduzida nas Filipinas, reservo-me o direito de rescindir a autorização de viagem. Já vos disse: os nossos cofres estão vazios.

Balmis debatia-se para conter a sua ira. Esse homem, que todos sabiam que se enriquecera à custa do Erário, acreditava realmente que era o rei noutras carnes, capaz de desatender as ordens de Madrid. Jurou que daria a conhecer ao rei o comportamento de Iturrigaray, não pelo orgulho ferido, mas pelos milhares de mortos devido à varíola que a sua actuação estava a causar.

Capítulo 58

O vice-rei não fez nada daquilo com que se comprometera, excepto mandar colocar alguns cartazes que não surtiram efeito porque a maioria da população não sabia ler. Balmis pediu ajuda ao administrador regional, um homem determinado, que conseguiu levar vinte índias ao hospício com a finalidade de vacinarem os filhos. Como gritavam essas mulheres! As crianças ali internadas estavam assustadas. Não havia maneira de convencer essas mães, apesar dos esforços de persuasão de Isabel e dos enfermeiros. Inocular o mal nos seus rebentos causava-lhes repugnância e medo. Balmis tentou dar-lhes algum dinheiro, mas elas não só se recusaram a recebê-lo como tiraram dinheiro das saias e ofereceram-no a Balmis para que libertasse os filhos. Teria sido uma situação cómica se não fosse o facto de essas mulheres estarem tão aterradas.

– Nestas condições não é possível vaciná-los – disse Balmis.

– Deixai-as comigo, doutor! Eu sei como lidar com esta gente. É preciso forçá-las – disse o administrador.

– Não, não se pode fazer isso – disse Isabel.

– É para bem delas, para o bem dos filhos delas.

O administrador arrancou um pequeno dos braços da mãe e atou-o a uma cadeira, enquanto as mulheres uivavam no corredor, como se estivessem a chorar os seus mortos.

– Não! Assim não vale a pena vacinar – disse Balmis perante o olhar de incompreensão do administrador. – Não se trata de forçar as pessoas, mas sim de as convencer. Se não, como diz o provérbio, é pão para hoje e fome para amanhã.

O administrador não compreendia que não se obrigasse os índios a fazer o que fosse necessário, sem outras considerações.



No fim do mês, Balmis apresentou ao vice-rei os documentos sobre os meios necessários para se manter e conservar a vacina na Nova Espanha e a maneira de se instalar um centro de vacinação pública num edifício central que tivesse quartos limpos e confortáveis para atrair o público. O seu plano contemplava a revacinação de todos os que tinham sido inoculados, se fosse necessário em troca de uma pequena recompensa monetária. Dedicara longas horas a preparar os relatórios e tinha confiança em que o facto de ter apresentado tudo de maneira coerente e lógica faria com que o vice-rei reflectisse e mudasse de atitude.

Enquanto esperava pela resposta dele, foi com Isabel fazer uma visita ao convento dos padres betlemitas na Calle Tacuba, tal como lhe sugerira Iturrigaray. À entrada de um edifício majestoso foram recebidos por frei Rodrigo, um homem alto e magro, com grandes olhos azuis e brilhantes, vestido com o típico hábito castanho da ordem, apertado à cintura por um cinto de cabedal,

calçando sandálias e com uma barba hirsuta que lhe chegava ao umbigo. Balmis pensou nesses santos cujos retratos, assinados por Murillo ou El Greco, estavam pendurados nas paredes das igrejas da Península. Ao pescoço trazia o medalhão da ordem, que representava o nascimento de Jesus na manjedoura de Belém. Enquanto membros da primeira ordem religiosa nascida na América com o objectivo de servir os pobres, eram reconhecidos em todo o continente pelo seu aspecto de mendicantes, ou de vagabundos, mais do que como padres. A sua imagem dava a entender que viviam rigorosamente o voto de pobreza.

– Claro que tomaremos a nosso cargo os vossos galegos. Contamos em toda a Nova Espanha com mais de vinte hospitais e uma dezena de escolas.

Isabel respirou aliviada. Frei Rodrigo prosseguiu:

– Vou mostrar-vos a nossa escola, que se encontra do outro lado do claustro. Aí damos de comer aos pobres e ensinamos as crianças.

Para se ter acesso à escola era preciso atravessar o hospital dos mais pobres, do outro lado de um claustro ricamente decorado com azulejos e fontes de pedra lavrada. Mas assim que entraram, Isabel, tomada por náuseas, teve de recuar com a mão na boca. O cheiro era insuportável. Balmis também teve de conter a vontade de vomitar, nunca vira um hospital tão abarrotado, tão pobre, tão destituído de tudo. Era evidente que nem conseguiam manter um mínimo de higiene, tal era o amontoamento de doentes: variolosos, tísicos, sifilíticos, feridos, presidiários recém-libertados, alguns deitados em colchões, outros num pano ou numa pele no chão. Também havia loucos que faziam gestos ameaçadores ou soezes, ou que repetiam uma frase batendo com a cabeça nas paredes. A Ordem dos Betlemitas fora a primeira a abordar a loucura. Frei Rodrigo explicava-o assim:

– No artigo quinto dos nossos estatutos encontra-se a obrigação de acolhermos todo o tipo de doentes, mesmo que sejam contagiosos. Estamos obrigados a trazê-los aos nossos ombros para os nossos hospitais. Aos infiéis também. E aos loucos, damos-lhes abrigo. Hoje entraram duas mulheres que o doutor Urtubez tratou de melancolia involutiva.

Isabel viu-as: estavam a despiolhar-se tranquilamente, sentadas no parapeito de uma janela. O mais insólito desse lugar nauseabundo cheio de todos os tipos de sofrimento humano era que, uma vez o olfacto acostumado, irradiava uma estranha serenidade. Frei Rodrigo virou-se para Isabel e disse-lhe:

– Aqui deixamos os loucos mansos à solta; para os furiosos temos quatro calabouços no segundo pátio.

Depois, abrindo os seus grandes olhos azuis, acrescentou:

– O delírio, senhora, quando acompanhado pela solidão, causa grande tristeza.

Esse padre era o mais próximo de um santo que Isabel conhecera. Mas como devia ser dura a santidade! Eles, os expedicionários, tão orgulhosos da sua dedicação à salvação do mundo, encontravam-se com homens muito mais devotados, de uma humildade admirável, que levavam a cabo uma tarefa elogiosa com muito pouco orçamento.

– Espanta-me o contraste entre os vossos poucos meios e a riqueza do edifício. Estes azulejos, por exemplo, ou as fontes do claustro…

– Doutor Balmis, é mais fácil conseguir fundos para abrir novas sedes do que para as despesas diárias… – disse-lhe frei Rodrigo. – Essa é a nossa realidade quotidiana, e a ela nos adaptamos confiando em que o Todo-Poderoso nos oferecerá sempre soluções.

A escola padecia dos mesmos problemas de amontoamento e de falta de higiene que tinha o hospital: jovens de todas as idades acumulados num espaço reduzido, mal vestidos e, a avaliar pela sopa esbranquiçada que lhes foi servida, subalimentados. A diferença era que aqui não havia medidas coercivas nem de castigo comparáveis com as do hospício. Isto era paz e pobreza. Isabel e Balmis chegaram à mesma conclusão, esse não era um lugar para deixar os galegos: primeiro, não cabiam, apesar de frei Rodrigo afirmar o contrário; segundo, isso ficava ainda mais longe das condições prometidas pela Coroa. Isabel e Balmis, que julgavam ter visto o pior no Hospício dos Pobres, tiveram de admitir que a escola dos padres também não era a solução.

Isabel voltou ao hospício com a firme intenção de convencer o director a mudar os sete meninos de três e quatro anos para a secção das mulheres porque, segundo ela, os mais pequenos necessitavam de um ambiente física e moralmente mais são. Pelo menos ali teriam melhores cuidados e estariam mais vigiados. Por agora, era tudo o que podia fazer por eles.

Restava a Escola Patriótica, criada graças à generosa doação do capitão Francisco Zuñiga, um rico proprietário de minas que destinou duzentos mil pesos para a formação profissional de órfãos de ambos os sexos, mas foram informados que o edifício se encontrava em construção e ainda não se tinham distribuído os lugares. Nenhuma das soluções propostas pelo vice-rei era viável.

Capítulo 59

Balmis estava farto de tanto esperar sem obter respostas. Mas Iturrigaray nem acusou a recepção dos seus documentos, o que era uma maneira pouco subtil de ignorar todas as suas recomendações. Pressupunha uma atitude e um silêncio ofensivos. *Por que me vê como um inimigo político, se a expedição tem apenas fins humanitários?*, perguntava-se Balmis quando ao fim do dia ia visitar Antoñita San Martín.

– Continuas a ser tão ingénuo como sempre foste – disse-lhe a actriz. – Julgas que o mundo é uma coisa óbvia, como o teu trabalho: fazes uma picadela na pele, a pessoa reage e salva-se da varíola. Mas não, a vida não é assim. Vê se metes na tua cabeça que tudo o que não resulta em benefício pessoal desse senhorzinho andaluz que temos como vice-rei, não lhe interessa. É tão simples como isso, vê lá tu.

Mas Balmis tinha dificuldade em aceitar que uma personalidade da categoria de um vice-rei pudesse agir dessa maneira. Depois de uma pausa, disse:

– Então é inútil ficarmos na Cidade do México.

A mulher pousou o cigarro num cinzeiro e bateu palmas, troçando.

– Mas que esperto és, querido! Como podes ser tão esperto para umas coisas e tão parvo para outras? Tão cegueta? Às vezes, para se ganhar uma guerra, é necessário perder batalhas, e esta é melhor dá-la como perdida. Ouve o que te digo, vai para Puebla e coloca-te sob a protecção do bispo.

Balmis fervia de raiva. Não dormia de noite, pensando no que devia fazer. Compreendia que o conflito com Iturrigaray não podia ficar assim. Reagiu como costumava fazer em situações como essa, com as armas de que dispunha, e que podiam ser muito eficazes. Dedicou-se a escrever longos documentos destinados ao Tribunal Real, ao Protomedicato e ao ministro do rei José Caballero. Com a sua característica minuciosidade, descreveu como um fracasso a campanha de vacinação empreendida pelo vice-rei. Alegou que este se tinha fiado em pessoas pouco ou nada instruídas, ou em afilhados seus que desejava colocar em certos lugares, acusando-o de nepotismo. Depois passou a esmiuçar os erros que se tinham cometido, incluindo os mais grosseiros, como a utilização de fluido imaturo, erro que também se cometera em Porto Rico. Após muitas noites em branco, Balmis desforrou-se. Não eram cartas escritas para facilitar as relações com o vice-rei, mas pensou que, quando chegasse às mãos deste a admoestação, já estaria muito longe do seu alcance. Iam para Puebla.

Isabel foi ao hospício para se despedir de Cándido.

– Vamo-nos embora só por uns dias…

– Por que não posso ir convosco?

– Porque já estás vacinado.
– E o Benito também…
– Sim, mas ele tem de acompanhar a mãe.
Cándido estava amuado.
– Se Benito é um filho que adoptaste, porque não me adoptas também a mim? – perguntou.
– Se pudesse, fazia-o…
– Por que não podes?
– Não poderia sustentar-te, mas talvez um dia…
Quis deixar-lhe um pingo de esperança a que se pudesse agarrar, mas o rapazinho estava zangado, foi-se embora e deixou-a ali parada, sem se despedir.

A 18 de Setembro de 1804, escoltados por soldados do exército, chegaram a Puebla de los Ángeles, a segunda cidade do vice-reino, acompanhados por Benito e por outro rapazinho do hospício que transportava a linfa e ia vestido à antiga, com gibão, calças e gola de rufo.
– A lenda diz que foi fundada pela vontade de uns anjos – explicaram-lhes.
Isabel achou que só mesmo uns anjos podiam ter escolhido esse vale lá no alto para erguer essa esplêndida cidade rodeada por vulcões aflorados pela neve. O ar era cristalino e a temperatura era suave, primaveril. Quando Balmis viu, à entrada da cidade, que os esperava um numeroso grupo de funcionários reais e religiosos rodeados por uma multidão de habitantes, lembrou-se das palavras de Antoñita San Martín sobre o bispo local, e soltou um profundo suspiro.
– O que esperáveis na capital encontrá-lo-emos aqui – disse-lhe Isabel.
O governador, que divulgara uma proclamação anunciando a chegada da expedição, pronunciou um breve discurso elogiando «a preciosa vacina» e depois ofereceu-se para os acompanhar à catedral. Balmis e Isabel estavam exultantes. Tinham a sensação de flutuar enquanto atravessavam as ruas empedradas e ladeadas por igrejas, mosteiros e palácios construídos em pedra de cantaria cinzenta e tijolo vermelho. Não podiam deixar de admirar as glicínias e as roseiras que trepavam pelas fachadas dos edifícios, de cujas varandas os habitantes os saudavam e lhes lançavam vivas e flores.
– Nunca tinha visto azulejos de tantas cores – disse Balmis, a quem surgira uma pequena paixão por esses azulejos, talvez porque revelavam o estatuto dos seus proprietários.
– Dantes vinham das Filipinas; agora Puebla tornou-se o centro de produção de cerâmica mais importante de toda a América espanhola – disse-lhe o governador.
Filipinas… pensou Balmis. *Sim, já estamos a caminho.* O apoio, o calor humano, o ambiente de festa, as palavras de gratidão; não havia dinheiro no mundo capaz de rivalizar com essa sensação de plenitude. Sentir o reconhecimento pelo trabalho bem feito fazia-os sentir-se no paraíso.
Chegaram à catedral, a maior do continente, mas estava tão abarrotada que tiveram dificuldade em se aproximarem da capela do Rosário para verem o ouro que a revestia. Com grande custo abriram caminho até chegarem às primeiras filas, onde os expedicionários tomaram lugar. Cheirava a incenso e aos milhares de flores que decoravam o altar. Fez-se silêncio quando apareceu o bispo Ricardo María Rodríguez del Fresnillo, um homem de porte aristocrático, com olhos cinzentos de

olhar sereno, cabelo grisalho penteado para trás, testa ampla e voz aveludada. Depois de recordar os estragos causados pela epidemia que assolara Puebla em 1797, enalteceu a figura do rei e a coragem dos expedicionários. A seguir, desceu os degraus do altar, aproximou-se do menino portador da vacina e levou-o consigo para o púlpito. Balmis pensou nos noventa e sete pesos que lhe custara o traje do menino, de estilo «espanhol antigo».

– Valeu a pena o traje – disse a Isabel.

Comprara-o para impressionar o povo, para envolver a ideia da vacina numa aura de fantasia. Apontando para o rapazinho, o bispo pronunciou um eloquente discurso: «Pais e mães de família, que tendes todos os vossos encantos nos vossos filhos queridos, e que justamente os vedes como o apoio da vossa velhice, não receeis que nesses objectos das vossas carícias se introduza por meio de uma operação suave e ligeira um fluido que os tornará invulneráveis à acção maligna da varíola, sem que eles experimentem o menor malefício nem em vós aumentem despesas e cuidados.» A terminar, os tubos do órgão entoaram um *Te Deum* majestoso e solene de acção de graças em honra dos recém-chegados.

Capítulo 60

Sua Eminência era um bispo crioulo de família endinheirada, nascido em Veta Grande, Zacatecas, um homem culto, apaixonado pela História, filho do seu século, o das Luzes, tal como Balmis. Um filantropo preocupado com o bem-estar dos seus fiéis, sobretudo dos mais pobres, os quais defendeu durante os anos em que exerceu a advocacia, sem nunca lhes cobrar nada, e aos quais agora destinava uma parte substancial do dízimo que recebia. Um homem que gozava da simpatia de todos, fossem eles ricos ou pobres. Alguém que fez algo inaudito, desfazer-se dos bens de raiz que herdara da sua família, distribuir uma quantidade entre os mais necessitados e rodear-se dos objectos que mais apreciava: livros, quadros e esculturas de madeira talhada. A sua biblioteca impressionou Balmis, não só pelos mais de cinco mil volumes que guardava, como também porque reflectia a sua atitude iluminista, já que, com livros do padre Feijoo, de Campomanes e Jovellanos, que tentavam aproveitar o Iluminismo como instrumento para a mudança política e social de Espanha e dos seus domínios, incluía obras de Rousseau, Voltaire e Montesquieu, autores proibidos pela Inquisição. Inteligente, aberto e afável, ofereceu a Balmis o apoio económico e logístico necessário para estabelecer uma Junta Central de vacinação e uma clínica, e todo o seu entusiasmo para estender a vacina pela província. Resultado: num mês, dez mil pessoas foram vacinadas e nos três meses seguintes, antes do fim do ano de 1804, a grande maioria dos habitantes de Puebla estava imunizada.

Nas suas saídas para as aldeias dos arredores, os expedicionários distribuíram caderninhos impressos pelo bispo e ensinaram aos responsáveis como vacinar. Além disso, Balmis fez uma importante descoberta no vizinho vale de Atlixco, onde encontrou vacas infectadas com o vírus da varíola bovina. Era uma grande notícia saber que na Nova Espanha havia uma fonte nativa da vacina. Imediatamente contou isso por carta ao ministro Caballero.

Isabel sonhava com a ideia de ficar em Puebla. Gostava da casa antiga e ampla que lhes atribuíra o bispo, por cuja fachada trepavam madressilvas e jasmins. Gostava de se perder nos caminhos estreitos das suas ruas e jardins, desfrutava do bom clima, da grandeza do horizonte e dos sabores das suas comidas. A recepção efusiva dos camponeses tocara-lhe na alma, sobretudo depois do que tinham passado na Cidade do México. Aqui todos a conheciam porque o bispo elogiou o seu trabalho nas missas. O prelado imaginava muito bem como devia ter sido difícil essa viagem com tantas crianças às quais se provocava a doença contagiando-as com a vacina. Admirava Isabel por tê-las alimentado e mantido vivas, por tê-las lavado, vestido, alegrado, consolado e mimado… Por isso cumprimentavam Isabel carinhosamente quando, vestida como as mexicanas com um traje constituído por uma saia e coberta com um lenço dobrado e um xaile, ia comprar tortinhas de Santa

Clara ou doces de nozes e pinhões ao mercado do Zócalo. Nunca se sentira querida dessa maneira. Era uma sensação inebriante para uma pobre «mulher perdida».

Em privado, o prelado interessou-se por ela e, quando Isabel lhe pediu uma audiência, concedeu-a imediatamente. Isabel, envolta numa mantilha que lhe servia também para esconder as mãos, ásperas e calejadas, atravessou o pátio do palácio episcopal, um edifício enorme de dois andares com uma fachada de pedra lavrada. Ia acompanhada por um diácono índio que a conduziu ao segundo andar e lhe indicou que se sentasse e esperasse num salão. Isabel examinou os móveis delicados e as tapeçarias, que lhe lembravam a casa de Don Jerónimo na Corunha. Num gesto instintivo, limpou com o dedo um pouco de pó que havia em cima de um pratinho de cobre gravado. Quando o prelado entrou, pareceu-lhe que não andava como um homem normal: com a sua longa batina parecia deslizar no chão. Ao ajoelhar-se para lhe beijar o anel, Isabel tremia. Ela, uma pobre camponesa galega, sentia-se intimidada e ao mesmo tempo orgulhosa pelo que estava a viver. Quando levantou os olhos e se fixou nos traços finos e elegantes do bispo, nos seus dedos compridos, nos olhos cinzentos salpicados de manchas cor de mel, pensou que nunca vira um homem tão bem-parecido. Deus dera a Puebla um bispo perfeito, pensou. Ele, consciente da sua excelência, deixou-a mais confiante fazendo-lhe múltiplas perguntas sobre a sua vida na aldeia, os pais, o filho «adoptivo», a Galiza e as vicissitudes da expedição. Acostumada à atitude altiva dos padres da Galiza, sentia-se desconcertada com a familiaridade, a simplicidade e a amabilidade que esse bispo mostrava em relação à gente humilde.

– Que idade tendes? – perguntou-lhe o bispo.

– Vinte e quatro anos… Já sou uma solteirona – respondeu Isabel, forçando um pouco o sorriso.

– Tão jovem e tão viajada – disse o bispo. – É admirável. Não estais casada?

Isabel engoliu em seco.

– Não, não tenho marido, adoptei um menino. – E ao mentir sentiu que corava. Mas lançou-se. – O que preciso, Eminência, e por isso queria ver-vos, é que o meu filho Benito estude. Que não acabe como um mandrião.

Nesse momento lembrou-se do pai dela, Jacobo, e da sensação que devia ter sentido quando pediu ao padre da aldeia que lhe arranjasse um lugar como criada. Por um filho, somos capazes de tudo, até do atrevimento de pedir uma audiência ao bispo.

– Temos o Colégio Carolino, na realidade são três antigos colégios fundidos, é uma instituição prestigiada.

– Mas eu não… não ganho para o poder pagar…

– Não vos preocupeis. O dízimo permite-me distribuir algumas bolsas. Podeis contar com uma para o vosso filho.

Disse-lhe isso assim rápida, concisa e claramente, sem ter noção de que ao fazer isso estava a causar um terramoto interior na jovem. O que a Coroa não conseguira para nenhum dos meninos da expedição, ela conseguia-o para o filho. E talvez também para Cándido.

– E vós, tendes planos para quando tiverdes terminado o vosso trabalho na expedição?

A pergunta apanhou-a de surpresa e balbuciou:

– Não, não, só cuidar do meu filho até que possa ter autonomia.

– Se precisardes, poderia arranjar-vos um lugar no Convento de Santa Clara.

Não eram só as freiras que viviam nos conventos, havia também damas que se retiravam para ali por não terem encontrado marido, por terem sido enganadas por um pretendente, por terem sido pouco beneficiadas pela beleza ou por não encontrarem apoio no mundo. Algumas dessas damas tinham à sua disposição criadas e freiras e andavam ricamente enfeitadas com jóias. Outras, mais modestas, viam passar os anos a partir da segurança do claustro.

– Preferia trabalhar num hospital.

– Sem dúvida contais com uma incalculável experiência a cuidar de doentes. Que uma pessoa da vossa valia permaneça em Puebla seria uma grande honra para nós. E se pensardes nisso, tendes de saber que encontrareis neste bispado a ajuda necessária.

O bispo oferecia-lhe algo mais do que uma oportunidade única. Oferecia-lhe uma vida. Para ela e para o filho. Se já pressentia que encontrara em Puebla de los Ángeles o seu lugar no mundo, depois de falar com Don Ricardo esse sentimento transformou-se numa certeza.

Capítulo 61

Isabel teve de moderar o seu entusiasmo. Dois dias depois da audiência com o bispo, Balmis recebeu uma mensagem do vice-rei exigindo-lhe que regressasse à Cidade do México «com a maior brevidade».

– Como durou pouco o paraíso de Puebla – comentou Balmis. – Não o terá irritado o nosso êxito aqui?

– É muito provável – disse um dos ajudantes.

Mas o assunto que reclamava o regresso de Balmis à capital era mais grave do que a simples inveja do vice-rei. Várias das primeiras crianças vacinadas no hospital tinham falecido, e os funcionários achavam que a vacina trazida de Espanha fora a causa dessas mortes. Iturrigaray mandara abrir um inquérito. Balmis tinha de se defender de um ataque que suspeitava ser orquestrado pelo vice-rei. Será que lhe tinham já chegado repercussões dos relatórios que Balmis enviara para Madrid? Era impossível, não decorrera tempo suficiente.

– Isabel, peço-vos que me acompanheis até à Cidade do México com três dos nossos ajudantes. Quanto aos outros, vou enviá-los com Antonio Gutiérrez, um ajudante e duas crianças, para difundir a vacina em Valladolid e Guadalajara.

Ou seja, uma viagem de milhares de quilómetros pelo norte da Nova Espanha. Isabel, que sonhava reformar-se, viver uma vida tranquila num lugar como Puebla, sem sobressaltos nem dissabores, sentiu que a sua hora ainda não tinha chegado, não podia abandonar Balmis nesse momento. Entre o dever e a felicidade, escolhia sempre o dever, era algo que tinha no mais profundo do seu ser.

Quando chegaram à Cidade do México, Balmis foi chamado ao hospício, onde se devia reunir com cinco médicos para inspeccionarem o lugar e os internados. Isabel foi com ele, tinha um desejo ardente de ver os seus «galeguinhos». Subiu as escadas a correr e no segundo andar foi recebida pela ama principal:

– Vede! – disse-lhe apontando para um buraco numa parede enegrecida onde antes havia uma janela. – O Cándido!

O pequeno deitara fogo à janela, saltara para o pátio e fugira pouco tempo depois da partida dela para Puebla. A direcção do hospício dera parte do ocorrido à Guarda do Vice-Reino, que andava à procura dele. Isabel sentiu um aperto no coração. Agora arrependia-se de o ter deixado ali, mas nem Balmis nem os outros teriam entendido por que deviam incluí-lo na viagem. Sentia-se culpada de não ter lutado por ele, um rapazinho que só exigia ser amado como qualquer outro. Como o pequeno Benito. Não fugira clandestinamente, deixara patente a sua raiva ao deitar fogo a essa

divisão. *Onde estaria agora?*, perguntava-se angustiada. *Quem lhe daria de comer? Como cuidaria de si estando sozinho?* Isabel era assaltada pelos pensamentos mais sinistros porque vira a miséria dos arredores da cidade, conhecia a insalubridade dos pântanos e os riscos da vida nos bairros fora dos muros da cidade, tão cheios de vícios e onde a juventude incauta se perdia com facilidade.

Dois dos médicos nomeados pelo vice-rei para levarem a cabo a investigação eram antigos colegas de Balmis, do tempo em que trabalhara no Hospital do Amor de Deus. Admiravam o médico de Alicante, que consideravam uma sumidade desde que conseguira curar o mal gálico com aquela cozedura de piteira e begónia. Foi um reencontro emocionado, em que trocaram recordações do vice-rei Gálvez, de Núñez de Haro, das meninas do Coliseo, de uma época próxima no tempo e que, no entanto, parecia tão distante, porque agora os valores mais elementares pareciam desagregar-se como a unidade do Império. Estavam de acordo em que a corrupção campeava sem limites e que se perdera o respeito pelo rei e pela mãe-pátria. Todos partilhavam a sensação de que estavam a viver o fim de um mundo em que a paixão pelo progresso não conseguia vencer atitudes e mentalidades próprias da Idade Média.

Depois de inspeccionar o Hospício dos Expostos e de debater casos individuais, cada um dos médicos escreveu o seu relatório, que apresentou ao vice-rei. Este convocou-os para uma audiência no hospício em que seriam apresentadas as deliberações finais, presidida pelo doutor García Jové, director do Protomedicato. O vice-rei não compareceu à reunião. Depois de ouvir cada um dos colegas, que foram unânimes em que, antes de morrerem, os meninos tinham tido a cara e os pés inchados, Balmis apresentou a sua versão do sucedido:

– Para esta terrível desgraça contribuíram a humidade e os quartos mal arejados da casa, a roupa inadequada e a má alimentação, a ausência de afecto maternal e, sobretudo, a má saúde crónica de que padecem. Um esgoto a céu aberto na base do edifício é um caldo de cultura perfeito para todo o tipo de doenças.

– Há tanta humidade no piso térreo que mandei transferir as crianças doentes para o andar mais alto, onde o ar é mais seco – disse o doutor Serrano.

O doutor García Jové atacou:

– Senhores, é um hábito muito arreigado entre os peninsulares atribuir a causas alheias o motivo de acidentes ou desgraças das quais alguém podia ser responsável. Estais convencidos de que «os quartos mal arejados» ou a «ausência de afecto» foram a causa dessas mortes?

Ouviu-se um murmúrio geral entre os presentes. Balmis respondeu:

– Não foram a causa directa, foram factores que predispuseram à fatalidade.

– E o facto de terem sido vacinados por vós não teve nada que ver com essa desgraça? – Voltou-se para os outros médicos e continuou: – Pode ser possível que essas crianças padecessem de uma má saúde crónica, mas não se pode ignorar a relação de causa e efeito da vacina. – Depois olhou Balmis nos olhos e perguntou-lhe: – Ou não, doutor Balmis?

O doutor Serrano respondeu:

– De modo nenhum, nem esticando ao máximo os limites da imaginação se pode concluir que a vacina causou a desgraça.

– Muitos foram vacinados na Cidade do México sem sofrerem efeitos secundários – interveio o doutor Arboleya. – Além disso, há mais crianças doentes entre as não vacinadas do que entre as vacinadas.

– Se essas crianças estivessem de boa saúde – acrescentou Balmis –, não lhes teria acontecido nada. A vacina encontra-se em perfeito estado, bastantes tribulações nos custou mantê-la assim durante a viagem.

Os outros médicos concordaram. Balmis continuou a dizer:

– O que observei, tal como a maioria dos presentes, é que todas as crianças internadas sofrem há algum tempo de uma variedade de erupções cutâneas.

– Pode-se dizer que nenhuma está livre delas – disse o doutor Arboleya.

– É verdade – acrescentou outro.

Balmis continuou a falar:

– O que aconteceu? A contracção de um caso ligeiro de varíola devido à vacinação fez com que as erupções retrocedessem no corpo, o que provocou um edema, cuja manifestação prematura se verificou no inchaço da cara e dos pés, precipitando um tipo de apoplexia que as matou subitamente.

García Jové olhava-o com ar céptico e disse:

– Nesse caso, teriam morrido todas as que tinham erupções, ou seja, todas as vacinadas. E, no entanto, só faleceram seis.

– Faleceram as que se encontravam em pior condição.

O velho amigo de Balmis, o doutor Arboleya, interveio:

– Talvez tenha havido alguma precipitação em vacinar crianças que não estavam bem de saúde, mas isso não deve levar a condenar a vacina nem o trabalho do doutor Balmis. O seu método está sobejamente provado. E a qualidade do soro que usou não se pode pôr em causa. As revacinações pegaram e resultaram bem. Por isso, quem apoiar o doutor Balmis e a sua vacina, levante a mão.

Dos cinco, quatro levantaram a mão.

Capítulo 62

«Os jovens galegos encontram-se no maior abandono apesar do muito que custam mensalmente ao Erário. São tratados com a maior mesquinhez e desprezo», escreveu Balmis ao ministro Caballero. Depois do que acontecera, era imperativo encontrar uma solução. O administrador sugeriu-lhe que fossem postos sob a protecção do arcebispo, colocando os mais velhos nos seminários. Como o rei e o arcebispo concediam um grande número de bolsas por ano, os pequenos podiam ser educados sem encargos para o Erário.

– Dessa maneira, tornar-se-ão servidores úteis da Monarquia e da Igreja. Creio que devíeis propor essa solução ao ministro.

– A resposta demorará a chegar umas seis semanas, e não podemos esperar tanto tempo.

– Mas a Coroa tem de cumprir o que prometeu – insistiu Isabel.

– A sorte de duas dezenas de órfãos não é uma prioridade para o governo de Espanha – disse-lhe Balmis, abatido.

– Insisti junto do vice-rei, peço-vos.

– Repugna-me a ideia de falar com ele.

– Eu sei, mas às vezes temos de fazer das tripas coração. Se não fordes ter com ele, irei eu – disse, encorajada pelo êxito da sua missão junto do bispo de Puebla.

Balmis ficou a olhar para ela. Tinha olheiras, e parecia tão cansada como ele. Estavam a perder a saúde nessa viagem com demasiados dissabores e escassa colaboração.

– O que sabemos de Cándido? – perguntou Balmis.

– Nada.

A contragosto, Balmis insistiu com Iturrigaray, sempre por carta porque as relações entre eles eram tão tensas que um encontro frente a frente era inconcebível. Como bom burocrata que era, o vice-rei respondeu-lhe que antes de tomar qualquer decisão precisava de ter a certeza de que a educação no hospício não se encontrava à altura das expectativas do rei. *Como se não o soubesse!*, pensou Balmis. Um funcionário chamado José Antonio de Araujo foi encarregado de fazer um relatório para o vice-rei. Nele especificava que catorze rapazinhos, maiores de seis anos, assistiam regularmente às aulas da manhã e da tarde, em que recebiam instrução religiosa, já que nenhum deles sabia benzer-se. Informou que entre os catorze cinco eram alunos aplicados, e que os outros nove eram estúpidos. Os seis mais pequenos iam à creche na parte das mulheres, em que Isabel os colocara. Araujo citou o caso de Cándido como exemplo do mau comportamento geral desses infantes e elogiou o esforço dos professores em fazê-los esquecer as obscenidades e blasfémias que tinham aprendido com os marinheiros durante a viagem para a América. Era o que o vice-rei precisava para não ter de mexer um dedo. Aqueles miúdos estavam onde deviam estar.

Que fazer? A expedição não podia ficar bloqueada no México, à espera de ordens de Espanha que obrigassem o vice-rei a cumprir a sua obrigação para com as crianças. Por outro lado, Francisco Pastor e os seus dois ajudantes tinham regressado da viagem pela Guatemala e pelo Sul do México, onde, graças à colaboração activa das autoridades, tinham conseguido implantar a vacina com eficácia. Voltaram cansados mas contentes, sem o tamborzinho, que optara por regressar a Veracruz, para ali embarcar de volta a Cuba, a sua terra, da qual tinha saudades.

Estimulado pelo êxito do sobrinho e pelo seu em Puebla, Balmis propôs-se percorrer as províncias do Norte do México, não só para introduzir a vacina como também para seleccionar as crianças que iriam formar a cadeia humana que levaria a linfa às ilhas Filipinas. Na Cidade do México fora-lhe impossível recrutar uma única criança. Os pais resistiam a emprestar os filhos, porque correra a notícia acerca da má situação em que se encontravam no hospício da cidade os jovens galegos que tinham chegado da Europa. A única possibilidade era recrutá-los nas províncias.

– Parte-se-me o coração por deixá-los aqui – disse Isabel. – E se eu ficar com eles?

Balmis ficou lívido.

– Preciso de vós para os preparativos… A vossa presença aqui não vai mudar nada.

Mas tiveram de atrasar a partida porque, como acontecera antes com Balmis, agora todos os membros da expedição, ajudantes, enfermeiros e médicos tinham sido vítimas de uma nova doença. A casa da marquesa de Casa Nevada parecia uma clínica onde entravam e saíam antigos amigos de Balmis, médicos que traziam remédios baseados em receitas astecas, compiladas no Códice Badiano, o grande livro ilustrado das ervas do vale do México, que o médico de Filipe II, Francisco Hernández, introduzira na Península, e do qual Balmis era um fervoroso admirador. Defender o «magistério primitivo» dos indígenas pré-hispânicos valera-lhe o escárnio dos seus colegas madrilenos. Mas não tinha dúvidas de que a purga de jalapa, uma planta trepadeira cuja raízes serviam como purgante, a salsaparrilha, a água de baratas, a ipecacuanha e a quinina para a febre-amarela eram remédios que tinham demonstrado a sua eficácia. Acerca de outros, como a receita de carne de lagartixa para curar o cancro, era mais céptico.

Isabel, que com grande dificuldade se mantinha saudável, gostava de ir aos mercados comprar as plantas medicinais e a comida, acompanhada por um dos criados da casa, cuja missão, além de carregar com as compras, era perguntar por Cándido aos indígenas que rondavam a Plaza do Zócalo. Com os seus montões de frutas, verduras, legumes, carnes vermelhas e brancas, de criação e de caça, rãs, anfíbios como o axolote e peixe das lagoas, era o mais espectacular de todos os mercados. Atravessando um canal, tinha-se acesso à Plaza do Volador, com o cais onde atracavam as canoas vindas da lagoa, repletas de verduras e hortaliças, e onde passeavam as vendedoras de ovos entre bancas de queijos frescos e secos, de cabra e de vaca, e doces deliciosos. Isabel nunca vira tanta abundância de mercadorias, que contrastava com a miséria do povo, que só comia milho, feijões e *chili*.

Um dia, o criado veio acompanhado por um indivíduo mestiço, desdentado e com um olho muito torto, que exalava um cheiro fétido a pulque.

– É um huachinango, mas diz que conhece um miúdo branco escondido numa barraca.

Chamavam huachinangos aos vagabundos, que trocavam coisas, mexericavam e matavam o tempo por falta de trabalho.

– Menina… procura menino? – perguntou-lhe o vagabundo.

– Um menino branco, espanhol, com olhos muito claros… Viste-o?

– Sim, sim! Eu conheço.

– Onde está?

– Escondido.

Isabel e o criado estavam convencidos de que se tratava de Cándido.

– Eu levo-te, mas tu dás-me uns reais.

– Dou-tos quando me levares até ele.

– Nãããoo! – disse o homem e virou-lhe as costas.

Isabel não sabia o que pensar, mas e se fosse verdade? E se ele sabia do paradeiro de Cándido? Ao fim e ao cabo, não havia assim tantos miúdos louros e com olhos azuis.

– Está bem – disse-lhe. – Toma. – E deu-lhe umas moedas. – Agora leva-me até ele.

O homem era um dos vinte mil miseráveis que abundavam na capital. A maior parte passava a noite ao relento e de dia deitavam-se ao sol envolvidos numa manta de flanela. Levou-a pelos canais e depois por ruelas ladeadas por casas de adobe e madeira com telhados de palha. Caminharam durante um bom bocado, longe do centro, ela sendo alvo dos olhares das moradoras, que se perguntavam o que fazia por essas ruelas uma senhora espanhola acompanhada por um huachinango. A expectativa de encontrar Cándido moderava o medo por se encontrar nuns arredores perigosos cheios de imundícies, onde as ratazanas disputavam umas cascas. Por fim chegaram a uma barraca indígena, de uma só divisão, com telhado de palha. Enquanto os seus olhos se habituavam à escuridão e o seu olfacto ao fedor, Isabel vislumbrou panelas e caçarolas de barro, colheres de vários tipos, cestas para armazenar provisões e um fogão para aquecer a água onde se cozia o milho. De repente ouviu um grito gutural e assustou-se ao ver que um ser disforme se lançava sobre ela. Caiu no chão de terra batida e tentou debater-se. O criado fugiu espavorido da barraca.

– Ele não é violento! Quer abraçar-te! – dizia o vagabundo.

Isabel apercebeu-se de que esse monstro com lábio leporino e espinha bífida era um rapazinho deficiente. Deslocava-se de gatas, até à distância que lhe permitia a corrente a que estava preso pelo pescoço.

– Menino branco! – repetia o vagabundo.

Sim, era muito branco porque além disso era albino.

– Tem olhos claros, muito claros! – dizia o homem para demonstrar que não a tinha enganado.

Esse miúdo estava cego e tinha as pupilas brancas. A família dava-lhe de comer, mas nunca o tiravam dali por vergonha e porque acreditavam que uma criança assim atraía a fúria dos deuses. Só emitia sons guturais, mas era capaz de mostrar afecto. Isabel deu-lhe um dos doces que comprara e o menino saltou como um macaco para o comer. Estava sujo, tinha o cabelo hirsuto, as unhas negras e encurvadas de tão compridas que eram. Causava-lhe uma mistura de espanto e de

piedade. Mas acariciou-o, pouco a pouco, primeiro nas mãos, depois na cara. O miúdo foi-se acalmando, erguia o pescoço com prazer, e um regato de saliva saía-lhe pelo canto dos lábios rachados. Emitia um som tosco de prazer, como um animal selvagem. Isabel ficou ali durante muito tempo, comunicando por gestos e com o olhar, até que o menino adormeceu. Então saiu da barraca silenciosamente.

– Dá-me reais, dá-me! – dizia-lhe o vagabundo. – Querias menino branco, olhos claros, eu trouxe-te a um menino muito branco com olhos brancos!

Tirou umas moedas de uma bolsinha de pele e entregou-as ao vagabundo, que se ajoelhou em sinal de agradecimento.

– Isso é muito, senhora – disse-lhe o criado.

– Vamos ao Zócalo.

Inquieta, mandou o criado com as compras para casa e entrou na catedral, situada na mesma praça. Necessitava de sossego, de apagar o fogo que lhe abrasava as entranhas. Ajoelhou-se e, furiosa com Deus, perguntou-lhe por que permitia injustiça dessas, por que não lhe devolvia Cándido. Depois acalmou-se e rezou pelos seus mortos, por Ignacia e Jacobo, e pelos seus vivos, pelo filho Benito, pelas outras crianças do hospício, e suplicou que os expedicionários doentes se curassem depressa. Entrou num estado de sonolência e deixou-se levar pelo sonho: via Salvany, sorridente, satisfeito por ter cumprido a sua extraordinária missão, disposto a passar o resto dos seus dias com ela. Esse sonho era um bálsamo para a sua alma magoada.

Capítulo 63

Ao contrário de Balmis, Josep Salvany contou com a inestimável ajuda das autoridades locais no início do seu périplo pelo território sul-americano. Em Santa Fé de Bogotá deixou a recordação de um homem heróico, entregue à sua tarefa apesar dos seus percalços físicos. Grajales deixou a impressão de ser um homem íntegro, humanista, de temperamento vivo, espiritual e rápido. «Toca guitarra e receita chicha aos doentes», diziam dele.

Salvany padecia da mesma inflamação que tivera ao subir o rio Magdalena, desta vez no olho são, e receou ficar cego. Olhava para tudo com avidez, como se fosse a última vez. Num outro dia deitou sangue pela boca, tal como lhe acontecera no navio, e teve de atrasar a partida. Usava o lenço vermelho que lhe dera Isabel. Também ele gostava de se deixar levar pelo sonho e imaginar o reencontro com ela no fim da expedição. E gozar uma vida tranquila em algum lugar da América, onde se dedicariam a curar pessoas e a ensinar-lhes a cuidar delas. A exercer a sua vocação. Mas ao contrário de Isabel, quando saía do letargo da sonolência e se deparava com a realidade, via esse sonho como uma impossibilidade. Porque a sua vida era uma dança mortal entre a doença e uma saúde cada vez mais frágil.

Quando se sentiu com forças, partiu de Santa Fé de Bogotá em direcção à Capitania-Geral de Quito, e, para abranger mais território, dividiu a expedição em duas. Decidiram que Grajales e Bolaños se dirigiriam para Neiva e La Plata pela costa, enquanto o enfermeiro Lozano acompanharia Salvany rumo a Cartago, Trujillo e à província de Chocó. Cada grupo levava os seus meninos, indígenas ou mestiços cuja idade não ultrapassava os dez anos.

Atravessaram uma paisagem de vales e montanhas intermináveis onde num dia se passava do calor ao frio, de selvas pantanosas a cumes de três mil metros de altura. Nas selvas, navegavam por rios, sem se afastarem da margem por receio de se depararem com rápidos e cascatas e, no caso de naufragarem, não poderem chegar a terra. De noite, o céu que se vislumbrava entre as copas das árvores era o mais estrelado que Salvany alguma vez vira. Sentavam-se em redor da fogueira a comer os peixes que os índios carregadores pescavam com as suas lanças e depois deitavam-se em camas de rede de fibras. O coaxar de milhares de sapos, os gritos das aves nocturnas, os uivos dos macacos e os gemidos roucos dos crocodilos no cio misturavam-se com o ressonar dos índios que dormiam tranquilamente, esmagando com uma palmada os mosquitos que zumbiam à sua volta. Salvany não pregava olho – o que fazia era matutar: pensava na próxima jornada, em recrutar mais crianças, em protegê-las do contágio entre elas… O seu estado de espírito balançava entre o entusiasmo que lhe causava o trabalho realizado e o desalento perante a magnitude da tarefa, entre o medo de morrer e a esperança de chegar ao fim do caminho, desfrutar de um mínimo de reconhecimento e de um tempo de sossego. Não havia tempestades nem trovões, mas de vez em

quando um relâmpago iluminava o rio. Então o enfermeiro Lozano, que também era cirurgião, via o rosto magro de Salvany, o seu ar assustado, e parecia-lhe a imagem da morte.

Partiam ao amanhecer do novo dia e quando não conseguiam avançar pelo rio adentravam-se pelos caminhos da selva, os índios nus e descalços impondo aos outros um ritmo infernal. A vantagem de andar nu, pensou Salvany, era que se sentia quando uma aranha fofa, pilosa e do tamanho de um caranguejo se lançava de um ramo sobre o corpo de quem passava. Ou uma serpente. A roupa era uma má protecção nesse ambiente em que os raios do Sol mal entravam no dossel da floresta e em que o calor era dominante. As gotas que caíam das folhas e a humidade ambiente davam a sensação de estar num banho de vapor insalubre, e a ameaça invisível de insectos letais tornava as marchas uma tortura. Salvany redobrava os cuidados com as crianças, que inevitavelmente os carregadores tinham de levar aos ombros.

Ao subir, deixavam para trás a selva mais densa e encontravam-se perante despenhadeiros intransponíveis. Os índios carregadores, que transportavam os utensílios necessários para vacinar, revezavam-se para levar aos ombros, sentado numa cadeira de canas e troncos finos, Salvany. Outros, os «estribeiros», levavam os pacotes mais pesados, às vezes entre quatro deles. Os caminhos eram tão estreitos que tinham de avançar um a um, entre o farelhão e o precipício, ou eram tão invadidos pela vegetação que se tornava imprescindível contratar um grupo de nativos que fossem abrindo caminho a golpes de machete. As marchas eram tão esgotantes que tinham também de contratar carregadores substitutos nas aldeias. Durante sete dias só comeram bananas e peixes. Quando a expedição se reencontrou em Popayán, a primeira coisa que fizeram foi recomporem-se do cansaço da viagem e dos problemas de saúde. Mas o repouso não foi muito porque chegou a notícia de que em Quito se desencadeara um surto epidémico de varíola.

– Temos de partir quanto antes – disse Salvany, mais enfraquecido do que nunca.

Dividiu a expedição e enfrentaram uma geografia de uma beleza deslumbrante mas pela qual era muito penoso transitar. Os rios eram os piores obstáculos, rios caudalosos de leitos profundos que atrasavam a marcha. Era necessário encontrar uma ponte de lianas e, o pior, atravessá-la. Salvany ficava aterrado com o momento em que tinha de subir para uma espécie de saco de pele e deslizar suspenso entre duas forquilhas para chegar à outra margem. Os balanços causavam-lhe enjoos e vertigens, sensações que permaneciam presas na sua memória. Também havia pontes feitas com uma corda grossa à qual era necessário agarrar-se com a mão enquanto se punha o pé num piso que era um entrelaçado de lianas e canas, e de onde era fácil cair. As chuvas torrenciais frequentes podiam durar dias inteiros. Apesar de a viagem ser tão penosa e arriscada, em nenhum momento os expedicionários deixaram de levar a cabo o seu trabalho filantrópico e sanitário, instruindo médicos nas povoações por onde passavam. «Não nos detiveram nem num único momento a ausência de caminhos, os precipícios, muito menos as águas, neves, calores, fome e sede que sofremos muitas vezes. Os rigores que nos ofereceu o cruel contágio nos nossos primeiros passos serviram de estímulo para dar um fim brilhante às nobres e humanitárias tarefas», escreveu Salvany ao ministro José Caballero.

A 16 de Julho de 1805, na catedral de Quito, depois de terem sido recebidos como verdadeiros heróis, o cónego pregador fez um sermão de acção de graças. À saída, as crianças foram levadas aos

ombros pelo povo entusiasmado e grato aos expedicionários por terem conseguido interromper o contágio na província de Pasto, livrando a cidade de outra epidemia.

Salvany enfiou-se na cama, com os ossos cansados. Mas muito rapidamente a satisfação pelo êxito obtido viu-se ensombrada por um incidente que o afectou de maneira desproporcionada. Descobriu que um dos criados que lhe tinham atribuído, Ramón Chavarría, um homem de total confiança como lhe tinham dito, lhe roubara cem pesos e parte da bagagem. Denunciou-o às autoridades, que iniciaram uma investigação. Ao cabo de vários dias descobriram que o criado vivia entregue à paixão do jogo e gastara o dinheiro numa mesa de truco. Esse episódio causou em Salvany uma grande melancolia. Tão profunda era a sua tristeza que não conseguia explicar a razão:

– Não é pelo dinheiro, embora seja uma canalhice roubar-nos tanto a nós, que andamos tão apertados; é mais a decepção – dizia Salvany. – Sinto-me como se alguma coisa dentro de mim se tivesse partido.

– É o cansaço acumulado, doutor.

– Não… É algo que observei várias vezes em pacientes meus, um facto insignificante pode desencadear uma melancolia muito grande.

Quando duas semanas depois chegaram a Cuenca, continuava tão afectado que pediu para se fechar no quarto da casa que lhe atribuíram. Não participou nas festas faustosas, nem nas corridas de touros, nem nos bailes de máscaras. Nem o facto de a cidade permanecer iluminada durante três noites em sua honra, nem que se tivessem vacinado setecentas pessoas no primeiro dia, conseguiram arrancá-lo de um estado de profundo entorpecimento. Ao chegarem notícias de uma epidemia de varíola que ameaçava a cidade de Trujillo, decidiu prosseguir a viagem. Mas em Piura teve de parar ao sofrer uma pneumonia.

Quando chegou a Trujillo, encontrava-se num tal estado de exaustão, e com tanta febre, que se manteve vários dias afastado de tudo, submetido a banhos de água fria, vítima das alucinações da febre, sem vontade de viver nem de morrer, num estado de confusão mental que não lhe permitia tomar decisões. Os companheiros viam que o seu chefe estava a morrer diante deles sem poderem fazer nada. Salvany era um morto-vivo que se consolava dizendo que a sua equipa e os que tinha formado continuariam o seu trabalho. Parecia que ele se afastava do caminho. Permaneceu durante duas semanas na escuridão do seu quarto, que não era mais do que o reflexo da negrura da sua mente. Pouco a pouco, a febre foi baixando, a tosse parou, mas o estado de espírito continuou atolado. Tudo fazia pensar que esse ramo da expedição podia dar-se por terminado, mas a vida tem a sua lógica que nem sempre coincide com a lógica dos homens.

Uma manhã recebeu uma visita que o fez acreditar que estava a ser vítima de uma das suas alucinações. Diante dele, na penumbra do quarto, distinguiu os traços familiares de um homem idoso, alguém que já não via desde o seu tempo de estudante em Barcelona. Era um velho amigo da família, um homem respeitado pela sua honradez à prova de fogo e pela dedicação aos outros.

– Vós… aqui! – sussurrou Salvany.

– Segui-vos o rasto desde que soube que fazíeis parte da expedição. Até tive a honra de conhecer o doutor Balmis e a sua equipa quando chegaram à Cidade do México.

Don Benito María Moxó, anteriormente bispo de Michoacán, fora nomeado arcebispo de La Plata. Informado do lamentável estado físico e mental de Salvany, embarcara numa viagem longa e arriscada até Trujillo, só para lhe prestar a ajuda que fosse necessária.

– Como encontrastes os meus colegas?

– De saúde, bem. O resto, difícil.

Contou-lhe a situação na Nova Espanha, a oposição do vice-rei Iturrigaray e o problema com as crianças do hospício. Salvany escutava-o com grande atenção, imaginando esses factos, fechando os olhos para examinar rostos, ouvir os galegos a insultarem-se, reviver os bons momentos partilhados durante a viagem… Sentia que fazia parte disso que lhe contava Don Benito, um relato que o vinculava ao mundo e que pouco a pouco lhe devolvia a vida. Por fim, fez a pergunta que tinha na ponta da língua:

– Havia uma mulher com eles, encarregada de cuidar das crianças… Sabeis algo dela? Chama-se Isabel.

– A última coisa que soube é que o bispo de Puebla lhe ofereceu trabalho no hospital e que ela aceitou. Mas não sei se ficou em Puebla ou se continuou com Balmis. Se foi com ele, devem estar a caminho das Filipinas.

– E… dizei-me, perguntou por mim?

– A verdade é que quando a conheci estava tão absorvida pela tarefa de cuidar das crianças que iam ser recebidas pelo vice-rei, que não me lembro bem.

– Não lhe pareceu incrível o acaso de se encontrar com alguém tão próximo de mim num lugar tão distante?

– Suponho que sim, Josep.

Tinham avisado o prelado que Salvany, além de estar doente, encontrava-se com os sentidos alterados. Ao verificar isso por si, procurou acalmá-lo e fez-lhe a vontade:

– Agora que penso nisso, sim, perguntou por vós – disse-lhe Don Benito. – De onde nos conhecíamos, como éreis em pequeno, como eram os vossos pais…

– Continuai, por favor, continuai…

– Contei-lhe os passeios pelas montanhas quando vivíamos em Cervera, falei-lhe da vossa vocação que se manifestou tão precocemente, de como vos tornastes o dissecador de cadáveres mais famoso de Barcelona… – Salvany conseguiu rir-se. O arcebispo continuou: – Disse-me que, se por acaso me encontrasse convosco, vos dissesse que continua a ter-vos no coração.

– Sim? A sério? – disse Salvany, o rosto iluminado.

– E deseja-vos saúde e força para levar a expedição a bom porto.

Salvany ficou durante um longo momento em silêncio, embalado pelo seu devaneio. Ter Don Benito à sua beira era o melhor remédio que lhe teriam podido administrar. Significava sentir as suas raízes, recuperar a confiança, não se sentir tão só perante uma missão tão gigantesca.

– Juntos vamos suster o contágio que ameaça Trujillo – disse-lhe o arcebispo. – Vim oferecer-vos todo o apoio das minhas paróquias, incluindo a minha dedicação pessoal. Por isso ides instruir-me

e eu me encarregarei de que tudo seja levado a cabo. Só vos deixarei quando estiverdes recuperado.

– Acreditais que me vou recuperar?

– Tende fé, Josep.

Contar com o apoio decisivo de um homem poderoso como Don Benito implicou a garantia do método de vacinação em toda a região. O arcebispo aprendeu tão bem a lição que deu instruções a alguns médicos. A sua presença e envolvimento fizeram com que Salvany pudesse descansar, recuperar da pneumonia e voltar a animar-se.

– Fostes o meu verdadeiro protector, senhor, e portanto o da expedição – disse-lhe Salvany, prestes a partir. – Não tenho palavras para agradecer o que fizestes…

– As palavras não são necessárias… Basta seguir o caminho de Cristo, esse que haveis abordado com tanta coragem. Estarei sempre presente para ajudar-vos. Ver-nos-emos em Lima.

Capítulo 64

Com Salvany na chefia, a expedição entrou no vice-reino do Peru. À entrada da pequena cidade de Lambayeque, depararam-se com índios que resistiram de maneira tenaz à vacina. Armado com uma bateria de argumentos razoáveis, Salvany desfez-se em explicações, mas esses índios mantiveram-se firmes na sua crença de que a vacina era uma coisa diabólica, mais ainda do que a doença. Finalmente, perante a insistência do homem branco, o cacique afirmou:

– Sois o Anticristo.

Disse-lhe isso de uma maneira tão ameaçadora que os expedicionários optaram por seguir o seu caminho. Entraram na cidade, mas não encontraram nenhum lugar onde pudessem alojar-se. Com medo das represálias, ninguém queria ser visto com esses brancos.

– Fujam daqui – disse-lhes um dos habitantes. – Esses índios dizem que vos vão perseguir. São selvagens, vão-se embora.

Tiveram de abandonar precipitadamente a cidade mas, no caminho para a aldeia vizinha de Chota, os arrieiros que os guiavam e os acompanhavam no transporte das crianças abandonaram-nos no meio do campo. Desorientados e desprotegidos, Salvany e os seus expedicionários tinham um medo de morte que os índios de Lambayeque lhes armassem uma emboscada. Enquanto vagueavam pelo campo, sem encontrar aldeias nem camponeses que os socorressem, alimentaram-se apenas de milho torrado. Ao fim do quarto dia, já desesperados, deram com um homem a cavalo:

– Que fazeis aqui, vivendo como ladrões de gado?

Era um fazendeiro rico chamado Juan Espinach, que os acolheu, deu-lhes de comer e os abasteceu de víveres.

Esse incidente ficou gravado na memória de todos. Durante muito tempo, Salvany acordava a suar e com um ataque de pânico, julgando-se perdido no meio das montanhas, à mercê de indígenas hostis.

O caminho para Lima passava pela cordilheira dos Andes. Tiveram de subir a quatro mil metros de altura, na estação mais rigorosa de chuvas e neve. As crianças estavam fascinadas com esses flocos de neve que caíam do céu cobrindo os campos com um manto branco. Mas o frio acabou por lhes afectar a saúde. A ausência de caminhos e a necessidade de interromper o contágio da varíola nas aldeias por onde passavam alongou a viagem. Já perto de Lima, Salvany verificou que o comportamento dos aldeões era veladamente hostil. Em vez de os receberem de braços abertos, os camponeses evitavam-nos. Também não queriam vacinar-se, nos seus rostos não havia medo mas sim desconfiança.

– Pensam que lhes vai custar dinheiro – disse um dos guias.

– Diga-lhes que é gratuito.

– Não acreditam. Já vieram aqui para os vacinar e no fim pediram-lhes quatro pesos.

Ao chegar a Lima, soube a razão pela qual os índios de Lambayeque e os camponeses das aldeias vizinhas os tinham evitado. A vacina já tinha chegado e era um bom negócio. Não estava nas mãos de médicos mas sim de comerciantes pouco preparados para inocular, de modo que muitas vezes o faziam com um fluido que perdera as suas propriedades, ou faziam-no mal e a vacina não tinha nenhum efeito. Esses fracassos fizeram com que as pessoas desprezassem o método específico usado contra a varíola. O conselho municipal, que também fazia negócio com o invento, não parecia importar-se com o facto de grande parte da população não poder ter acesso a ele por falta de recursos.

– As autoridades não mostram muito empenho na nossa oferta… – observou um dos ajudantes de Salvany.

– Andam a dizer por aí que tudo o que a expedição pode fazer também pode ser feito pelo conselho.

Acontecia a Salvany o mesmo que acontecera a Balmis na Cidade do México e, tal como este, também pôde avaliar o escárnio e troça com que foram recebidos pelo alojamento que lhes foi proposto: uma casa modesta com três mesas velhas, uma dúzia de cadeiras, um canapé desconjuntado e quatro catres para as crianças, sem lençóis nem mantas. Para os adultos, havia uns colchões tão sujos que preferiram dormir no chão. No seu diário de viagem, Salvany contou que o conselho, que teoricamente devia ajudar essas crianças, deixou-as um dia inteiro sem comer, e nos dias seguintes não lhes deram pão para o pequeno-almoço, nem a possibilidade de se alumiarem à noite. Indignado, enviou cartas ao vice-rei, que logo tratou do assunto. Ordenou às autoridades que limpassem o alojamento e que os instalassem com maior dignidade, acrescentando em nota «que se cuide com esmero dos membros da expedição». Salvany também pediu ajuda ao arcebispo Benito María Moxó e este interveio, celebrando uma missa solene, com velas e repicar geral dos sinos. Já dera ordem a todas as suas paróquias para que propagassem o fluido pelas províncias do vice-reino.

– Mas não cumprem as minhas ordens – confessou a Salvany. – Não as cumprem porque aqueles que vendem as vacinas subornam-nos para que não o façam.

Lima não era a Cidade do México: aqui tanto as autoridades do vice-reino como as eclesiásticas estavam em sintonia. Aqui não havia uma competição para marcar pontos da descoberta da vacina. Não havia uma luta política para reivindicar a descoberta. O que havia eram fortes interesses privados que comercializavam uma vacina de má qualidade e que viram a chegada da expedição como uma ameaça ao seu negócio.

– Os que querem obter lucros à custa da saúde do povo sabem manipular a ignorância das pessoas – disse-lhe o arcebispo. – Sabem comprar vontades. Por isso é tão difícil lutar contra esses interesses privados.

– Então – disse Salvany –, teremos de mudar de táctica. Esquecermos as vacinações em massa e concentrarmo-nos em criar um regulamento e planos de vacinação para todo o vice-reino.

– Sim, porque não abandono a ideia de que haja uma saúde ao alcance de todos, brancos e negros, mestiços e crioulos.

Não era essa a ideia com que a Monarquia concebera a expedição? Dois conceitos de saúde entravam em confronto na América: o de uma saúde pública organizada pela Real Beneficência, face a outro, em que as inovações médicas ficariam ao alcance de quem as pudesse pagar.

Graças ao arcebispo, Salvany entrou na elite intelectual da Universidade de San Marcos de Lima. O reputado médico doutor Unanue convidou-o a participar em tertúlias iluministas que se faziam nas casas dos crioulos ricos. O Peru não estava alheio à influência do Iluminismo. Contava com bibliotecas como a de San Pablo, com quase quarenta mil volumes que incluíam livros de Bacon, Newton e outros líderes da revolução científica do século XVII. Publicava-se *El Mercurio*, um grande jornal. Nesse ambiente culto, Salvany descansou, estudou e pensou.

Mas apesar do repouso a sua saúde não melhorava. Recuperara a vontade de viver e o entusiasmo pelo seu trabalho, até que um súbito ataque de convulsões que os médicos confundiram com apoplexia deixou-o prostrado. Ainda não tinha trinta anos, mas as dores no peito, a total falta de apetite, as náuseas e os ataques de tosse faziam-no sentir-se muito velho.

Deve ser essa a tragédia da velhice, pensou Salvany, *ter a cabeça lúcida e cheia de projectos mas um corpo incapaz de os realizar.*

Nessa noite deve ter sentido que a morte o rondava, porque escreveu uma carta a Isabel.

Capítulo 65

Isabel do meu coração,

Escrevo-vos na cama da casa que me arranjou o arcebispo de La Plata, o meu bom amigo e protector Benito María Moxó, que tivestes o prazer de conhecer e que me deu notícias vossas, tão ansiadas por mim desde que nos separámos. Estou a recompor-me de um ataque de convulsões que tive em consequência de uma pneumonia. Tendo em atenção as graves doenças de que padeço e estando impossibilitado de regressar à Europa, solicitei um cargo político ao ministro da Graça e Justiça, José Caballero, para ficar na América e confio que atenderá o meu pedido. Acreditamos que ganhámos quando obtemos uma vitória, mas aparece sempre uma nova batalha. Em Lima, a vacina compra-se e vende-se como a aguardente ou o açúcar por comerciantes que vêem neste fluido uma maneira rápida e segura de enriquecerem. Só graças ao apoio de um pequeno número de sábios e pessoas importantes desta capital estou a conseguir mudar a atitude perante a vacina… Sabeis que o meu maior desejo é voltar a encontrar-me convosco num lugar de clima temperado, saudável e moderadamente seco, mas, se por vontade de Deus isso não for possível, quero que saibais que nunca vos esquecerei, que estou convosco mesmo à distância. E que a felicidade, amada Isabel, é aceitar a luta, o esforço, a dúvida, e continuar a avançar, a avançar e a saltar um obstáculo após outro…

Isabel recebeu a carta na Cidade do México, exausta após cinquenta e três dias de um périplo intenso que a fez percorrer o interior da Nova Espanha, de Querétaro a Celaya, de Valladolid a Guadalajara, de Guanajuato a Durango. Sobressaltada e ao mesmo tempo receosa, tremiam-lhe as mãos ao abri-la. Lê-la causou-lhe um indefinível sentimento de angústia. Deduziu que a saúde de Salvany devia ter piorado nesses climas adversos, mas o que julgou adivinhar entre linhas e o que a mergulhou na aflição foi a sensação de despedida. «Se por vontade de Deus isso não for possível, quero que saibais que nunca vos esquecerei.» Essa frase e a seguinte, em que lhe dava o que pareciam ser uns últimos conselhos de vida, mergulharam-na na melancolia.

Deve ser do cansaço, disse para si enquanto passava um lenço pela cara para limpar as lágrimas.

Era a exaustão que causava a tristeza. Juntava-se à extenuante excursão em que tivera de lidar com autoridades reticentes e em que se vira obrigada a cuidar de novas crianças que Balmis ia recrutando para a última etapa da viagem às Filipinas. Ele estava muito contente com o resultado da excursão, apesar de não ter conseguido o apoio das autoridades locais de Texas, Salvatierra e Guanajuato, que se recusaram a organizar juntas de vacinação sem ordem expressa do vice-rei, que nunca chegou. Nas outras cidades foram recebidos de maneira extraordinária, o que significou uma bem merecida compensação para o seu moral maltratado. Acima de tudo, estava contente por ter conseguido recrutar vinte e seis crianças para a viagem às Filipinas. Vinte e seis meninos cujo bem-estar recaía sobre os ombros de Isabel. Eram mais dóceis do que os galegos porque não eram órfãos, não tinham vivido nos orfanatos, já que estes escasseavam na Nova Espanha. Eram filhos de famílias muito pobres: nenhuma delas aceitou o acordo oficial segundo o qual a Coroa pagaria os estudos dos seus filhos em troca da sua participação na viagem. Queriam dinheiro contado e sonoro. Como o vice-rei se recusou a substituir por dinheiro as promessas do rei, não restou outro

remédio a Balmis senão pagar aos pais, o que conseguiu graças a um empréstimo do bispo de Guadalajara.

Em Zacatecas, o Conselho ofereceu-lhes os últimos seis meninos, que se apresentaram em uniformes de gala com o brasão real e a inscrição «Dedicado a Maria Luísa, rainha de Espanha e das Índias». Pequenos grandes heróis, comoventes na sua ingenuidade e esperança, pensou Isabel. Mas, na realidade, para ela eram mais crianças das quais tinha de tomar conta e cuidar, com as suas doenças, caprichos, vitalidade transbordante e necessidades específicas, tanto físicas como afectivas. Por muito habituada que estivesse, era uma tarefa colossal e exigente para uma mulher que sentia o desgaste dos últimos meses.

Isabel não queria que o filho fosse com ela para as Filipinas, a fim de lhe evitar um risco desnecessário. Mas a ideia de o deixar no México, sozinho, dilacerava-a. Seria a primeira vez que se separaria dele. Estava dividida entre a sua lealdade à expedição e o desejo de se desligar da última etapa da viagem. Entre a sua vocação de cuidar dos outros, a sua paixão por vacinar e prevenir doenças, e a necessidade de ter uma vida normal. Entre o dever e o desejo havia um abismo que não sabia como transpor. Revoltar-se e enfrentar Balmis não condizia com o seu temperamento; em Cuba tinha fracassado. Mulher do seu tempo, sabia mostrar-se firme. Mas a rebeldia não tinha lugar nela, antes pelo contrário. Desde criança que obedecia, primeiro aos pais, a seguir a Benito Vélez, depois a Don Jerónimo, agora a Balmis, o seu chefe. A sua vida evoluía dentro dos limites do destino de mulher nascida numa pobre aldeia do interior da Galiza. No entanto, estava tão farta que um dia, antes de regressar à Cidade do México, disse a Balmis:

– Doutor, não posso ir para as Filipinas e deixar o meu filho aqui.

– Sempre pensei que o vosso filho viria connosco.

– Não quero expô-lo ao risco de outra viagem longa.

Fez-se silêncio. Balmis contraiu o pescoço e fez um sinal de concordância; compreendia o que ela queria dizer.

– Além disso, o Benito, com tanto contacto com os marinheiros, tornou-se um selvagem… O bispo de Puebla ofereceu-me uma bolsa para que ele estude no Colégio Carolino, dizem que é muito bom…

– É uma excelente oportunidade, sem dúvida.

– Compreendei-me, senhor. Nunca me separei dele, e fazer isso num país desconhecido…

Balmis reparou que Isabel, dilacerada, lutava para conter a sua emoção. Tinha olheiras fundas, a pele mais pálida do que nunca, um ar triste.

– Sei que o meu compromisso me obriga a ir para Manila, mas…

– Compreendo-vos, Isabel. Não posso pedir-vos mais do que já fizestes pela expedição.

– Não é que não queira continuar, doutor, é que… Já sabeis o que significa para mim regressar a Espanha.

– A uma mulher que salvou o mundo de uma doença atroz perdoa-se tudo… até em Espanha.

– Não tenho a certeza disso. O meu objectivo foi o de começar uma nova vida na América com o meu filho reconhecido como tal.

– Eu sei. E foi duro chegar até aqui.

Outro longo silêncio instalou-se entre eles. Sim, tinha sido duro: houve sempre alguma criança doente, sentiu pânico nas viagens com mau tempo e uma grande solidão ao ser a única mulher. Balmis tentou uma última jogada, a da vaidade, embora não tivesse esperança de que fosse resultar:

– Eu tinha o sonho, sem fundamento algum, devo dizer, de regressar convosco a Madrid e partilhar a glória do êxito da expedição. E com o vosso filho, claro.

– E Salvany? – perguntou Isabel.

Balmis torceu o nariz. Isabel continuou:

– Não merece ele, mais do que ninguém, partilhar a glória da expedição convosco?

– Teremos de ver como desempenha a sua tarefa. – Balmis notou que o seu comentário chocara Isabel e continuou. – É… é um homem doente que nunca deveria ter-se juntado a esta aventura. Ignoro as razões que o empurraram para isso.

– Queria dar um sentido à sua vida, ao que lhe resta de vida… A verdade é que lhe coube a parte mais dura.

– Não é verdade. Ao ter de se deslocar por terra firme, evitou os riscos que envolve a navegação. Além disso, já se tinha falado em Madrid que a expedição se dividiria em duas.

– Mas não tão depressa, segundo o que entendi.

– As coisas acontecem quando têm de acontecer. Salvany não estava a comportar-se… – Balmis limpou a garganta, como sempre fazia quando lhe custava dizer alguma coisa, ou não a queria dizer. Procurava as palavras certas. Por fim, disse: – Um profissional entregue a uma tarefa tão complexa como a de levar a cabo esta expedição tem de saber comportar-se em todas as circunstâncias.

Olhou-a, sem lhe dizer que era com ela que Salvany «não se tinha comportado». Isabel corou, agressiva.

– Então eu também…

– Convosco é diferente.

– Porquê?

– Porque sois impecável e única no vosso desempenho. A vossa função de infundir confiança e repartir carinho materno entre as crianças é fundamental.

Balmis, que não era pródigo em elogios, julgava remediar assim a sua gafe. Mas Isabel já não era uma ingénua. Pensava que a obsessão de Balmis com as Filipinas devia-se a que, não tendo podido introduzir a vacina na Nova Espanha da maneira que esperara, queria procurar nos confins do Império a glória pela qual tanto ansiava. Balmis era um grande homem com reacções por vezes mesquinhas. Nunca reconhecia os ciúmes que sentia em relação a Salvany, ainda que os tivesse. Isabel recordava com desgosto o momento em que teve de se debater para que ele lhe largasse a mão no dia em que se lembrou de lhe oferecer consolo. Não havia dúvidas de que era um grande líder com uma enorme capacidade de trabalho e de organização, um excelente médico, um homem valente que nada nem ninguém amedrontava, um entusiasta, um idealista capaz de dar a sua vida pelos outros… Mas era também um homem desajeitado no momento de lidar com os sentimentos das pessoas, e com os seus sentimentos. Como podia ser tão duro com Salvany?

Teria Balmis conseguido a sua proeza sem a perseverança e a firmeza que demonstrava?, perguntou-se Isabel. Salvany era o exemplo de que se podia ser útil à causa sem maltratar os mais próximos. Pelo contrário, fazendo-se amar. Balmis justificava tudo pelo bem da humanidade, até comprar meninas escravas para transportar a linfa ou utilizar meninos com pouca saúde, como o que morreu ao regressar a Porto Rico. *Se tinha ciúmes dos que se aproximavam de Isabel, não era por ela enquanto pessoa*, disse para si, *mas sim porque lhe era útil*. Agora que o conhecia melhor, Isabel compreendia que Balmis não tivesse tido uma relação duradoura com uma mulher, nem nunca se tivesse casado por amor. Nas relações pessoais, nos sentimentos, era um cavalo que dava coices à direita e à esquerda. *Não gosta das pessoas por aquilo que elas são, mas sim pelo lhe trazem*, concluiu.

Contudo, Balmis surpreendeu-a:

– Ficai em Puebla com o Benito – disse-lhe. – Passarei o aviso correspondente ao Ministério da Fazenda para que continue a pagar-vos o salário de quinhentos pesos anuais. Mas peço-vos que me ajudeis a procurar uma mulher que tenha a capacidade de vos substituir.

Isabel, desconcertada, viu o céu a abrir-se.

– Sim… sim, ajudar-vos-ei – balbuciou.

Não esperava essa reacção de Balmis. Sim, também podia ser incrível. Na realidade, Balmis achou que mais valia largar ali Isabel do que obrigá-la a permanecer na expedição. Sabia que ela dispunha de uma desculpa mais forte do que todos os argumentos que ele lhe pudesse apresentar: o seu filho Benito. Uma mãe não se separa do filho. Balmis sabia que perdera essa batalha logo à partida.

Capítulo 66

Uma vez chegados à Cidade do México, instalaram as vinte e seis novas crianças no Real Hospício da Calle da Merced. A ama principal estava muito entusiasmada por ver Isabel: tinha boas notícias para lhe dar.

– Veio cá Pedro Marcos Gutiérrez, sabeis quem é?

– Não.

– É um rico mercador daqui e levou Clemente e Manuel María para serem adoptados!

Isabel sorriu. Tinha-se apegado a esses dois rapazinhos de cinco anos que possuíam bom carácter. Durante a viagem, tinham demonstrado uma força inaudita para a idade deles. Estava contente por eles.

– E um médico da Escola Patriótica quer levar Jorge Nicolás de los Dolores.

Jorge Nicolás tinha quatro anos e era muito bonito. Estivera tão doente durante a viagem que Isabel chegara a temer pela vida dele.

– Tanto o mercador como o médico são pessoas de excelente reputação – acrescentou a ama. Pouco a pouco, as promessas do rei iam-se cumprindo. – Outra boa notícia: o Cándido foi apanhado e foi-nos devolvido.

– O Cándido está aqui? – perguntou Isabel, espantada.

– Enviámos-vos uma carta para Puebla, mas foi devolvida. Sim, o miúdo esteve a viver miseravelmente nos arredores com as gorjetas que lhe davam os bêbedos das tabernas de má fama… Ensinaram-lhe a cantar cantigas e lengalengas da terra, canções muito feias que insultam o rei e os padres! Esse rapaz tem a boca suja de tanta lengalenga!

– E onde viveu durante todo este tempo?

– Diz que dormia na rua. Quando tinha fome roubava fruta, e de dia escondia-se das patrulhas. Até que adoeceu, como todos os espanhóis, senhora, e o dono da taberna deixou-o à porta do Hospital do Amor de Deus. Ali curaram-no e atiraram-no para aqui.

– Quero vê-lo – disse Isabel.

– Está de castigo.

– Há quanto tempo?

– Duas semanas.

– Mas só tem nove anos…

– Sim, senhora, mas é mais arisco do que um diabo… O capelão mandou fechá-lo durante um mês no quarto dos castigos.

– Um mês?

– Sim, por ter fugido e por blasfemar.

Para Isabel, esse castigo parecia-lhe excessivo, mas não disse nada. A ama não a deixou vê-lo, pelo que Isabel teve de falar com o capelão director, que também não queria transigir. Parecia que esse homem desfrutava da situação, fazendo alarde da sua autoridade perante a espanhola, utilizando o menino como pretexto. Por fim, face à insistência obstinada de Isabel, não teve outro remédio senão ceder.

Cándido estava ali como um preso, sozinho numa cela de castigo, quase sem luz, onde a atmosfera era acre por causa da cal das paredes. Traziam-lhe a comida e não o deixavam sair, excepto para fazer as suas necessidades. Estava muito magro, com as bochechas encovadas, as pernas como palitos.

– É por causa do mal de Montezuma que apanhou vivendo nas ruas como as ratazanas; aqui damos-lhe boa comida – disse a ama para se justificar.

Tinha bolhas e hematomas por todo o corpo. Estava sujo, tinha o cabelo desgrenhado e espesso, sem vestígios das suas madeixas louras. Só o fulgor dos olhos azuis continuava intacto. Isabel aproximou-se dele para o abraçar, mas Cándido esquivou-se. Compreendeu que o miúdo se sentia atraiçoado.

– Cándido, quero que venhas comigo para Puebla, uma cidade perto daqui onde vamos ficar a viver. Benito vai estudar num colégio… Tu também queres estudar?

– Não gosto.

– O que queres fazer?

– Nada.

Isabel manteve um longo silêncio.

– Não acredito que não queiras fazer nada. Tu nunca paras.

Fez-se outro silêncio, que o rapazinho interrompeu:

– Pois então farei o que sei fazer: cantar.

– Bom, então vamos-te pôr no coro da catedral.

– Não, quero cantar nos arredores da cidade, as pessoas dão mais dinheiro.

Isabel não insistiu. Sabia que não arrancaria um sim ao senhor «não».

– Provei pulque – disse ele, vangloriando-se da sua proeza.

– Gostaste?

Cándido encolheu os ombros. Se gostara era o menos, o importante era ter feito algo proibido.

Isabel sentia o coração partido por deixá-lo nessa cela, mas tirá-lo dali exigia um mínimo de tempo e a intervenção directa de Balmis. Alguém com o carácter de Cándido, capaz de entrar clandestinamente no navio e de sobreviver nas ruas da Cidade do México, um rapazinho com essa personalidade e esses dons não merecia estar encerrado numa cela como um preso. Não era um marginal e vândalo, como o descrevia a ama principal, mas antes um rapazinho furioso contra o mundo e as suas injustiças. Um rebelde que cumprimentava o capelão director com um «O raio que vos parta!», sabendo que receberia como resposta uma enorme bofetada e o prolongamento da sua pena. Isabel estava convencida de que, para o endireitar, só era necessário um adulto que acreditasse nele. E ela acreditava nele.

Pelo seu lado, Balmis tinha pressa de sair da capital. Deixar passar a oportunidade de embarcar no *Magallanes* significava ter de esperar pelo galeão seguinte, mais ou menos um ano. Escreveu ao vice-rei para lhe dizer que os preparativos estavam prontos e que só faltava a autorização para embarcar. Iturrigaray respondeu-lhe que no próximo galeão, o *Magallanes,* seria dada preferência às tropas necessárias para defender as guarnições das ilhas. Em segundo lugar, havia uma boa quantidade de frades dominicanos, carmelitas e agostinhos espanhóis que tinham sido obrigados a adiar a sua viagem anterior para darem lugar ao pessoal militar. Embora lhe tenha prometido que trataria pessoalmente do pedido dele, avisou-o que, se não se apresentasse outro navio, ser-lhe-ia impossível enviar a expedição no *Magallanes*. Com grande dificuldade, Balmis conteve a sua irritação e respondeu-lhe numa carta: «Relegais a expedição para um terceiro lugar, sabendo do desejo de Sua Majestade de enviar o soro voando, se fosse possível, aos seus amados súbditos, sem ter em consideração as despesas ou o esforço.» Mas, resignado a ter de obedecer, terminou a carta num tom pacífico: «Uma vez que sois o vice-rei e a pessoa a quem devo obediência em todas as circunstâncias, submeto-me à vossa decisão.»

Repugnava-lhe que o tratassem com desdém, ele que se considerava a expressão humana da vontade real. Tendo ficado a saber que Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, se encontrava em Puebla, decidiu ir ter com ele. Se o vice-rei se mantinha na sua atitude, ele tentaria passar por cima dele. A perspectiva de regressar a Puebla encheu Isabel de alegria. Fosse qual fosse o lugar onde ela acabasse, tinha a certeza de uma coisa, a de que o filho entraria num dos melhores colégios da Nova Espanha. Sentia-se com forças para lutar por Cándido.

– Tendes de me ajudar a tirar o Cándido daqui – disse a Balmis.

– Mas não podemos abrir excepções… – respondeu Balmis. – Esses meninos encontram-se agora sob a protecção do rei e tirar daqui um deles seria considerado um abuso e uma injustiça.

Então Isabel contou-lhe a fuga de Cándido. Balmis lembrou-se de como o conhecera, castigado na Casa dos Desamparados de Madrid.

– Esse miúdo vai acabar mal.

– Por isso é importante tirá-lo daqui. Ele tem bom fundo e estamos ainda a tempo de que não se estrague. Daqui a três anos não haverá nada a fazer, será demasiado tarde.

Contou-lhe as condições em que encontrara o miúdo.

– Por que não pedis a intervenção do bispo de Puebla para que o reclame?

Balmis estava tão indignado que não conseguiu conter uns tiques, mas reagiu:

– Está bem. Vou fazer isso.

Capítulo 67

Cándido não parecia acreditar na sua libertação. Ali estavam Balmis, Isabel e Benito, que vinham tirá-lo do hospício para o levarem com eles, enquanto os vinte e seis novos mexicanos teriam de ficar no hospício. Era um sonho que se tornava realidade, embora o pequeno Cándido estivesse tão escaldado que agora olhava com desconfiança para os seus protectores. Não tinham eles faltado à sua promessa de o deixar a cargo de uma família? O rapazinho não compreendia que o principal inconveniente era a sua idade e a sua atitude: que director de hospício recomendaria um miúdo tão difícil como ele?

– O raio…! – disse ao capelão director ao despedir-se, sabendo que desta vez não o poderia castigar.

Benito deu uma gargalhada. Reencontrara o seu amigalhaço, o companheiro de travessuras. A primeira coisa que Cándido fez foi contar-lhe os novos insultos que aprendera nas ruas: cão, verdugo e ladrão. Mas Isabel foi taxativa:

– Se não queres voltar para o hospício, tens de falar bem e fazer o que te dissermos.

O rapazinho encolheu os ombros, como se não se importasse com o que ouvia.

– Percebeste?

Como Cándido não respondia, Isabel ordenou ao cocheiro que voltasse para trás.

– Vamos voltar para o hospício.

Então Cándido reagiu.

– Nããããooo! Sim, sim, vou-me portar bem.

– Prometes?

Cruzou os dedos e beijou-os, num gesto atrevido que aprendera com os marinheiros.

Em Puebla alojaram-se na vivenda que o bispo lhes cedera na viagem anterior, uma casa ampla perto do seu palácio. A seguir Balmis entrou em contacto com Ángel Crespo, o capitão do *Magallanes*, o qual lhe garantiu que, apesar da grande quantidade de passageiros que já se tinham inscrito para viajar até Manila, haveria lugar para os membros da expedição.

– Comprometo-me a que haja uma alimentação adequada e cabinas especialmente preparadas para as crianças – acrescentou.

Com essa informação, Balmis enviou uma carta a Godoy pedindo-lhe que contasse ao rei como tinham difundido a vacina em todo o território da Nova Espanha e informando-o de que, sem ter em conta a opinião do vice-rei, entrara em negociações com o capitão do Galeão de Manila.

Pelo seu lado, Isabel apresentou-se ao bispo com os dois meninos.

– Eminência, pego na vossa palavra, mas em vez de um só trago-vos dois rapazinhos. Para ver se há possibilidade de que estudem no Colégio Carolino e se tornem homens úteis.

– Tu és o Benito?

– Sim – respondeu o filho de Isabel.

– E tu?

– Cándido de la Caridad.

– Sim… O doutor Balmis enviou-me uma carta para que te tirasse do hospício. Gostas de estudar?

O miúdo ia responder que não quando viu o ar severo de Isabel. Depois virou-se para o bispo:

– Sim, muito.

– E tem boa voz, Eminência, tendes de o ouvir…

– Vamos lá ver, canta-nos alguma coisa…

Cándido começou então a cantar *a capella* a *Ave Maria* de Bach que aprendera em Madrid. A sua voz deslumbrou o bispo e chamou a atenção de outros frades, que se aproximaram do gabinete para o ouvir. A sua voz era límpida como o cristal, potente como a de um barítono. O bispo estava fascinado.

– Vais cantar na catedral, tens um verdadeiro dom de Deus. Agora canta-nos uma canção…

Cándido olhou para Isabel, como que pedindo-lhe autorização. Isabel fez-lhe sinal para seguir em frente. O rapazinho atreveu-se com um tema popular:

– Quando os cegos entram numa casa / por tactearem as cadeiras / apalpam a dona.

Isabel mordeu a língua, mas o riso do bispo descontraiu o ambiente.

– Onde aprendeste isso?

– Na taberna onde cantava.

– Ah, sim? Cantavas numa taberna?

– Fugi do hospício e estive a viver na rua… – contou o rapazinho, cada vez mais animado. – Também sei outra, esta é uma lengalenga: Açoite, mordaça e freio / tem a nossa Santa Fé, / para o que disser / que renegar Deus é bom…

– Sim, já chega – interveio Isabel, ruborizada.

O miúdo olhou-a com ar arrependido. O bispo sorria, apesar de esses versos poderem fazer intervir a Inquisição, que afrouxara os seus costumes, mas continuava em vigor, e continuaria até 1821.

– O que se aprende nos antros! – exclamou o bispo. – Agora vais ter de aprender outras coisas, coisas interessantes, coisas do mundo, dos homens, de Deus. Vou dar instruções para que entres no Colégio Carolino.

Isabel suspirou de alívio e fechou os olhos; não sabia o que dizer para agradecer tudo isso. Os rapazinhos não sabiam se o que o bispo lhes propunha era bom ou mau, por isso ficaram impassíveis.

– E vós, Isabel, trabalhar no hospital seria coisa que vos entusiasmasse?

O Hospital de San Pedro, que existia desde a fundação da cidade, em 1545, e que ao princípio só tratou brancos pobres, tinha dois andares e ocupava um quarteirão inteiro. Agora dispunha de duzentas e cinquenta camas, pessoal numeroso com hierarquias e lugares definidos. Além de médicos, auxiliares, enfermeiros e sangradores, havia ali dois aplicadores de unguentos, vinte e três *chichiguas*, como chamavam às amas-de-leite, o primeiro e o segundo roupeiros, um colchoeiro e

uma lavadeira, cozinheiros, distribuidores de pão, um coveiro e um carreteiro para os cadáveres. Médicos e cirurgiões visitavam os doentes acompanhados por pessoal que realizava tarefas de enfermaria, e pelo boticário, que tomava notas dos remédios receitados. Sangradores, barbeiros e endireitas também prestavam serviços aos doentes. Isabel tomou a seu cargo a sala de vacinações; a sua missão era manter fresco o fluido na cidade e nos principais municípios da província através de operações periódicas. De nove em nove dias, que era o número proporcional aos que nasciam anualmente, tinha de vacinar quinze crianças. O bispo arranjou-lhe umas cartilhas para servirem de explicação aos encarregados de proceder às inoculações.

Os dois rapazinhos adaptaram-se bem ao colégio, tinham de memorizar os preceitos de Cícero, assistir às aulas de latim e ler durante meia hora no fim da manhã. Almoçavam no refeitório, ao som da voz circunspecta de um leitor que glosava a vida de São Luiz Gonzaga, que ainda não era santo, mas segundo diziam os padres não tardaria a sê-lo. Como estavam atrasados em relação aos seus colegas, repreendiam-nos suavemente, animavam-nos com exemplos, incitavam-nos com prémios. No recreio deixavam-nos jogar dominó e aos berlindes e fazer meia hora de sesta depois de comerem. À noite juntavam-se a Isabel no convento das freiras, enquanto aguardavam por uma casa definitiva para se instalarem. Por fim tinham uma vida normal. Isabel chegara ao fim do caminho, ou pelo menos assim acreditava.

Capítulo 68

Poucos dias depois do seu encontro com Balmis, Ángel Crespo, capitão do *Magallanes*, voltou atrás na sua promessa.

– Lamento, mas sem autorização do vice-rei não vos posso aceitar no navio.

– Como me podeis fazer isso?! Já vos tínheis comprometido!

– Devido ao grande prejuízo que pressupõe reunir uma vasta quantidade de víveres para a expedição se a vossa viagem vier a frustrar-se.

Era uma desculpa fraca, na qual Balmis viu o braço comprido do vice-rei, que continuava a criar obstáculos aos seus planos, porque a capitania das Filipinas dependia do vice-reino do México. Uns dias mais tarde, recebeu uma carta comunicando-lhe que o excelentíssimo Don José de Iturrigaray estava à espera do relatório de um tal Benito Vivero y Escaño, comandante do *San Blas*, a quem encarregara de averiguar se a vacina fora introduzida nas ilhas Filipinas. Era evidente que o vice-rei procurava uma razão de peso para dar uma estocada final na expedição. Escondendo a sua raiva, Balmis escreveu-lhe para lhe pedir que lhe dissesse com tempo qual seria a data definitiva da partida, dando por facto consumado que a vacina não chegara às ilhas, como estava convencido que acontecera. Disse que precisava de ter tudo pronto com bastante antecedência para evitar a possibilidade de que o momento de zarpar o apanhasse desprevenido.

Apesar de ter tido uma recaída de disenteria sangrante, decidiu regressar à Cidade do México.

– Não preferis esperar até vos encontrardes melhor?

– Não, Isabel. Regresso à capital com a convicção de que, se Deus, o rei de Espanha e a humanidade inteira estiverem do meu lado, conseguirei embarcar no *Magallanes*.

Isabel apertava as mãos suadas. Ela ficava ali, com a vida resolvida. E o homem que a ajudara a obter o que mais ansiava continuava acorrentado à expedição, lutando contra moinhos de vento como o Don Quixote, o romance que andava a ler por prescrição dos professores do filho.

– Se for necessário, irei à capital para vos ajudar a encontrar duas mulheres que possam fazer a viagem com os mexicanos…

Balmis olhou-a e por trás do forte pestanejar Isabel julgou adivinhar que tinha os olhos marejados de lágrimas. Balmis a chorar? Pareceu-lhe estranho. *Talvez seja do frio da manhã*, disse então para si, a fim de abafar a sua má consciência.

Na capital, Balmis ficou a saber que tinham feito chegar ao vice-rei comentários das suas cartas de protesto enviadas às autoridades de Madrid, o que explicava o rancor: que melhor maneira de se vingar do que sabotar a expedição? Balmis estava desmoralizado devido ao cansaço e também porque, embora se encontrasse rodeado pelos seus ajudantes, sentia saudades da força e da

moderação de quem sempre considerara fundamental e que perdera em Puebla. De momento, sem a autorização do vice-rei para prosseguir, Balmis não podia fazer nada, excepto curar-se da disenteria, procurar uma ou duas mulheres que quisessem fazer a viagem com as crianças, e esperar, esperar… Uma tortura para um homem de acção como ele.

O bispo de Puebla também era um homem de acção. Gostava de visitar os doentes do hospital, as comunidades indígenas dos arredores, os capelães que se encontravam sob a sua responsabilidade para os avisar de que não toleraria nenhuma negligência na questão da vacina. Visitava com frequência as freiras do convento. O lugar cheirava a flores, os corredores altos e sombrios irradiavam um ambiente de serenidade apenas interrompido pela gritaria de Benito e Cándido quando regressavam do colégio ali perto. Estavam felizes: ninguém os fechava em quartos escuros, ninguém lhes batia com uma régua nem os obrigava a fazer penitência de joelhos. Agora Cándido benzia-se ao entrar na capela.

Isabel sentia-se tão feliz que, de cada vez que se encontrava com o bispo, desfazia-se em agradecimentos.

– Deveis agradecer a Deus, não a mim – respondia-lhe o prelado.

Estava impressionada com a humildade desse homem, com a sua maneira distinta de falar e com o tom da sua voz que o sotaque mexicano tornava ainda mais doce. Quando ouvia os seus passos no corredor, era invadida por uma sensação perturbadora e quando Don Ricardo perguntava por ela, ficava paralisada. Não era intimidação, porque ele era afável e estava sempre de bom humor. Ao vê-lo sentado num canto, com a batina desabotoada, Isabel era invadida por uma onda de calor, uma indefinível emoção que lhe remexia as entranhas.

– Sabeis o que me disse o pároco de Xalisco?

Isabel abanou a cabeça. Até lhe custava falar, porque ele a tratava de igual para igual e isso fazia-a corar. Via-o como mais velho, mais sábio e infinitamente mais culto do que ela.

– Quando lhe disse que esperava que não houvesse nenhum preguiçoso que se julgasse desobrigado de se vacinar, atreveu-se a dizer com rudeza que era médico das almas, não dos corpos. A isso respondi-lhe que era uma grande falta de caridade, que quem, podendo salvar a vida do próximo, não o faz, é como se fosse uma verdadeiro homicida.

– Chamaste-lhes homicida?

– Queria ter a certeza de que não iria encarar de ânimo leve o assunto da vacinação.

Riram-se muito. A sedução que Don Ricardo exercia sobre Isabel não tinha origem nessa distância quase divina que separa os representantes de Deus do resto dos homens, mas antes na sua qualidade essencialmente humana.

– Os padres esquecem-se, esquecemo-nos, que temos o mandato divino de reconfortar as pessoas que sofrem, as solitárias e as desesperadas.

– Não são só os padres – disse ela.

Essas palavras saíram-lhe do fundo do coração. Don Ricardo observou-a com ternura. Essa mulher não era como as outras, tinha profundidade, além de coragem e integridade. Se não fosse assim como teria podido realizar o que fizera?

– Há seres esclarecidos como vós, como Balmis, como Salvany…

– Fico corada com essas comparações – disse-lhe Isabel.

Virou-se para ele e fez-lhe um sorriso aberto, transbordante de gratidão, que o comoveu. Nesse instante Don Ricardo levantou os olhos para o céu e pediu a Deus, de cuja existência às vezes duvidava, que não o deixasse cair em nenhuma tentação.

Desconhecia as razões do afecto que sentia por Isabel. O negro brilhante dos seus cabelos, a cor e a forma dos olhos, o sorriso dela fascinavam-no. Mas a cidade estava cheia de mulheres tão ou mais belas do que ela, que nunca suscitaram nele a menor perturbação. Isabel tinha uma beleza antiga, feições bem proporcionadas, pele tão clara que se viam as veias, tal era a sua transparência. Desde o momento em que a conheceu, apercebeu-se de que era uma alma pura e foi atraído pela sua personalidade, que parecia acomodatícia mas que pressentiu ser forte como um carvalho. Uma mulher diferente, que nunca se queixava, que tinha o dom de enfrentar tudo com a sua inquebrantável serenidade. E aureolada por um certo mistério. Não havia muitas com quem se pudesse manter uma conversa que não girasse em torno dos mexericos da sociedade. Cansado do seu papel, que o situava a meio caminho entre Deus e os homens, farto da imagem que se via sempre obrigado a dar, sentia a falta de alguém com quem pudesse partilhar gostos e interesses comuns, ainda que fosse apenas a fascinação pela invenção da vacina.

Isabel esperava, ansiosa, pela hora de ir à missa, o que a espantava porque nunca fora tão devota. Para ela, a religião tinha muito de superstição baseada no medo. Não era protecção e consolo, como um dia lhe dissera o bispo. Mas a missa de domingo na catedral era a oportunidade de o ver. Quando aparecia por detrás do altar, com esse seu ar superior, olhava-o fascinada. Nunca conhecera um homem tão atraente, apesar de por vezes mostrar uma certa reserva, uma distância que alternava com a sua afabilidade. Quando Isabel distinguia a voz de Cándido no coro, essa voz única, uma sensação de íntima satisfação percorria-a dos pés à cabeça. Uma criança precisava de alguém que acreditasse nela para se poder salvar, sempre pensara assim. De repente, na catedral, uma das mais antigas da América, Isabel era invadida por uma sensação de plenitude parecida com a que sentira com Salvany, e também com Benito, o pai do seu filho. Algo parecido com a felicidade. Então começou a entrar nela, primeiro como um desassossego, depois como um abalo desconhecido, a ideia louca de ir até ao fim, de experimentar o desconhecido, o mal que ninguém quer cometer, a transgressão que assusta mas que pressentia poder encher de sentido a sua vida. Atreveu-se a imaginar-se aninhada junto do bispo, como qualquer mulher abandonada nos braços do seu homem. Sonhava que o abraçava, e que o apertava com força enquanto ele lhe murmurava palavras ao ouvido. Fantasiava imaginando que ele lhe acariciava a nuca, o cabelo, e com a outra mão lhe agarrava a cintura. Ao terminar o canto desse coro celestial, voltou de súbito a si e o choque com a realidade causou-lhe um sentimento de culpa, e depois o arrependimento por se ter deixado arrastar. Tinha a certeza de que só por ter pensado o que pensara já tinha pecado, e sentia vergonha. *Não, não se devia deixar arrastar por pensamentos…* – não encontrava a palavra certa – *impuros*, disse para si. Isso só podia levar ao desastre, ao escândalo, à desonra dos dois.

Pelo seu lado, Don Ricardo surpreendia-se pelo seu desejo de passar tempo com ela, de sucumbir ao encanto da sua intimidade. Custava-lhe admitir, mas Isabel preenchia um vazio na sua vida, onde Deus não podia competir, porque ela irradiava um calor muito próximo e prazenteiro. Já não

lhe apetecia tanto passar tardes inteiras na biblioteca, embrenhado na leitura. Tinha dificuldade em concentrar-se, a sua mente distraía-se pensando em como arranjar uma casa digna para ela e para as crianças, como melhorar o plano de vacinação na província com a sua ajuda e, embora ficasse ruborizado ao reconhecê-lo, como visitá-la mais vezes sem levantar suspeitas. Sonhava com a penugem dos seus braços, como a de uma menina, deixava vaguear a imaginação pelas linhas brancas do cabelo que o pente traçara, e depois pela linha do peito… Quando tinha a impressão de que estava a perder o juízo, rapidamente reagia: «Não pode ser, sou o bispo!» Mas momentos depois lembrava-se que Benito e Cándido deviam aprender a andar a cavalo, e que dariam passeios pelos campos. Talvez ela também devesse aprender a montar, não escarranchada como uma camponesa, mas de lado, como uma amazona… Na realidade pesava-lhe a solidão do cargo, sentia saudades da companhia de uma família e – não se atrevia a reconhecer tal coisa – atraía-o o mistério do mundo das mulheres, que nunca tivera a oportunidade de explorar.

Capítulo 69

As semanas passaram, mas não a agitação das almas. Don Ricardo vivia num balanço constante entre a obsessão de estar com Isabel e o seu instinto de padre que, embora o pressionasse para dar consolo espiritual, também o impelia para o desapego. Doía-lhe o coração. Vivia numa contradição constante, lutando contra a ideia de se sentir imprescindível para outro ser humano, e que outro ser humano lhe fosse insubstituível. Recordava os tempos em que, acabado de sair do seminário e sendo pároco de uma aldeia de Zacatecas, confessava mulheres jovens que ousavam contar-lhe as suas fantasias de luxúria, inventavam relações sexuais com párocos, confessavam o adultério e referiam-lhe os pormenores mais escabrosos com a intenção de o seduzir. Mas ele ouvia-as sempre com distanciamento, sem acreditar nelas. Ao tentarem excitá-lo sem o conseguirem, punham em dúvida a sua virilidade, mas isso nunca o preocupara. Sabia que era padre antes de ser homem e impôs-lhes penitências cada vez mais duras para as desencorajar de voltarem ao confessionário. A visão que a Igreja tinha das mulheres era a de seres irracionais que se deixavam guiar pela paixão e pela transgressão, e justificava a sua posição de subordinadas ao homem pela sua fragilidade, pela necessidade de serem controladas. Mas Isabel era diferente, era independente, demonstrara ter capacidade de resistência e coragem. Não podia ser um instrumento do diabo, como muitos párocos e sacerdotes pensavam acerca das mulheres. Don Ricardo via-a antes como um instrumento de Deus.

Por isso, quando se encontrava a sós com ela no hospital ou de regresso de alguma aldeia em que tinham estado a vacinar, perguntava-se se poderia lutar contra a condição que Deus lhe dera ao nascer, a de ser um homem. *Que valor tinha o voto de castidade perante o desejo de amor puro que sentia por uma mulher?*, chegou a interrogar-se. Toda a sua vida lutara para conter o impulso sexual, e julgou tê-lo acalmado. Mas agora, quando ouvia o riso dessa mulher que podia ser sua filha, quando os seus olhares se cruzavam por acaso, quando cada gesto trivial atiçava o desejo, a incerteza invadia o seu coração… Seguira demasiado bem os conselhos do seu anjo-da-guarda em relação à mulheres. Tinha-as evitado tanto que nunca chegara a conhecê-las. De volta ao palácio episcopal, atormentado, saía para o terraço e levantava os olhos para o céu estrelado, como que buscando um sinal da eternidade. Não tinha nenhuma dúvida acerca da existência de Deus perante a visão do firmamento pontilhado de luzes. Aspirava o perfume dos pinheiros e das flores silvestres que vinha do vale, e uma vez sossegado e em paz consigo, voltava a fechar-se nos seus aposentos até a imagem de Isabel o assaltar novamente, como uma intrusa amável. Começava a custar-lhe imaginar a vida sem ela e pensar nisso causava-lhe terror porque sentia vacilar o fundamento do seu ser.

Ela também vivia a opressão do seu segredo, atormentada pelo fantasma da culpa, mas incapaz de controlar os seus devaneios, que lhe causavam um prazer idílico quando na sua mente se deixava abraçar, cheia de curiosidade por ele, pelos prazeres de um amor que via como um pecado, como uma fraqueza perversa. Aterrada, dava-se conta de que o desejava, não como desejara Salvany ou Benito, mas como se deseja um salvador, um homem decidido capaz de lhe infundir segurança e de lhe fazer sentir que era uma mulher e que não estava sozinha no mundo. Necessitava de conhecer sensações, sentir as emoções à flor da pele como um vento forte e quente. Sentia-se envergonhada por não ter respondido à carta de Salvany. Mas que podia ter respondido? Que sim, que se veriam no fim de tudo, que se encontrariam em algum lugar, que o amava… Sim, amava-o como se ama uma bela recordação, mas afinal de contas esse amor não era mais do que uma ilusão. À força de contratempos e de golpes do destino, Isabel tornara-se prática, aprendera que na vida havia muitas pretensões, muitos sonhos e poucas realidades, e tinha gravada na memória a lembrança da longuíssima espera e a infrutífera busca de Benito, o pai do seu filho, quando este desaparecera do mapa. Na realidade, Salvany tornara-se uma sombra na sua memória, uma recordação grata que o tempo estava a conseguir dissipar. Começou a escrever-lhe: «O que éramos um para o outro, continuamos a sê-lo sempre», mas ao reler a frase pareceu-lhe demasiado solene e não verdadeira, e rasgou a carta. Começou de novo, tentando contar-lhe a verdade dos seus sentimentos, explicar-lhe que estava cansada de se sentir abatida; depois pedia o seu perdão e bênção com a maior humildade. Mas no fim o resultado não a convencia e rasgava os rascunhos um após outro. *Essas não eram as palavras justas nem as frases adequadas*, dizia para si. Queria dizer-lhe que a amizade nunca morre, mas o amor transforma-se… Queria dizer-lhe isso? Para quê atormentá-lo mais, com o que devia estar a suportar? Para quê falar de sentimentos se o seu coração de mulher já estava preso numa gaiola divina de onde não queria sair nunca mais, espetado como uma borboleta na batina roxa do seu salvador?

Era tanta a escuridão, que depois de cavalgarem durante sete horas, antes de chegarem à povoação de Xochiltepec, os membros da Junta de Vacinação de Puebla, a mais activa do país, desorientados nessa noite sem luar, acabaram dispersos no campo. As luzinhas da aldeia, que ao longe apareciam e desapareciam segundo o relevo acidentado dos morros, eram o único guia a que se agarrar. Mas Isabel deixou de as ver e esporeou a montada, que arrancou a trote. «Por aqui!», ouviu gritar. Puxou a brida e guiou o cavalo na direcção da voz. «Estamos a atravessar o rio a vau!», ouviu ao longe. Voltou a puxar a rédea para o lado oposto, o cavalo relinchou e obedeceu a contragosto. As vozes chegavam-lhe cada vez mais distantes, trazidas por um vento suave, enquanto avançava a passo entre pinheiros e azinheiras. O resfolegar do cavalo e o roçar do tecido do seu vestido na sela marcavam a cadência. Não encontrava rasto da aldeia: as únicas luzes eram as da abóbada celeste. Mas não se assustou, não estava sozinha. Fazia parte de um grupo numeroso de ajudantes e médicos e pensou que os companheiros não podiam estar muito longe. Ao fim de algum tempo, gritou: «Ehhh…!», e por única resposta chegou-lhe um relinchar distante. Depois ergueu-se nos ares um ruído, como um surdo e remoto martelar, que se foi transformando em

rufar de tambores, até que se deu conta de que era um cavalo a galope. Alarmou-se tanto que, a certa altura, não sabia se era um cavalo a sério ou o galope do seu coração. Então apareceu entre os pinheiros centenários um corcel cinzento que parecia de prata devido aos reflexos do suor. Montava-o o bispo, com a batina atada à cintura, a cruz de madeira saltitando sobre o peito e com o alto da cabeça coberto pelo solidéu roxo. Agora aproximava-se num galope curto, ritmado.

– Ouvi o vosso cavalo relinchar, Isabel, e pensei que vos havíeis perdido…

– Sim… não vejo a aldeia.

– Segui-me.

Foi um passeio que nunca teriam querido terminar, a marcha lenta de dois seres que tudo separava e que, no entanto, se sabiam ligados por um vínculo tão férreo como invisível. Não abriram a boca, qualquer palavra estaria a mais. Eram eles, os seus cavalos e a escuridão do morro acariciado pela brisa. Nada mais existia. Chegados aos arredores da povoação, o prelado encontrou um lugar onde atar as rédeas dos cavalos, um prado com erva alta e macia entre pinheiros e moitas. Desmontou primeiro, prendeu o cavalo e foi ajudar Isabel. Ao descer do cavalo, ela tremia como varas verdes, como esses animais que pressentem o que vai acontecer, seja um tremor de terra, uma maré gigantesca ou um dilúvio, algo imenso, poderoso e transformador contra o qual sabemos ser impossível lutar. Mais por acaso do que intencionalmente, o rosto de Isabel roçou pelo do bispo e os seus olhares encontraram-se. Parados frente a frente, só se apercebiam do perfume do sabonete de Isabel e do som da respiração agitada do prelado. Então ela deu o passo decisivo, aproximou o rosto a meio palmo do dele, devagarinho, consciente de que ao fazer isso estava a forçar a porta do seu destino. Roçou os lábios pelos dele, muito ligeiramente, e beijou-os. O reflexo imediato do bispo foi chegar-se para trás. Nesse instante Isabel desejou morrer, mas ele reagiu apertando-lhe a mão. Olhou para um lado e para o outro a fim de se certificar de que estavam sozinhos. Cintilavam lareiras na aldeia adormecida e ouvia-se o longínquo murmúrio das conversas entre os grupos de companheiros que procuravam um lugar para prender os cavalos. Então o bispo aproximou o rosto do dela e retribuiu-lhe o beijo. Depois tentou balbuciar umas palavras, mas Isabel calou-o com os lábios, passou-lhe os braços à volta do pescoço e acabaram por se unir num abraço que durou uma eternidade. Que os seus devaneios nas missas da catedral se tornassem realidade causava-lhe pavor, mas sentir-se agarrada pelo homem que idolatrava, sentir as suas mãos acariciar-lhe as costas, cheirar o seu odor, causou-lhe arrepios de prazer. Quando deixou de a beijar, continuou a agarrá-la pelos pulsos, como se não a quisesse deixar sair dali. Isabel dava pequenos puxões para se libertar, embora quisesse continuar apertada contra ele, sentir o calor que o corpo dele irradiava. Quando a soltou, tentou recompor o cabelo com mãos trémulas.

– Temos de ir já – disse ele.

– O que fizemos não está certo – disse ela.

– Não, não está – respondeu ele, cabisbaixo.

Caminhando até à aldeia, instalou-se entre eles um embaraço intenso. Não sabiam o que dizer um ao outro. Os seus olhares não se cruzavam, faziam sorrisos forçados. Isabel sentia-se envergonhada. Eram dois estranhos perdidos na noite.

– És muito bonita, sabes? – disse-lhe ele quando se separaram.

Então Isabel olhou-o. Nunca soube, e continuaria a fazer-se essa pergunta até ao fim dos seus dias, como nesse momento se atreveu a abraçá-lo. Ao fazê-lo, o solidéu do bispo caiu ao chão, esse chapelinho que simbolizava a dedicação exclusiva a Deus. Ele puxou-a para as ruínas próximas de um curral. Ali, entre bananeiras, glicínias com campainhas cor de malva, madressilvas de florinhas brancas, ervas macias e ramos como lianas, entregaram-se um ao outro, com um medo surdo do que estavam a fazer, exacerbado por murmúrios e sussurros causados pelo vento que descia da serra, e pelos seus suspiros de êxtase, gemidos sufocados, e os risos distantes dos homens da aldeia. Isabel voltava a ser uma rapariga do campo, uma camponesa que retoiçava na terra, onde a vegetação adquiria uma aparência confusa, e onde o cheiro a musgo e a flores era dominado pelo cheiro humano, o aroma do amor que reconheciam quando se beijavam no pescoço, quando ele enfiava o rosto na cabeleira brilhante dela, e se sentia inebriado com o odor de mulher apaixonada. Isabel já não era a rapariga tímida e pacata que se deixara desflorar nos destroços de um navio perto da Torre de Hércules. Era uma mulher que decidira viver a sua paixão até ao fim, embora sabendo que era um amor perigoso e maldito, que a vida não oferece nada e que decerto teria de pagar por isso.

Sozinha no quarto do convento de freiras de Xochiltepec, nessa noite Isabel teve um pesadelo de amores estranhos, no meio dos cavalos, onde lhe aparecia Don Ricardo, que emanava um ardor que a abrasava. Ao acordar, sentiu-se presa de outra pontinha de medo. Transgredir as leis da Igreja não os iria condenar ao inferno eterno? Onde se estava a meter? Como se deixara cair assim? Apercebeu-se de que era demasiado tarde para combater o desejo que a impelia para ele. Esse deslize apareceu de súbito como uma consequência do seu coração magoado por amores tristes e também dos seus sentidos adormecidos pela falta de amor. Sentia que, assim como Deus era o rei do céu, o bispo era o rei do seu coração. Parecia-lhe injusto que a religião fosse o obstáculo que os separava, condenando-os a vidas solitárias. Por isso, deixava-se arrastar pela fantasia e sonhava acordada que ele não era bispo, nem padre, nem religioso, que era um homem normal, e perguntava-se: *Nesse caso, ter-me-ia escolhido?* Eram perguntas sem resposta, que lhe serviam para enganar a inquietante realidade de não saber como tirá-lo da cabeça ou do coração.

Como sempre, virando-se para o trabalho, conseguia evitar pensar, e portanto obcecar-se com sinistros acontecimentos. Organizando as vacinações em Xochiltepec conseguiu adormecer o arrependimento da véspera, falando com uns e com outros, tomando notas, manipulando frascos de fluido, examinando crianças… Assim conseguiu transformar a sua angústia num entorpecimento ligeiro, numa leve opressão que a fez esquecer que era jovem, e que apenas pudera desfrutar do amor em brevíssimos instantes.

Don Ricardo, envolvido na sua batina e na casula bordada com fio de prata, parecia uma sombra de si. O seu corpo estava presente na Junta Local de Vacinação reunida no Conselho, mas a sua mente encontrava-se muito longe, no lugar da memória onde professara os seus votos, que se supunha serem sagrados e irrevogáveis. Não jurara diante de Deus que só a morte poderia quebrá-los? A sua conduta parecia-lhe indigna e censurava-se por isso. Desprezava-se por ter sido demasiado fraco para controlar os seus instintos e passou a maior parte do dia ajoelhado sobre as

pedras frias da igreja. Repetia para si que era um padre, um sacerdote, um homem de Deus que nunca cedera à tentação da carne… até à noite anterior. *Peço-te perdão, meu Deus*, repetia, apertando o solidéu enrugado entre os dedos porque não se atrevera a pô-lo desde que o apanhara do chão, pisado. Um muro enorme de pedra, feito de muitos anos de obstinação, tinha-se desmoronado no momento em que sentiu a cara de Isabel roçar pela sua. E não tinha ninguém com quem partilhar o seu mal-estar. Ninguém para lhe limpar as lágrimas, ninguém para lhe dizer que um deslize não significava uma mudança substancial, que no fundo era vítima da solidão, da falta de carinho que não sentira desde jovem. Não podia partilhar confidências com nenhuma das seis freiras que estavam ao seu serviço. Necessitava de ajuda para recuperar as forças necessárias a fim de que o seu espírito dominasse a paixão e não o contrário. Dilacerado entre o seu ardor por Isabel e o compromisso com a Igreja, não via nenhuma luz ao fundo do túnel onde se metera.

Capítulo 70

A 10 de Janeiro de 1805, Benito Vivero y Escaño, comandante do *San Blas*, enviou uma carta ao vice-rei Iturrigaray informando-o de que o capitão da fragata *Concepción*, que acabava de chegar de Manila, tinha-lhe garantido, e fizera-o com absoluta certeza, que a vacina não chegara às ilhas Filipinas.

Era o que Balmis esperava. O vice-rei já não tinha desculpa; além disso, recebera ordens de Madrid para que fornecesse a Balmis fundos suficientes a fim de continuar a viagem. A contragosto, Iturrigaray ordenou aos ministros da Fazenda Real do México que entregassem dinheiro ao médico para custear a viagem até Acapulco, para comprar tecido, confeccionar roupas para as crianças e pagar as passagens até Manila, assim como para pagar três meses de salário adiantado a cada membro da expedição. Depois, Iturrigaray, que não queria ouvir falar de Balmis, lavou publicamente as mãos. Informou os funcionários da Fazenda Real de que, a partir desse momento, seriam eles os encarregados de vigiar o desenrolar da expedição porque já não podia dedicar mais tempo a esse assunto, e pediu que o informassem apenas do que exigisse a sua autorização.

Mas em privado urdiu o seu último golpe baixo contra Balmis. Deu ordem a Ángel Crespo, capitão do *Magallanes,* para que se pusesse de imediato a caminho de Acapulco e zarpasse só com os passageiros que se encontrassem nesse momento no porto. Sem esperar por ninguém. Balmis teria de esperar mais um ano e meio. Por essa altura, com certeza a vacina teria chegado já às ilhas e a expedição não seria necessária.

Quando Balmis soube que teria de organizar os preparativos com tanta pressa, afundou-se num desespero tosco. Ainda doente, escreveu ao ministro Caballero contando-lhe a aflição em que se encontrava por se ver impossibilitado de cumprir um prazo tão curto: «Não há dúvida de que este vice-rei julgou achar um meio honesto de impedir a minha viagem às Filipinas, que procurara estorvar por tantos e tão diversos caminhos como os que usara», dizia na sua carta.

Mas não se podia deixar vencer, apesar de se encontrar debilitado. O resto da equipa também sofria o desgaste de uma expedição tão longa, coroada por uma intensa campanha no interior da Nova Espanha que os deixara exaustos e a muitos deles com problemas de saúde. Já não manifestavam o entusiasmo nem o humor ligeiro que presidiram à partida da Corunha. O cansaço perante a perspectiva de empreenderem outra odisseia que duraria entre doze a dezoito meses mais pesava como uma laje. De modo que Balmis voltou a escrever ao vice-rei pedindo-lhe que Ángel Crespo lhe fornecesse mais um ou dois enfermeiros. Iturrigaray respondeu-lhe que não tinha autoridade para pedir isso ao capitão do *Magallanes*. Seria Balmis tão ingénuo ao ponto de pedir ajuda ao seu inimigo? Na realidade, estava tão angustiado que, obrigando o vice-rei a envolver-se

nos seus problemas, pretendia ganhar tempo. Faltava-lhe o pilar da organização, a pessoa que em circunstâncias semelhantes lhe tirara sempre as castanhas do fogo. Faltava-lhe Isabel.

> Muito estimada Isabel,
>
> Envio-vos esta mensagem urgente para solicitar a vossa ajuda e poder continuar a viagem. Face à pressa da partida, orquestrada de má-fé pelo nosso vice-rei, temos de preparar a roupa dos vinte e seis meninos que recrutámos, aprontar os estojos de primeiros socorros, encontrar mais uma criança no Real Hospício para que transporte o vírus inoculado até ao porto de partida. Tenho fundos para vos pagar e poucas forças para iniciar sozinho esta nova etapa. Só vos peço que nos ajudeis a chegar a tempo a Acapulco, de modo que, uma vez que tenhamos zarpado, podereis regressar ao vosso trabalho no Hospital de Puebla e tomar conta do vosso filho e de Cándido.

O pedido de ajuda causou uma profunda impressão em Isabel. Balmis não era alguém que gostasse de mostrar debilidade, antes pelo contrário. Leu e releu várias vezes essa mensagem; essas linhas impressionavam-na, tocavam no seu ponto mais sensível. Desde o regresso de Xochiltepec, não voltara a ver o bispo, transformado num ser irreal: já não se mostrava no hospital como antes, nem passava pelo convento das freiras para conversar, sinal que Isabel interpretava como uma expressão do arrependimento que o devia torturar. Isso atormentava-a. Pensar que por causa dela e do seu comportamento esse homem de Deus, que tanto a ajudara, estava a sofrer, causava-lhe um complexo de culpa difícil de suportar porque lhe recordava o seu passado de rapariga vulgar, de mulher vil que tivera um filho fora do casamento. Por isso não hesitou um segundo em aceitar a proposta de Balmis. Viu nela a única saída possível do atoleiro em que se encontrava metida. Partiria para a Cidade do México o mais depressa possível, na manhã seguinte. Sem se despedir de ninguém para que ninguém a pudesse influenciar. O seu breve encontro com Don Ricardo fora tão intenso que agora se encontrava extenuada. Necessitava de pôr distância entre eles, de ter tempo para pensar, para atenuar a paixão. *Como podia amar um homem que só amava Deus?*, interrogava-se para se convencer do absurdo dessa relação. A distância também serviria para que ele ficasse mais sereno. Desse ponto de vista, o pedido de Balmis pareceu-lhe ser um sinal de Deus, que lhes dava a oportunidade de esfriar o ardor para que as coisas voltassem à normalidade. E era ela quem tinha de partir, ele estava na sua diocese, no seu território, não podia desaparecer.

A ideia de largar a sua vida em Puebla, onde o filho e Cándido aprendiam e eram tão felizes como ela, destroçava-a. Ia-lhe custar deixar o seu trabalho no hospital, um desafio constante e um estímulo; viver sem o aroma dos pinheiros, sem a profusão de rosas, dálias e madressilvas, sem a expectativa de o ver na catedral, de se encontrar com o seu olhar de olhos cinzentos nas reuniões da Junta de Vacinação que se faziam regularmente no palácio episcopal. Mas não era o momento de se lamentar, nem de ficar, de impor um peso e uma tensão que podiam deitar a perder o mais importante. Porque Isabel era acima de tudo mãe. Benito e Cándido tinham de permanecer onde se encontravam, no Colégio Carolino, que tão bons resultados estava a dar. Ela regressaria à última razão que a levara até ao lugar onde se encontrava, aonde ainda pertencia, à expedição. Não só ajudaria Balmis com os preparativos, como também o acompanharia até Manila e regressaria com as crianças da Nova Espanha, se Deus quisesse. No fundo, sentia que esse era o seu dever: terminar o que começara, custasse o que custasse. A expedição era o destino que Deus lhe atribuíra e tinha um dever para com ele. Viu isso tão claramente como via sair a água cristalina das fontes de Puebla.

Quando regressasse, se sobrevivesse à viagem, o tempo teria limado as arestas da paixão. Talvez pela primeira vez na vida, sabia com toda a certeza o que tinha de fazer, e não pensava vacilar. Era a sua decisão, apenas sua.

Eminência,

O doutor Balmis reclama a minha presença na Real Expedição Filantrópica da Vacina que deve partir na próxima semana para as ilhas Filipinas. Por razões que exigiriam aqui uma longa explicação, precisa urgentemente de mim na Cidade do México. Por isso decidi partir amanhã ao início do dia na diligência. Confio-vos a guarda de Benito e de Cándido, que, graças à vossa magnanimidade, estão a tornar-se homenzinhos de letras no Colégio Carolino. Se isso não for abusar da vossa generosidade, pedia-vos que, agora que não vou estar em Puebla, lhes atribuísseis um quarto no colégio, em regime de internato, para que não tenham de dormir no convento. Assim estariam mais vigiados, e a companhia dos amigos compensaria as saudades que sentirão de mim, pelo menos nos primeiros dias. Se por vontade de Deus não sobreviver a esta viagem, tenho a certeza de que os meninos se encontram nas melhores mãos possíveis e que Vossa Excelência saberá guiá-los pelo caminho da virtude…

Despedia-se dele da maneira mais distante que era possível, como se fosse uma carta oficial. Não podia arriscar-se a que a carta fosse lida por algum intermediário demasiado curioso. Tinha a certeza de que o bispo saberia ler entre linhas e entenderia as razões que a impeliam a assumir o seu dever até ao fim. Ele também era escravo do dever.

Enquanto Isabel preparava o seu saco de viagem na escuridão do convento, procurava imaginar a reacção dele ao ler a carta: estava convencida de que se sentiria libertado. Que no fundo lhe estaria grato. Quando o galo cantou, entrou no quarto dos pequenos e, com todo o cuidado, deu primeiro um beijo ao filho e depois a Cándido, que acordou de repente, com olhos espantados:

– Que se passa? – perguntou.

– Não se passa nada, filho, dorme…

– Vais-te embora, não vais?

Esse miúdo tinha um faro demasiado aguçado, como se tivesse uma intuição especial perante o menor indício de abandono.

– Vou por uns dias, mas voltarei…

– E o Benito?

– Não te preocupes, fica contigo. Como és mais velho, compete-te velar por ele, prometes-me?

Assentiu com um aceno de cabeça.

– Espera – disse.

Levantou-se da cama e deu a Isabel um abraço muito longo; no fundo, não a queria largar.

– Vamos lá, volta para a cama e dorme.

– Vais voltar, juras-me pelos meus mortos?

Isabel fez o gesto de marinheiro atrevido de que o pequeno tanto gostava, cruzando os dedos e beijando-os. Enquanto Cándido voltava a adormecer, pôs-se a andar com o seu saco, deixando a carta com a freira da roda que estava de guarda, para que a fizesse chegar ao senhor bispo. Caminhou pelas ruas de Puebla; fazia frio e tinha o coração enregelado.

Lá em cima, no palácio episcopal, o bispo sofria de insónias. Mal despontaram os primeiros raios de Sol, de pé junto ao janelão do seu aposento, viu a diligência sair da cidade e subir penosamente

a encosta até chegar ao caminho mais largo, como todos os dias. Não imaginava que lá dentro ia Isabel, o objecto do seu desvelo.

Capítulo 71

Isabel demorou uns segundos a reconhecer Balmis. Estava muito magro, tinha a tez acinzentada, as sobrancelhas espessas, o sobrolho franzido e o cabelo mais ralo e mais alvoroçado do que nunca. Mas ao vê-la entrar a cara dele iluminou-se com um sorriso que dizia tudo. Chegariam a tempo a Acapulco, agora tinha a certeza disso.

– Agradeço a Deus a vossa pressa, Isabel… – disse-lhe, soltando um tique de boas-vindas.

Balmis abraçou-a com força. Com o médico, ela nunca sabia se eram abraços inocentes ou se escondiam algo mais. Mas desta vez não houve resistência quando se libertou do abraço. Balmis estava grato.

– Haveis encontrado uma pessoa que cuide das crianças durante a viagem? – perguntou Isabel.

– Alguém como vós, não. Por fim acabarei por contratar vários enfermeiros.

– Então eu irei convosco.

– Até Manila?

– Sim.

– É a melhor notícia que me podeis dar.

Fez-se silêncio, enquanto Isabel deixava o olhar perder-se através da janela, com ar triste.

– O melhor é o mar – disse quase em voz baixa.

– Perdão?

Isabel encolheu os ombros.

– Nada, não era nada.

Balmis examinou-a.

– Aconteceu alguma coisa em Puebla? O vosso filho…?

– Benito e Cándido estão muito bem, a cargo do bispo. Eu venho porque… considero que é meu dever ajudar-vos nesta última etapa. Temos de terminar o que começámos, não?

Isabel passou os olhos pela sala, onde o material médico estava misturado com metros de tecido, mapas, bolas de esparto, caixas e baús. Começou a trabalhar; era melhor esquecer-se de si.

A presença de Isabel galvanizou o grupo. Era a peça que faltava para que a expedição pudesse arrancar. Num só dia, transformou a casa num ateliê de costura e contratou uma dezena de alfaiates e costureiras que se revezaram de dia e de noite para confeccionar a roupa dos pequenos. Balmis pôs-se a fazer alforges para transportar as crianças numa caravana de mulas.

Quando Isabel foi ao hospício a fim de escolher um menino para ser vacinado e levar a linfa até Acapulco, a ama informou-a que Tomás Melitón acabara de falecer. O pequeno Tomás, aquele que tinha as orelhas salientes e olhar espantado, o que cuspia melhor do que um adulto, o único que

lhe chamava *mamã* só quando tinha medo, o que reagiu tão violentamente à vacina que não deixou dormir ninguém no navio, o que acabava de fazer quatro anos. Isabel teve de se fechar no gabinete do capelão director para se esconder dos olhares das crianças. Soluçava com tal intensidade que rapidamente foi sacudida por convulsões. Depois, quando se acalmou, sentiu frio e começou a tiritar. Era assaltada pelas recordações, como a de que o rapazinho tinha sido muito valente ao receber a vacina quando estavam perto de Cuba.

– Não me doeu nada – dissera-lhe, orgulhoso.

A última coisa que fizera por ele fora transferi-lo para a secção das mulheres, «bem pouca coisa», pensou Isabel, roída pela culpa.

– Um dia veio aqui ao hospício uma senhora pobre que adoptou o Gerónimo, o melhor amigo dele – contou-lhe a ama principal. – Ficou cheio de pena e sozinho. Sonhava que alguém viesse também buscá-lo, mas nunca aconteceu… Há dois meses, acordou com febre e arrepios, e atrás das orelhas apareceram uns pequenos pontos vermelhos. Ai, senhora, pensámos que era varíola, que a vacina não tinha entrado nele! Mas não, senhora, era sarampo.

Os pobres do hospício, incluindo os vinte e seis mexicanos que esperavam ir para as Filipinas, acompanharam o corpo do pequeno Tomás pelo longo caminho ate ao novo cemitério, recém-construído fora da cidade, como medida de saúde pública que Balmis aconselhara no seu relatório enviado ao vice-rei.

Isabel não voltou logo para a casa-ateliê. Pediu que a levassem para depositar umas flores no túmulo do pequeno. Estava desolada porque Tomás tinha sido, durante uma pequena temporada, mais um filho seu. O laço que se criara entre ambos era tão forte que a morte, ao quebrá-lo, a deixou transtornada e desorientada.

Atribuía a morte de Tomás Melitón à corrupção e venalidade dos maus vassalos do rei, por continuarem a manter as crianças nesse hospício degradante. *Quando cumpriria o vice-rei a sua promessa de os pôr a estudar na Escola Patriótica?*, perguntou a Balmis, com os olhos vermelhos do choro. Balmis encolheu os ombros, sem saber o que dizer. Estava abatido, também ele roído pela culpa. Lembrava-o como um miudinho alegre e recatado, dos que não davam problemas. Morrera longe de Espanha, devido a uma promessa não cumprida do governo do seu Reino. «Que vergonha», murmurou Balmis enquanto fazia os alforges que lhe serviriam para transportar os mexicanos durante os trezentos quilómetros que os separavam de Acapulco.

A 18 de Janeiro de 1805, uma caravana de trinta cavalos mansos, seguida por uma dúzia de mulas que carregavam as bagagens, partiu da Cidade do México a caminho do Pacífico. Os rapazinhos iam nos alforges, cada um num lado das pilecas. Chegados à altura da Sierra Madre del Sur, contemplaram a esplendorosa baía de Acapulco, onde cresciam tamarindos, amendoeiras, goiabas e mangas. Único porto natural de águas profundas em toda a costa oeste da América do Norte, Acapulco nascera como estaleiro e ali se tinham construído os navios que ajudaram Francisco Pizarro na sua conquista do Peru, ou os navios de Cortez que descobriram as ilhas do mar

Bermejo, onde abundavam as pérolas, ou os de Legazpi, que descobriram as Filipinas, das quais tomou posse em nome do rei, fechando assim o círculo do império onde o Sol não se punha.

Fundeado nas águas azul-turquesa encontrava-se ali o *Magallanes*. Tinha os característicos castelos de proa e de popa, e era bastante amplo.

– Essa será a nossa casa durante os próximos meses – disse Isabel aos pequenos.

Ou o nosso túmulo, pensou. Conhecido como Galeão de Manila, cobria a linha marítima mais duradoura da História numa viagem de ida e volta às Filipinas que demorava ano e meio a ser feita e que era conhecida pelas suas enormes complicações e riscos. Visto de longe, parecia um castelo no mar.

Apesar da sua história grandiosa, Acapulco era uma pequena povoação de poucas e tortuosas ruelas espalhadas em redor do forte de San Diego, que fora erguido para a proteger dos piratas ingleses. A vida ali era de uma prazenteira monotonia, interrompida apenas durante dois meses por ano, quando chegavam ou partiam as frotas da China e do Peru. Então os seus habitantes, na sua maioria negros e mulatos, espreguiçavam-se e viam a sua aldeia a transformar-se numa grande feira de comércio, conhecida no mundo inteiro. Nas ruas, os membros da Real Expedição Filantrópica da Vacina viram-se rodeados por viajantes da Ásia e do Peru, por traficantes de ouro e prata, por comerciantes atraídos pelas sedas do Oriente, pelas pérolas, pelas especiarias, pelos objectos lacados, pelo arroz ou pela porcelana que trocavam por milho, prata, *chili* ou tomates do México. Os chineses transportados em liteiras que abriam passagem entre uma multidão de indígenas andinos de cabeça coberta por chapéus de copa alta, de religiosos de todas as ordens imagináveis, de índios vendendo as suas ervas medicinais, de soldados, marinheiros, transportadores, prostitutas, curandeiros, charlatães e malabaristas.

Enquanto Isabel e as crianças se instalavam na mansão do governador do porto, Balmis foi logo encontrar-se com o capitão Ángel Crespo para negociar o preço das passagens. Encontrou-o numa taberna, sentado no chão, encostado à parede e com um copo de pulque na mão.

– Tinha medo de não chegar a tempo… Por que anunciastes a partida de maneira tão precipitada?

– Porque vamos sempre cheios, e assim não temos de rejeitar os que não chegarem a tempo. – Cuspiu no chão e continuou: – Anuncio-vos que nos atrasaremos três dias porque estou à espera de um grupo de frades capuchinhos que vêm da Guatemala.

– Bom, isso dar-nos-á tempo para vacinar.

Balmis expôs-lhe as cruéis e duras tribulações sofridas pelas crianças durante a travessia do Atlântico e pediu-lhe que as da Nova Espanha encarregadas de transportar a vacina até ao arquipélago filipino ficassem comodamente instaladas.

– Já vos disse que o galeão vai cheio.

– Mas nós temos prioridade, por ordem directa de Sua Majestade.

– Eu devo obedecer ao vice-rei, é o meu superior.

– Sim, já sei. Primeiro aceitastes-nos sem problema, depois dissestes que não podíeis fazer nada sem autorização do vice-rei.

– Poder, pode-se sempre.

Foi então que Balmis se irritou.

– Bom, quanto custa a passagem?

– Quinhentos pesos por pessoa.

Era uma quantia exorbitante, que deixou Balmis estupefacto.

– Não podeis cobrar o mesmo pelas crianças e pelos adultos.

– Ocupam o mesmo espaço e posso dizer-vos que até comem mais do que os adultos, têm de crescer.

– Não, não pode ser, o que me pedis é… é excessivo.

– É esse o preço. Ninguém vos obriga a embarcar.

Este é da mesma índole de Iturrigaray, disse Balmis para si, *outro cínico.*

– Tendes de me fazer um desconto nas passagens das crianças, senão…

– Voltai amanhã – interrompeu-o Crespo –, verei o que posso fazer perante os lugares disponíveis.

No dia seguinte, Balmis concluiu a negociação depois de Crespo aceitar baixar o preço do bilhete de cada criança para trezentos pesos. Contrariado, Balmis pagou onze mil e trezentos pesos, uma fortuna, e fê-lo porque não tinha outra opção. Sentia-se enganado, convencido de que parte desse dinheiro acabaria nos bolsos do vice-rei.

Três dias antes do embarque, recebeu uma última mensagem de Iturrigaray que lhe ordenava que levasse consigo toda a equipa da expedição e regressasse à Europa a partir das Filipinas. Informou-o que o Erário Real não podia cobrir as despesas do seu regresso ao México. Se Balmis decidisse voltar à Nova Espanha teria de o fazer por sua conta. Essa foi a «despedida» oficial de Balmis, sem nenhum reconhecimento nem demonstração de apreço. O vice-rei mandava-o sair do Reino e não voltar.

Já estava acostumado ao escárnio do vice-rei, a receber coices da parte da mais alta autoridade. Mas esta última estocada foi particularmente engenhosa, porque lhe acertou onde mais doía.

– Em Manila separar-nos-emos – disse a Isabel. – Regressareis com as crianças da Nova Espanha e recuperareis o vosso filho. Eu regressarei à Península a partir de um porto da China.

Sentiu um aperto no coração. O seu inimigo desfizera em pedaços o seu sonho meio infantil meio absurdo de regressar a Madrid com Isabel para partilhar o êxito da expedição.

Embarcaram a 7 de Fevereiro de 1805, mas a ausência de vento atrasou a partida. Fechado no seu camarote, Balmis permaneceu o dia inteiro sozinho, pensando, olhando para trás, fazendo o balanço da expedição. Apesar das decepções, das humilhações do vice-rei, da insensibilidade do capitão e dos confrontos com corruptos servidores do rei, podia sentir-se orgulhoso do que conseguira na Nova Espanha. Em pouco mais de sete meses, ele e os seus ajudantes tinham visitado as principais cidades e muitas das povoações do vice-reino. Tinham impulsionado a criação de uma rede de clínicas gratuitas sob a direcção de autoridades civis e religiosas, e de médicos bem instruídos nas últimas técnicas de vacinação e de conservação da vacina. Um sistema de organizações locais interligadas assegurava a existência da mesma por intermédio de linfa

conservada e de portadores humanos. Quantos teria vacinado? Cinquenta mil, cem mil? Tanto fazia… O mais importante eram as infra-estruturas estáveis que ali ficavam: as juntas de vacinação, as redes centrais e os espaços sanitários onde se vacinava. «Não há dúvida de que sofremos muitíssimo nesta última visita, e que se alterou o estado de saúde de alguns que tinham resistido às tribulações da última viagem – escreveu Balmis ao ministro Caballero a bordo do *Magallanes*, um dia antes de zarpar. – Faltam-me palavras para explicar o mérito tão notável de todos os membros da expedição, entre os quais merece especial atenção a reitora, que se distingue no cumprimento dos seus deveres, e no amor e carinho que mostra aos meninos, a todos eles, adoptando-os como filhos, e com ânimo varonil vai com a expedição para as Filipinas a fim de não os perder de vista, enquanto o seu filho e Cándido permanecem em Puebla ao cuidado do bispo.» Terminava a carta pedindo que «a fim de justificar ao público o acerto com que dei crédito à minha comissão, e atendendo aos serviços prestados e para fortalecimento da minha autoridade, me seja concedida a Ordem de Carlos III, dispensando-lhe as provas, ou melhor, as honras do Conselho das Índias». O pedido não foi atendido, provavelmente devido a um relatório do vice-rei em que este tratou de se esquivar às suas responsabilidades apresentando Balmis como vítima da sua «precipitação e capricho».

Capítulo 72

Enquanto os pequenos corriam pelo navio com o desejo de o descobrir na totalidade, Isabel instalou-se no seu camarote – conseguira um só para ela – e começou a escrever. Tinha medo de morrer nesta viagem, e já não lhe espicaçava a curiosidade pelo desconhecido como ao zarpar da Corunha. Vivia a perspectiva de passar outra temporada neste navio como uma penitência, como outra passagem pelo inferno. Mas fazia-o para se redimir dos seus pecados, embora o ânimo se ressentisse. Como não podia falar com ninguém, nem revelar a ninguém os segredos do seu coração, antes que o navio zarpasse decidiu confiar-se a um velho amigo, a quem devia uma carta: «Aproveito esta curta estada em Acapulco, de onde partem os navios-correio para o Peru, para responder à vossa missiva de Lima e enviar-vos os meus mais sinceros desejos de recuperação – escreveu a Salvany. – Estou prestes a partir para as ilhas Filipinas. É uma viagem longa e perigosa, e se Deus me permitir sobreviver, regressarei a Puebla dentro de uns meses para me reencontrar com o meu filho, que ficou a cargo do bispo. Tendes razão quando dizeis que uma pessoa julga ter ganho quando obtém uma vitória, mas aparece sempre uma nova batalha. A batalha que estou a travar é uma batalha perdida. Mas o coração não conhece triunfos e derrotas. Por isso vou para o outro lado do mundo. Faço-vos esta confidência devido à amizade que me une à vossa pessoa, a quem admiro mais do que a qualquer outra nesta expedição. Desejo-vos o maior dos êxitos, que tenho a certeza que já tereis alcançado, e que no fim do caminho encontreis a saúde de que tanto necessitais e o sossego pelo qual tanto ansiais. Entretanto, seguirei o vosso conselho, o de aceitar a luta, a dívida, e continuarei a avançar saltando os obstáculos um após outro, embora haja momentos em que não veja isso como sendo possível…»

Era uma carta cifrada e ao mesmo tempo clara, que chegou às mãos de Salvany muito tempo depois, quando já tinha realizado as campanhas mais duras na cordilheira dos Andes, onde deixara uma marca magnífica. Os conselhos de Puno, Oruro e La Paz agradeceram-lhe o trabalho realizado e solicitaram para ele as honras de regedor. Mais ligado do que Balmis à população indígena, que considerava protectora e acolhedora, Salvany avançara muito lentamente, devido à difícil orografia da região e porque se envolvia no conhecimento das populações autóctones, nos seus costumes e modos de vida.

Recebeu a carta em La Paz, primeira cidade da Real Audiencia de Charcas, pertencente ao vice-reino de Buenos Aires, situada a três mil e seiscentos metros de altitude. Empenhara-se em chegar lá, apesar da recomendação do médico de Arequipa, que o tratou da sua afecção recorrente nos pulmões. Avisara-o que, não sendo possível uma cura radical de uma doença tão cruel, a sua viagem iria ser demasiado penosa para ele. Mas Salvany não fez caso das recomendações do médico e prosseguiu o seu périplo, atravessando vales, cordilheiras e rios e expondo-se a insolações, a

chuvas e neves, e a mudanças de temperatura que lhe causaram uma grave afecção reumática. Além disso, ao chegar a La Paz, devido à altitude, começou outra vez a sangrar da boca. Tinha sempre à mão o lenço vermelho que Isabel lhe oferecera, e que apertava quando acabou de ler a carta. Não queria deixar-se levar pela emoção. Compreendeu o que ela não dizia explicitamente, que o coração de Isabel estava a sofrer por um amor que nada tinha a ver com ele. Que ingénuo lhe parecia agora o sonho a que se agarrara tanto, o de se reunir com ela num lugar soalheiro e de clima seco, onde se dedicariam a curar pessoas! O tempo era uma onda gigante que arrasava tudo, a saúde, o amor, e agora desfazia as suas últimas ilusões. A carta devolveu-o à realidade, que era a de um doente, sozinho e à mercê de uma natureza hostil, enfrentando a tarefa hercúlea de salvar um continente de uma praga bíblica.

Depois de ler a carta, o seu estado de saúde piorou, perdeu o apetite e foi necessário chamar um médico.

– Queixais-vos de sofrer de febres terçãs, garrotilho e que mais?

– Mal do peito. E também me dói aqui – disse, apontando para o coração.

O médico auscultou-o:

– Isso é o coração.

– Pois também me dói.

– Vejamos, vamos distinguir entre sintomas falsos e verdadeiros…

– São todos verdadeiros, doutor.

– Não ponho em dúvida a vossa sinceridade, Deus me livre, mas vós sabeis, como médico que sois, que uns sintomas se devem mais aos humores do que às afecções… As febres terçãs são devidas ao paludismo.

– Sim, e o garrotilho à difteria.

– E o mal do peito à tísica. Mas o vosso coração bate regularmente – disse colocando o fonendoscópio em cima da mesa.

– Contudo, dói-me.

– Deve ser da exaustão geral.

– Deve ser.

O sentimento de solidão em que a leitura da carta o mergulhara era a origem da sua dor, mas não podia dizer isso ao médico.

Na realidade, Salvany apercebeu-se de que havia muito território para percorrer, de que não podia continuar, nem também voltar à Península. Encontrava-se num beco sem saída. A única solução que lhe restava era obter um cargo público na América, para escolher esse lugar de clima temperado, saudável e seco e viver o resto dos seus dias, sozinho mas com dignidade, sem estar ligado à Expedição Filantrópica. Além de ter perdido a visão de um olho no rio Magdalena, deslocara um pulso na sua passagem pela cordilheira, que manteve imobilizado:

– Não me resta outra utilização dele senão a de vacinar e escrever – dizia.

Portanto escreveu ao ministro José Caballero, solicitando que lhe fosse concedido o que pedia por se encontrar tão doente que lhe seria impossível regressar à Península. Mas a resposta nunca mais chegava. Pensou que, para a corte, alvoroçada com a desastrosa situação política causada por uma

eventual invasão de Napoleão, o seu caso não merecia nenhuma consideração. No entanto, continuou a enviar cartas num tom cada vez mais desesperado, insistindo na necessidade de que a Monarquia lhe atribuísse algum cargo relevante que lhe permitisse recuperar a saúde e endireitar a vida.

Que fazer perante o silêncio da corte? Que fazer se renunciava ao seu trabalho na expedição? Deixar de receber o salário que lhe era devido e morrer lentamente de fome em alguma cidade do altiplano? Descer até à costa e suplicar um emprego na Universidade de Lima? Esteve uns dias a ponderar a sua situação. Apercebeu-se de que já não podia ignorar mais o mal que o inquietava. Quanto tempo lhe restava de vida? Uma semana, um ano, dois, dez? Tantas vezes se recuperara que se acostumara a conviver com a doença, como com uma companheira caprichosa e cruel, mas que chegando ao limite lhe perdoava sempre. Tinha como dado adquirido que, após uma crise, ressuscitava. A sua vontade de viver, a paixão pelo seu trabalho, a constância e a curiosidade infinita que animava o seu espírito, tudo isso que constituía o motor da sua existência, impelia-o a continuar em frente. *Até quando?*, perguntava-se agora. Não seria melhor prosseguir o trabalho profiláctico que estava a realizar do que afastar-se do mundo e esperar pela morte? Se já não havia a possibilidade de um reencontro com Isabel, que sentido tinha retirar-se para um lugar soalheiro e seco? Não seria melhor ir até ao fim, morrer a salvar os outros, dar a vida pelo bem da saúde pública? De La Paz, com a sua mão deformada, escreveu uma carta para Espanha informando que continuava com a expedição e anunciando que se dispunha a seguir até Buenos Aires.

Capítulo 73

O *Magallanes* não era um navio especialmente fretado para a expedição, como a *María Pita*, mas sim um navio de passageiros, e estava cheio: militares, comerciantes, setenta e cinco frades, Balmis e os seus seis ajudantes, mais os vinte e seis meninos, e a tripulação. Nos porões amontoava-se um quantidade heteróclita de objectos, sobretudo prata proveniente da venda de produtos orientais, e mais prata para pagar os salários dos funcionários das ilhas, lingotes de ouro, pesos cunhados, bichos-da-seda provenientes de Oaxaca, cacau, café, baunilha, açúcar, agulhas de tricô, sabão, baralhos e chapéus. Era tão grande a carga que se reduzira o espaço para os viajantes.

– Os meninos não podem continuar a dormir aqui – disse Isabel.

– Pois terão de o fazer porque não há mais nenhum lugar. Ordens do capitão.

Era outro passo nos maus-tratos dos expedicionários mais vulneráveis. Os pequenos eram obrigados a dormir no porão, ao lado da santa-bárbara, a extremidade da popa do primeiro convés do navio destinada sobretudo a guardar os apetrechos do contramestre. O lugar estava cheio de imundícies. Não havia catres nem camas de rede, e Isabel instalou-os como pôde no chão, onde dormiam aglomerados, rolando e batendo uns contra os outros com as constantes sacudidelas causadas pelo balançar do navio. De vez em quando, um miúdo acordava a gritar, aterrorizado, porque vira uma ratazana enorme a vaguear por ali à procura de algum resto de comida.

– Deram carne de vacas mortas de doença às crianças – protestou Isabel junto de Balmis.

– Não foi só às crianças – disse Balmis –, receio que nos tenham dado também a nós. Mas dão-lhes feijões, lentilhas e alguma coisa doce, não?

– Vão-se aguentando porque são muito dóceis, e não poucas vezes porque a compaixão de alguns passageiros os ajuda com umas bolachas.

– A nossa comida não é muito melhor.

– E não ides fazer nada?

– Sim, claro… – balbuciou Balmis, espantado com o tom agressivo de Isabel.

A verdade era que Balmis estava cansado de ter de lidar com tipos como o vice-rei ou Crespo, de chocar sempre contra a mesma parede. Também se sentia desgastado. Mas Isabel estava demasiado indignada e sabia como o espicaçar.

– Sabeis quanto pagaram os passageiros que ocupam os camarotes do castelo da proa, os melhores?

– Mais do que nós.

– Estais enganado. Menos do que nós. Pagaram duzentos pesos para viajar em melhores condições do que vós, que pagastes quinhentos pelos adultos, e não falemos das crianças, trezentos pesos para viverem com as ratazanas! É, é…

Isabel não encontrava as palavras certas. Estava furiosa como poucas vezes a vira Balmis.

– Quem vos disse isso?

– Os frades capuchinhos. Num navio, tudo se vem a saber.

– Vou falar com o Crespo.

Agora também Balmis estava encolerizado. Tinha o pavio curto e exasperava-o não poder livrar-se do braço comprido do vice-rei, que calculava que se encontrava conluiado com Crespo. O médico atravessou o convés e foi até ao lugar do piloto, onde estava Crespo a falar com uns marinheiros. Balmis interrompeu-o e puxou-o para si, a fim de que os outros não ouvissem. Depois olhou o capitão nos olhos.

– Haveis-me exigido a exorbitante soma de onze mil e trezentos pesos pelo sustento da expedição, e tratam-nos pior do que aos animais.

– Não podeis queixar-vos do vosso camarote…

– Estou a referir-me às crianças. Tínhamos combinado que…

Crespo interrompeu-o:

– Doutor, embarcastes todos graças à minha intervenção junto do vice-rei, que não queria sobrecarregar o navio. Devíeis estar agradecido por isso, em vez de cuspir censuras para cima da minha pessoa. O vice-rei já me tinha avisado da vossa arrogância e maus modos, mas quero que saibais que aqui mando eu – disse apontando para um trabuco que trazia no cinto.

Crespo, habituado a lidar com piratas, não pensava em se deixar intimidar por um tipo como Balmis, que não teve outro remédio senão conformar-se e armar-se de paciência.

As crianças foram deixando de ser dóceis; a todas elas, o confinamento prolongado punha à mostra o lado selvagem. Quando não assistiam às aulas que lhes dava Isabel, metiam-se onde não deviam e interferiam nas manobras dos marinheiros. Tornava-se impossível manter quietos vinte e seis miúdos durante todas as horas do dia. Quando chegava o momento de se deitarem, recusavam-se a recolherem-se, e com razão. Diziam que as ratazanas desprezavam os restos de comida:

– Agora mordem-nos os pés enquanto dormimos – queixava-se um deles.

Como não podiam ficar lá fora, Isabel tinha de utilizar todos os seus dons de persuasão para os convencer a irem dormir. Chegou uma altura em que lhe custava mais dirigi-los do que os galegos porque não tinha criado estes e não a conheciam tão bem. Ela não se queixava; pensava no filho, na sorte que o poupara a esta experiência. Um dia, Isabel apercebeu-se de que se tinham produzido vacinações artificiais: os pequenos recém-vacinados estavam a contagiar os outros. Alterou a disposição dos móveis no seu camarote para que os dois meninos portadores pudessem dormir com ela, e assim proteger os outros do contágio. Contou isso a Balmis, que voltou a explodir.

– Com os balanços do navio, sete crianças foram contagiadas acidentalmente! – gritou Balmis a Crespo no convés. – É um percalço que pode deitar a perder a missão! Que as crianças estivessem bem alojadas, num lugar arejado, não era um capricho, era uma necessidade!

– Pois então mudai-os, dai-lhes o vosso camarote, e que os vossos médicos e enfermeiros façam o mesmo. Porque não há mais lugares.

– Vou pedir que vos obriguem a restituir o preço excessivo que nos haveis exigido.

Mas Crespo já não ouvia. Dera meia volta e estava a dar ordens aos seus marinheiros:

– Preparar virada a bombordo! Largar escotas!

Balmis reuniu-se com Isabel, não sabia como desabafar a sua indignação.

– Como sempre, as crianças são as mais prejudicadas – disse ela.

– Se sofrermos algum percalço e se a viagem se prolongar, ficaremos sem fluido… É uma catástrofe.

– Não antecipeis acontecimentos. Mas sinto saudades de Pedro del Barco. Ele sim, era um cavalheiro, e não este miserável.

Balmis escreveu de novo ao ministro Caballero, contando-lhe tudo o que acontecera e que teriam morrido de fome se os passageiros não tivessem partilhado com eles a comida que cada um deles trazia. A seguir pedia que lhe fosse devolvido o preço excessivo exigido por Crespo «por instalações indecentes e miseráveis». Pensava dar uma cópia dessa carta ao governador de Manila, assim que chegasse lá.

Mas o governador Rafael María Aguilar y Ponce de Léon não veio recebê-lo a 15 de Abril de 1805, quando o *Magallanes* fundeou na baía de Manila, após uma viagem que demorara menos do que o previsto graças aos ventos favoráveis. O governador era um subordinado de Iturrigaray e estava prevenido contra o carácter explosivo do médico de Alicante, cuja fama o precedia… e o prejudicava. Balmis teve de ir ter com ele ao seu palácio. A primeira coisa que fez foi pedir-lhe que intercedesse para que o capitão lhe devolvesse oito mil e seiscentos pesos, que era o que tinha cobrado a mais. Mas o governador escusou-se, não fazia tenções de se envolver nesse assunto, não queria ter problemas com os grandes comerciantes e com todos os interesses que rodeavam o Galeão de Manila. Concordou, isso sim, em autorizar que as vacinações começassem no dia seguinte, primeiro no palácio, depois na cidade.

Capítulo 74

Tinham-se passado mais de dois meses desde a partida de Acapulco e a visão das colinas tão verdes que rodeavam a cidade amuralhada, o coração de Manila, onde viviam e trabalhavam as famílias poderosas e os funcionários reais, os milhares de palmeiras em praias de areia branca, as canoas dos nativos – homens risonhos de pele cor de cobre – que rodeavam o galeão, o ar carregado de aromas de especiarias, toda essa visão encantou os passageiros. Isabel estava contente porque os vinte e seis meninos tinham chegado sãos e salvos, mas, quando se encontrou no alojamento que o governador lhes havia preparado, caiu-lhe a alma aos pés. Era um velho edifício fora das muralhas, numa rua que era um lamaçal nauseabundo, perto da porta chinesa do Parián, na parte baixa e insalubre da cidade, onde chineses, japoneses e malaios conviviam com nativos e colonos espanhóis pobres. Como a nostalgia a atormentou! Não era nostalgia da sua terra, Galiza, era uma terrível nostalgia do seu filho, da vida que tivera em Puebla, da terra que a acolhera e que agora sentia como sua. De repente, a perspectiva de ter de passar vários meses nessa cidade tão diferente de todas as que conhecera tornava-se demasiado penosa.

Tiveram de ser o deão da catedral, Don Francisco Díaz Durana, e o sargento-mor das milícias a ajudá-los a encontrar um alojamento melhor num convento dentro das muralhas da cidade, cujo amplo terraço coberto por folhas de palmeira proporcionava um excelente dormitório colectivo. Dali, entre o traçado quadricular das ruas, semelhante ao de outras cidades fundadas pelos espanhóis na América, conseguiam distinguir as torras altas, o forte colossal e os seus canhões, a magnífica catedral e as igrejas, os palácios privados e públicos, as praças, os hospitais e a Universidade Real e Pontifícia de Santo Tomás, a primeira universidade da Ásia. Ouviam os pregões nas ruas, uma ou outra conversa numa língua desconhecida, e o ruído das carruagens sobre as pedras da calçada. O interior das muralhas era o centro do governo, educação e comércio das Filipinas, e ao mesmo tempo o símbolo da força do poder real.

A 16 de Abril, no dia seguinte ao da sua chegada, Balmis vacinou os cinco filhos do governador na intimidade do palácio. Fê-lo com relutância, porque pensou que teria sido mais eficaz efectuar essas vacinações num lugar público. Mas o governador opôs-se: misturar-se com o povo não fazia parte dos seus hábitos. Balmis, acostumado já à tibieza das autoridades, ou à sua franca oposição, transigiu. Depois mudou-se para uma sala do reitorado, oferecida pelo deão, e começaram a vacinar o povo. Mesmo sem apoio concreto do governador nem do bispo, que achavam que a vacina não servia para nada, o êxito da campanha foi imediato e duradouro.

Quatro meses depois tinham inoculado nove mil pessoas. Os membros da equipa iam-se revezando, à força porque havia sempre alguém doente. Isabel foi afectada por uma disenteria que

a obrigou a ficar de cama mais de duas semanas, ao cuidado das freiras do convento, que também tomavam conta das crianças. O clima quente e insalubre dos trópicos e os mosquitos faziam as suas vítimas. Quando terminou a campanha de Manila, Balmis mandou que o seu sobrinho, o enfermeiro Francisco Pastor, e o enfermeiro Ortega percorressem as ilhas próximas, onde a varíola causara tantos estragos. No Sul, nas ilhas Visayas, aconteceu algo surpreendente e comovente. Aí, a população estava em guerra contra os espanhóis desde o início da conquista, mas ao verem aparecer Francisco Pastor e Ortega, e ao saberem que tinham sido enviados pelo seu soberano para lhes trazer a saúde e a vida, os chefes rebeldes depuseram as armas. O momento da visita não podia ser mais acertado, porque os ilhéus estavam a ser vítimas da epidemia mais violenta que alguma vez tinham conhecido.

Quando Balmis acabou de escrever em Manila o regulamento para a perpetuação do fluido, também ele caiu à cama doente, como se o seu corpo tivesse dito «basta» no fim da missão. A disenteria sangrante tinha-se tornado crónica. Afectado por febres muito altas, esteve vários dias entre a vida e a morte. Na sua agonia, dizia coisas desconexas que tinham a ver com todas as batalhas que travara para organizar e financiar a expedição, as decepções em Porto Rico e na Nova Espanha, a burla do capitão Crespo… Isabel passava os dias no quarto da reitoria onde tinham instalado o médico. Era a melhor enfermeira que ele podia ter, a mais preparada. Procurava acalmá-lo dizendo-lhe que a missão continuava a cargo dos enfermeiros e estagiários, enquanto lhe passava um pano molhado com água de camomila pela testa, à espera que um médico lhe viesse fazer uma sangradura ou administrar-lhe um clister de dormideira. Mas nem as sanguessugas nem as beberagens nem os remédios surtiam efeito.

Chegou a ficar tão debilitado que as freiras solicitaram a presença de um padre que lhe viesse dar a extrema-unção. Mas Isabel opôs-se taxativamente, porque sabia que isso significaria o desabamento total do espírito combativo de Balmis. Tinham percorrido metade do mundo com uma caterva de crianças para salvar milhares de pessoas, e ainda não chegara o momento de o director desaparecer. A sua experiência com doentes dizia-lhe que Balmis ainda tinha a chama da vida presa dentro dele. Só era preciso cuidar dele, ter sempre à mão a cozedura das folhas de goiabeira, dar-lhe limonadas concentradas com amido, alimentá-lo com sopas de espinafres cozidos com alho, rezar e esperar que se curasse dessa primeira pancada da velhice, não lhe afundar o moral assustando-o com a morte. A firmeza de Isabel surpreendeu as freiras – algumas escandalizaram-se – porque até então tinha-se mostrado sempre acomodatícia e até flexível.

Durante o mês de Maio, pouco a pouco Balmis voltou à vida, tal como calculara Isabel. Recuperou forças suficientes para poder conversar uns momentos e planear o futuro. Era só pele e osso, tinha os olhos febris e respirava com dificuldade. Enquanto ela o abanava com um leque – estavam no auge da estação quente –, Balmis preocupava-se com a organização do regresso das crianças ao México. Isabel tinha um desejo imenso de regressar, embora a ideia de voltar a fazer uma viagem no galeão a assustasse.

– Não tendes de vos preocupar, porque não cabe ao Crespo fazer a viagem de volta. Será outro capitão, de quem me deram boas informações. E o doutor Gutiérrez irá convosco.

Fez-se silêncio. Isabel olhava através da janela; o vento agitava as palmeiras e no céu umas grandes nuvens negras de tempestade estavam prestes a descarregar um aguaceiro.

– Assim que estiverdes na Nova Espanha, que fareis, voltareis a trabalhar no Hospital de Puebla?

– Não sei.

Era verdade. Não sabia o que iria ser a sua vida. Passara todos estes meses a matutar sobre o seu futuro, sem ver uma saída clara. Por um lado, queria que o filho estudasse durante o maior tempo que fosse possível; por outro, sabia que ela não poderia viver em Puebla. Esta viagem não lhe servira para se esquecer de Don Ricardo, antes pelo contrário. Agarrava-se à sua lembrança como um náufrago a um pedaço de madeira flutuando nas águas. Julgava vê-lo nas batinas dos prelados que entravam e saíam dos conventos e das igrejas dentro das muralhas. Consolava-se pensando que pelo menos conhecera o amor uma única vez na vida, porque a sua aventura de juventude com Benito Vélez e o seu amor platónico com Salvany mantinham-se tão distantes que já não os considerava amor verdadeiro. Pagava agora esse fogacho de felicidade com o bispo de Puebla suportando o peso de ter de enfrentar sozinha o seu destino.

– Regressai a Espanha para reclamar o vosso quinhão de glória, bem a mereceis.

– À Corunha?

– Não, a Madrid, onde vos possa conseguir uma boa colocação e trabalho num hospital. E onde Benito e Cándido possam continuar a estudar.

– Em Espanha serei sempre uma mulher perdida.

– Não. O que fizestes pela humanidade redime-vos, já vos disse isso muitas vezes. Tendes de acreditar em mim.

O grandiloquente Balmis não conseguia comovê-la. Como poderia, se desconhecia o seu segredo? Mas obrigava-a a pensar. Balmis insistiu tanto que ela acabou por lhe dizer:

– Deixai que pense nisso, doutor. Talvez acabe em Madrid.

Quanto mais a conhecia, mais Balmis a admirava. Demorara a aperceber-se de que era uma companheira perfeita com a qual desfrutava de muita cumplicidade, e que além disso suportava o seu humor agreste, o carácter tirânico, a maneira de falar enfática, as injustiças e a mania da ordem. Era tão egocêntrico que estava convencido de que ela se encontrava deslumbrada com ele, e de que acabaria por convencê-la a regressar a Espanha com ele.

– Tendes de pensar em mudar de clima, doutor – disse-lhe Isabel. – Isso é o mais urgente. Não deveis permanecer em Manila muito tempo. Com as monções, a temperatura vai subir ainda mais, e não vos convém.

– Este clima não convém a ninguém. Ouvi dizer que no Sul da China o ar é temperado e mais seco. Partirei quando puder ter-me de pé… Talvez a medicina local consiga fazer com o meu corpo o que a nossa ciência não conseguiu.

Quatro semanas depois, ao sentir-se melhor, voltou-lhe o optimismo, e começou a ver que a sua estada na China podia ser outra excelente oportunidade para expandir a vacina e até melhorar os interesses comerciais e políticos espanhóis na região. Para o conseguir, só precisava de três ou

quatro crianças e algum dinheiro da Fazenda Real. Balmis pediu a autorização conveniente ao governador, e este concedeu-a logo. Desejava que ele saísse de Manila tanto como Iturrigaray desejara que saísse do México. As relações entre eles azedaram-se quando Balmis insistiu em que o governador, na sua condição de intendente da Fazenda Real, exigisse os oito mil e seiscentos pesos ao capitão Crespo por ter abusado no custo das passagens, e uma quantia para repor o vestuário dos meninos mexicanos que deviam regressar à Nova Espanha. Aguilar fugiu à questão:

– É demasiado cedo para isso, porque o próximo galeão só partirá daqui a uns meses.

A partir desse momento, só se comunicavam por carta, replicando o padrão de comportamento que se estabelecera entre Iturrigaray e Balmis na Cidade do México. Enredaram-se num cruzamento de mensagens nas quais Balmis insistia nos seus pedidos, que considerava justos e necessários, e Aguilar lhe recomendava que se dirigisse aos seus superiores, ou seja, a ele, mudando de linguagem. Lembrou-lhe que era o único e legítimo representante do poder supremo do governo do rei de Espanha nessas ilhas, e como tal chefe supremo em todas as ordens da administração pública, e que se recusava a reclamar qualquer quantia ao capitão Crespo. Repetia-se o conflito entre o enviado do rei, Balmis, e o representante do rei, o governador. Como já era habitual, antes de sair de Manila, na carta que o médico escreveu para a metrópole, não omitiu as suas censuras a Aguilar por não tomar nenhuma medida para convocar o povo e recomendar a vacina. Também investiu contra o bispo, antes de concluir que «a única coisa em que achei o governador favorável foi em conceder-me passaporte para ir a Macau e daí a Cantão, e por fim para a Europa, num navio neutral, ficando a expedição a cargo de Don Antonio Gutiérrez, meu ajudante, e de Isabel Zendal, para regressar ao México e depois à Península». O governador recusou-se a delegar a sua autoridade para procurar e conseguir as três crianças, alegando que esse era um problema do director da expedição. Foi o padre da paróquia de Santa Cruz, e não o governador, quem lhe arranjou três jovens para levar a vacina até à China. Antes de partir, transferiu o seu cargo de director para Antonio Gutiérrez, aconselhando-o a encomendar tudo o que fosse necessário para a viagem de regresso, incluindo as reservas dos primeiros socorros e roupa para as crianças, e de encarregar a Fazenda Real de Manila de pagar tudo isso. Deu instruções a Isabel para que entregasse os vinte e seis meninos ao vice-rei Iturrigaray e este os devolvesse aos respectivos pais.

Quando chegou a hora do embarque, dirigiram-se para um pequeno cais do porto. Enquanto os carregadores chineses acabavam de estivar a barca que levaria Balmis e os três rapazes filipinos à fragata *Diligencia*, fundeada na baía, Isabel permaneceu junto do médico:

– Não vos esqueçais de tomar a vossa água de arroz. Meti-vos cânfora no saco dos remédios, para que a mistureis com álcool e besunteis com ela o ventre quando tiverdes os vossos ataques. E erva-cidreira para as vossas infusões. Já sabeis que vos convém beber muito.

– O que será de mim sem vós?

– Defendeis-vos muito bem sozinho, doutor.

– Que… quero agradecer-vos – interrompeu as suas palavras com um forte pestanejar – por terdes mandado embora esse padre…

– Qual padre? – perguntou Isabel.

– O que vinha dar-me os santos óleos.

Isabel riu-se.

– Ainda tendes de dar muita luta, doutor.

O médico olhou-a com ternura, como nunca fizera até aí.

– Julgais que se pode dar luta sozinho? Não precisamos de ser vários para dar luta?

Isabel limitou-se a sorrir. Depois disse:

– Eu também tenho de vos agradecer, não me perdoaria não o ter feito se por qualquer circunstância não nos voltarmos a ver.

– Nada tendes a agradecer-me – disse Balmis.

– Sim, doutor, graças a vós, tenho uma vida, uma vida que é minha.

O médico fez um gesto com a mão, como que para retirar importância ao que ouvira. Não podia suspeitar como era atribulada e complicada essa vida de que falava Isabel. Ele ficou calado, sacudido por uma série de tiques que traduziam a sua emoção. Entrou na barca e virou-se para se dirigir a ela:

– Pois eu também quero dizer-vos uma coisa – custava-lhe encontrar as palavras –, quero que saibais… – olhava-a nos olhos, embora pestanejasse –, quero que saibais que, ainda que estejais fora do alcance da minha vista, nunca o estareis dos meus pensamentos.

Isabel sabia que Balmis tivera de fazer um esforço sobre-humano para soltar semelhante frase. A vida mudava todos, pensou ela, e mais quando era tão intensa, tão concentrada, como a que tinham vivido na viagem da expedição. Ela deixara de ser uma mulher submissa e aprendera a afirmar-se; Balmis aprendera a enfrentar os seus sentimentos.

– Espero ver-vos em Madrid – disse da barca, enquanto se afastava do cais.

– No próximo ano, se Deus quiser.

– Deus há-de querer… Deus há-de querer… – ouviu Balmis dizer ao longe, saudando-a com a mão.

Era o dia 2 de Setembro de 1805 quando a fragata *Diligencia* saiu da baía de Manila. Isabel permaneceu no cais durante muito tempo, até a embarcação desaparecer na linha do horizonte.

Após uma agradável viagem de sete dias, Balmis chegou diante da costa da colónia portuguesa de Macau. De repente o vento refrescou, e, como soprava de proa, a embarcação não pôde alcançar a baía protectora. O mar transformou-se num enorme caldeiro efervescente. Em poucos segundos, o tufão alcançou-os, e a ventania tornou-se tão violenta que rasgou a vela maior e a enxárcia, destroçou as lanchas salva-vidas, derrubou o mastro da mezena, e varreu vinte marinheiros da coberta, cujos corpos foram engolidos por um mar embravecido. Fechado no seu camarote, Balmis pensou que também não iria sobreviver, que era uma questão de horas, talvez de minutos, até que na fragata se abrisse um rombo e se afundasse a pique. Mas, por fim, a embarcação, desgovernada, acabou por ficar a flutuar à deriva. Desta vez percebeu a ironia da vida: ele, que partira com a finalidade de recuperar a sua saúde debilitada, encontrou-se frente a frente com a sua morte. *É o fim*, disse para si. Ia passar a fazer parte das estatísticas sobre a percentagem de desaparecidos em naufrágios nas viagens entre dois oceanos. De repente, toda a glória que desejava e merecia e que

esperava obter ao regressar a Espanha, pareceu-lhe insignificante. Face ao além, não havia lugar para a vaidade. Para lutar contra o medo, refugiou-se em Isabel e rezou para que não lhe acontecesse o mesmo no seu regresso à Nova Espanha. Amaldiçoou-se por não lhe ter dito o muito que precisava dela. Agora apercebia-se, com a nitidez que dá ver tudo a partir dos olhos da morte, do muito que a amava.

Capítulo 75

Quando Isabel regressou a Acapulco, num viagem longa mas sem percalços, tinham decorrido quase dois anos desde que partira dali. Dois anos sem ver o filho, sem ter notícias. Como estaria agora, com treze anos? Teria adoecido? Tivera momentos de angústia? E Cándido, continuaria a estudar? Depois de entregar as vinte e seis crianças mexicanas no Hospício da Cidade do México, e de as colocar sob a responsabilidade do vice-rei, com a satisfação da missão concluída, e com êxito, porque voltara com a mesma quantidade de crianças que levara consigo, viajou até Puebla. À medida que se aproximava e reconhecia essa paisagem pura e austera de pinheiros e piteiras, esse ar tão cristalino que dava vontade de o beber, essas cores pardas tão diferentes do verde tropical, o seu coração ia-se acelerando. Nunca pensou que pudesse gostar tanto do frio: acabara por se fartar do calor pegajoso. Ir ao encontro do filho era voltar ao lar, voltar ao lugar onde deixara o seu coração.

Foi para o Colégio Carolino, perguntou pelo filho ao frade porteiro, que a fez esperar uns minutos. *Se não me disse nada*, pensou, *é porque ele está bem.* Mas logo a seguir o seu pensamento vacilava e dizia para si o contrário: *O frade não me quis dizer nada porque vai chamar um superior. Alguma coisa lhe aconteceu.* Era difícil controlar os balanços do coração. Até que apareceu um rapaz alto e desengraçado, vestindo uniforme, com penugem na cara, e uma ou outra borbulha, e o olhar escuro profundo da sua mãe. Não só mudara de voz como também de maneira de falar. Não restava nenhum vestígio da sua antiga e pertinaz gaguez. Deixara ali um menino e agora encontrava um homenzinho educado.

– Mãe, mãezinha! – exclamou o filho, lançando-se para os braços de Isabel.

Depois de ter abraçado, beijado e tocado o filho à maneira ternurenta das mães espanholas, perguntou por Cándido.

– Ele está bem. Partiu com Don Ricardo a cavalo, voltará amanhã. Eu também aprendi a montar. Às vezes, Don Ricardo leva-nos com ele quando vai visitar as paróquias.

Então Isabel começou a soluçar. O filho não compreendia.

– Mãe, passa-se alguma coisa contigo?

– Choro porque estou feliz… de te ver.

Também chorava de felicidade porque de repente não se sentia sozinha. O filho, Don Ricardo, Cándido… Ela fazia parte dessa harmonia, essa era a sua família. Em Puebla, a vida decorrera com uma normalidade que não podia deixar de a emocionar, ela que escapara dali como uma fugitiva e que vivera à beira do abismo durante estes anos, tentando apagar do seu coração o inapagável. Isabel Zendal continuava sem saber quem era, porque não se parecia com ninguém nem se podia comparar com nenhuma outra mulher. Não era da sociedade nem do povo, não era rica nem

pobre, não era culta nem ignorante. Era ao mesmo tempo galega, espanhola e mexicana. Era cuidadora de crianças, especialista em vacinar, enfermeira… Era médica sem o ser. Também era mãe de família à sua maneira, que nessa época não se usava. Desejava outra coisa? Casar-se, ter a vida convencional das mulheres espanholas nas Índias? A glória que Balmis lhe prometia? Não, a única coisa que queria era trabalhar num hospital e continuar perto de Benito e de Cándido. Queria ser o que era, uma mulher livre, rodeada de afecto. Sozinha por escolha, não por imposição, como se sentia até então.

Quando voltou a vê-lo, a cavalo com a sua batina, soube no mais fundo do seu coração que ele também não a esquecera. Nem um bocadinho. Vinha com Cándido, muito espigado e magro, os olhos da cor do céu, e um sorriso malicioso que o tornava irresistível. Ao reconhecer Isabel, saltou da sua égua e correu para a abraçar. Também ele se tornara um bom estudante, e os seus problemas de comportamento tinham-se normalizado, embora um dia, farto já de tanta aula de latim, tenha saltado pela janela aos gritos de «Demasiado latim, demasiado latim!». O relato desse episódio correra por toda a cidade, não só no colégio.

– Creio que vos esperam ansiosamente no hospital, necessitam de vós – disse-lhe o bispo.

Isabel começou uma nova vida, ou melhor dizendo, retomou a que deixara antes de se ir embora. Alugou uma casa nos arredores de Puebla, rodeada por um pequeno jardim, contratou uma criada indígena, tirou os rapazes do internato e levou-os para viverem com ela. Procurava evitar o contacto com Don Ricardo. Não assistia às suas missas na catedral, preferindo ir à Igreja do Rosário. Quando o bispo visitava o hospital, Isabel ficava na sua sala de vacinação, sem sair dali. Mas quando se cruzavam na rua, ou em alguma celebração pública, a emoção continuava presente, e ambos a adivinhavam no brilho dos seus olhos. Não há nada como reprimir o desejo para o espicaçar.

Um dia, apresentou-se em casa dela enquanto Isabel cozinhava e os rapazes reviam as suas lições e ficou para jantar. Isabel preparara pimentos camponeses recheados com carne de porco previamente cozinhada com passas, amêndoas, maçã e pêra. E *mole* camponês.

– Sabeis de onde vem a palavra *mole*?

Os rapazes negaram com a cabeça.

– Foi uma criação de soror Andrea de la Asunción, do Convento de Santa Rosa, aqui em Puebla. Moía os ingredientes tão afanosamente que a sua colega, outra freira, lhe pôs esse nome.

Falaram dos estudos dos rapazes, de tudo o que tinham aprendido e feito durante a sua ausência. Os jantares com o bispo tornaram-se um hábito que celebravam duas ou três vezes por semana. Sempre com os rapazes presentes e com a criada índia que ajudava na casa. Ele vinha sobretudo para ver Isabel. Embora a amasse, não vinha com a intenção de ter um contacto mais íntimo. Só desejava falar com ela, ser seu amigo. Cumprira o seu compromisso em relação aos miúdos, e ela estava-lhe tão grata que os seus olhos resplandeciam como as velas da catedral.

Em breve teve de reconhecer que não pudera livrar-se do poder de atracção que exercia sobre ele, que a desejava, embora dissesse a si mesmo que era um desejo insignificante comparado com o amor que o embargava. Gostava de estar com ela, falar-lhe ou partilhar silêncios, saborear os pratos

que tão bem preparava, sorrir-lhe, propor-lhe ideias, ouvir as suas opiniões. Embora ambos tentassem separar a paixão carnal da que era a amorosa, apercebiam-se de que era um exercício vão. Pode-se abafar o desejo só com a vontade? Pode-se separar a alma do corpo?

Uma noite em que ficou a falar até mais tarde, quando os rapazes adormeceram, levantou-se para se ir embora. Ao abrir a porta e ao virar-se para se despedir, teve-a tão próxima dele que colocou as mãos nas faces de Isabel, e permaneceu assim uns segundos eternos, mergulhando o seu olhar nesses olhos escuros e de um brilho refulgente, esperando um gesto que desencadeasse um caos em que a vontade dos sentidos dominaria a do espírito. Então ela ergueu os braços e abraçou-o. Ele encontrou a sua boca, a que relegara para a categoria de recordação, mas que estava aí, como uma oferenda sagrada. Os seus gestos femininos, a brisa do seu aroma, a luz do olhar, a nuca fina como porcelana, tudo nela o extasiava. Enquanto se beijavam, Isabel abraçava-o com toda a sua força, como se não pudesse suportar separar-se dele. Quanto tinham desejado, e ao mesmo tempo rejeitado, esse instante. Quanto tempo a flagelarem-se, a culpabilizarem-se, a mortificarem-se. Agora o tempo parara. Sem saber como, encontraram-se nus na cama com dossel do quarto de Isabel, entrelaçados, acariciando-se, sentindo-se não como seres diferentes mas como parte de um só capaz de partilhar até o último pensamento. Com o queixo apoiado no ombro cor de nácar da mulher que amava, abandonou-se ao desejo enlouquecido do homem que luta contra o seu destino. Deslizava, avançava, recuava, afundava-se numa escuridão húmida e densa até que ela sucumbia com gemidos de júbilo. Viviam um sonho de que não queriam acordar. *Meu Deus, como pode isto ser um sacrilégio*, perguntava-se o prelado. *Como pode tanta ternura ser pecado?* E de repente foi assaltado por uma luz que cegava, como que uma explosão que fez tremer todo o seu corpo. Ficou esgotado, invadido por uma sensação de vazio, e fechou os olhos. Que fugaz era o êxtase! Isabel ficou pensativa, perguntando-se quais seriam as primeiras palavras do homem que a tinha aprisionado com o seu corpo. Seriam palavras de arrependimento? Encontrara neste acto de amor algum tipo de compensação por tudo a que renunciara na sua vida? Dar-se-ia conta de que era um homem, de que por perseguir a divindade não tinha de estar desavindo com o amor? A felicidade estava ali, tão intensamente como ela a sentia nesse momento, mais do que nunca na sua vida.

Quando ele abriu os olhos, Isabel viu no olhar dele a resposta às suas perguntas. Era o mesmo olhar de amor, mas sem vislumbre de conflito, como se flutuasse num paraíso recém-descoberto, libertado de uma luta estéril, vencido, subjugado e esgotado. Mas que doce lhe pareceu o sabor da derrota. Que o contacto com uma mulher pudesse causar uma alegria tão profunda foi para ele uma revelação.

– Não te quero deixar nunca mais – disse-lhe.

Então Isabel soube que esse era o seu lugar no mundo.

Os encontros entre ambos eram ainda mais intensos por serem intervalados e irregulares. Era tão importante como difícil manter o segredo, apenas partilhado pela criada indígena, que os surpreendeu numa ocasião, a meio da noite. Mas Isabel não teve de lhe dizer nada: confiava cegamente na lealdade dessa mulher. De modo que se habituou ao sobressalto e à espera, e acabou por aceitar a ideia de que se amariam sempre às escondidas. Mais difícil era para ele, conciliar o seu

trabalho pastoral com o amor proibido não deixaria de lhe causar problemas de consciência até ao fim dos seus dias. Mas não se imaginava a abandonar as suas ovelhas. O bom pastor não dava a vida por elas? Há muitos anos que se dedicava ao seu rebanho: numa aldeia reconciliava casais, noutra resolvia um escândalo, noutra restaurava o culto… Os seus donativos serviam para restaurar igrejas, acondicionar casas de misericórdia, pontes e caminhos, e nunca deixava de exortar os paroquianos mais abastados a doarem o seu dinheiro. Era conhecido por ajudar os índios, aos quais protegia da violência e da intriga.

Isabel não voltou a pensar em casar, nem em regressar a Espanha ou em viver uma existência de senhora formal. Essas vidas não eram para ela. O que o destino lhe reservara satisfazia-a porque, ainda que não pudesse desfrutar do seu amor como gostaria, onde teria encontrado um anjo protector como Don Ricardo? Em que lugar os seus filhos teriam tido uma melhor oportunidade? Além disso, podia dedicar-se à sua vocação médica, que aumentava com a passagem dos anos.

Capítulo 76

A 14 de Agosto de 1806, Francisco Xavier Balmis chegou a Lisboa no navio *Bom Jesus de Além*, proveniente de Macau e Santa Helena. Chegava carregado com mais de trezentos desenhos que reproduziam a flora do Sudeste asiático, e dez caixotes das plantas medicinais mais valiosas da China, com o objectivo de as transplantar e assim enriquecer o Real Jardim Botânico de Madrid[3]. Também trazia consigo certa quantidade de artigos que comprara em Cantão com a intenção de os vender em Espanha para recuperar os oitenta mil reais que pusera do seu bolso para o bom fim da viagem: dois quintais de chá, vinte bandejas e seis baús de louça de porcelana e oito bandejas de marfim. O que não tinha era dinheiro, nem para chegar a Madrid. Foi o embaixador de Espanha em Portugal quem lhe adiantou quinze mil reais para que pudesse pagar ao capitão do navio o preço da sua passagem, e as despesas para alugar uma carruagem e regressar à capital de Espanha.

A viagem fora outra odisseia. Sozinho para cuidar dos três meninos filipinos aterrados, com poucas forças e mal se podendo agachar, Balmis conseguira, apesar disso, inocular um dos rapazinhos durante o tufão que destruiu a fragata *Diligencia*. Passou o resto do tempo a implorar a misericórdia divina para que não fossem sepultados por uma onda gigantesca. Após seis dias à deriva, o vento amainou, mas não a angústia dos sobreviventes, porque surgiu um novo perigo: os piratas e ladrões chineses que sulcavam esses mares após as tempestades para saquear os destroços dos naufrágios. De novo a sorte esteve do seu lado. Balmis era um homem com uma boa estrela: um barco de pesca chinês veio resgatá-lo e levou-o a ele e à tripulação que sobrevivera. Em Macau, foram recebidos de braços abertos pelo bispo de Goa e pelo juiz ouvidor Don Miguel de Arriaga da Silveira, que se ofereceram como voluntários para receber a vacina, exemplo que se espalhou pelo povo e que permitiu que centenas de homens, mulheres e crianças o imitassem. Ao fim de três semanas, uma vez estabelecida a vacina na colónia portuguesa, Balmis quis dirigir-se a Cantão, onde havia a ameaça de uma epidemia. Encontrou um jovem chinês para levar o vírus, pagou trezentos e onze pesos do seu bolso para as despesas e roupa do rapaz, e entregou aos pais uma pequena quantia de dinheiro. Mas o acolhimento em Cantão não teve nada a ver com o de Macau. Ali teve de sustentar duros confrontos com os responsáveis da Real Companhia das Filipinas, que estavam instruídos pelo governador Aguilar de Manila contra ele. Durante o mês e meio que durou a sua estada, só pôde vacinar vinte e duas pessoas. Regressou a Macau a 30 de Novembro de 1805 para embarcar, uns dias mais tarde, no *Bom Jesus de Além*, rumo a Lisboa.

Agora que completara uma volta ao mundo, regressava a Madrid, com a saúde debilitada mas com a profunda satisfação que causa a missão cumprida. O ambiente nas ruas era o mesmo de sempre, alegre e buliçoso, como se o povo preferisse esquecer as ameaças de França e a situação de

pobreza e degradação que o Império vivia. Balmis sabia, pela experiência própria que tivera com os poderosos, que nesse império se ia pôr o Sol.

Mal se tinham passado três anos desde que partira de Madrid com as crianças da Casa dos Desamparados, mas pareciam-lhe séculos agora que voltava a subir a escada da sua casa, suando por causa do calor tórrido que ainda se abatia sobre a capital. Ninguém o esperava para o receber, e ele também não esperava ninguém. Não tinha ilusões acerca dos seus compatriotas, relutantes em reconhecer e premiar os serviços prestados por um indivíduo à comunidade. Na solidão da sua casa, recordou as recepções triunfais que tivera durante a viagem. Como sempre, as melhores recordações são as que mais perduram na memória. E lembrou-se de Isabel. Sentia a falta dela como nunca pensara que pudesse sentir de alguém, com dor. Com uma profunda *saudade*, como diziam os portugueses do navio. Sentia a falta da sua companhia, um bálsamo para a sua alma magoada, e do prazer imenso de contemplar a sua beleza serena.

Viveu o seu dia de glória a 7 de Setembro de 1806, quando a sua carruagem entrou pelos portões de acesso ao palácio de La Granja de San Ildefonso, onde Carlos IV passava um Verão mais fresquinho. Estava um dia esplêndido, com a temperatura deliciosa das montanhas no fim do Estio. A intensidade dos graves problemas internos e externos que a Espanha sofria notava-se no ambiente degradado do palácio, onde grupos de cortesãos cochichavam nos cantos como se estivessem a conspirar. Reinava ali uma atmosfera de calma tensa. Balmis foi conduzido por um criado da casa real através dos intermináveis corredores e salões solitários do palácio até chegar à entrada do salão do rei, onde a sua chegada foi anunciada em voz alta: «Don Francisco Xavier Balmis y Berenguer, director da Real Expedição Filantrópica da Vacina!» E de repente o seu coração começou a bater mais depressa, tremeram-lhe as pernas porque se encontravam ali o rei de Espanha, a rainha Maria Luísa, o seu filho Fernando, príncipe das Astúrias, o ministro Godoy, outros ministros, entre os quais viu José Caballero, e os grandes protomédicos e cirurgiões reais. Todos o aplaudiram longamente, de pé, prestando-lhe essa merecida homenagem que outros lhe tinham querido roubar, a começar pelo vice-rei Iturrigaray. Esse momento valia bem todas as amarguras da aventura. Pensou em Isabel. Como gostaria de partilhar esse dia com ela…

Aproximou-se para beijar a mão do rei, mas o monarca tomou a sua entre as mãos dele.

– Não podeis fazer ideia de como me sinto contente pelo facto de os resultados terem excedido as expectativas que todos pusemos neste projecto. Graças a vós.

Balmis respondeu-lhe com um tique e uma contracção do pescoço.

– É uma hon… honra, Majestade. E tenho o gosto de vos proporcionar uma outra nova glória: o vosso súbdito aqui presente – pestanejou – foi o primeiro, em vosso nome, a introduzir a vacina no Império Chinês.

O augusto soberano ficou espantado, parecendo contente.

– E como conseguistes tal coisa?

– A notícia chegou até mim pouco tempo depois de partir de Cantão. Acontece que agentes da British East India Company instalaram uma clínica para ministrar a vacina, e fizeram-no seguindo as instruções que lá deixei.

– É um grande orgulho para vós. E um presente que haveis dado aos ingleses. Não o merecem.

– Não, claro que não. Eles descobriram a vacina, mas não a maneira de a distribuir. O que não vos disse é que em Cantão fazem-se pagar por cada inoculação.

Carlos IV desatou a rir:

– Ai, estes filhos da Grã-Bretanha…. sempre tão pérfidos! Um dia vão perceber que cobrar pela vacina vai contra os seus interesses, que não são diferentes dos nossos, todos procuramos erradicar o mal.

Balmis estava mais sereno e conseguia controlar os tiques. Num tom de confidência disse ao rei:

– A grande dificuldade de tudo isto, Majestade, foi envolver os outros, contagiar com o entusiasmo servidores nem sempre leais de Vossa Majestade… Muitos buscam a ganância pessoal em vez do bem público.

O rei assentiu com um aceno de cabeça.

– Conheço o problema… demasiado bem. É uma deficiência difícil de resolver. Mas não vos preocupeis – continuou o monarca a dizer –, far-se-á justiça.

Balmis achou que o rei dizia isso sem grande convicção. No fundo, ambos tinham noção de que a Monarquia estava a perder o controlo sobre o Império, e que não havia nenhuma força no mundo capaz de o impedir. Carlos IV mudou de assunto:

– O que me haveis contado tem um significado simbólico – disse a Balmis. – Fostes lutar contra a varíola no extremo ocidente do continente asiático, ali onde séculos atrás começou a estender-se até nós a técnica da variolização.

– Efectivamente, Majestade. – Balmis ficou surpreendido pelo facto de o rei ser tão culto.

– Fechastes o círculo, Balmis. Felicito-vos do fundo do coração.

– Cumprimos os desígnios do rei como vassalos fiéis.

Era a primeira vez que Balmis mencionava o resto dos seus companheiros de expedição. Na verdade, não pensava em Salvany, nem em Grajales, nem em Gutiérrez. Pensava apenas em Isabel.

Depois da primeira emoção, exacerbada pela pompa e pelo decoro, Balmis recuperou toda a sua lucidez:

– Majestade, tenho um pedido a fazer-vos. E é muito importante, não só para os interessados, como também para os que fizemos parte desta aventura, e sobretudo para a vossa glória e para a da Espanha. Peço-vos que intercedais pelas crianças que continuam no Hospício dos Pobres da Cidade do México e que soliciteis ao vice-rei que cumpra as directrizes que haveis estabelecido e que ordene a sua transferência imediata para a Escola Patriótica.

A menção das crianças espicaçou o interesse de Carlos IV, que lhe fez muitíssimas perguntas sobre o comportamento delas durante a viagem, a sua reacção perante as adversidades, a sua resistência… E, embora tenha lamentado as baixas, felicitou-o por ter concluído com êxito a missão.

– Foi uma empresa prodigiosa – acabou por dizer o monarca –, da qual me honra ter sido o protector. Talvez nunca seja recordado por isso, porque os homens recordam mais facilmente os feitos de guerra e os mexericos de alcova do que as gestas a favor da humanidade, mas em breve chegará o momento de prestar contas ao Todo-Poderoso, e eu sei, do fundo do meu coração, que

Ele, sim, levará isso em conta. – Balmis pestanejou e esticou várias vezes o pescoço. – Dou-vos a minha palavra, Balmis, que atenderei o vosso pedido em relação a essas crianças.

O médico pensou em Isabel, em como se sentiria orgulhosa por ele ter obtido do rei semelhante compromisso. Se não tivesse sido por ela, decerto não o teria pedido, ter-se-ia esquecido do destino dessas crianças. Pensou no amor: sempre considerara essa palavra afectada, mas agora apercebia-se do muito que servia para mudar o mundo.

Depois vieram os discursos. Manuel Godoy glosou o êxito de uma expedição cosmopolita e filantrópica que honraria para sempre a memória e o reinado benéfico de Carlos IV. O ministro José Caballero agradeceu os serviços prestados à humanidade e que tanta fama traziam ao bom nome espanhol, e acrescentou: «Tanta honra faz esta empresa à medicina espanhola, como à milícia e à política o descobrimento da América por Cristóvão Colombo.» Era a glória pela qual Balmis ansiara desde criança. Nessa altura pensava que alcançá-la equivalia a tornar-se imortal, porque a memória ficaria para sempre. Agora sabia que a glória humana não era mais do que um hálito de vento, como escreveu Dante, que podia soprar umas vezes daqui e outras dali.

Depois da glória, a solidão. Balmis regressou a casa, mas tinha recursos para não se deixar afundar na melancolia. Era o momento de apresentar as suas contas e de ser ressarcido das despesas em que incorrera do seu bolso. À custa da sua lendária persistência, conseguiu que a justiça obrigasse o capitão Ángel Crespo a devolver-lhe os oito mil e seiscentos pesos que lhe tinha cobrado injustamente. Uma vitória que também lhe soube a glória e lhe deu asas para seguir em frente com os seus projectos.

– É tão portentosa a sua actividade que não sei onde vai buscar tempo para fazer tudo o que faz – comentava o seu amigo e colega Ruiz de Luzuriaga, com quem defendera tão encarniçadamente a invenção de Jenner nos círculos científicos de Madrid.

Balmis conseguiu apresentar um dicionário de chinês-espanhol à Secretaria de Estado enquanto organizava no Jardim Botânico a transplantação das plantas que tinham sobrevivido à viagem desde a China até ali. O rei nomeou-o seu assessor médico e manteve-o no seu cargo de director da expedição. Então Balmis solicitou a Gutiérrez, que ficara no México, um relatório sobre o progresso das campanhas de vacinação em terras da Nova Espanha desde o seu regresso das Filipinas. Também lhe sugeriu que regressasse à Península. Enviou uma carta semelhante a Salvany, em que o instou a mandar-lhe um relatório das suas actividades.

– Que sabeis de Salvany? – perguntavam-lhe uns e outros.

– Nada. Não se dignou enviar-me nada. Não sei se está a vacinar. E até saber disso, não posso dar por terminada a expedição.

[3] Essa documentação pode ser consultada na biblioteca do Jardim Botânico de Madrid. (*N. do A.*)

Capítulo 77

Hospital de Puebla, Dezembro de 1810.

– Senhora, está aqui um homem que diz que vos conhece e que se encontra à vossa espera lá em baixo.

– Disse como se chama?

– Não, não quer dizer quem é. Só disse que é alguém muito próximo. Quer fazer-vos uma surpresa.

Isabel limpou as mãos e saiu da sala de tratamentos. *Quem será?*, pensou. Gutiérrez ou Pastor, os companheiros da expedição com quem partilhara tantos dias de trabalho nas Filipinas? Sabia que tinham ficado a viver no México, um porque gostava desse lugar, e o outro porque não pôde regressar a Espanha, devido à invasão das tropas napoleónicas. Mas não eram do género de fazer surpresas deste tipo. Balmis? Dele sim, podia-se esperar uma coisa dessas, até mesmo de o ver aparecer com uma fila de crianças em riste e a cabeça como um aquário cheio de ideias.

Mas o homem que a esperava lá em baixo não lhe era familiar. Demorou muito tempo a reconhecê-lo, e quando o fez foi atravessada por um vislumbre de pânico. De repente, os momentos mais duros da sua vida passaram-lhe pela mente a toda a velocidade, a lembrança do desespero que esse indivíduo lhe fez sentir voltou à superfície da sua consciência, como um cadáver que vem à tona, inchado, do fundo do mar.

– Não me reconheces? Sou o Benito.

Isabel tentou balbuciar algumas palavras, mas ficaram-lhe presas na garganta.

– Mudei assim tanto?

– Sim, mudaste.

Era Benito Vélez, o pai do seu filho. O homem que a enganou e abandonou como se fosse um trapo. Isabel, refeita da impressão inicial, disse-lhe:

– Não achas que chegas um pouco tarde?

– Quis sempre voltar por ti, mas não tive sorte.

– Tu és aquele que depositava sobrescritos nos muros da Corunha com mechas de cabelo para me pedir formalmente em casamento?

Benito baixou os olhos, com um ar constrangido.

– Sim, sou eu. Lamento. Ouvi falar muito de ti, não só em Puebla como também na Cidade do México.

– Pois.

– Há muito tempo que tinha vontade de vir, mas não me atrevia.

Isabel não disse nada. Sim, agora reconhecia esse rosto moreno e anguloso, o nariz aquilino e as suíças de lince que lhe davam um ar de bandoleiro. Mas quase não tinha cabelo e esse sorriso que outrora a deslumbrou deixava agora ver uns dentes escassos, partidos e sujos.

– Vim cá porque estou ferido.

Abriu o casaco e deixou ver uma grande mancha de sangue no ventre. Isabel ficou boquiaberta.

– Entra, vem comigo – disse-lhe.

As coisas não tinham corrido bem para Benito na América. Fizera todo o tipo de trabalhos, desde aprendiz nos estaleiros de Havana até cozinheiro, passando por marinheiro e contrabandista. Onde realmente conseguira ganhar algum dinheiro tinha sido alistando-se como mercenário em diferentes grupos armados, em geral financiados por fazendeiros ou potentados locais que lutavam pelo território. Participara em obscuras campanhas contra os índios e nem sabia o número dos que exterminara. Por fim, tinha-se juntado ao grupo de rebeldes que lutavam contra os espanhóis. Num confronto com as tropas do vice-rei, fora atingido por um tiro de mosquete. Andavam atrás dele para o capturar. Foi então que se lembrou de Isabel.

A ela, nada lhe teria causado mais perturbação do que essa visita. Não pelos sentimentos que já não existiam. Nem pelo risco de que as recordações voltassem a abrir feridas antigas. A preocupação que sentia era pelos que a rodeavam. *Como encarará isto o menino?*, pensou, porque continuava a pensar no filho como se fosse um menino, embora fosse já um homenzarrão. *Que vou dizer ao Ricardo?*, perguntou-se também. Porque Benito lutava no lado errado, segundo o bispo. O único prelado crioulo da Nova Espanha procurava convencer os seus fiéis da necessidade de defender e apoiar o regime monárquico espanhol. Nos seus sermões, insistia nos quase três séculos de fidelidade da Nova Espanha, qualificando os rebeldes como filhos desnaturados que manchavam a reputação dos seus compatriotas e que os submetiam às maiores crueldades. Um mês antes mandara publicar éditos de excomunhão contra os autores e difusores de pasquins e libelos. Para ele, a insurreição era obra de Napoleão como vingança pela lealdade ao rei mantida pela Nova Espanha.

Como contar a Ricardo a visita de Benito? Porque tinha de lhe dizer o que se passara, não o podia ocultar, agora que esse burlão estava internado no hospital, sustentado em grande parte pelos fundos do bispo. Iria expulsá-lo? Não, certamente que não. Entregá-lo-ia à Guarda do Vice-Reino? Essa possibilidade preocupava-a mais, embora tivesse confiança em que o convenceria a não o fazer. Não albergava nenhum ódio contra Benito, que afinal de contas era o pai do seu filho. Nem ódio nem ressentimento, a passagem do tempo enterra tudo. Na realidade, não sentia por ele mais do que podia sentir por qualquer paciente, por qualquer homem doente, uma básica piedade humana. Pensando bem, até lhe estava grata por tê-la abandonado.

Quando terminou o seu turno de trabalho no hospital, voltou para casa. Comeu sozinha com o filho: Cándido estava a ensaiar com o coro da catedral.

– Quero que venhas comigo ao hospital…

– Agora?

– Sim, quero apresentar-te ao teu pai.

O rapaz franziu o sobrolho. Não sabia se a mãe estava a brincar com ele. Isabel contou-lhe a visita e tudo o que acontecera nessa manhã. Benito aborreceu-se:

– Para quê vê-lo, mãe? Esse nem é meu pai nem é nada.

– É teu pai e sê-lo-á sempre. Quero que o conheças, só isso.

– E que lhe digo?

– Não sei… olha, diz-lhe que mais vale tarde do que nunca.

– Isso é mentira… era melhor que não tivesse vindo. Por que está aqui?

– Já te disse, está ferido e veio para que o tratem.

– Ele quer ver-me?

– Não sabe que tu existes.

– Então deixemos as coisas assim.

Isabel perguntou-se de repente se teria sentido forçar semelhante encontro, e temeu que pudesse afectar o filho. Mas depois pensou no escárnio que ele tivera de suportar em pequeno. Veio-lhe à memória aquele dia, na Corunha, em que voltou da rua e se agarrou às suas saias a chorar porque lhe tinham chamado filho-da…

– Não, vem… – interveio Isabel. – Sempre te disse que tinhas um pai. Só quero que o conheças para que saibas que nunca te menti, que não fui uma mulher perdida.

O rapaz compreendeu que era importante para a sua mãe que ele fosse conhecer o pai e acedeu contrariado. Como reagiria o ferido ao descobrir que o rapaz que tinha diante de si era seu filho? Isabel não esperava nada desse homem. Via isso como um acto de justiça.

No hospital, tiveram de esperar que Benito acordasse. Quando o fez, encontrou-se frente a frente com o rapaz. Isabel disse-lhe:

– Lembras-te daquela tarde perto da Torre de Hércules, a que passámos naquele bote desconjuntado? Pois este é o teu filho. Tem o mesmo nome que tu.

O homem ficou boquiaberto. Tinham uma inegável, ainda que ligeira, parecença. As feições do rapaz eram menos rudes do que as do pai, e era mais alto e corpulento.

– Que fazes? – perguntou-lhe o pai.

– Es… es… – Não conseguia concluir a palavra. – Es… estudo.

Isabel deu-se conta de que o filho voltava a gaguejar como nos piores tempos, e reagiu logo:

– Voltemos para casa – disse Isabel. Depois, dirigindo-se a Benito, disse-lhe: – Só queria que ele te visse, que verificasse que és de carne e osso, porque lhe falei tanto de ti quando era pequeno que não queria que pensasse que tinhas sido uma invenção da minha fantasia.

Assim que voltaram para casa, o rapaz recuperou a sua maneira de falar normal. Isabel não se arrependeu de ter forçado o encontro. Fê-lo por essa exigência sua de apagar a mancha do passado. Agora, finalmente, tinha a sensação de o ter conseguido.

Quando, vários dias depois, ao regressar de uma visita pastoral, Don Ricardo passou pelo hospital para a ver, Isabel não hesitou um segundo e contou-lhe tudo. Já lhe confessara, no início da relação, que Benito não era filho adoptivo mas sim o produto de um engano, e agora suplicou-lhe que não denunciasse aquele que jazia ferido no catre, embora lutasse no lado contrário.

– Será pedir demasiado?

Don Ricardo não se mostrou impressionado nem mostrou a mínima aversão por Benito. Estava habituado a lidar com situações difíceis.

– Só vos peço que me deis um pouco de tempo para reflectir e ver o que fazemos com ele.

Capítulo 78

Quando Gutiérrez recebeu a carta de Balmis, foi-lhe impossível seguir o conselho do seu chefe e regressar à Península. As tropas de Napoleão tinham invadido os reinos de Espanha e Carlos IV tivera de se exilar em França. O país estava sem cabeça e em guerra. Em 1808, José Bonaparte instalou-se em Madrid. Ao recusar-se a jurar obediência ao novo rei – como poderia fazê-lo se toda a sua glória e vida profissional se desenrolara sob a protecção de Carlos IV? –, Balmis foi banido dos círculos médico-científicos da capital e os seus bens foram confiscados. Foi um momento de grande desamparo, que culminou quando as tropas francesas de ocupação saquearam a sua casa de Madrid. Nunca esqueceria o desgosto que lhe causou, ao voltar a casa, ver a porta rebentada, os móveis partidos, o chão cheio de papéis, o cadeirão rasgado, a cama virada do avesso, as estantes caídas… Tinham desaparecido todos os objectos de valor, mas nesse instante não se importou. Só esperava que não lhe tivessem levado o mais importante: o seu diário pormenorizado da expedição, o documento que pensava deixar para a posteridade. Ele e os criados estiveram muito tempo a procurá-lo entre os papéis espalhados, mas não o encontraram. Balmis desabou e desejou morrer de tristeza. O desaparecimento desse documento era pior do que uma amputação, porque fazia tanto parte dele como a mão ou o cérebro. Foi uma dor que ficou para o resto da sua vida.

Fugiu para Sevilha, e depois para Cádis, na esteira da Junta Suprema Central, que assumiu o controlo do país porque o rei, na sua prisão e abandono, se encontrava ausente. Em Dezembro de 1809, recebeu por fim notícias da expedição Salvany, uma série de breve relatos enviados de La Paz, onde o catalão dava conta da sua passagem pelos vice-reinos do Peru e de Nova Granada, assim como do seu desejo de ir a Buenos Aires, embora tivesse dúvidas acerca da possibilidade de ali chegar algum dia, devido à sua má saúde. Eram as cartas em que pedia algum cargo de intendente em La Paz ou em Lima, postos que então se encontravam vagos. Mas Balmis, que continuava furioso com ele, deu um parecer negativo a essas petições para obter qualquer dos dois postos que solicitava. Também o acusava de ter atrasado deliberadamente o progresso da expedição.

– Se eu cumpri a minha missão à volta do mundo em apenas trinta e três meses, como Salvany se encontra a meio da sua?

– Permiti-me que vos diga que sois injusto com o doutor Salvany.

Quem lhe falava nesse tom era o doutor Flores, aquele médico guatemalteco que realizara o primeiro esboço da expedição para o rei, e que bem podia ter acabado como director da mesma.

– Se calhar não conheceis bem a vastidão da América do Sul, a dificuldade do terreno dos Andes e o trânsito penoso pelas selvas. É provável que na Nova Espanha e nas Filipinas não tenhais tido de suportar tribulações físicas tão brutais como as que Salvany deve estar a passar.

– Há anos que não recebo um relatório seu e não responde às minhas cartas – disse Balmis. – Na que lhe enviei para Buenos Aires dei-lhe ordem para regressar já à Península.

– Se não vos responde com a prontidão que desejais, talvez seja porque a sua saúde não lho permita. Vós dissestes que vos afastastes da expedição quando a vossa saúde se deteriorou em Manila.

– Cheguei a pensar em algo mais grave…

– Como por exemplo?

– Que Salvany abandonou a expedição.

Balmis tinha razão. Josep Salvany deixaria a expedição… devido ao seu falecimento. Por isso não recebera a ordem de Balmis de regressar à Península. Depois de ter percorrido dezoito mil quilómetros a cavalo por selvas, desertos e montanhas agrestes, a sua vida tinha-se apagado em Cochabamba. Demorara treze meses a fazer o trajecto a partir de La Paz. O seu entusiasmo em propagar a vacina não diminuiu com as dificuldades do terreno nem com a sua exaustão, ao contrário do que Balmis podia pensar. Entrou em Puno, onde vacinaram mais de mil pessoas em apenas quarenta e oito horas e onde Salvany voltou a dar mostras do seu espírito de sacrifício: «Ele não se eximiu ao cansaço a fim de cumprir o seu dever; foi amável com todos, através da sua urbanidade, trato afável e conduta honrada», assinalou o conselho municipal desta cidade, propondo-o ao rei como regedor honorário dessa corporação. Depois passou por Potosí e Oruro, onde teve de permanecer duas semanas em absoluto repouso. Com grande dificuldade conseguiu pôr-se de pé e fez um enorme esforço para chegar a Cochabamba, onde o clima era seco e temperado. Pensou que essa bela cidade colonial, situada no vale de Tunari, seria um bom lugar para se retirar. Mas já era demasiado tarde para alimentar sonhos. A bondade do clima não bastou para que recuperasse forças e a sua saúde agravou-se de repente. Antes de vomitar sangue pela última vez, escreveu ao rei de Espanha pedindo-lhe que premiasse os seus três companheiros de canseiras: Manuel Grajales e Rafael Lozano, com as honras de cirurgiões reais, e Basilio Bolaños com a de porteiro do Palácio Real. A petição mais importante era a última: pedia ao rei que criasse um lugar de inspector ou director-geral de Vacinação que velasse pelo cumprimento estrito das normas, para evitar que a varíola pudesse voltar a estender-se pelos territórios espanhóis do Novo Mundo. Mas não obteve resposta às suas petições.

A 21 de Julho de 1810 entrou em agonia. O criado que cuidava dele correu a chamar o médico, o doutor Melchor, e o padre, que o confessou:

– Ave Maria puríssima…

– Sem pecado… – disse Salvany num fio de voz. – Padre… cometi os pecados da ambição e da soberba, julguei-me mais forte do que jamais pude ser, e se não posso terminar a mi…

Foi interrompido por um violento ataque de tosse. O médico ajudou-o a erguer-se e fez-lhe uma esfrega com óleo de eucalipto.

– Acalmai-vos, irmão – disse-lhe o padre –, não é necessário que faleis, para vos arrependerdes não precisais de falar.

Salvany recuperou o fôlego.

– Estais melhor? – perguntou-lhe o médico.

Assentiu. Depois começou a falar, num tom de voz quase imperceptível:

– Santo Agostinho dizia que o amor nunca desaparece, não é verdade, padre? Que a morte não é nada, que o que fomos uns para os outros sê-lo-emos sempre.

– Sim, meu filho.

– Rezai por mim, padre.

Fechou os olhos, e o seu rosto adquiriu a suave placidez da morte.

Foi enterrado num pequeno cemitério atrás do templo do Convento de Cochabamba, sem que ninguém se preocupasse em resgatar o seu cadáver nem em prestar-lhe as homenagens que merecia. Depois de ter inoculado o soro contra a varíola a mais de duzentas e cinquenta mil pessoas, o doutor Josep Salvany morreu sozinho e com a idade de Cristo, como disse o padre no seu responso. Como nunca vinha ninguém para deixar flores no seu túmulo, o padre acostumou-se a fazer isso, ano após ano, na festa de Todos-os-Santos.

– Ninguém me escreveu perguntando pelos seus últimos dias, ninguém mostrou curiosidade em saber onde se encontra sepultado – confessou o padre a um viajante espanhol, muitos anos depois.

Capítulo 79

Balmis regressou ao México em 1810, enviado pela Junta Suprema para inspeccionar oficialmente as estruturas organizativas criadas durante a viagem anterior, mas com a missão acrescentada de informar acerca da revolta de indígenas e de castas no vice-reino, cujos ecos tinham chegado à Península e que preocupava o governo.

O país ao qual regressou o médico era muito diferente da colónia aprazível que conhecera outrora. Tinham-se sucedido três vice-reis desde que se apagara para sempre a estrela do seu antigo inimigo, José de Iturrigaray. Este encontrava-se agora em Cádis, preso e incomunicável no Castelo de Santa Catalina. Destituído de funções em Setembro de 1808, acusado de se ter juntado a um grupo de crioulos para criar uma junta que fosse autónoma de Espanha, durante a longa instrução do processo de avaliação do seu desempenho a que foi submetido vieram à luz todos os pormenores da sua actuação à frente do governo. O ministério público acumulou dezoito acusações contra ele, desde traição ao monarca, enriquecimento ilícito, venda de empregos, substituição de magistrados por outros afectos ao vice-rei, até ao facto de a vice-rainha admitir que fosse tratada por majestade!

Na Cidade do México, Balmis verificou que já não havia crianças da expedição no hospício. Carlos IV cumprira a sua palavra, a que dera naquele dia glorioso no palácio de La Granja. Ordenara ao vice-rei Pedro de Garibay que assumisse plena responsabilidade pelas crianças portadoras da vacina e que as tirasse do Hospício de Pobres «onde o vosso antecessor desinteressado as colocou». Restavam quatro na Escola Patriótica quando Balmis a visitou. As outras tinham sido adoptadas ou acolhidas em famílias. Uma foi adoptada por um cirurgião, outra foi confiada ao reitor do Colégio de San Pedro. Duas tinham sido adoptadas pelo reitor do Hospício de San Nicolás e três pelo de San Jacinto. Um comerciante de Ixmiquilpan adoptara o pequeno Aniceto. O seu companheiro Andrés Naya foi adoptado por um padre, que voltou três dias depois protestando porque o miúdo fugira. Quando o apanharam, este alegou que não queria voltar com o padre porque lhe fazia «coisas más». Balmis viu esse pequeno na Escola Patriótica: aprendia o ofício de carpinteiro e parecia feliz. Afinal de contas, pensou Balmis, apesar da luta que implicara para ele que se cumprissem as directrizes do rei, o destino das crianças iria ser melhor na Cidade do México do que se tivessem ficado na Corunha ou em Madrid.

Será que Isabel estava a par do destino das crianças?, perguntava-se Balmis enquanto seguia na diligência que o levava até Puebla. Como seria a vida dela? Quereria voltar para Espanha? Demorou mais do dobro do que era habitual a chegar a Puebla, devido à insegurança da viagem, já que os rebeldes mandavam parar as diligências, revistavam os passageiros e às vezes cobravam-lhes portagem. A reboque da insurreição também surgiam bandos de ladrões.

Recordou a sua primeira chegada a Puebla, e a emoção transbordante dessa recepção. Agora a cidade já não mostrava o esplendor de outrora, os candeeiros estavam apagados e havia pouca gente nas ruas. Encontrou Isabel no Hospital de San Pedro, atarefada como sempre. Tinha o rosto mais anguloso, as faces um pouco encovadas, o cabelo apanhado num totó e vestia uma bata branca. Ela demorou uns segundos a reconhecê-lo: parecia mais baixo do que antes, estava despenteado como sempre e tinha umas profundas rugas na testa. Mas continuava com o mesmo olhar penetrante que infundia a sensação de autoridade.

– Fico muito contente por vos ver – disse-lhe Isabel, fazendo surgir uns pés-de-galinha que acentuavam o calor do seu sorriso.

Balmis pestanejou, contraiu o pescoço, voltou a pestanejar. Quase não conseguia falar devido à emoção.

– Na última vez que nos vimos dissestes-me «no próximo ano em Madrid» e cansei-me de esperar.

– E acrescentei «Se Deus quiser», lembro-me bem – disse Isabel, rindo-se. – E, bom, Deus não quis.

Isabel tinha a mesma expressão de serenidade, embora Balmis tivesse notado uma sombra de inquietação no seu olhar.

– Como estão os pequenos?

– Pequenos? Têm mais barba do que vós! Estudam Direito na Aula Mayor da Universidade do México, a mesma onde Don Ricardo se tornou advogado antes de entrar na Igreja.

– Imagino que a sua influência foi determinante no momento de escolherem o que iriam estudar.

– Sim, porque eu não tive nenhum êxito ao tentar que pelo menos um deles se tornasse cirurgião. Dizei-me, sabeis alguma coisa de Salvany?

A pergunta causou-lhe vários tiques.

– Morreu em Julho. Em Cochabamba.

Isabel acusou o golpe. Virou-se, fazendo de conta que arrumava uns frascos de remédios, mas na verdade fez isso para que Balmis não visse a sua expressão perturbada.

– Não respondeu à última carta que lhe mandei… Como foram os seus últimos dias?

– Trouxe-vos uma participação do falecimento publicada na gazeta local, está assinada pelo médico que o tratou.

Tirou da sua jaqueta um papel e entregou-o a Isabel, que o leu em voz baixa: «Morreu em sua casa e na comunhão da nossa Santa Madre Igreja Don Josep Salvany, espanhol, solteiro, natural de Cervera, de trinta e três anos. Confessou-se antes de morrer, recebeu o viático e a extrema-unção. Pela minha mão e para que conste assino, Doutor Melchor de Ribera y Terán.»

– Não se sabe mais nada?

Balmis abanou a cabeça.

– Morreu sozinho?

– Sim.

– Organizastes um responso? Um funeral em Madrid?

– Não – disse Balmis, cabisbaixo. – Comuniquei a sua morte à regência antes de partir.

– Em todas as gazetas que nos chegam de Espanha vi que falavam de vós… Até a mim me haveis agradecido o esforço da expedição, é algo que vos honra… Mas nunca li que dissésseis nada sobre Salvany.

– Manteve-me sem notícias durante muito tempo, e isso fez-me perder a cabeça. Agora compreendo que ele teve de passar por grandes tribulações, mas nessa altura não via as coisas dessa maneira.

– Fostes sempre duro com ele.

– Reconheço que é verdade. Fui eu que atrapalhei os seus planos, opondo-me a que lhe concedessem um posto fixo nos reinos das Índias. Embora isso não o tivesse salvado da doença, conto-vos esse facto com o coração nas mãos.

– Agradeço que sejais franco comigo, sempre fostes assim… – Balmis suspirou. Julgou que tinha contornado a crise, mas Isabel acrescentou: – Mas a sinceridade não vos iliba de culpas.

– Não sei por que fui tão…

Isabel interrompeu-o. Há muito tempo que deixara de ser aquela rapariga dócil, sempre vítima dos acontecimentos. Tinha a sua visão própria das coisas e vontade de dizer o que calara durante anos.

– Fostes duro com ele porque se fazia amar – disse-lhe com essa mistura muito sua de serenidade e de integridade –, porque o consideráveis mole, porque era um doente, mas tínheis inveja da sua juventude, por ciúmes, porque soubestes que eu o amei…

Balmis tapou os ouvidos com as mãos.

– Parai, peço-vos. Eu sei, sei isso tudo.

– Desculpai-me, deixei-me levar. São… são os nervos.

Depois de morto, Salvany interpunha-se como um escolho intransponível diante dos planos do seu chefe, como se fosse a sua vingança póstuma por tanta insensibilidade e tanto agravo. Nesse momento, Balmis compreendeu que no dia em que utilizara o seu poder para afastar Isabel de Salvany, nesse dia tinha-a perdido para sempre.

Optou por mudar de assunto, por limar arestas.

– E vós, como estais? – perguntou-lhe num tom mais íntimo.

Isabel preferiu responder de uma maneira menos pessoal.

– Cada vez temos mais dificuldades em manter as vacinações regulares na diocese. O ambiente de guerra que vivemos afecta tudo, Don Ricardo está muito desmoralizado.

– Sei que socorreu com cinco mil pesos os bispos da Nova Espanha que tiveram de se refugiar em Cádis.

– Sim, mas já não o poderá fazer mais, cada vez tem menos apoios e menos recursos.

Passou então a contar-lhe a visita de Benito Vélez, que bem podia ter sido um dos rebeldes que o tinham mandado parar no caminho, e como o bispo se lembrara de o contratar para o hospital.

– Quando Benito melhorou da ferida no ventre, o bispo pensou que mais valia tê-lo sob controlo do que a lutar por esses montes, e pô-lo a trabalhar como carreteiro. Para ver se a visão de tantos mortos o fazia reagir e o afastava da luta, dos saques, das expulsões forçadas, das execuções. Mas

um dia vieram os seus companheiros à procura dele e desapareceu sem agradecer e sem se despedir. Ele é assim.

– E o vosso filho, como reagiu ao encontrar-se com o pai?

– Sentiu vergonha. Confessou-me que teria preferido não o ter conhecido.

Ao sair do hospital, era quase de noite. Antes de regressar a casa, Isabel passou pela catedral, onde acendeu uma vela que iluminou o seu rosto estragado. Ajoelhou-se e rezou pelo eterno descanso do seu amigo Salvany.

Balmis dirigiu-se para o palácio episcopal a fim de ver o bispo, aquele que mais o ajudara durante a campanha de vacinação de 1804. Encontrou-o envelhecido, os cabelos grisalhos tinham-se tornado brancos como a neve.

– Utilizo tudo para salvar a terra que me viu nascer – confessou-lhe.

– Viveis aqui as consequências dos quinze anos de desastres e desilusões que sofremos em Espanha, a guerra contra Napoleão arruinou-nos, dividiu-nos.

– Aqui não consigo impedir a destruição do meu povo. Soubestes que o Texas se amotinou?

– Sim, sei.

– É muito difícil serenar os ânimos, diminuir a funesta rivalidade entre os filhos da pátria da Nova Espanha – disse o prelado a Balmis. – Há padres que, amparados na imagem da Virgem de Guadalupe, não hesitam em fomentar o assassinato de centenas de peninsulares. Existe um ódio feroz entre gentes e castas que sempre foram amigas. Todos lutam contra todos, os crioulos estão divididos em facções que se matam entre si. Imaginais o que vai ser dos indígenas se alguma vez uma facção desses crioulos chegar ao poder?

– Serão escravos de uns novos donos. A menos, Eminência, a menos que o rei volte ao trono e reforce as leis de protecção dos nativos.

– Grande fé tendes no rei, mas essas leis não serviram de muito. Sabeis tão bem como eu que as leis são apenas papel com tinta se não houver vontade de as cumprir.

– Vós tendes feito o impossível para as cumprir.

– Preferimos morrer do que violar as leis do nosso Reino. Mas a minha diocese é pequena e a Nova Espanha é muito grande.

Levantou os braços para o céu:

– Oh, meu Deus! Por que nasci para ver a destruição do meu povo?

Depois virou-se para Balmis e disse-lhe, com ar perplexo:

– Em toda a Nova Espanha falam de independência, mas não vos deixeis enganar, doutor Balmis, isto é uma guerra civil.

Não tinha sentido permanecer mais tempo em Puebla. Chegavam notícias de que os caminhos até Valladolid se tornavam cada dia mais perigosos e intransitáveis. Balmis ia realizar uma série de experiências numa herdade onde se tinham descoberto vacas infectadas com o vírus da varíola bovina e receava que não pudesse encontrar-se com o seu ajudante Gutiérrez.

– Custa-me deixar-vos aqui, sozinha, e com tanta violência à volta.

– Não vos preocupeis, estou bem protegida.

– Não achais que chegou o momento de regressar à Península?

– Este é o meu lugar, não o quero abandonar.

– Aqui estais em perigo.

Balmis insistiu, pensando que, se uma vez conseguira convencê-la a juntar-se à viagem da expedição, bem poderia repetir a façanha. Continuava a ser um optimista inveterado, um grande ingénuo. Isabel não tencionava sair de Puebla, continuava tão apaixonada por Don Ricardo como no primeiro dia, ou ainda mais, mas isso guardava-o para si.

– Eu gosto de viver aqui, apesar das circunstâncias – disse-lhe com um sorriso de ternura. – Vivo num estado parecido com o que deve ser a felicidade… E na verdade é graças a vós, sempre vos disse. Doutor, continuai a desfrutar da vossa glória, que bem a mereceis.

– A glória chegou-me quando deixou de me interessar. E deixou de o fazer quando vi a morte de perto, pouco depois de vos deixar no cais do porto de Manila… Prestes a irmos a pique, tive a revelação deslumbrante de que necessitava de estar convosco, e de que, se havia glória para partilhar, tinha de a partilhar convosco.

Isabel guardou uns segundos de silêncio, baixou a cabeça e quando a levantou mostrou um sorriso malicioso de puro cepticismo:

– Já vos ouvi dizer isso de partilhar a glória, mas não creio que no fundo o quisésseis fazer.

E desatou a rir, com uma gargalhada cristalina, cujo som comoveu Balmis no mais fundo da sua alma. Acariciou-a com um olhar suave, sabia que a recusa dessa mulher que trazia no coração condenava-o à velhice solitária que ganhara em troca de salvar o mundo.

Epílogo

Em Espanha, o processo de avaliação de desempenho contra José de Iturrigaray eternizou-se. Pela primeira das acusações, que se referia à entrada dos cento e setenta baús que trazia ao chegar a Veracruz como se fossem bagagem pessoal e que depois vendeu fraudulentamente, foi condenado a pagar 119 125 pesos. Ficou também provado que aceitara cem onças de ouro pela suspensão de uma ordem de prisão; que cobrara uma onça de ouro por cada quintal de mercúrio extraído de diversas minas, e por isso foi condenado a restituir as gratificações; foi também acusado de adquirir papel a um preço mais alto do que era suposto. O delegado do ministério público encurralou-o de tal maneira que certa vez, perante a resposta que lhe foi pedida, Iturrigaray alegou algo extraordinário na sua desfaçatez:

– Senhoria, não tenho cabeça nem imaginação para essas coisas…

– Admitis ter aceitado presentes em troca de perdões?

– Não, senhoria, não o admito.

– No entanto, a vossa esposa confessou ter recebido…

– Bom, sim… A minha mulher recebeu algumas expressões de apreço por parte de súbditos a quem fez algum favor.

Apesar das espantosas provas, defendeu tenazmente a sua inocência: declarou que nunca admitira subornos nem dádivas, e que lhe parecia uma injustiça que o acusassem de delitos que ele encarava com naturalidade como sendo prerrogativas do poder que possuía. Longe da embriaguez do poder, privado das suas riquezas, as acusações que lhe faziam causavam-lhe um inexplicável assombro. Aos dissabores do interminável julgamento juntaram-se campanhas insidiosas à volta do seu nome; os aspectos do seu processo interessavam a opinião pública de Cádis, que nessa altura era o centro da Espanha independente e onde a política começava a apaixonar as pessoas. Incapaz de fazer frente às reclamações da justiça, retiraram-lhe o salário e confiscaram-lhe os bens. Viveu os últimos anos de vida entre tribunais, juízes e delegados do ministério público. Faleceu em Dezembro de 1815, antes de ser pronunciada a sentença.

Três anos depois da última visita de Balmis a Puebla, o bispo Don Ricardo adoeceu com peste. Isabel passava os dias e as noites no hospital prestando-lhe todos os tratamentos possíveis. Tinha poucas esperanças de o curar porque sabia que no fundo eram os horrores da guerra que estavam a matá-lo. Don Ricardo María Rodríguez del Fresnillo, «de quem jamais se ouviu uma expressão de vaidade ou de vanglória», como disseram nas suas exéquias, morreu nos braços de Isabel a 26 de Fevereiro de 1813, no Hospital de San Pedro, que tanto gostava de visitar e durante tantos anos

financiara. Aos seus funerais assistiu a cidade inteira, e uma multidão de índios e brancos que vieram a chorar desde as aldeias mais remotas da sua diocese.

Isabel permaneceu em Puebla até à sua morte, da qual a História não deixou registo. Actualmente, a escola de enfermagem da Faculdade de Medicina de Puebla tem o seu nome, homenagem póstuma a uma mulher que a Organização Mundial de Saúde, em 1950, considerou «primeira enfermeira da História numa missão internacional». Também poderia ter sido chamada «primeira enfermeira hispânica da História», e primeira pediatra, antes de existirem especialistas de saúde infantil. O Prémio Nacional de Enfermagem, que em cada ano é atribuído pelo governo do México, tem o nome de Isabel Cendala Gómez. Em Espanha, recebeu apenas a homenagem da cidade da Corunha, que deu o seu nome a uma rua estreita e pequena no bairro antigo, a Calle Isabel López Gandalia.

Durante duzentos e cinquenta anos – até que, em Fevereiro de 2013, o jornalista corunhês Antonio López Mariño, especialista da história recente da Galiza, encontrou no Arquivo Diocesano de Santiago o primeiro documento em que aparecia Isabel rodeada pela família na sua aldeia de origem (um registo paroquial com a lista das 58 famílias e 258 paroquianos que receberam no mesmo dia o sacramento do crisma) –, existiram onze versões diferentes do seu nome próprio e apelidos, tal era a névoa que envolvia a sua identidade. Alguns escritores e historiadores julgavam que era de alta linhagem, outros de origem basca, irlandesa ou inglesa, porque lhes parecia que a sua mentalidade não condizia com a das mulheres de Espanha dessa época. Ter nascido «pobre de solenidade», ser mulher e mãe solteira foram factores que com certeza contribuíram para a condenar não só ao opróbrio como também ao esquecimento. E também porque quebrou os laços com a sua terra natal e morreu longe, quando a Espanha e o Império estavam a desagregar-se.

Nunca se reconheceu bastante o mérito da Real Expedição Filantrópica da Vacina, talvez porque aconteceu numa época atribulada, decadente e obscura da História de Espanha, que fez com que se recordem mais as intrigas palacianas, as guerras devastadoras e as batalhas perdidas do que as ganhas. O mesmo se poderia dizer de Salvany e, em menor medida, de Balmis. E os meninos, quem se lembra desses órfãos, ou filhos de famílias desestruturadas que protagonizaram, sem o saber, a maior proeza médica da história do seu país? Por fim, a maioria deles integrou-se na nova sociedade que surgiu após a independência e foram homens úteis. Benito concluiu o curso da Escola de Minas e ganhou uma fortuna considerável com o comércio de mercúrio, enquanto Cándido de la Caridad, esse miúdo impossível, acabou por se tornar um dos advogados mais famosos de um novo país que passou a chamar-se México.

A 12 de Fevereiro de 1812, Francisco Xavier Balmis deu o seu último suspiro em pleno Inverno madrileno, na sua casa da Calle Valverde número 12, com sessenta e seis anos, um recorde, dada a sua saúde delicada. De acordo com as instruções que deixou no seu testamento, foi enterrado no Cemitério Geral do Norte de Madrid, o primeiro que foi construído fora das igrejas na capital, como medida profiláctica contra as epidemias. Nunca voltou a Alicante, nem se preocupou em saber da sua mulher nem do filho. Tanto foi assim que no seu segundo testamento declarou-se

solteiro, quando por essa altura estava casado há quarenta anos. Esse desapego causou a irritação da sua irmã Micaela e o afastamento de toda a família. De modo que Balmis – sempre original – redigiu outro testamento em que designava como única herdeira Doña Manuela Ruiz, a sua criada «de situação governanta, em atenção aos bons serviços que me prestou, por ter sido fiel companheira nos trabalhos e fadigas que sofri nos caminhos que percorri, e por não ter herdeiros obrigatórios, pois embora tenha uma irmã legítima chamada Doña Micaela Balmis, tenho-lhe dado e fornecido muito mais do que lhe poderia caber». Mas depois reconciliou-se com a irmã, porque no último dos seus testamentos devolveu-lhe a condição de herdeira única e universal, sem que por isso deserdasse a sua fiel criada: «Mando que entregue por uma vez a Manuela Ruiz, minha criada, que foi casada com Juan, cujo apelido ignoro, de seu ofício caleceiro, outros dez mil reais em moedas[4]. Também pediu duzentas missas rezadas pela purificação da sua alma, com uma esmola de seis reais para cada uma. Viveu os seus últimos anos de maneira folgada, com todas as comodidades que oferecia a época. Assim que foi restaurada a dinastia dos Bourbon, Fernando VII premiou a sua atitude crítica face ao governo de José Bonaparte nomeando-o cirurgião real e atribuindo-lhe uma pensão de 800 ducados por ano. Ao morrer, deixou 80 098 reais em moedas, móveis, roupas, utensílios de cozinha, jóias, ouro e platina, e especificou que o seu enterro fosse feito «com a menor pompa possível». As pessoas endinheiradas desejavam fazer-se sepultar com vestes modestas, expressando assim a vontade de se assemelharem em aparência aos pobres simbolizados por Cristo.

Mas o seu legado mais valioso foi desfrutado pela humanidade inteira. Em 1858, quando Louis Pasteur inventou a imunização contra a raiva, chamou-lhe *vacina* em homenagem a Jenner. A palavra passou a ser sinónimo de imunização contra uma infinidade de doenças que pouco ou nada tinham a ver com a varíola. De modo que, nos fins do século XIX, os esforços para vacinar contribuíram de maneira determinante para o aumento da população das Américas e da Ásia. Cento e cinquenta anos depois da expedição, em 1951, verificou-se o último caso de varíola no México. No mundo, a última vítima do vírus foi a fotógrafa médica Janet Parker, que acidentalmente, por um erro de manipulação no seu laboratório de Inglaterra, contraiu a doença, e que morreu em 11 de Setembro de 1978. Actualmente, o mais espantoso assassino de seres humanos da História repousa nos frigoríficos de dois laboratórios, no Centro para o Controlo de Doenças de Atlanta, Estados Unidos, e no Centro de Investigação em Virologia de Novosibirsk, na Sibéria, Rússia.

Se o homem venceu esta batalha que estava a travar desde o início da sua existência, não foi só devido à heróica perseverança dos que participaram na expedição, foi também pela sua visão do futuro, por se terem centrado na educação pública e na utilização de pessoas relevantes e de símbolos locais que ajudaram a difundir os benefícios da vacina entre a opinião pública. Foi um modelo de como um esforço sanitário internacional, logisticamente complexo, podia transferir progressos médicos para ambientes culturais diferentes e remotos. Nesse sentido, a expedição continua a inspirar os planos internacionais para acabar com as pragas da nossa época.

Mas a frase que talvez melhor definisse a odisseia da Real Expedição Filantrópica foi pronunciada pelo inventor da vacina, o doutor Edward Jenner, quando, ao saber do regresso de Balmis a

Espanha, uma tarde em 1806 disse ao seu amigo reverendo Dibbin: «Não imagino que os anais da História tenham dado testemunho de um exemplo de filantropia tão nobre e tão prolongado como este.»

[4] «Los cinco testamentos de Francisco Xavier Balmis», de José Tuells e José Luis Duro Torrijos (*Gaceta Médica de México*, 2012). (*N. do A.*)

Agradecimentos

Antes de tudo, agradeço ao meu amigo, professor Manuel Lucena, especialista da história da América no século XIX e autor de numerosos e interessantes livros sobre esse tema. O ânimo que me infundiu e a inestimável ajuda que me prestou fizeram com que embarcasse nesta aventura. Depois, as suas correcções e bom senso trouxeram rigor e luz ao texto.

A 9 de Março de 2013, o nosso amigo comum, investigador Luis Conde-Salazar, chegava à Corunha à procura de documentação, de preferência inédita, sobre a Real Expedição Filantrópica da Vacina. Missão assaz difícil, porque as fontes primárias tinham sido maltratadas ou eram escassas. Até o diário de Balmis, que significaria uma valiosíssima fonte de informações, desaparecera. Graças a Luis, eu já tinha compilado uma quantidade importante de documentos – livros, revistas, material de diversos arquivos espanhóis e americanos… –, mas procurava um detonador que me inspirasse para começar a escrever. Há escritores que tiram tudo da cabeça; eu preciso de me apoiar na documentação, são as minhas muletas para avançar. O acaso quis que no dia da chegada de Luis, o diário *La Opinión A Coruña* publicasse uma reportagem com o título «Resolvido o enigma da reitora Isabel».

Era uma grande notícia, porque sempre pensara que a reitora fora o pilar da expedição. O texto estava assinado pelo jornalista Antonio López Mariño, que conseguira descobrir o registo de crismas efectuados pelo bispo em 19 de Agosto de 1781, no qual aparecia Isabel Zendal, na igreja paroquial de Santa Mariña de Parada, no município de Ordes. Outro documento – o recenseamento da cidade da Corunha – situava-a anos mais tarde como criada em casa de Don Jerónimo Hijosa, no número 36 da Calle Real. Era pouco, mas podia-se puxar o fio.

Foi o que fizemos, e graças à generosidade de Antonio López Mariño no momento de partilhar as descobertas, à sua habilidade para decifrar textos antigos, ao seu conhecimento dos arquivos e ao seu entusiasmo pela Galiza, com que soube contagiar-me, pude insuflar vida a uma personagem que se tinha esfumado na noite dos tempos. Por isso, obrigado Luis, obrigado Toño.

Os meus agradecimentos estendem-se a Tomas Pérez Vejo, professor investigador no Instituto Nacional de Antropologia e História do México, que leu o texto e contribuiu com comentários e correcções pertinentes.

Obviamente, e tal como em livros anteriores, todo o meu reconhecimento à minha editora, Elena Ramírez, que me acompanha sempre com paciência e bons conselhos no longo caminhar que implica a escrita de um romance. Agradeço também a Teresa Bailach, da Seix Barral, pelo apurado trabalho de edição.

Em Alicante, cidade natal de Balmis, encontrei a valiosa ajuda de Marina Vicente, que mergulhou nos arquivos da universidade e me proporcionou documentação essencial e contactos

com especialistas da expedição, como José Tuells, a quem agradeço daqui o seu tempo e conselhos, e Emilio Soler Pascual, professor do Departamento de História Medieval e Moderna da Universidade de Alicante e autor do texto «La aventura americana del doctor Balmis».

Em Caracas, agradeço a Mariana Marzuck e Inés Quintero.

No México, quero expressar um reconhecimento especial a Joaquina Saldívar, que me contagiou com o amor pelo seu país e me ajudou a entender aspectos da sociedade mexicana. Também tive a boa ideia de pedir a colaboração do musicólogo Rafael Tovar y de Teresa, presidente do Conselho Nacional da Cultura e das Artes, que me proporcionou a banda sonora que me acompanhou durante a escrita, uma selecção de canções mexicanas antigas que nem os meus filhos nem eu nos cansamos de ouvir. Agradeço também a José Luis Martínez, director de assuntos internacionais de Conaculta. E aos meus filhos Sebastián e Olivia, que foram uma fonte de inspiração essencial no momento em que tive de escrever sobre crianças.

Em Quito, agradeço a Gabriela Salinas pelas suas diligências.

Por último, *last but not least*, quero agradecer de todo o coração a Blanca Landázuri, ex-chefe de imprensa e edições do Real Jardim Botânico de Madrid, por me ter posto na pista desta história e das numerosas e desconhecidas expedições científicas espanholas que deram esplendor à história do Império, e por me ter feito descobrir os tesouros que estão guardados nos arquivos do Real Jardim Botânico de Madrid. Agradeço também a Esther García Guillén, vice-directora do Real Jardim Botânico, que me mostrou os desenhos que Balmis trouxe da China e me abriu as portas do centro.

Os meus agradecimentos também a Pilar San Pío, directora do Museu Naval de Madrid, pelo seu caloroso acolhimento.

E uma lembrança muito especial para Francisco Gómez Bellard, médico e amigo, que nos deixou antes de poder ler este livro, para o qual contribuiu com comentários tão exactos.

Bibliografia

Aceves, Patricia e Alba Morales, *Conflictos y negociaciones en las expediciones de Balmis*, Estudios de Historia Novohispana, México, 2010.

Alfonso, Enrique, … *Y llegó la vida*, Austral, Buenos Aires, 1950.

Álvarez, Julia, *Saving the World*, Algonquin Books, Nova Iorque, 2007.

Antolín Espino, María del Populo e Luis Navarro García, «El virrey marqués de Branciforte», em *Los virreyes de Nueva España bajo el reinado de Carlos IV*, Escuela de Estudios Hispanoamericanos, Sevilha, 1972.

Arenal, Concepción, *La beneficencia, la filantropia y la caridad: memoria*, Imprenta del Colegio de sordomudos y de ciegos, Madrid, 1861.

Artaza, Manuel María de, *La Coruña en el siglo xviii*, Vía Láctea Editorial, Oleiros, 1995.

Astrain Gallart, Mikel, *Barberos, cirujanos y gente de mar*, Ministerio de Defensa, Madrid, 1996.

Balaguer Perigüell, Emilio e Rosa Ballester, *En el nombre de los niños*, Monografia da Associação Espanhola de Pediatria, 2003.

Balmis, Francisco Xavier, *Demostración de las eficaces virtudes…*, Imprenta de la viuda de don Joaquín Ibarra, Madrid, 1794.

Bartolomé Martínez, Bernabé, «La crianza y educación de los expósitos en España entre la Ilustración y el Romanticismo, *Historia de la Educación,* vol. 10, Universidad Complutense, Madrid, Março de 2005.

Camus, Albert, *La Peste*, Éditions Gallimard, Paris, 1947.

Canelobre, Revista del Instituto alicantino de cultura «Juan Gil-Albert», ano 2010-2011, n.º 57. Dedicado a: Balmis contra la viruela. La Real expedición de la vacuna (1803-1821).

Castro, Xavier, *Historia da vida cotiá en Galicia,* Edicións Nigra Trea, Vigo, 2007.

Céspedes del Castillo, Guillermo, *América Hispana*, Fundación Jorge Juan // Marcial Pons Ed. Historia, Madrid, 2009.

Deville, Patrick, *Peste & Chólera*, Éditions du Seuil, Paris, 2012.

Díaz de Yraola, Gonzalo, *La vuelta al mundo de la expedición de la vacuna*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 2003.

Fernández del Castillo, Francisco, *Los viajes de don Francisco Xavier Balmis*, Sociedad Médica Hispano Mexicana, UNAM, México, 1985.

Ford, Richard, *Viaje por Galicia y Asturias,* Ediciones Trea, Gijón, 2005.

Galera, Andrés, *Las corbetas del rey: el viaje alrededor del mundo de Alejandro Malaspina*, Fundación BBVA, Bilbau, 2010.

García Blanco-Cicerón, Jacobo, *Viajeros angloparlantes por la Galicia de la segunda mitad del siglo xviii,* Fundación Pedro Barrié de la Maza, Corunha, 2006.

García de Cortázar, Fernando, *Los perdedores de la historia de España*, Editorial Planeta, Barcelona, 2006.

García Fernández, Enrique V., *La soledad de Balmis,* Biblioteca Nueva, Madrid, 2005.

García Guerra, Delfín, *El hospital Real de Santiago*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Corunha, 1983.

Garrido, Gustavo A., *Aventureiros e curiosos,* Editorial Galaxia, Vigo, 1994.

Godoy, Manuel de, Príncipe de la Paz (Emilio la Parra López e Elisabel Arriba, eds. lit.), *Memorias,* Universidad de Alicante, Alicante, 2008.

Herrera Luque, Francisco, *Los viajeros de indias*, Editorial Pomaire, Caracas, 1991.

Hughes, Robert, *Goya*, Galaxia Gutenberg, Barcelona, 2005.

Humboldt, Alexander Von, *Ensayo político sobre el reino de la Nueva España*, Editorial Porrúa, México, 1991.

Jenner, Edward, *An inquiry into the causes and effects of the variolae vaccinae*, Samson Low, Londres, 1798.

Kandell, Jonathan, *La Capital: The Biography of Mexico City*, Henry Holt & Co., Nova Iorque, 1990.

Lafuente Ferrari, Enrique, *El virrey Iturrigaray y los orígenes de la independencia de México*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1941.

Lowell, Joan, *Mi cuna, el mar*, Editorial Juventud, Barcelona, 1974.

Lucena Giraldo, Manuel, *Ciudades y leyendas*, Editorial Planeta, Barcelona, 2007.

Lucena Salmoral, Manuel, *Breve historia de Latinoamérica*, Ediciones Cátedra, Madrid, 2007.

Lynch, John, *La España del siglo xviii,* Editorial Crítica, Barcelona, 1999.

Owens, Sarah E. e Jane E. Mangan, *Women of the Iberian Atlantic,* Louisiana State University Press, Baton Rouge, 2012.

Parrilla Hermida, Miguel, «La Expedición Filantrópica. El contrato del fletamento de la corbeta *María Pita*», em *Revista del Instituto de Estudios Coruñeses José Cornide*, anos x-xi, números 10-11, Corunha, 1974-1975.
Perera Prats, Arturo, *Episodios españoles en América,* Revista Geográfica española, Madrid, 1967.
Pérez Galdós, Benito, *La corte de Carlos IV*, Nivola Libros y Ediciones, Madrid, 2008.
Pérez, Joseph, *Mitos y tópicos de la historia de España y América*, Algaba Ediciones, Madrid, 2006.
Pérez-Reverte, Arturo, *Cabo Trafalgar*, Alfaguara, Barcelona, 2004.
Peset Reig, José Luis, *Ciencia y libertad*, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1987.
Quintero, Inés, *El fabricante de peinetas,* Editorial Alfadil, Caracas, 2011.
Ramírez Martín, Susana M.ª, «El legado de la Real Expedición Filantrópica de la Vacuna: las juntas de vacuna», em *Asclepio*, vol. 56, n.º 1, 2004.
___, *La mayor hazaña médica de la colonia*, Editorial Abya Yala, Quito, 1999.
___, *La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna en la Real Audiencia de Quito*, Universidad Complutense, Madrid, 2003.
___, *La salud del imperio,* Ediciones Doce Calles, Madrid, 2002.
___, Luis valenciano, Rafael nájera e Luis enjuanes, *La Real Expedición Filantrópica de la Vacuna,* Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 2004.
Rojas, Carlos, *La vida y la época de Carlos IV*, Editorial Planeta, Barcelona, 1999.
Romero de Terreros y Vinent, Manuel, *Ex antiquis: bocetos de la vida social en la Nueva España*, Fondo de Cultura Económica, México, 2006.
San pío Aladrén, M.ª Pilar de (ed.), *La colección Balmis del Real Jardín Botánico,* Caja Madrid Obra Social e Lunwerg Editores, Barcelona, 2006.
Sender, Ramón J., *La aventura equinoccial de Lope de Aguirre,* Editorial Casals, Barcelona, 1998.
Smith, Michael M., «The "Real Expedición Marítima de la Vacuna" in New Spain and Guatemala», em *Transactions of The American Philosophical Society*, vol. 64, parte I, Filadélfia, 1974.
Soler, Emilio, «La aventura americana del doctor Javier Balmis», Proyecto investigación BHA, Ministerio de Educación y Ciencia, Madrid, 1999.
Stavans, Llan e Ivan Jaksick, *Qué es la hispanidad? una conversación*, Fondo de Cultura Económica, Chile, 2011.
Thomas, Hugh, *El imperio español*, Editorial Planeta, Barcelona, 2003.
Tuells Hernández, José e José Luis Duro Torrijos, «Los cinco testamentos de Francisco Xavier Balmis», *Gaceta Médica de México*, 2012.
Tuells, José e Susana Ramírez, *Balmis et variola*, Generalitat Valenciana, 2004.
Ulloa, Antonio, *Conversaciones de Ulloa con sus tres hijos en servicio de la Marina*, Universidad de Cádiz, Cádis, 2003.
Valle-Arizpe, Artemio de, *Virreyes y virreinas de la Nueva España*, Editorial Jus, México, 1947.
Varela González, Isaura, «Casas de mancebía y meretrices callejeras», em *Revista Semata, Ciencias Sociais e Humanidades* (21) 225-239, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Santiago, 2009.
VV. AA. (Pilar Gonzalbo Aizpuru, ed.), *Historia de la vida cotidiana en México*, vols. ii, iii e iv, Fondo Cultura Económica, México, 2005.

Grupo Planeta
Planeta Manuscrito
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2015, Javier Moro
© 2016, Planeta Manuscrito

Título original: *A Flor de Piel*

Tradução: António Carlos Carvalho

Design da capa: Vera Braga

Imagens da capa: © Ryszard e Yuliya Evstratenko – Shutterstock

1.ª edição em epub: Maio de 2017

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-657-950-0 (epub)

www.planeta.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo electrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infracção ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).